



BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ELIZABETH ADLER

AUTORA DE VERÃO NA RIVIERA · ENCONTRO NA PROVENÇA · REGRESSO A ITÁLIA

*De Malibu,
com Amor*

Uma história de mistério, romance e glamour...

· ROMANCE ·



Quinta Essência



Ficha Técnica

Título original: One of Those Malibu Nights
Título: De Malibu, Com Amor
Autor: Elizabeth Adler
Tradução: Inês Castro
Revisão: Domingas Cruz
Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.
ISBN:9789897260094

QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Elizabeth Adler, 2008
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Para a querida tia Bebe Sell,
que, aos noventa e dois anos,
ainda aprecia ler

NÃO ERA O TIPO DE NOITE nem o tipo de lugar em que se esperaria ouvir uma mulher gritar. Era apenas uma dessas noites de Malibu, escura como um manto de veludo, as ondas de cor creme a rebentarem na costa, a brisa suave como a respiração de um gatinho.

Mac Reilly, detetive privado, caminhava sozinho pela praia com o cão.

A sua namorada, Sunny Alvarez, partira para Roma após um ligeiro «desentendimento» relacionado com o futuro de ambos. Mas isso era a história do costume.

Mac vivia na famosa Malibu Colony, habitat de estrelas de cinema, magnatas do mundo do espetáculo e gente endinheirada de todo o tipo, uns mais ricos do que os outros, mais milhão menos milhão, ou, nalguns casos, milhares de milhões. As suas mansões luxuosas junto à praia não pareciam tão luxuosas do ângulo em que Mac se encontrava, mas a maior parte das pessoas também não as conseguia ver da praia. De facto, o público raramente as enxergava. A Colony era vedada e guardada, com portão para entrar ou sair e, embora o acesso à praia fosse livre, limitava-se à borda de água e sem delongas. Qualquer desconhecido apanhado a deambular por ali à meia-noite seria sujeito a pesado interrogatório.

As mansões da Colony eram, na sua maioria, as segundas ou até terceiras casas simples de gente rica, discretas no seu chique de praia, e com os deques mais estreitos conhecidos virados para o oceano, a um custo por metro quadrado que atarantava os homens da contabilidade.

A casa de Mac era uma habitação mais modesta, um bangaló dos anos quarenta que comprara barato há anos, durante a crise do imobiliário, e que pertencera, ou pelo menos fora o que ouvira dizer, à antiga estrela de cinema Norma Shearer. Ou seria Norma Jean? Norma ou Marilyn, não fazia qualquer diferença. Uma cabana era uma cabana, fosse qual fosse o ponto de vista.

A casa salvava-se porque, para além da localização chique e da vista, possuía um pequeno deque de madeira com degraus que conduziam diretamente à praia. Não era invulgar que, durante algum temporal de inverno, o oceano viesse bater nos pilares de madeira sob esse deque, lambendo o parapeito até que Mac se sentia como se estivesse num barco, mas gostava da emoção e até do possível perigo. Era feliz em Malibu, não viveria em mais sítio nenhum, mesmo que lhe pagassem. Exceto talvez em Roma durante uma ou duas semanas, na companhia de Sunny.

Mac fazia o género do detetive privado, com um metro e oitenta e cinco de altura, cabelo escuro mais para o comprido, ainda bastante espesso, graças a Deus, apesar de já ter quarenta anos. Olhos azul-escuros, um pouco enrugados devido a demasiados dias na praia e demasiadas noites de bar em bar na sua juventude. Nada de pelos na cara, Sunny não gostava. Uma constituição atlética e esguia que, visto ser preguiçoso no que tocava a ginásios, resultava sobretudo do *jogging* na praia com o cão, *Pirate*, um rafeiro que salvara, que tinha apenas três patas e um olho e que era bastante rápido quando o vento lhe batia por trás.

Pirate era o melhor amigo de Mac e nunca se vira rafeiro mais vivaço. Com as pernas compridas e magricelas, pelo hirsuto de um castanho-acinzentado e uma bocarra saliente, que lhe deixava os dentes inferiores expostos num sorriso perpétuo, venceria facilmente o concurso do cão mais feio de Malibu.

Claro que Sunny adorava *Pirate*, apesar de não o deixar chegar perto da sua cadela *chihuahua*, *Tesoro*. Com garras fortes, veloz a morder e pesando apenas quilo e meio, *Tesoro* levava a melhor sobre *Pirate* em todas as ocasiões.

Sunny acreditava que era a animosidade entre os respetivos cães que impedia o casamento dos dois, mas, quanto a isso, Mac não tinha tanta certeza. Porquê estragar uma coisa boa? Sunny e ele estavam bem juntos tal como se encontravam, ou seja, não casados.

Às vezes, Mac pensava que talvez fosse o seu alter-ego que aparecia nos ecrãs de televisão às quintas à noite, estilo documentário da vida real a investigar outra vez os velhos crimes de Hollywood, que existiam em maior quantidade do que se poderia imaginar. O programa intitulava-se *Os Mistérios de Malibu de Mac Reilly* e Mac aparecia com um aspeto muito elegante, envergando um casaco de cabedal preto *Dolce & Gabbana* que

Sunny lhe comprara.

Quando lhe dissera que era um casaco *Dolce*, Mac não percebera a que se referia. Parecia o nome de um gelado italiano. Mais tarde, descobriu que era um costureiro italiano e o casaco era, sem a menor dúvida, a peça de vestuário mais espetacular que já possuía. Macio e maleável como plasticina húmida, passara a fazer parte da sua imagem no ecrã, embora, verdade seja dita, fosse mais usual encontrá-lo de calças de ginástica a subir, indolente, a Malibu Road para ir ao supermercado Ralphs comprar cerveja e ração para o cão, ou a tomar o pequeno-almoço no café Coogies de *T-shirt* e calções, do que enfeitado de cabedal preto.

Em todo o caso, o programa, que pegava em crimes antigos e intentava resolvê-los, granjeara-lhe algum tipo de fama. Claro que era tudo relativo porque, como toda a gente sabia em Hollywood, mal um programa deixava de ser transmitido, a pessoa que o apresentava era esquecida tão depressa como o jantar da semana anterior. E agora parecia que chegara a vez de Mac e que não era provável que o programa voltasse para outra temporada. Tanto pior, porque o dinheiro dera jeito e conseguira manter o trabalho de detetive durante o dia, fazendo investigações para todos aqueles simpáticos tipos ricos. E, surpreendentemente, muitos eram mesmo simpáticos. Além disso, tinham os mesmos problemas de todas as outras pessoas. Sexo e dinheiro. Por essa ordem.

Lançou um assobio baixo a *Pirate* que indicava que devia regressar com rapidez e o cão veio a correr, largando quaisquer segredos excitantes que tivesse descoberto no trecho de costa mais caro de Malibu. Juntos, deram meia volta e dirigiram-se para casa. Caminhavam sem pressas, metidos na sua vida, escutando o rebentar das ondas, aspirando o ar salgado do oceano, atentos a possíveis estrelas-cadentes, toda essa treta romântica. E então ouviram o grito.

Muito agudo. Trémulo. Aterrorizado.

Não era preciso ser detetive privado para perceber que era uma mulher que gritava. E que se encontrava em dificuldades.

MAC ESQUADRINHOU AS CASAS COM PRESTEZA. Todas se encontravam às escuras, à exceção de uma luz fraca num deque duas casas para trás. Avançou aos tropeções pela areia macia em direção à casa seguido por *Pirate*.

Parou ao fundo dos degraus de madeira que conduziam à habitação, à escuta, mas não se ouviam mais gritos. O que pensou ouvir foi um soluço. Abafado, mas, mesmo assim, um incontestável soluço.

Ordenou a *Pirate* que esperasse, quieto, e subiu muito devagar os degraus que levavam ao deque, que não era grande, o tamanho normal na Malibu Colony. A casa agigantou-se à sua frente, um rochedo abrupto de vidro e pedra calcária que era mais moderno do que o milénio e mais cru que a arquitetura de Richard Meier, famoso, entre outras coisas, pela conceção do museu Getty de Los Angeles. Estava também tão nas trevas como a noite lá fora.

De repente, acendeu-se um candeeiro. Através da janela, vislumbrou uma mulher. Uma ruiva, envergando um mero *négligé* preto e, se não se enganava, apesar de se encontrar a uns cinquenta passos, pouco mais. Ora, por oposição à crença popular, não se tratava do traje normal para dormir em Malibu, nem meia-noite era a hora habitual para ir descansar. A maior parte das pessoas no mundo do cinema deitava-se cedo e já se encontrava enrolada na cama, de pijama de flanela, a decorar o texto para o dia seguinte, por volta das nove.

Mac bateu na janela, mas a mulher pareceu não ouvir. Fitava os pés como se aí existisse alguma coisa fascinante. Como, se calhar, um cadáver, pensou Mac.

Era nova, talvez uns vinte e três anos, e bela, com tudo no sítio certo, como revelava o pedacinho de *chiffon* e renda preta que vestia. Além disso, possuía o rosto de um anjo travesso. Mac sentiu-se contente por poder

ajudar. Verificou que as portas de vidro não se achavam trancadas e, no seu papel de cavaleiro de armadura reluzente, abriu-as.

A cabeça da mulher ergueu-se de supetão e Mac lançou-lhe um sorriso tranquilizador.

– Olá – disse. – Chamo-me Mac Reilly, sou seu vizinho. Pareceu-me ouvir um grito. Aconteceu alguma coisa, há algum problema?

A mulher afastou o cabelo ruivo, comprido e ondulado, dos olhos verdes lacrimosos, endireitou-se a toda a sua altura escultural e apontou-lhe uma arma.

– Saia – ordenou num sussurro rouco.

Mac mirou a arma. Era uma *Smith & Wesson Sigma.40*, nada com que se brincasse. Fez uma pausa assaz longa, a pensar por que razão a mulher não premira o botão para chamar o segurança na portaria em vez de o ameaçar. E então a pistola disparou.

A bala fez ricochete no chão de betão afagado perto do seu pé, estilhaçou uma jarra de cristal e enterrou-se nas costas de um sofá ali perto.

Mac não esperou por um segundo disparo. Precipitou-se pelas escadas abaixo e correu a toda a velocidade pela praia uns dois passos atrás do cão cobarde.

– Ups, desculpe, enganei-me – exclamou a mulher, a voz a flutuar de forma sinistra na brisa.

SUNNY ALVAREZ, deitada na sua cama do Hotel d’Inghilterra em Roma, ligava para Los Angeles de dez minutos em dez minutos a pensar onde diabo Mac Reilly se metera. Eram nove da manhã em Roma, o que significava meia-noite em Malibu. Teria Mac saído para se divertir mal ela virara costas? Quando a verdade é que só viera para Roma para o provocar um pouco. Calculara que alguns ciúmes não fariam mal a ninguém. Sempre ouvira dizer que longe da vista, perto do coração, mas agora já não tinha tanta certeza.

Inquieta, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, passando as mãos, absorta, pelo cabelo comprido que lhe rodopiava à volta dos ombros como cetim preto fluido, com apenas ondulação suficiente para lhe conferir vitalidade e volume. Os olhos de Sunny eram de um castanho cor de âmbar e franjados de pestanas tão espessas que pareciam cortinas miniatura para as janelas da alma. Tinha a pele de um tom dourado, pernas compridas e usava as saias em geral curtas. Era, como Mac muitas vezes lhe afirmava, entre beijos, um espetáculo.

– Apesar de seres desmiolada o suficiente para transtornar qualquer homem – dissera-lhe em certa ocasião, fazendo com que ela lhe batesse com uma almofada que estava à mão, o que, por sua vez, provocara um frenesim de latidos em *Pirate*, porque ninguém, nem mesmo Sunny, que adorava, podia magoar o seu «pai».

As únicas notícias positivas que Sunny tinha eram os postais que Mac lhe enviava todos os dias. Pelo menos, acreditava que fossem dele, mas, uma vez que não vinham assinados, não podia ter a certeza absoluta. Só que não conhecia mais ninguém que lhe enviasse, por FedEx, fotografias de Surfrider Beach, Zuma e Paradise Cove com a mensagem anónima «De Malibu, com amor». Sunny ia guardar aqueles postais. Estava a planear colá-los no seu caderno de memórias para os apreciar quando fosse velha e

grisalha. E também, a não ser que conseguisse levar Mac ao altar muito em breve, ainda solteira.

O quarto parecia ter sido atingido por um tufão. O seu método de desfazer as malas era tirar tudo para fora e espalhá-lo por cima das cadeiras e da cama e depois escolher o que precisasse das diferentes pilhas de roupa. Mantinha o apartamento quase no mesmo estado de caos. Era um hábito que lhe ficara dos seus dias de faculdade, quando parecera ser o método mais fácil, e mais rápido, de se vestir, e punha Mac louco. Para compensar, costumava apontar-lhe a cozinha, imaculada como uma sala de operações, onde lhe preparava refeições deliciosas, além de tratar sempre depois dos pratos. A comida era a sua primeira paixão. A segunda era a roupa, como se provava pelos sacos de diversas butikues de Roma espalhados por todo o quarto. A terceira era a sua moto *Harley*, mas essa, infelizmente, ficara em Los Angeles. Roma era uma cidade cheia de *Vespas*, que não eram, em absoluto, a mesma coisa.

Pegou no telefone, ouviu de novo a mensagem de *voice-mail* de Mac, desligou outra vez com força o aparelho e voltou a deitar-se na cama a contemplar as unhas dos pés, de um tom rosa-coral, e a meditar na sua vida.

Claro que, na realidade, o seu nome não era Sunny. Isso era apenas o que Mac lhe chamava. O seu nome verdadeiro era Sonora Sky Coto de Alvarez. Um bom punhado de nomes, como tinha dolorosa consciência. De facto, sentia-se muito agradecida por a apelidarem Sunny. Pelo menos, evitava que tivesse de explicar constantemente aqueles nomes, que eram o resultado direto de ter uma mãe *hippy* que se mantivera em comunhão com a natureza, bem como com os espíritos, no deserto à volta do rancho com a sua casa de adobe nos arredores de Santa Fé, no Novo México.

A mãe de Sunny ainda era sonhadora, etérea, de uma beleza excêntrica, e ainda tinha tendência para usar vestuário disforme, flutuante, com compridas fiadas de contas de vidro e, muitas vezes, flores no cabelo louro macio. Contudo, por estranho que parecesse, fora sempre uma mãe incrível, mesmo que as filhas tivessem tido de passar noites inteiras com ela no deserto em comunhão com a natureza, ao mesmo tempo que, nervosas, se mantinham muito atentas a possíveis cobras cascavel. A mãe nem sequer pensava em coisas como cobras. A sua mente encontrava-se num plano mais elevado, um plano que, tristemente, Sunny e a irmã nunca tinham alcançado.

Tinham os pés plantados de forma mais firme nesta terra. Quando eram miúdas adoravam andar a cavalo, perseguir rapazes e arranjar problemas. Mais tarde, tinham progredido para andar de moto, perseguir rapazes e arranjar problemas. Isto é, até o pai pegar nelas, as orientar e enviar para a faculdade, onde tinha esperança que a vida real não lhes pregasse um golpe de morte após os brandos cuidados da mãe, alheada deste mundo.

O pai de Sunny também era espetacular. Atraente? Se nunca o viram, não sabem o que significa a palavra. Era mexicano, com aquela pele tismada e acetinada, cabelo forte de um cinzento-prateado, olhos castanhos meigos e um bigode bem aparado. Tipo Howard Keel quando costumava aparecer na série *Dallas*. Escarranchado no seu puro-sangue negro, era o epítome do *ranchero* mexicano.

Acreditara que a Brown era a faculdade perfeita para domar uma rapariga de dezoito anos que guiava uma *Harley* e era louca por rapazes e, na verdade, a universidade abria os horizontes de Sunny para um tipo de vida que nunca conhecera. Mas sentira a falta da família e chorara a pensar na sua adorada *abuelita*, a avó mexicana, e nos *tamales*, cozinhados como só a sua *abuelita* sabia cozinhar. Os *tamales* constituíam o prato principal da consoada no rancho e toda a gente, desde os trabalhadores e cobóis, às famílias da região, se juntava para os apreciar, juntamente com uma grande quantidade de tequila, cerveja *Corona* e música e dança mexicanas.

Claro que a mãe também cozinhava o tradicional peru, se bem que da sua habitual forma desordenada. Às vezes, não ficava assado e tinha de voltar ao forno durante mais uma ou duas horas; e, outras vezes, ficava demasiado bem passado e o pai dizia que seriam precisos dentes de cavalo para o furar. De qualquer maneira, era divertido.

Na universidade, rapidamente repararam na jovem latina de pernas douradas e cabelo preto brilhante como a asa de um corvo a passar a toda a velocidade na sua *Harley*, vestida de cabedal preto. Em breve, estava a cozinhar *tamales* e a distribuir *Corona* nas suas próprias festas. Quando se formou com distinção *magna cum laude*, com os pais orgulhosos e a irmã a sorrir, radiantes, na assistência, Sunny sentiu-se quase preparada para enfrentar o mundo. Mas, antes disso, veio a Wharton School e um mestrado em gestão.

Mais tarde, arranjou um emprego em Paris, a trabalhar para uma empresa de perfumes. Um ano depois, mudou-se para Bolonha e para um emprego

na Fiat. A seguir regressou a casa e, na Califórnia, abriu o seu próprio negócio de relações públicas, que estava a correr muito bem, obrigada.

Conhecera Mac numa festa para a imprensa, que tinha a ver com o programa televisivo dele. Mac explicara-lhe que reparara logo nela do outro lado da sala.

– Como podia deixar de notar, com essa indumentária? – fora o que na realidade dissera.

Era inverno e Sunny vestia uma minissaia branca minúscula, as botas da moto, tipo rapariga durona, porque viera a guiar a *Harley*, e uma camisola de gola alta preta. Era toda ela pernas compridas douradas, curvas *sexy* e cabelo preto meio despenteado. Tinha sempre cuidado com o que bebia quando guiava e estava a bebericar uma limonada quando Mac veio por trás dela e lhe bateu ao de leve no ombro. Rodando sobre si, viu-se a olhar para um tipo vigoroso de calças de ganga e *T-shirt*, cujos olhos, de um azul intenso, a admiravam como se fosse a melhor coisa que vira a noite toda.

É ele, pensara, excitada. *O homem de quem estive à espera a vida toda*. Claro que fora esperta o suficiente para não lho dizer e, era verdade, eram completamente opostos. Mac, que subira a pulso das ruas de Boston e da envolvente criminal de Miami até chegar a detetive privado e à personalidade televisiva que era agora. E Sunny, a criança selvagem que crescera num rancho, bela, muito inteligente e meia desmiolada, mas determinada a ser uma mulher independente.

De facto, a vida parecia bem encaminhada em termos de romance sentimental até que ela o convidara para jantar no seu apartamento elegante em Marina del Rey, a alguns quilómetros da casa dele em Malibu. Nem os *tamales* caseiros conseguiram anular o efeito daquele primeiro recontro desastroso entre *Tesoro* e *Pirate*.

Convenhamos, pensou Sunny, com um suspiro, *Pirate* mostrara-se disposto a fazer amizade, *Tesoro* não. E, preferindo que o seu cão não fosse molestado, Mac fora-se embora, deixando os *tamales* por comer.

– Da próxima vez não trago o cão – dissera, escudando *Pirate* da *chihuahua* atacante.

E era nesse ponto que se encontravam as coisas. Sunny ia à casa de Malibu sem *Tesoro*. Mac ia ao apartamento da Marina sem *Pirate*.

– E nunca os dois se encontrarão – era o lema de Mac.

O que, claro, os deixava no seu atual limbo de incerteza.

Sunny verificou as horas. Já passava da meia-noite em Malibu e Mac ainda não se encontrava em casa. Ela devia levantar-se já daquela cama. Sair para as ruas vibrantes e movimentadas de Roma, escolher um italiano charmoso e atraente e deixá-lo seduzi-la.

Soltando um suspiro que, desta vez, lhe vinha do estômago, decidiu que não telefonaria mais a Mac. A dieta que fosse para as urtigas. Conseguia praticamente aspirar o odor de açúcar e canela, ao mesmo tempo que passava as mãos à pressa pelo comprido cabelo escuro, enfiava os pés em sandálias de pele preta e se dirigia para a porta.

O telefone tocou. Rodou nos calcanhares, fitando-o.

Tocou outra vez. Claro que não podia ser *ele*. Não era possível. Não andara a ligar-lhe de forma consecutiva na última hora, raios?

Atendeu.

– *Pronto?* – proferiu em tom enfadado.

– SUNNY? – DISSE MAC.

– Fala Sonora Sky Coto de Alvarez.

Mac sentiu uma súbita friagem em Malibu. Sunny aplicava-lhe o tratamento do nome completo. Estava metido em sarilhos. Só que não sabia porquê.

– Pareces tão italiana. Talvez devesse tratar-te por *signorina*.

– Sabes lá se não sou já uma *signora*? Da forma como me descuras...

Mac sorriu.

– Muito bem, *signora*, quem te pediu em casamento?

– Tu com certeza não foste. Onde estiveste, Romeu? Estou a ligar-te há uma hora.

– Acreditas que na praia? Só eu e *Pirate*. A contemplar as estrelas e a pensar se estarias a fitar as mesmas estrelas aí em Roma a todos esses quilómetros de distância.

– Hum. Grande história. De qualquer modo, aqui são horas do pequeno-almoço. Não há estrelas, à exceção das dos estúdios Cinecittà, onde conto passar o dia rodeada pela fina-flor dos homens de Roma.

O sorriso de Mac alargou-se.

– Não deixes que isso te suba à cabeça, querida. Se te mantiveres comigo, apresento-te à fina-flor dos homens de Malibu.

– Queres dizer, como tu? Obrigada, mas posso passar sem isso.

– Ouve, Sunny, aconteceu uma coisa esquisita...

– Nem vale a pena dares-te ao trabalho de me contar.

Deixou-se cair outra vez na cama, de pernas cruzadas, balançando uma sandália preta de pele na ponta do pé, examinando-a como se fosse a única coisa interessante na sua vida.

A sua indiferença permeou as linhas telefónicas, ressoando como o dobre a finados no cérebro de Mac.

– Ora, vamos lá, Sunny, fofinha...

– E não me chames fofinha.

Foi a vez de Mac soltar um suspiro.

– Está bem, então nem sequer queres saber que uma pessoa disparou contra mim.

Sem acreditar, Sunny voltou a calçar a sandália, descruzou as pernas e levantou-se. Ia sair por aquela porta naquele preciso minuto. Havia um café expresso e um pãozinho doce à sua espera.

– Aposto que foi uma mulher – comentou.

Mac ficou genuinamente espantado.

– Como sabes?

– Chama-lhe intuição feminina. E não tenho a menor dúvida de que o merecias.

– Bem, muito obrigado pelo voto de confiança. Verdade, Sunny, esperava mais de ti. Sabes, uma certa preocupação pelo meu bem-estar, um laivo de compaixão ou, pelo menos, alguma pergunta para saber se não me teria esvaído em sangue com os ferimentos.

– Ela feriu-te? – De repente, os joelhos de Sunny começaram a tremer. Afundou-se de novo na cama. – Oh, Mac, querido, estás bem?

Mac ria-se quando disse:

– Bem, na verdade, não, não me atingiu. Mas digo-te que foi uma bela tentativa. E confrontei-me com uma pistola *Sigma*.40.

Sunny rilhou os dentes.

– Seu traidor – retorquiu, trémula. – A montar-me uma cilada como essa.

– Foi a única maneira de me prestares atenção. Escuta, Sunny, é verdade.

Contou-lhe rapidamente o que sucedera havia apenas quinze minutos, tendo o cuidado de eliminar o cabelo ruivo, o *négligé* preto sensual, o corpo espetacular e o rosto de anjo travesso.

– O que não percebo – observou por fim – é por que razão não pediu ajuda. Quer dizer, porque disparou contra mim? O seu suposto salvador?

– Talvez seja a assassina.

– Que assassinato? Não vi nenhum cadáver. Mas aposto que foi ela que gritou. Além disso, soluçava. Vi-lhe as lágrimas nas faces. Escuta, amor, estou aqui num dilema. Já telefonei ao segurança na portaria. Ele ligou para a casa, falou com o proprietário, Ron Perrin, o magnata bilionário dos investimentos financeiros, que lhe disse que não havia problema nenhum.

Que, provavelmente, fora a televisão que estava demasiado alta. Ora isso é uma treta. Sei muito bem o que vi. Chamo a polícia? Ou deixo-a continuar com o que anda a tramar e não meto o nariz nos assuntos deles, porque pode até ser alguma briga doméstica e ela está só a marcar a sua posição?

– Com uma *Sigma.40*? Grande posição! Se fosse a ti, Reilly, mantinha-me longe dos sítios onde não és bem-vindo. A não ser, claro, que ela te queira contratar por alguma soma fabulosa que não possas recusar, em especial agora que o programa televisivo pode ser cancelado. Quer dizer, porquê trabalhar de graça?

Mac pensou naquilo com alguma ansiedade.

– E se ela estiver mesmo em dificuldades?

– A mim parece-me que sabe muito bem como tomar conta de si. E calculo que Mister Perrin também. Faz-me um favor, Mac, estás a falar de Malibu Colony. Nada de mau aí acontece, é tudo doçura e leveza. Não te ponhas tu a criar ondas.

Sunny estava outra vez sentada na cama. Tinha o telefone preso entre o ombro e o ouvido, apetecia-lhe uma chávena de café e que Mac falasse de qualquer coisa menos trabalho. Deles, por exemplo.

Como se em resposta ao desejo dela, ele disse:

– Senti imenso a tua falta. Não aguentei esta noite, só eu ali a deambular com *Pirate* pela praia. Sem ti a meu lado, sem estares à minha espera, sem estares na minha cama... no meu coração.

O coração de Sunny alterou o seu ritmo para um pequeno tremular incrédulo.

– Que disseste?

– Sinto saudades tuas, Sunny. E se eu apanhasse o próximo avião para Roma?

– Oh, Mackenzie Reilly – retorquiu, em tom agitado, isso seria maravilhoso. Conheço um café que tem o melhor expresso...

– Esquece o expresso. Marca uma mesa para o teu restaurante preferido. Vou levar-te a jantar fora amanhã à noite. Só o melhor para a minha namorada.

Sunny suspirou, contente. Estava tudo outra vez bem no mundo deles. E, por ela, o bilionário Ron Perrin e a mulher da *Sigma.40* podiam ser temporariamente esquecidos.

NA MANHÃ SEGUINTE, CEDO, Mac subiu a rua até casa de Ron Perrin. Claro que sabia tudo sobre Perrin. Quem não sabia? Era um homem importante que começara por fazer dinheiro investindo com êxito no negócio dos seguros e que depois desenvolvera a sua sociedade de investimento transformando-a numa das maiores de Wall Street. E, embora parecesse agora todo-poderoso e bem sucedido, tinha um passado duvidoso. Divorciara-se da primeira mulher por entre grande escândalo por causa da sua relação com outra mulher, que também era casada com um homem conhecido. Além disso, fora certa vez acusado de desvio de fundos, embora tivesse sido completamente ilibado de culpas, pelo menos nos autos do tribunal.

Agora, Perrin era diretor-geral de uma série de empresas proeminentes e ainda mais poderoso. E muito, muito mais rico. Era também casado com uma estrela de cinema famosa, a loura e bela Allie Ray.

Além da casa de Malibu, Perrin possuía uma mansão em Bel Air e uma grande casa em Palm Springs, a um par de horas de carro de Los Angeles. Nada senão o melhor para Ron Perrin. Vivia como o rei que algumas pessoas afirmavam acreditar ser.

Vista da rua, a casa de Perrin na Colony era uma folha simples e desprovida de interesse de pedra calcária sem janelas. A porta apresentava-se como uma placa alta de aço não polido que parecia uma tampa de caixão cinzento-escura e sem maçaneta nem manípulo de qualquer tipo. Um botão discreto embutido na parede convidava o visitante a premi-lo.

Foi o que Mac fez, mas não ouviu qualquer som eletrónico distante. Até a campainha da porta era silenciosa.

Por cima da placa de aço do portão conseguiu ver as frondes pregueadas de um par de palmeiras altas e algumas ramagens de bambu. Calculou que, como acontecia na maior parte das casas da Colony, o portão conduzir-se a

um pátio de entrada, a seguir ao qual se encontraria a porta principal propriamente dita.

Voltou a premir a campainha e olhou em volta, à espera. Não havia carros estacionados nas linhas amarelas em frente da casa que assinalavam os espaços de estacionamento do proprietário e a porta metálica para a garagem encontrava-se fechada. Perguntou-se que tipo de carro Ron Perrin conduziria. Um *Porsche* prateado? Um *Bentley*? Talvez um *Ferrari* vermelho? Com certeza que seria caro e vistoso porque o homem era assim mesmo.

Por fim, uma voz masculina respondeu ao toque de campainha.

– Quem é? – Parecia sem fôlego.

– Mac Reilly – disse para o altifalante. – O seu vizinho.

Uma pausa e depois:

– Entre – retorquiu a voz.

A placa de aço deslizou para um dos lados e desapareceu num recesso na parede de pedra. Nada de pavimentos extravagantes para Ron Perrin, apenas um caminho cimentado a direito num tom azul-escuro, passando por uma piscina azul brilhante, através de um pátio tropical onde a folhagem tipo selva se esticou para agarrar Mac quando este avançou.

Perrin esperava na entrada envidraçada. Era um homem baixo com os ombros largos e olhar duro de um primata agressivo. Possuía também a leve inclinação do corpo para a frente típica de um homem que faz levantamento de pesos, como se permanentemente prestes a dobrar-se e a pegar em halteres de cem quilos.

A testa de Perrin era larga, o cabelo escuro com um ligeiro ondulado; os olhos eram de um castanho-claro liquefeito e as sobrancelhas grossas, o que um escritor como Dickens poderia ter denominado «protuberantes». Ou seja, juntavam-se por cima do nariz num cenho evidente. O nariz era algo severo, mas a boca tinha os lábios cheios e era sensual. Estava em boa forma e, mesmo agora, de *T-shirt* machada de suor e calções de ginástica, Mac percebeu que era com certeza um homem que sabia distinguir a marca *Dolce* de qualquer gelado italiano. Era bem-parecido, de forma pouco convencional, e Mac entendeu por que razão a bela Allie Ray se teria sentido atraída por ele. Poder combinado com dinheiro constituía uma combinação impressionante.

– Conheço-o. Vi-o na televisão. Entre, por favor – disse Perrin.

Mac entrou e lançou uma rápida vista de olhos em volta. O vestíbulo erguia-se a nove metros até uma cúpula de vidro biselado. A casa propriamente dita era espaçosa e elegante. Uma cozinha toda em aço nas traseiras; uma escadaria saliente com degraus flutuantes sem meios visíveis de apoio à esquerda; e, em frente, uma parede de vidro através da qual Mac conseguiu ver, embora não ouvir, as ondas a bater. Todas as janelas se encontravam fechadas e o ar condicionado estrondeava, tal como uma gravação do álbum «Avalon» da banda Roxy Music.

As paredes caras da casa de Malibu de Perrin continham uma coleção de quadros ainda mais caros, cujo valor era notório até para um não conhecedor como Mac. E o mobiliário não era de praia, com verdadeiras antiguidades, cadeirões de pele macia e tapetes de seda sobre o pavimento de betão envernizado.

Uma característica estranha era a linha de comboio que corria à volta das quatro paredes, arqueando-se por cima das portas de vidro, ondulando através das escadas abertas, esgueirando-se ao longo dos rodapés e trepando pela pedra em camadas de carris miniatura fantásticos e dispendiosos. Era o sonho de qualquer criança, ou, naquele caso, de um homem adulto. Mac ficou, de imediato, intrigado. Mas Mr. Perrin tinha outros assuntos em mente que não comboios de brinquedo.

– Sente-se, por favor, Mister Reilly – convidou.

Mac empoleirou-se na borda de um cadeirão escorregadio de pele verde. Arriscou uma olhadela ao local onde estivera quando a ruiva disparara contra ele. Havia uma grande rachadela no chão de betão afagado. Os restos da jarra de cristal tinham sido removidos, mas calculou que a bala que fizera ricochete ainda se encontrasse enterrada nas costas do sofá de veludo cor de bronze onde Perrin agora se recostava, à sua frente. Tinha um ar nitidamente pálido e perturbado, nada que se parecesse com o borguista rico e bem sucedido que toda a gente estava habituada a ver nas revistas de luxo.

Mac reparou numa destruidora de papel, do tipo barato que se compra em grandes superfícies, ao lado da respetiva embalagem de cartão. Era óbvio que Perrin a comprara há pouco tempo e que Mac o interrompera no processo de destruir documentos, uma pilha aguardava ainda no chão.

– Pergunto-me se sabe por que razão aqui estou – disse Mac.

Perrin inclinou-se para diante, as mãos apertadas entre os joelhos abertos. Assentiu com a cabeça, ainda a olhar de modo sombrio para Mac. Depois

declarou:

– Mister Reilly, sou neste momento um homem assustado.

Ora não era nada disto que Mac esperava que Perrin dissesse. Pensara que fosse fanfarronar em relação à rapariga, dizer-lhe que se enganara, que andara a ver coisas. Pensara que Perrin lhe oferecesse uma bebida, lhe desse uma palmada nas costas, o convidasse para uma festa e o aconselhasse a esquecer tudo. Ficou sem saber o que responder.

Perrin fitava-o com o seu intenso olhar castanho liquefeito. Ocorreu a Mac que talvez Perrin não quisesse que a coisa se espalhasse, sobretudo que aos ouvidos da mulher chegasse a notícia de que na noite anterior estivera na sua casa uma bela mulher meio despida, ainda por cima uma mulher com uma arma.

– Mister Reilly – continuou Perrin por fim –, alguém anda a tentar matar-me. Tem andado a seguir-me nas últimas semanas. Anda no meu encalço para onde quer que vá.

Mac ficou outra vez surpreendido.

– Como sabe que quer matá-lo?

Gotas de suor escorreram com lentidão pelo pescoço de Perrin e Mac ficou a pensar se seriam consequência de algum treino físico que interrompera ou de medo genuíno.

– Sei, muito simplesmente – respondeu Perrin.

– Então porque não relatou o caso à polícia? – Sabia que seria a atitude normal de um homem inocente. Ou, pelo menos, de um homem sem nada a esconder.

Perrin encolheu os ombros, num movimento de confusão, abrindo muito os braços.

– Ouviu sem dúvida dizer que a minha mulher está a divorciar-se de mim? E se for ela? Talvez queira que eu morra. Como posso dizer isso à polícia? Os advogados dela metiam-me na prisão num segundo. Diriam que eu estava a tentar usurpar-lhe o dinheiro que afirmam ser dela por direito.

– Ouvi dizer que é metade da sua fortuna. – Mac manteve o tom de voz leve, mas ainda estava a pensar no que Perrin estaria a esconder.

– Mister Reilly, conhece a minha mulher?

– Vi-a em filmes.

– Ah, pois, claro que viu. A famosa Allie Ray. Uma das mulheres mais bonitas do mundo. Mas por trás daquela fachada loura elegante

transformou-se na alma mais avarenta e gananciosa desta terra. E talvez num par de outros planetas também.

Mac fitou-o, surpreso. Não era a imagem que Allie Ray, a namoradinha americana, projetava.

Perrin emudeceu, obviamente ainda a arder em fogo lento. Depois acrescentou com amargura:

– Casou-se comigo por causa do meu dinheiro e eu fui bastante estúpido para cair na esparrela. Já casara com dois outros tipos ricos antes de me apanhar. Claro que eu queria uma mulher bela, a que toda a gente queria. – Fulminou Mac com o olhar. – Subi a pulso na vida, Reilly, sabe disso?

Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, torcendo as mãos, como se sofresse por dentro.

– Pensei que me amava – afirmou, de forma quase comovente, se isso era possível no caso de um homem tão poderoso.

Mac ficou sentado em silêncio, à espera que ele revelasse a verdade, que sabia ser o que em geral sucedia quando se fingia ser uma mosca na parede e se deixava as pessoas desbobinar. Perrin era um homem triste, não havia qualquer dúvida, mas ainda não mencionara o anjo travesso com a arma.

Perrin voltara a andar de um lado para o outro, agora a espremer as mãos, muito angustiado com a ideia, calculou Mac, ou de se separar da mulher ou do dinheiro. Depois levantou a cabeça.

– Sabe quanto lhe ofereci, Reilly? Oitenta milhões. *Oitenta milhões*, pá. Mais a casa de Bel Air pela qual larguei vinte e cinco milhões e na qual ela esbanjou outra pequena fortuna. Mas isso chega para Mary Allison Raycheck? A rapariga do Texas com um imprestável pai alcoólico que lhe batia com o cinto todas as noites de sábado quando voltava do bar? E a mãe deprimida que abusava do álcool e a negligenciava?

Perrin abanou a cabeça com veemência.

– Para os meios de comunicação, ajudei a inventar e perpetuar a história de que fora criada como uma senhora, toda requintada e boazinha. E claro que agora é mesmo essa senhora. Encabeça umas quantas obras de caridade meritórias, embora aposte que não se separa de um cêntimo a não ser que seja dedutível nos impostos.

Voltou a afundar-se no sofá e colocou a cabeça entre as mãos.

– Ela quer tudo, Reilly. E, para o obter, acredito que deseje a minha morte. E é por isso que tem de descobrir se anda atrás de mim.

Mac pensou na estrela de cinema loura que vira em fotografias de revistas, embora ali, na casa de praia, não se vissem nenhuma foto dela. Sempre a sorrir, muitas vezes retratada a segurar as mãos de crianças doentes em camas de hospital, ou a organizar festas na sua mansão de Bel Air para ajudar o candidato político mais recente e a frequentar os restaurantes mais elegantes da cidade, ao mesmo tempo que combinava que doassem a comida que sobrava aos albergues para pessoas sem-abrigo. E sempre com um fotógrafo à mão. Era uma das maneiras de ver Allie Ray.

A outra era uma rapariga vinda de um meio pobre e violento, que soubera enquanto criança o que era não ter dinheiro para médicos, nunca ter comida suficiente nem roupas bonitas. E não ter amor. Talvez Allie estivesse apenas a retribuir algumas das coisas que tivera a sorte suficiente de adquirir. Talvez Allie se interessasse mesmo e Perrin estivesse a caluniá-la para poder conservar a sua fortuna.

Um deles tinha de estar a mentir. Mac pensou que gostaria muito de ouvir a versão de Allie. Entretanto, Ron Perrin não fizera uma visita a Mac. Fora Mac que o visitara a ele. Então por que razão o tipo estava de repente a desabafar com um perfeito desconhecido? Além de que ainda existia a questão do anjo travesso para explicar.

– Gostaria de o contratar para descobrir quem me anda a seguir – disse Perrin, fitando Mac outra vez com aquele olhar de cachorrinho triste. Dirigiu-se à secretária, pegou num cartão de visita e entregou-o a Mac. – Não quero acabar morto. E não quero que a minha mulher fique conhecida como assassina.

Ficou ali à espera que Mac falasse e emitisse talvez algum juízo de valor. Torceu de novo as mãos com ansiedade.

– Pago o dobro do que costuma cobrar. Até o triplo. – Os olhos enevoaram-se quando pensou no que acabara de dizer. – Quer dizer o dobro – emendou à pressa. Antes de mais nada RP era um homem de negócios.

Mac levantou-se. Encaminhou-se para as caixas de arquivos em desordem.

– Está a tentar esconder documentos financeiros da sua mulher? – perguntou. – É isso que isto representa?

Perrin apressou-se atrás dele.

– Pois, sim, é só isso – retorquiu com rapidez.

Olhando para ele, Mac percebeu que Perrin era consideravelmente mais

baixo do que ele.

– Mister Perrin – disse por fim. – Quem era a mulher alta de cabelo ruivo que estava aqui a noite passada? Com uma pistola *Sigma* .40?

O rosto de Perrin inundou-se de súbito de cor, uma veia latejou-lhe no pescoço, mas depois controlou-se e declarou:

– Estive fora até à uma da manhã a noite passada, Reilly. Não havia ninguém na minha casa. Não havia nenhuma ruiva com uma arma. Já disse isso ao segurança da portaria.

Perrin desviou o olhar. Estava consciente de que Mac sabia que ele estava a mentir. Regressou ao sofá e voltou a afundar-se nele.

– Toma uma bebida? – perguntou com um suspiro.

Mac negou com a cabeça.

– Não bebo de manhã.

Analizou com celeridade a proposta de emprego. Se o programa televisivo não continuasse, o dinheiro daria com certeza jeito, mas havia qualquer coisa de que não gostava naquela questão. Perrin estava a mentir-lhe em relação à ruiva e, se calhar, também em relação à mulher, embora Mac apostasse que, sob toda aquela jactância, ainda estivesse apaixonado por ela.

– Obrigado pela oferta de emprego, mas não posso aceitar. Vou partir para Roma dentro de algumas horas. – Encaminhou-se para a porta. – Estarei fora durante cerca de uma semana.

Perrin precipitou-se atrás dele, os ténis a chiarem no pavimento envernizado, moderno e caro.

– Vai para *Roma*? – A voz era tão estridente como os ténis. – Mas *não pode*. – Agora gritava. – Ofereci-lhe o emprego. Preciso que descubra o que raio se passa.

– Muito agradecido pela oferta, Mister Perrin. – Mac virou-se e olharam um para o outro. Mac entregou-lhe o seu próprio cartão de visita. – Telefone-me quando eu regressar e conversaremos mais um pouco sobre o assunto. Entretanto, o meu conselho é que vá à polícia, lhes conte que suspeita que anda a ser seguido. Eles tratarão da questão. Descobrirão a verdade.

– Não é o que fazem sempre? – questionou Perrin com amargura. Depois acrescentou categórico: – Nada de polícia.

Mac sentiu os olhos de Perrin a segui-lo quando avançou a passos largos pelo caminho de cimento azul-escuro. O portão de aço permanecia fechado

e aguardou, sem se virar, que Perrin o abrisse. Sem qualquer ruído, acabou por deslizar para o lado.

Saiu para o ar fresco e límpido e para o sol. O portão deslizou de novo, fechando-se atrás dele, trancando um homem assustado.

ALLIE RAY PERRIN ia a caminho de Malibu. A manhã estava cinzenta, com o tipo de nevoeiro que depõe gotículas no cabelo e que é conhecido na Califórnia, de forma eufemística, por «camada marinha». Conduzindo lentamente pelo Malibu Canyon, Allie sabia, por experiência, que não era natural que o tempo se alterasse antes das três da tarde, apesar de, atrás dela, em San Fernando Valley, o sol brilhar como sempre. Era uma das desgraças, ou encantos, como se quisesse, de viver na praia.

Mesmo assim, guiava com a capota do seu *Mercedes 600* descapotável para baixo, aconchegada no capuz de caxemira, sem se ralar com a neblina. Os grandes óculos escuros eram obrigatórios em Los Angeles, com sol ou sem ele, embora duvidasse que alguém reconhecesse a mulher sem maquilhagem que vislumbravam de passagem como sendo a estrela de cinema glamorosa que conheciam do ecrã. À exceção dos *paparazzi*, claro, que a assediavam como morcegos saídos do inferno. Mas hoje escapara-lhes, saindo pelas traseiras da sua casa de Bel Air, atravessando a estrada Mulholland para o Valley e depois transpondo o desfiladeiro para Malibu.

No entanto, não ia visitar o marido. Andara a ver o programa de Mac Reilly às quintas à noite e parecera-lhe um homem de integridade. Um homem em quem se podia confiar. E, se havia alguém que precisava desse tipo de homem neste momento, essa pessoa era Allie Ray.

Virando à esquerda para a Pacific Coast Highway, vulgarmente conhecida como PCH, seguiu devagar por entre o nevoeiro, mais denso, agora que se encontrava junto à costa. O segurança na portaria da Colony reconheceu de imediato o carro e ergueu a cancela. Allie acenou-lhe quando entrou e ele acenou em resposta. Não havia aqui portões de ferro grandiosos, nenhuns muros altos de pedra. Discrição era o lema na Colony. Toda a gente gostava assim. A vida na praia, pensou Allie com melancolia, era boa.

No cruzamento em T que conduzia à única rua da Colony, virou à direita

em vez de à esquerda como fazia normalmente para seguir para casa, dirigindo-se para a casa de Mac Reilly. Verificando o número, encontrou-a mesmo no final, cravada como uma lapa verde gasta na fachada lustrosa da Colony. Um *Prius* vermelho brilhante encontrava-se parado cá fora. Estacionou atrás dele, lançando um olhar duvidoso para o exterior da casa. Parecia ter sido pintada há pouco tempo, mas, de algum modo, tinha um aspeto pelintra.

No entanto, não estava ali por causa da economia doméstica de Mac Reilly e deu um puxão à campainha que tinha a forma de uma sineta de bronze, há muito oxidada para um tom de verde quase condizente. Esperou. E esperou mais algum tempo. Voltou a chocalhar a sineta, agora ansiosa. Ele *tinha* de estar em casa.

Ao sair do duche, Mac ouviu-a tocar. Lançou uma olhadela ao relógio. Por causa de Perrin, já estava atrasado. Ia conseguir apanhar o voo mesmo à justa. Sabia que não podia ser o seu assistente, que devia estar a chegar a qualquer minuto para o levar ao aeroporto, porque Roddy tinha uma chave.

A praguejar, enrolou uma toalha à cintura e correu a abrir a porta. E deparou-se com uma das mulheres mais famosas e mais bonitas do mundo.

Vestia uma camisola com capuz, de caxemira cinzenta, calças a condizer e *Reeboks* que eram de um branco tão imaculado que Mac calculou que os tivesse comprado expressamente para a ocasião. Corrigiu-se rapidamente. Uma mulher como Allie Ray tinha com toda a probabilidade uma dúzia de pares, todos novos, guardados no *closet* e, se calhar, nunca os usava mais de duas vezes.

Allie devolveu-lhe o olhar, à espera que ele entendesse que era mesmo *ela* ali na soleira da porta. Depois, ofereceu-lhe o sorriso que encantava espectadores de cinema há mais de uma década.

– Lamento imenso – disse. – Devo tê-lo apanhado em má altura.

Trazido de volta à realidade, Mac puxou a toalha para cima. Desculpou-se pela sua aparência e convidou-a a entrar no minúsculo quadrado que constituía o seu vestíbulo.

Allie fitou espantada o cão quando este veio a saltitar, inclinado para um dos lados, na sua direção. *Pirate* farejou-a curioso, como de costume, e voltou a sentar-se sobre a pata traseira, permitindo-lhe a visão completa do seu único olho e sorriso apalermado.

Detetando-lhe o olhar chocado, Mac declarou, célere:

– Chama-se *Pirate*. Em homenagem a Long John Silver. De *A Ilha do Tesouro*. Sabe: a perna de pau, o tapa-olhos.

Ela franziu o sobrolho e Mac acrescentou:

– Escute, era melhor do que a alternativa. Estava quase morto quando o encontrei.

Allie dobrou-se para afagar a cabeça de *Pirate*. Fazendo deslizar o capuz de caxemira do cabelo de um louro pálido, que estava apanhado num rabo-de-cavalo solto, avançou para a sala de estar.

Com o cabelo daquela maneira, Mac pensou que parecia a versão colegial da Barbie. À exceção daqueles olhos, claro, que, quando os fixava nele, possuíam uma natureza perturbadora, como mergulhar num mar tropical azul-turquesa onde correntes submarinas inquietantes nos arrastavam.

Pediu licença e apressou-se a ir vestir uns calções e uma *T-shirt*. Quando regressou, encontrou-a a observar os seus domínios confortáveis, se bem que talvez desarrumados. Os velhos sofás moles cobertos por uma variedade de mantas xadrez, na maior parte das quais *Pirate* se aninhava, isto é, quando não estava a dormir na cama de Mac. O cadeirão *La-Z-Boy* desconjuntado de pele preta com suporte para copo onde Mac enfiava a cerveja e os aperitivos, com a aba de lado para o controlo remoto e aquela pequena engenhoca de erguer o apoio para as pernas que, se o jogo dos Lakers não estivesse assim tão excitante, descontraía tanto um tipo que o conseguia adormecer.

O olhar de Allie passou para a velha prancha de *surf*, que, num acesso de veia artística, Mac pintara de dourado e convertera numa mesinha de café. Depois para a mistura de cadeiras de verga que rodeavam a mesa de carvalho atarracada de aspeto sólido, comprada por Sunny numa feira da ladra e que ela jurava ser uma peça valiosa de antiquário. Mac dissera-lhe que a conservava para que nalguma época de necessidade pudesse ganhar uma fortuna.

Allie avançara já para a sua eclética coleção de arte, se tal termo se pudesse empregar para as telas coloridas nas paredes de Mac, a maioria das quais adquirira nas suas visitas a jovens artistas nos seus estúdios em Venice Beach, por preços que o tinham deixado preocupado e a pensar se os teria condenado a passar fome nas suas águas-furtadas.

Allie interiorizou os tapetes de sargaço nos soalhos de madeira, as portadas a bater na janela, o tapete a imitar pele de zebra em frente da

lareira de tijolos brancos dos anos cinquenta, os candeeiros desirmanados e a colecção de velas escolhidas por Sunny.

Ofereceu de novo a Mac aquele perturbante olhar azul-turquesa.

– Invejo-o – declarou, surpreendendo-o. – Tem exatamente o que quer. É um homem de sorte.

– Não há necessidade de sentir inveja, sobretudo vinda de uma mulher como a senhora.

Ela empoleirou-se na beira do sofá com pelos de cão, a olhar para ele.

– Diga-me, Mister Reilly, o que sabe sobre mulheres como eu?

Colocara-o numa posição desagradável. Contava-lhe a verdade sobre o que ouvira dizer sobre ela? Ou escolhia a via mais cómoda? Com tato, preferiu o meio caminho.

– Sei que veio de um meio pobre, que casou bem. Várias vezes. Sei que é uma atriz famosa.

Allie passou a mão pelo cabelo de um louro pálido, erguendo o rabo-de-cavalo e libertando-o das dobras do capuz de caxemira.

– Sabe o que é o desespero, Mister Reilly? – perguntou em voz baixa. – Sabe o que é chegar à conclusão que só existe uma maneira de sair da pequena vila sufocante onde se vive, de se afastar do pai alcoólico e da mãe deprimida e esgotada em que temos receio de nos podermos também transformar?

Um calafrio abanou-lhe o corpo esguio e franziu o sobrolho.

– Para longe da brutalidade e da pobreza extrema, e do cinzentismo asfixiante de uma vida sem qualquer perspectiva de melhoramento. Para longe dos heróis da equipa de futebol da escola secundária de uma vila pequena que mentiam sobre as suas relações com a pequena adolescente loura e tímida só para se armarem em machos. E para longe do pregador que, do púlpito, estava sempre a apregoar uma vida de condenação para os que pecassem, mas que depois tentava apalpar-nos?

Parou de falar e lançou de novo a Mac aquele olhar impressionante.

– Sabe o que é, Mister Reilly, tomar consciência de que, para sair dali, existe apenas uma coisa que podemos vender. E que é a nossa beleza. Porque é tudo o que possuímos.

O suspiro que soltou foi como se desenterrasse um vento mau do passado.

– Pelo menos – disse, fitando-o com firmeza –, se tinha de o fazer, decidi que seria com quem oferecesse mais. Só havia uma regra. Tinha de casar

comigo.

– E manteve-se fiel ao seu plano?

– Casei com homens ricos. E cumpri a minha parte do contrato. Fui uma boa mulher durante algum tempo. Mas, por fim, suponho que se cansaram de olhar para mim. De qualquer maneira, sempre quis ser atriz, atriz de cinema. E agora tenho todo o dinheiro do mundo e, se calhar, ainda mais quando Ron Perrin finalizar o acordo do divórcio. Não que precise dele. Tenho sucesso por direito próprio, mais sucesso do que alguns homens. E, sabe que mais, Mister Reilly? Ainda não sou uma mulher feliz.

Os olhares cruzaram-se.

– Está a julgar-me, porque lhe contei a verdade. – Ergueu um ombro num encolher de ombros delicado. – É óbvio que não sabe o que é não ter opções.

Mac não disse nada porque era verdade. No entanto, compreendia. Allie levantou-se e chegou-se a ele.

– Olhe para o meu rosto. O que vê aqui escrito?

Na verdade, Mac não conseguia ver nada. Embora ela devesse estar perto dos quarenta, não existiam rugas de idade, nem de riso, nenhuma marca de sofrimento. Apenas um rosto muito belo que era muito fotogénico.

– Descontentamento, Mister Reilly – proferiu com calma. – É isso que vê. Sou o arquétipo da mulher que tem tudo. Oh, acredite, existem dúzias de nós nesta cidade, talvez até centenas. E temos todas a mesma expressão. Como se a vida nos tivesse passado ao lado. Isto é, a vida real.

Afastou-se e fitou, através da janela panorâmica, o oceano a arrojar-se com energia para a praia numa saraivada de borrifadelas.

– Mas um dia destes – afirmou com suavidade –, um dia vou descobrir essa vida «real», sabe? – Rodou sobre si. – Vou ser eu outra vez. Mary Allison Raycheck.

– De volta a isso – retorquiu Mac.

– Vejo que sabe tudo sobre mim, até o meu nome verdadeiro. Suponho que devia estar à espera disso, da parte de um detetive privado.

– Na realidade, foi o seu marido que mo contou.

Ela soltou uma pequena gargalhada.

– Claro. Mas também estava mesmo a ver-se, não era?

Afundou-se no cadeirão *La-Z-Boy* e acionou a alavanca, esticando-se quando o apoio de pés se ergueu sob as suas pernas compridas e esbeltas.

– Caramba, sempre adorei estas coisas – disse, um pouco para si mesma.
– Antigamente, pensava que ser rico era ter um *La-Z-Boy* de pele e uma mesinha de café da Sears com tampo de vidro e pernas douradas. Credo, como os tempos mudaram.

Uma lágrima escorreu pela face adorável e caiu com um salpico do penhasco da sua maçã do rosto para a camisola cinzenta.

– Agora tenho todo um mobiliário que um decorador oneroso escolheu por mim porque é de um bom gosto perfeito. Visto roupa de grandes costureiros porque é o que devo usar. Como a comida certa nos restaurantes certos, frequento as festas certas. – Lançou um olhar desesperado na direção de Mac. – Está a ver qual é o meu problema, Mister Reilly, não está? Já não sei simplesmente quem sou. Continua a ser tudo como sempre foi. Sou apenas o que está à vista.

E então Allie Ray, grandiosa estrela de cinema, enrolou-se no *La-Z-Boy* de pele preta gasta de Mac e, para seu horror, explodiu numa torrente de lágrimas. Golpeava o cadeirão com os punhos, gemendo e soluçando.

Pirate ergueu-se nas patas e correu para ela. Aquele cão detestava cenas, provavelmente passara por muitas na sua vida anterior, antes de Mac se tornar seu pai. Farejou Allie, ansioso, ganindo e tocando-lhe com a pata. E, para espanto de Mac, a estrela de cinema inclinou-se e puxou-o para o joelho.

– Cãozinho fofo – sussurrou quando *Pirate* começou a lambe-lhe as lágrimas. – Agora percebe porque o invejo, Mister Reilly – continuou por entre soluços. – Nem sequer tenho um *Pirate*. Tenho apenas a cadela *certa*, a que devemos todas ter este ano.

– Não está a falar de um *chihuahua*!

Allie abanou a cabeça, espalhando lágrimas por cima de *Pirate*, que abanou também a cabeça para se ver livre delas.

– Uma cadela *bichon-maltês* miniatura. Chamada *Fussy*. E acredite que é mesmo frenética.

Mac ofereceu-lhe uma embalagem de lenços de papel. Pensou, com pesar, que perderia o voo para Roma, mas sabia que não tinha escolha. Allie Ray precisava da sua ajuda.

– Fazemos o seguinte: porque não damos um passeio pela praia? Agora que a conheço melhor, pode contar-me por que motivo precisa de mim. E por que razão está tão desesperada.

PIRATE TROTAVA PELA ORLA DA PRAIA enquanto Mac e Allie o seguiam com um passo mais vagaroso. Afinal, não se encontravam ali para fazer exercício.

Allie descalçou os tênis e sacudiu as gotas de humidade do cabelo. Enterrando os dedos dos pés na areia, disse:

– Peço desculpa. Não vim para chorar no seu ombro. Vim pedir a sua ajuda profissional. Sou uma mulher rica, Mister Reilly. Estou disposta a pagar generosamente pelo seu tempo exclusivo.

Mac ergueu as sobrancelhas, surpreendido com a oferta. Com certeza que vinha a calhar, numa altura em que os seus proventos na televisão podiam de repente terminar.

– Tudo o que puder fazer.

Allie estacou e virou-se para ele.

– Na última semana tenho sido seguida. Por um *Chrysler Sebring* preto descapotável com vidros fumados para não se poder ver o condutor. Não tem matrícula à frente e, visto que está sempre atrás de mim, nunca consegui vê-la. Mas, ultimamente, anda sempre no meu encalço. Não sei se é o meu marido que me mandou vigiar para ver se consegue descobrir algum podre sobre mim. Ou se é o mesmo louco que me anda a importunar nos últimos meses. Envia-me cartas, cartas de amor chama-lhes ele, embora sejam apenas obscenidades. Claro que já não lhes ligo. Queimo-as sem as abrir. De qualquer maneira, é assustador.

Mac não gostou nada da questão das cartas, nem do *Sebring* preto. Pensou que era estranho que tanto Perrin como a mulher acreditassem que estavam a ser seguidos. Perguntou-se se andariam no encalço um do outro, mas Allie negou que o tivesse mandado fazer.

– Então por que razão não vai à polícia?

– Porque sou Allie Ray – retorquiu, de forma simples. – Pode imaginar o

que sucederia. No entanto, estou aterrorizada. Sinto olhos postos em mim, como se estivesse a ser vigiada para onde quer que vá. Não sei o que fazer.

Mac tomou uma decisão rápida. Não era apenas a oferta de uma bela soma de dinheiro que o atraía. Allie Ray estava vulnerável e a sofrer e tratava-se de mais do que apenas um perseguidor louco e assustador e de um marido que já não a apreciava. Tinha a sensação que Allie era uma mulher desesperadamente só que precisava não apenas da sua ajuda, mas também do seu apoio.

– Então vamos ver se descubro quem é, e se é ou não o seu marido.

Ela lançou-lhe um sorriso agradecido e depois, virando-se, caminhou pela orla do mar, onde as ondas rebentavam na areia, indiferente ao facto de se poder molhar. Pegou num pau e atirou-o para *Pirate*, que galopou cheio de alegria atrás dele. Abanando o rabo, deixou-o cair aos pés dela fazendo-a rir-se. Apanhou-o e arremessou-o de novo.

– É a primeira vez que a ouço rir-se – observou Mac.

Allie lançou-lhe um olhar malicioso.

– Exceto nos filmes, quer dizer. Aí estou sempre a rir-me.

– Quando não está a beijar alguém.

Voltou a rir-se.

– Tem razão. Estou sempre a beijar alguém. Ron costumava ficar louco. «És a minha mulher», dizia, sempre que discutíamos, «e só te vejo na cama, meio despida com algum ator afetado.»

Mac conseguiu imaginar Ron Perrin a fazer aquela observação. O orgulho não tinha limites, mesmo quando, na realidade, o trabalho da mulher era representar.

– Não lhe contei tudo – continuou Allie. – Não é só o facto de ter medo do louco que me anda a perseguir. Sabe, Mister Reilly, o meu marido tem uma aventura amorosa. E, desta vez, penso que seja sério.

– Presumo então que não seja a primeira vez?

Abanou a cabeça, fazendo voar o rabo-de-cavalo e as gotículas de água.

– Não é. Mas a verdade é que ainda gosto de Ron. Foi o único homem que se deu ao trabalho de enxergar por trás da fachada. O único homem que queria conhecer o meu verdadeiro eu. Sem ele, não sei quem sou. – Suspirou, atirou outra vez o pau e virou-se para fitar os olhos de Mac. – Olhe para mim – disse, com tristeza. – Sou o que está à vista. Um sucesso público. E um falhanço privado.

Ao recordar a ruiva com a arma, Mac pensou que Allie tinha motivo para se sentir preocupada.

– Deixe-me ver o que consigo fazer. Parto para Roma hoje e ficarei lá uma semana, mas vou pôr o meu assistente a tratar do assunto. Há mais alguma coisa que a inquiete? – perguntou, ao retomarem o caminho de volta a casa.

– Muita coisa – respondeu, sorrindo com pesar. – Infelizmente, nada que possa fazer sobre isso. O meu novo filme deve estrear em Cannes daqui a umas semanas e sei que está uma trapalhada. – Encolheu os ombros com tristeza. – Claro que vão dizer que a culpa é minha, que sou uma pessoa difícil, que faço alterações, que estou a ficar velha.

Parou no topo das escadas, observando *Pirate* a coxear pelos degraus acima.

– Agora entende por que razão o invejo, Mister Reilly.

– Creio que está na altura de me tratar por Mac.

Sorriu.

– A vida simples tem muito mais para oferecer, não acha, Mac?

Um carro buzinou lá fora. Mac sabia que era Roddy, à espera para o levar ao aeroporto, embora, mesmo que tivessem sorte com o trânsito, fosse provável que perdesse o avião e que tivesse de marcar um novo voo.

À porta, Allie virou-se para lhe dar um abraço de despedida.

– Por favor, ajude-me – pediu.

E claro que Mac prometeu que o faria, mesmo que o devesse fazer à distância, de Roma.

ALLIE CONDUZIA COM LENTIDÃO pela Pacific Coast Highway, perdida nos seus pensamentos.

A estrada congestionada oferecia vislumbres do oceano, a cintilar entre edifícios baixos cujas portas abriam diretamente para a estrada e que, de forma surpreendente, eram na sua maioria casas muito caras.

Revisitar o passado não era uma coisa que Allie fizesse com frequência, de facto nunca, se o conseguisse evitar, e também só em sonhos quando não controlava de maneira nenhuma as recordações que surgiam na sua mente.

Sentia-se exausta, por causa da explosão de lágrimas, outra coisa que nunca fazia. Nunca ninguém via senão a Allie pública, a que sorria para as câmaras. Baixara a guarda com Mac Reilly e agora desejava não o ter feito.

O passado era o passado e era aí que o queria manter, trancado em sítio seguro onde ninguém o conseguisse encontrar. À exceção de Ron, claro, porque Ron sabia tudo o que havia a saber sobre ela. Era como se o tivesse sabido desde o princípio, sem nunca ter tido sequer de perguntar.

Abanou a cabeça, afastando o pensamento, como o afastara fisicamente na noite em que lhe dissera para ir embora.

– Sai da minha vida – bradara. – Ou saio eu da tua.

– Oh? E como pretende a estrela de cinema famosa, a «namoradinha» da América, fazer isso? – perguntara ele.

– Da mesma maneira que todas as outras mulheres – ripostara, pegando numa jarra de rosas, pronta para a arremessar com violência contra ele se se chegasse a ela.

Rira-se.

– Não precisas de ir tão longe – retorquira. – Saio já daqui.

Quando marchara para a porta, ela gritara:

– Voltas para ela, calculo.

Ron virara-se para a fitar. Durante um longo momento, os seus olhares

tinham-se cruzado. Então ele erguera um ombro naquele seu gesto familiar de indiferença.

– Seja como tu queres – dissera. E fora-se embora, fechando a porta sem ruído atrás dele.

Depois de ele ter partido, Allie afundara-se numa cadeira no enorme vestíbulo com a escadaria dupla e o candeeiro antigo que cintilava como estrelas de Natal sobre a briga feia dos dois. A cadeira era um *fauteuil* de estilista com estofos de seda aos quadrados em tons suaves de verde pálido e braços de nogueira. Cara, claro, como tudo na casa. Ainda a agarrar a jarra de rosas, Allie fitara inexpressiva a porta por onde a sua vida, o seu futuro, a própria razão da sua existência acabara de sair. Ron Perrin já não a amava e ela não sabia o que fazer.

Agora, dirigindo-se para casa pela estrada costeira, continuava a não saber o que fazer e o que contara a Mac Reilly era a verdade. A sua verdade muito privada. Gostava de Reilly. Possuía uma coisa que era rara no seu meio. Integridade. Percebera-o, apesar de o encontro ter sido breve.

Recordando de repente porque fora ter com ele, lançou uma olhadela ao espelho retrovisor. O coração latejou-lhe na garganta. Lá estava ele! O *Chrysler Sebring* preto, o tipo de descapotável pouco caro que os turistas gostavam de alugar, para poderem baixar a capota e apreciar os raios solares da Califórnia, absorvendo o sol e uma quantidade de vapores de combustível, ao mesmo tempo que a brisa marítima. Exceto que os carros dos turistas não tinham vidros fumados, tão escuros que não se conseguia ver o condutor, e este condutor nunca baixava a capota, nunca parava para admirar a vista e nunca a ultrapassava por mais devagar que ela guiasse. Ficava apenas atrás dela, com um par de carros no meio, e esperava para ver o que ela faria a seguir.

Um arrepio de medo correu-lhe pela espinha abaixo. A experiência de ser seguida não era nova. Mas, em geral, as pessoas eram mais insistentes, queriam chegar perto dela, tentar conversar enquanto ela aguardava na fila do Starbucks da zona comercial Country Mart de Malibu pelo seu *cappuccino* com dose dupla de café e leite magro. Claro que já lá não ia, porque os *paparazzi* emboscavam o sítio, as câmaras a postos, querendo apanhar as celebridades nas suas lentes, de preferência a fazerem qualquer coisa inconveniente. Mas, neste caso, a pessoa enviava cartas repletas de ameaças de violência.

Conduziu mais depressa, para a periferia de Santa Monica. Quando chegou a Topanga Canyon, no último segundo cortou rapidamente para a esquerda, por entre o trânsito, para o parque de estacionamento do Reel Inn, um café de praia que servia peixe de muitas variedades e cozinhado de muitas maneiras.

Virou-se para olhar para trás. Como esperara, o condutor do *Sebring* fora apanhado de surpresa e forçado, por causa do tráfego, a continuar. Não se podia fazer inversões de marcha em U na estrada PCH e, portanto, ele não podia voltar para trás senão quando chegasse a Sunset e pudesse virar. Conseguiu escapar-lhe.

Premiu o botão para subir a capota do carro, saiu para a esquerda do parque de estacionamento e depois virou à direita nos semáforos. Ia apanhar a mesma estrada que o *Sebring*, sabendo que passaria por ele na outra faixa quando voltasse à procura dela. Depois, apanharia o Sunset Boulevard, a longa estrada que ia da praia até Bel Air, Beverly Hills, Hollywood e mais além. Marcou o número de Mac Reilly.

– Olá, sou eu, Allie – disse, quando ele atendeu, gostando do som da sua voz forte. Este homem sabia quem era. Só desejava conseguir aprender com ele.

Mac conduzia o carro a caminho do aeroporto. *Pirate* ia sentado a seu lado, a cabeça espetada para fora da janela, as orelhas imperfeitas a ondular, enquanto o assistente de Mac, Roddy Kruger, seguia no banco traseiro, a tentar marcar um novo voo para Roma e a queixar-se da falta de espaço para as pernas. Roddy traria o carro e o cão de volta a Malibu depois de largar Mac.

– Então o que se passa, Allie Ray? – perguntou Mac, reparando que Roddy silenciara de repente à menção do nome famoso.

– Está outra vez atrás de mim. Acabei de despistá-lo no Reel Inn. Vou agora a caminho de casa, pelo Sunset Boulevard.

– *Okay*, não há necessidade de entrar em pânico. – A voz de Mac era calma. – A sua nova «sombra», o homem que contratei, estará à sua espera quando chegar a casa. Guia um *Mustang* preto personalizado e tem uma máquina fotográfica à volta do pescoço, o que lhe dá um aspeto semelhante ao dos *paparazzi*. Tem uns quarenta anos, é completamente careca, usa os vulgares óculos de sol de aviador, uma camisa florida *Tommy Bahama*, calças de ganga, ténis. Um metro e oitenta, em boa forma física, o suficiente

para defrontar qualquer pessoa que apareça. Pode confiar em mim. É cinturão negro de karatê, terceiro Dan, e treinou com as forças especiais israelitas. Também está habituado a organizar vigilância permanente. Não precisa de ter medo, Allie, prometo-lhe. Ele vai descobrir quem anda a segui-la, se é esse homem das cartas ou algum detetive contratado pelo seu marido para a controlar e descobrir quaisquer podres. Não que eu pense que existam – acrescentou em tom descontraído.

– Não – respondeu Allie com brusquidão. – Não existem.

– Fico satisfeito. – Mac sorria. – Torna a vida muito mais fácil, em especial do ponto de vista de um advogado de divórcios.

Pelo canto do olho, Allie entreviu o *Sebring* com os vidros fumados a acelerar na direção oposta. Soltando um suspiro de alívio, perguntou:

– Como se chama?

– O seu guarda-costas? Lev Orenstein. Vai topá-lo logo e, acredite, ele dará por si. Está em boas mãos – acrescentou com suavidade.

– Está bem – retorquiu ela em voz fraca. – Vejo-o então quando regressar de Roma.

– Uma semana. Encontramo-nos mal eu chegue.

– Parto para Cannes alguns dias depois de você chegar. Por favor, não se esqueça de me telefonar.

Estava quase a suplicar, a desejar que ele não se fosse embora, querendo que ficasse perto dela, querendo a força dele. Não se encontrava muitas vezes um homem que compreendia; um homem que escutava; um homem que via para além da fachada. Um homem como Ron fora.

– *Okay*, não se preocupe, telefono e marcamos um dia. Não deixo de pensar em si, Allie.

– E eu em si – sussurrou quando ele desligou.

Ao virar para a sua rua, Allie viu o *Mustang* preto estacionado de forma discreta debaixo de uma árvore do lado oposto ao portão. Sabia que Reilly devia ter informado a equipa de segurança que Lev Orenstein estava ali para a proteger, caso contrário, a ronda tê-lo-ia obrigado a partir. Dois outros veículos passaram com lentidão a bisbilhotar, mas não havia nenhum *Sebring* descapotável e Allie suspirou de alívio. Abrandou ao lado do *Mustang*, baixou o vidro e um tipo alto, magro como um galgo, com os ombros de um jogador de futebol americano e, calculou, se calhar com abdominais bem firmes, saiu e avançou a arrastar os pés na sua direção.

– Minha senhora – disse, numa voz pesada e profunda. – Sou o Lev e estou aqui para a proteger. Mister Reilly já a deve ter informado a meu respeito.

Apoiou um braço, com languidez, no tejadilho do *Mercedes*.

– Sim – retorquiu Allie, esboçando um sorriso. – Estou muito contente por vê-lo, Lev.

– Não se preocupe com nada, minha senhora. Estou aqui para o que for preciso. – Deu um passo atrás, erguendo a mão num gesto de adeus. – É necessário que me avise quando for sair e que me diga para onde vai. Se alguma vez precisar de mim, em casa, ou noutro sítio qualquer, liga para este número. – Passou-lhe um cartão pela janela. – Grave-o no seu telemóvel, guarde-o consigo, memorize-o. É a sua tábua de salvação. O seu elo de ligação.

– Farei isso – prometeu em tom trémulo.

Depois premiu o botão que abria os portões eletrónicos e acelerou pelo caminho direito como uma flecha que conduzia ao mausoléu sem alma de dois mil metros quadrados a que chamava lar.

CLARO QUE SUNNY NÃO ESTAVA À ESPERA DE MAC no aeroporto Fiumicino em Roma, como ele esperara, mas não se deixou desmoralizar. «As mulheres são assim», pensou, a sorrir. Perversas como tudo. Além disso, como era óbvio, devido à sua conversa inesperada com Allie Ray, perdera o voo original e fora forçado a fazer umas quantas ligações via Washington e Nova Iorque para chegar a Roma. Estava atrasado, cansado e com *jet-lag*, mas feliz.

Apanhou um táxi que, após um percurso demorado, o depositou na cidade à porta do venerável Hotel d’Inghilterra, com o seu encantador salão de chá e bar forrado a madeira, onde Ernest Hemingway costumava aparecer, e onde o motorista o aliviou do que pareceram a Mac demasiados euros pela maçada. O paquete carregou-lhe a mala e o empregado da receção informou-o que a Signorina Coto de Alvarez estava a tomar café no Tre Scalini, na Piazza Navona, a pouca distância a pé.

O empregado apontou-lhe a direção certa e Mac deambulou contente pelas estreitas ruas apinhadas. O sol reflectia-se nas ruínas num halo dourado, o ar cheirava a café acabado de fazer e as mulheres romanas muito chiques, sempre determinadas a apresentar uma *bella figura*, pareciam modelos de Armani. Um belo dia em Itália, pensou, satisfeito. Mesmo assim, quando saiu da rua transversal e pisou a vasta extensão da Piazza Navona ficou sem fôlego.

Parou para admirar os edifícios antigos em tons esbatidos de ocre e cor de rosa que rodeavam o terreiro, que, há vários séculos, iniciara a sua vida como estádio e que agora permanecia enterrado sob as pedras da calçada. Os muitos cafés com os seus toldos às riscas estavam cheios de gente e a gloriosa Fonte dos Quatro Rios de Bernini fazia jorrar os seus jatos de água para o ar. Havia turistas por todo o lado a tirarem fotografias e a igreja de Sant’Agnese de Borromini, com cúpula e torreão, frontão e colunas,

dominava tudo.

Mac passou por vários cafés até chegar ao Tre Scalini, perto da grande fonte com uma vista espantosa sobre a igreja e uma vista ainda melhor da sua Sunny, que envergava um vestido verde pálido com um decote que decidiu de imediato ser demasiado aberto para Roma.

Ora Mac sabia que poderia não ser o detetive típico da literatura policial, mas Sunny era um caso diferente. Era com certeza a mulher característica de Raymond Chandler. Cabelo ondulado preto, sedoso e comprido, que emoldurava um rosto em forma de coração, olhos sombreados, de um castanho-âmbar sob sobancelhas em asa; nariz direito perfeito; e a boca vermelha vistosa que todas as heroínas e vilãs de Chandler possuíam. Acrescenta-se a isso um colo delicioso e pernas douradas que nunca mais acabavam e Sunny era uma mulher e pernas.

Estava sentada à sombra do toldo do café, folheando um exemplar da *Vogue* italiana e beberricava um *cappuccino*.

– Quê, nada de pãozinhos doces? – perguntou ele, depositando-lhe um beijo na cabeça escura lustrosa.

– Estás atrasado – queixou-se ela.

Mac suspirou, afundando-se na cadeira em frente.

– Bela maneira de cumprimentar um tipo que acabou de passar dezasseis horas em vários aviões num esforço para vir ter com o amor da sua vida.

E então Sunny ofereceu-lhe o sorriso que lhe iluminava o rosto com a potência de muitos watts.

– Estou contente por teres vindo – disse com simplicidade e inclinou-se para a frente para o beijar.

Tudo estava outra vez bem no mundo deles. Temporariamente, claro, porque era assim que a relação dos dois funcionava.

– Lamento – explicou Sunny –, mas tenho de ir aos estúdios. É uma viagem de táxi um pouco longa, para fora da cidade, por isso é melhor que descanses um pouco e vou ter contigo depois.

– Não te preocupes – retorquiu Mac, esquecendo o *jet-lag*. – Estou a recuperar o fôlego. Vou contigo.

No carro que os levava aos estúdios, fez deslizar o braço pelos ombros de Sunny. Beijou-lhe o cabelo, estendendo a outra mão para o afastar do pescoço, farejando o odor familiar.

– Tive saudades tuas – murmurou. – Temos mesmo de ir aos estúdios?

Não podemos dar meia volta e voltar para o hotel, onde podemos ficar sozinhos?

Sunny fitava, nervosa, a confusão de tráfego que o motorista tentava furar com buzinas fortes e manobras rápidas para o lado que pareciam típicas da condução em Roma.

– Estás a esquecer que estou aqui em trabalho – recordou-lhe.

Mac examinou-lhe o perfil encantador.

– Tens razão – admitiu. – Achava que estava aqui com a minha namorada para desfrutar a beleza de Roma, saborear o belo vinho tinto e a comida maravilhosa, explorar as ruínas antigas...

Ela virou um pouco a cabeça para olhar para ele. Um sorriso repuxou-lhe os cantos da boca bonita.

– É mesmo por isso que aqui estás?

Ele encolheu os ombros.

– Por que outra razão, querida?

Sunny deslizou-lhe para os braços e começou a beijá-lo. Como devia ser, daquela vez. Nada daqueles beijos indiferentes. Beijos a sério, como duas pessoas que se amam.

Quinze minutos depois, quando atravessaram os portões dos estúdios Cinecittà, Sunny retocou, rápida, o batom e penteou o cabelo.

– Estou bem? – perguntou.

Os olhos de Mac cintilaram, ardentes de amor. Sunny estava afogueada e resplandecente, uma mulher pronta para fazer amor e não tinha um aspeto nada profissional.

– Estás linda.

Os estúdios Cinecittà eram famosos pelos anos que tinham levado a filmar *Cleópatra*, o épico com Taylor e Burton no início dos anos sessenta, e pelo romance amoroso, ainda mais famoso, entre as duas estrelas de cinema. Hoje, eram sobretudo usados para filmes mais pequenos, embora muitos dos velhos *sets* de filmagem ainda permanecessem de pé.

O cliente de Sunny, um ator jovem chamado Eddie Grimes, fazia um filme de ficção científica produzido pelo ilustre Renato Manzini, que, achava Mac, podia com facilidade ter sido feito em qualquer sítio do planeta. Porém, admitia que Roma era um sítio tão bom como Hollywood, ou Marte, para fazer um filme de ficção científica e os *sets* eram com certeza espantosos.

Porém, o *jet-lag* estava a causar estragos. Engoliu um par de cafés expressos para se aguentar, recostado numa cadeira à sombra, enquanto Sunny conversava com Eddie, escrevinhando no bloco-notas que trazia sempre consigo.

Adormeceu no táxi de volta ao hotel, apoiou-se nela, meio entorpecido, quando o elevador minúsculo os transportou com lentidão para cima. No quarto, nem se deu ao trabalho de se queixar das roupas de Sunny espalhadas por todo o lado. Tomou um duche rápido, afundou-se na cama e caiu de imediato num abismo negro de sono.

«Lá se vai o romantismo», pensou Sunny com ternura, observando-o. No entanto, a coisa funcionou algumas horas mais tarde. Esticou o comprido corpo nu contra o dele, a mão de Mac estendeu-se para ela e virou o rosto, aspirando-lhe o odor, a boca à procura da dela.

– Foi por isto – sussurrou, os braços a apertarem-na muito – que vim para Roma. Não posso passar sem ti, Sunny.

O ASSISTENTE DE MAC, Roddy Kruger, de trinta e cinco anos, cabelo curto de um louro oxigenado, bem-parecido, *gay* e muito popular, encontrava-se na casa de Malibu como *babysitter* de *Pirate*. Estava sentado no deque, numa velha espreguiçadeira metálica do Wal-Mart, mais ou menos em harmonia com o resto da mobília da casa de Mac, com uma *Coca-Cola Diet* na mão e a secção desportiva do *L. A. Times* na outra.

De vez em quando erguia os olhos do jornal para inspecionar a casa de Perrin mais abaixo na praia. Mac informara-o sobre os acontecimentos e encarregara-o do caso de Allie Ray, embora «caso» não fosse propriamente o termo correto para a questão de descobrir quem a andava a seguir, e a questão do autor das cartas anónimas constituísse um problema maior. Allie enviara a Mac algumas das cartas e não tinham ficado nada satisfeitos com elas. Mesmo assim, Roddy era fã de longa data da atriz e pensar que trabalhava para a estrela de cinema provocava-lhe nítida agitação. No entanto, não se registava qualquer atividade na casa de Perrin, por isso voltou ao seu jornal.

Meia hora depois, lançou uma olhadela ao relógio de mergulhador revestido a borracha de um azul-claro, à prova de água até uma profundidade de noventa metros, que Mac lhe oferecera no Natal. Parecia uma coisa de pouco valor, mas sabia que custara uma pequena fortuna e, uma vez que era um surfista insaciável, adorava-o. Estava na hora de lavar o *Prius*. Aquelas malditas gaiivotas estavam constantemente a sobrevoá-lo e os seus excrementos podiam dar cabo da pintura de um carro num instante. Duas vezes por dia, tinham sido as instruções de Mac, e Roddy era consciencioso porque sabia que Mac gostava imenso do seu carro personalizado. Ainda mais do que do *Dodge Ram* preto que tivera o mesmo tratamento e que fora a sua paixão anterior, mas, agora, como a maior parte dos habitantes de Hollywood, Mac e Sunny eram entusiastas da ecologia.

Malibu Colony podia ser um subúrbio de praia que virara rico, mas ainda guardava o encanto de outros tempos. Todas as casas tinham um estilo diferente, desde as tradicionais cercas de estacas até às de betão moderno. Os cabos telefónicos e de outros serviços ainda pendiam desalinhados ao longo da única rua, inalterados desde os anos quarenta, e, em geral, viam-se vários carros a ser lavados, só que agora eram os tipos da segurança que davam aos *Mercedes* e aos *Porsches* o tratamento VIP. As crianças andavam de patins e as empregadas de uniforme passeavam os cães, parando para conversar com os jardineiros mexicanos que mantinham as minúsculas faixas de relvado caro e as rosas *floribunda* num estado imaculado. Passavam pessoas a correr, tão suadas como quaisquer outras pessoas que fizessem desporto, apesar de serem estrelas de cinema ou apenas muito ricas, e as carrinhas de entrega de flores ou mercearias transpunham aos solavancos e devagar as lombas redutoras de velocidade. Era como qualquer outro subúrbio de luxo americano.

Roddy levou um balde de água e um pano de camurça para a rua e lavou os últimos excrementos das gaivotas, amaldiçoando baixinho as aves. *Pirate* sentou-se a seu lado, com a esperança de ir dar uma volta, mas naquele dia não teria sorte. Roddy secou o carro com papel de cozinha, puxou-lhe o lustro com rapidez, despejou o balde no cano de esgoto e depois verificou a porta do carro. Como calculara, estava aberta. Suspirou. Mac nunca trancava o carro nem a casa. «Que vizinho me vai roubar o *Prius*?», perguntava com um sorriso e Roddy supunha que tinha razão. Mesmo assim, examinou o interior para se assegurar que estava tudo bem.

Passou a palma da mão, aprovador, pela pele preta feita por encomenda, abriu o porta-luvas e ofegou espantado.

Estava a olhar para uma pistola *Sigma.40*. Ora, Roddy sabia que Mac nunca andava com uma arma a não ser que se dirigisse para território perigoso e com certeza que nunca a deixaria no carro. E, tanto quanto Roddy sabia, a única arma de Mac era uma *Glock* semiautomática. Nunca o vira com uma *Sigma.40*. Nunca.

Roddy colocou o pano sobre a arma, fê-la deslizar do porta-luvas, enfiou-a no balde vazio e levou-o outra vez para casa.

Em Roma, Sunny, deitada de costas, fitava o teto, com um sorriso feliz

estampado no rosto, de mãos dadas com Mac, quando o telefone tocou. Gemendo, estendeu o braço para o agarrar.

– *Pronto* – disse à moda italiana. – Oh, olá, Roddy, como estás? Ótimo. Sim, fantástica. É maravilhoso. Sim, Mac está aqui, vou passar-lhe.

Estendeu o aparelho a Mac e soergueu-se num cotovelo, a observá-lo.

– Olá, Rod – saudou Mac em tom preguiçoso.

Sunny viu-o franzir o sobrolho. O que teria sucedido?

– *Okay*. Sei de onde veio a arma. A menina anjo travesso. Embrulha-a no pano de camurça e deixa-a no balde debaixo do lava-loiça. É tão seguro como outro sítio qualquer, até eu conseguir devolvê-la. Mulher astuta – comentou para Sunny depois de se despedir de Roddy. – Livrar-se da arma no meu carro. Pergunto-me por que razão o terá feito.

Sunny levantou-se. Vestiu um roupão branco do hotel, foi buscar uma garrafa de água ao minibar e voltou a subir para a cama. Sem maquilhagem e com o cabelo escuro comprido em desordem, Mac pensou que nunca parecera mais adorável.

– Porque estarei com a sensação que não sei *tudo*? – perguntou, lançando-lhe o olhar penetrante cor de âmbar e de pestanas compridas que Mac sabia significar que estava a falar muito a sério.

– Ia falar-te dela, mas distraíram-me.

Sunny sorriu-lhe com indulgência, inclinou a garrafa e bebeu um gole de água.

– É melhor contares-me agora. E vê lá se me contas *tudo*.

Mac levantou-se da cama.

– Nem sequer posso tomar um duche primeiro?

Ela abanou a cabeça.

– Depois.

– Está bem. Então cá vai o que aconteceu.

E contou-lhe a cena do anjo travesso, a visita a Perrin e o caso da famosa Allie Ray Perrin que lhe aparecera à porta.

– A questão é que ambos os Perrin acreditam que andam a ser seguidos. Allie nega que o tenha mandado seguir e ele diz a mesma coisa. Ou alguém está a mentir, ou então passa-se qualquer outra coisa. E poderá ter a ver com a ruiva da pistola.

– A menina anjo travesso – retorquiu Sunny. – Aposto que é deslumbrante.

– Mas não tão deslumbrante como a famosa Allie.

– Deixo-te sozinho durante dois dias – suspirou Sunny – e olha lá o que arranjas. Todas essas mulheres belas atrás de ti.

– Não propriamente – respondeu Mac com um sorriso de falsa modéstia. Sunny pegou numa almofada e bateu-lhe na cabeça com ela.

– Não, não – gemeu ele, afastando-se das penas. – Mais não. Preciso de tomar um duche.

Ela agarrou-lhe na mão.

– Conheço algumas brincadeirinhas para duche. Oh, e a propósito, espero que não tenhas esquecido que me vais levar a jantar fora hoje.

– Certo. – Mac estivera a pensar pedir o jantar para o quarto e dormir cedo, mas uma promessa era uma promessa.

– Vamos ao Alvaro – explicou Sunny a sorrir. – Só o melhor para a tua namorada. Lembras-te?

SUNNY ESTAVA TODA ELEGANTE num curto vestido caro de *chiffon* preto de uma das butiques famosas de Roma, que se colava aos sítios que devia e lhe ondulava à volta dos joelhos de forma muito feminina. Usava sapatos pretos pontiagudos de salto muito alto e o perfume *Mitsouko* da *Guerlain*. Aplicou o batom *Rouge*, da *Dior*, de um vermelho brilhante convincente e depois juntou os lábios para o alisar.

Os vestidos que experimentara e rejeitara atulhavam a cama e a casa de banho estava inundada de espuma do banho e do champô. No final de contas, era preciso um grande esforço para uma mulher se apresentar com o seu melhor aspeto. Não tinha a certeza se Mac já o percebera, mas era na realidade uma rapariga muito feminina.

Bem, cá estava ela então no seu vestido novo de *chiffon* preto, que custara os olhos da cara e que, contemplando-se ao espelho, pensou que valia todos os cêntimos gastos. Usava pequenas argolas de diamante nas orelhas e uma mão esquerda, que primava pela falta de qualquer tipo de anel, fosse de diamantes ou de ouro, grande ou pequeno.

Nessa noite, planeava usar a mão esquerda de forma acentuada, exibindo a sua nudez em frente de Mac, que, de forma típica, provavelmente nem sequer repararia na sua manicura perfeita, muito menos que era o seu dedo de noivado. E que estava vazio.

Após alguma dose de persuasão, Mac abandonara temporariamente as suas *T-shirts* favoritas a favor de uma camisa de linho branca, aberta no pescoço e sem gravata porque não suportava andar todo abotoado. O casaco de cabedal preto de *Dolce & Gabbana* era uma concessão ao belo vestido de Sunny e ao facto de ela lhe ter dito que os italianos chiques se reuniam no restaurante que escolhera pelo ambiente autêntico e pela comida fantástica. Além disso, ficava apenas a dois quarteirões do hotel, por isso não era preciso aborrecerem-se a tentar descobrir um desses táxis romanos

esquivos e horripelantemente caros, cujos motoristas, aprendera Sunny à sua própria custa, pediam, de forma invariável, o equivalente a quarenta dólares apesar de se tratar apenas de uma distância curtíssima.

– Pronto? – Os olhos de Mac sorriram-lhe. Puxou-a para ele e enterrou o rosto no seu cabelo perfumado. – Porque não telefonamos simplesmente para o serviço de quartos? – sussurrou, mordiscando-lhe o lóbulo da orelha.

Sunny empurrou-o, a rir-se.

– Porque quero exibir o meu namorado. Pões a um canto a fina-flor dos homens de Roma, amor.

– Tu também – retorquiu, com sinceridade. – Nunca te vi tão bela.

Para sua surpresa, Sunny sentiu que corava. Mac não era dado a cumprimentos. Era o tipo de homem que assumia que ela sabia que adorava a forma como ela se apresentava. Talvez soubesse. Mesmo assim, era bom ouvi-lo dizer aquilo.

De braço dado, desceram na pequena gaiola do elevador e depois subiram a Via Bocca di Leone, assim denominada por causa da bonita fonte com o leão na pequena *piazza*.

O restaurante tinha paredes de um amarelo-nicotina com vigas antigas enegrecidas no teto e toalhas de mesa brancas com ramos sumptuosos de flores escarlates. Era elegante, de forma desusada, e estava repleto de uma gente chique, que o frequentava pela comida e pelo «ambiente». A mesa deles ficava junto à parede perto do centro e instalaram-se, satisfeitos com o lugar e um com o outro. Um minúsculo candeeiro com quebra-luz cor de âmbar iluminava o rosto de Sunny por baixo, transformando-a numa versão latina de uma Vénus de Botticelli. Mac estendeu a mão para a dela. A do anel de noivado.

– Amo-te, Sonora Sky Coto de Alvarez – sussurrou.

E, levando-lhe a mão aos lábios, virou-a com a palma para cima, beijou-a e depois fechou-lhe os dedos à volta do beijo.

Era um gesto tão íntimo que Sunny sentiu, como reação, um pequeno arrepio na boca do estômago.

– Também te amo, Mac – sussurrou, mergulhando os olhos nos dele.

Mas nessa altura o empregado quebrou a magia, pormenorizando, cheio de importância, os pratos especiais do dia.

– Vamos partilhar uma pequena *pizza Margherita* para começar – disse Sunny, toda a cintilar de amor pelo seu homem. – Só para acompanhar o

primeiro copo de vinho.

– Porém, sem anchovas – pediu Mac, recordando-se que ela as detestava.

Sunny sorriu. Era uma grande concessão da parte de Mac, porque sabia que ele adorava anchovas.

Mac estudou com cuidado a lista dos vinhos, escolhendo por fim um *Montepulciano*. Quando a garrafa chegou, o empregado serviu um pouco, Mac fez girar o vinho no copo, aspirou o aroma e provou. Sunny gostava de vinho, mas Mac era um apreciador. Viu que o rosto se iluminava e acenou com a cabeça para o empregado.

– Bom – decretou. – Excelente, de facto.

Bateram os copos e fizeram, com os olhos, um brinde um ao outro. Não havia necessidade de palavras. Ia ser, sabia Sunny, uma das melhores noites da sua vida. Ali em Roma, com o seu namorado, que acabara de lhe dizer que a amava.

– Estou contente por me teres convidado a vir até Roma – disse Mac, bebericando o vinho e mordiscando uma fatia da pequena *pizza* sem anchovas.

– Tem piada, pensei que te tinhas feito convidado – retorquiu Sunny.

Mas, para sua surpresa, percebeu que Mac já não a ouvia. Estava a observar qualquer coisa por cima do seu ombro. Virou-se e seguiu-lhe o olhar até à porta.

– Ora, ora. Olhem só para aquilo – exclamou Mac, parecendo estupefacto.

Sunny fitou o casal que se encontrava na entrada. Era impossível não reparar neles. Ou pelo menos *nela*. Uma ruiva, pelo braço de um homem meio calvo e rechonchudo. Não havia nada discreto nesta mulher. Alta, com seios que desafiavam a gravidade, a cintura mais fina do que a de Scarlett O'Hara depois de Mammy lhe apertar o espartilho, umas pernas que nunca mais acabavam. Vinha espetacular com um vestido de seda branco que não deixava nenhuma curva por tornear. Sunny viu de relance o anel da ruiva. De *relance*? Quase a ofuscou. Um diamante amarelo que devia valer uns dez carates. *E* estava no seu dedo de noivado.

– Conta – exclamou zangada, virando-se para Mac, mas este já se levantara.

– Dá-me licença por um minuto – pediu e, para espanto de Sunny, encaminhou-se para a ruiva e estendeu a mão. – Olá – proferiu, cumprimentando o anjo travesso. – Prazer em vê-la outra vez. Chamo-me

Mac Reilly. A última vez que nos encontramos foi em Malibu. Recordar-se?

O rosto da ruiva empalideceu. A mão parecia de veludo gelado na dele.

– Oh, como está? – disse, com a voz aspirada e aguda que Mac recordava quando pedira desculpa depois de ter disparado contra ele.

– Bem, obrigado. Já melhorei das nódoas negras que arranjei quando tropecei no seu deque na outra noite.

– Oh, não era o *meu* deque. – A voz apagou-se, hesitante.

– Creio que tenho uma coisa sua – continuou Mac, ainda a sorrir. – Deixou-a no meu carro.

– Oh, creio que não – retorquiu demasiado depressa. – Não dei pela falta de nada.

O rechonchudo tossiu discretamente e a ruiva virou os olhos verdes assustados de Mac para ele.

– Oh, Renato. Apresento-te Mac Reilly. Mac, apresento-lhe Renato Manzini. O meu produtor – acrescentou, caso Mac pudesse pensar outra coisa qualquer sobre o seu relacionamento.

Os dois homens apertaram as mãos. O corpulento colocou um braço possessivo à volta da cintura da ruiva.

– A nossa mesa está pronta, *carina* – disse, já a afastá-la.

Ela lançou um olhar de desculpa a Mac.

– Prazer em vê-lo de novo – afirmou.

Sunny tinha os olhos arregalados quando Mac regressou à mesa.

– Era ela, não era? – perguntou.

– Era. – Bebeu um gole de vinho e atacou um prato de *antipasto* que teria dado para quatro pessoas.

Sunny fitou a sua floresta de pequenas alcachofras grelhadas, perplexa.

– Como podes ficar aí a comer quando a mulher que te tentou matar está ali a três mesas de distância?

– Conte-te que pedi desculpa. Que tinha sido um engano. – Mastigou a tarte cremosa de beringelas como se não tivesse outra preocupação no mundo.

– É melhor teres cuidado com a barriga – avisou Sunny.

Mac levantou os olhos, as sobrancelhas erguidas.

– Tu é que andas a comer os pãezinhos doces. Dois de cada vez, contaste-me. – Retraiu-se quando o sapato preto de salto alto, *Christian Louboutin* e *molto* caro, lhe acertou na canela.

– Então, qual é a história dela? – perguntou Sunny impaciente.

– Está com Renato Manzini, o seu «produtor». E também, creio que o mencionaste, produtor do teu cliente Eddie. Ainda não sei como ela se chama.

– Isso é fácil – retorquiu Sunny, puxando do telemóvel. – Telefono a Eddie e descubro já.

Encaminhou-se lá para fora para fazer a chamada e Mac observou-a, sorrindo com o ligeiro menear do seu traseiro perfeito. Era desinibido, perfeitamente natural e belo. Voltou num instante.

– Chama-se Marisa Mayne – disse, instalando-se na cadeira. – Eddie tem-na visto em Hollywood. É tipo uma rapariga que gosta de farra, sempre nos clubes, sempre à caça. Contou-me que tem um papel de figurante no filme de ficção científica e que tem um aspeto sensacional, com as pernas bronzeadas à mostra e uma armadura prateada, com uma máscara prateada completa, com orelhas pontiagudas à Spock e tudo. Também, ao que parece, por insistência de Renato Manzini, deram-lhe algumas frases para dizer. Eddie não sabe onde está hospedada, mas presume, pois parecem ser muito íntimos, que está com Manzini. Na opinião dele, é apenas uma rapariga que está a usar os seus atributos para progredir no mundo do cinema. E – acrescentou Sunny, pensativa –, a avaliar por aquele diamante amarelo colossal no dedo do noivado, creio que poderá estar a ter sucesso.

Mac beberricou o vinho.

– Obrigado, querida. O que faria sem ti?

– Sobreviverias.

Fitou-lhe o olhar descontraído, cor de âmbar.

– Não, não creio que conseguisse – replicou, deixando Sunny sem fôlego, mas nessa altura chegou o empregado com o *fettuccini* de lagosta e interrompeu o momento.

O jantar era delicioso e o vinho tornou-se mais magnífico à medida que a noite avançava. Iam na sobremesa, o *dolce* chamou-lhe o empregado, fazendo-os soltar uma risadinha, e num copo de *vin santo*, quando Marisa Mayne se ergueu para sair. Parou na mesa deles.

– Gostei muito de o ver outra vez, Mac – disse, oferecendo-lhe a mão, como se fossem velhos amigos.

Mac apertou-a, acenando com descontração para Renato Manzini que os fitava carrancudo da porta, à espera dela.

– Temos de falar – sussurrou Marisa, com premência. – Telefone-me. *Por favor*, é importante. – Depois, com um sorriso rápido de desculpa para Sunny, foi-se embora.

Mac esperou que o casal partisse. Abriu a mão e deixou cair o pedaço de papel que Marisa lhe escondera na palma. Nele encontrava-se escrito um número de telefone.

– Ela não está a brincar – comentou, pensativo. – E, desta vez, creio que poderá estar metida em problemas sérios.

NA MANHÃ SEGUINTE NO HOTEL, o pequeno-almoço foi um festim calmo e vagaroso de café interminável, pãezinhos doces e migalhas na cama, sobre a qual Sunny e Mac fizeram amor. Marisa Mayne foi temporariamente esquecida e ainda estavam enrolados nos braços um do outro ao meio-dia quando Mac disse:

– Ouve, Roma inteira está lá fora. Porque estamos aqui deitados?

– Porque isto é mais divertido. – Sunny atirou o comprido cabelo despenteado para trás e aninhou-se no ombro dele.

– Espera um segundo. – Ergueu-lhe o queixo, esfregando o nariz contra o dela, como fazem os amantes ridículos. – Temos de trabalhar.

– O anjo travesso – suspirou ela.

– Pois.

Mac afastou-a dele e estendeu a mão para o papel com o número de Marisa. Agarrou o telefone e marcou-o.

Ela atendeu logo.

– Oh, graças a Deus que é você – exclamou, parecendo tensa.

– Então o que posso fazer por si, Marisa Mayne? – perguntou Mac.

– Precisamos de falar. Por favor, pode encontrar-se comigo, num sítio... num sítio *anónimo*. Sabe o que quero dizer.

– Quer dizer num sítio onde ninguém a reconheça e ninguém a veja a falar comigo?

Desta vez, Marisa suspirou.

– É tão compreensivo. Mas não conheço nada de Roma, por isso diga-me onde poderemos encontrar-nos?

Mac olhou para Sunny, articulando com os lábios «Onde?».

– No Tazza d'Oro – respondeu. – Um bar na Piazza della Rotunda.

Mac repetiu-o a Marisa e combinaram encontrar-se dali a uma hora.

– É melhor levantar-se, Miss Coto de Alvarez – disse, puxando-a pelos

pés ao longo da cama.

Agarrou-a pelos ombros, ergueu-a e ela enrolou-lhe as pernas compridas à volta da cintura.

– Duche? – sugeriu ele.

– Claro.

A esplanada sombreada de guarda-sóis do Tazza d'Oro estava bastante concorrida com italianos a engolirem cafés expresso tão densos que Sunny sabia que deviam escorrer diretamente para as veias, reanimando-os de forma a conseguirem enfrentar o resto do dia. Era fácil detetar os turistas, porque bebiam *cappuccino*, algo que os italianos só tomavam ao pequeno-almoço. Prendera o cabelo num rabo-de-cavalo lustroso e envergava uma camisa branca e uma saia curta branca, com o batom vermelho da praxe. Tinha dois batons favoritos: o que usava de dia era de um vermelho puro e o da noite tinha um toque de azul, tornando-o mais opulento. O sol brilhava, o ar era quente na sua pele e a mão de Mac fresca na sua. A cúpula gloriosa do panteão parecia flutuar em direção ao céu azul salpicado de nuvens e visitantes fatigados descansavam no imponente lanço de degraus de mármore que conduzia ao pórtico amplo sustentado por colunas.

– O panteão foi construído pelo imperador Adriano entre cento e dezoito e cento e vinte e cinco depois de Cristo – explicou a Mac quando se instalaram numa mesa à sombra.

– É muito antigo. – Com um gesto, chamou um empregado.

– E foi erigido sobre um outro templo, ainda mais antigo, construído por Marcus Agrippa. Os reis italianos estão sepultados aqui – acrescentou, pois fizera o seu trabalho de casa. – Tal como o túmulo de Rafael.

– Quero ver tudo – observou Mac. – Mas, primeiro, o trabalho e uma cerveja *Peroni* fria. O que tomas, querida?

Sunny soltou um suspiro exagerado face à indiferença crassa dele por um dos monumentos históricos mais importantes de Roma.

– Limonada.

Mac fez o pedido ao empregado, olhando em volta para ver se via Marisa, mas ainda não havia sinal dela.

– Espera aí um minuto. – Sunny tirou os óculos de sol e inclinou-se para a frente, espreitando através da praça apinhada. – Só existe aqui uma mulher

com um corpo como aquele.

Mac lançou outro olhar à mulher com o chapéu de palha mole enterrado na cabeça. Usava grandes óculos escuros, calças de ganga, botas de cobói e uma camisa de linho vermelho larga que disfarçava mal os seus atributos. Era mesmo Marisa. Levantou-se e fez-lhe um aceno.

– Oh, graças a Deus que veio – disse, sentando-se rapidamente. – Estou tão preocupada.

– Está bem, diga-me só o que quer beber?

– Oh? *Campari* com soda, por favor.

Sunny ficou surpreendida por Marisa já agir como uma italiana, pedindo uma bebida usual em Roma. Era óbvio que a mulher se adaptava com facilidade.

– Olá. – Inclinou-se por cima da mesa para lhe apertar a mão. – Chamo-me Sunny Alvarez.

– Prazer em conhecê-la.

Marisa sacudiu-lhe a mão com brevidade e Sunny pensou que, para um dia quente, a mão dela estava excecionalmente fria. Devia estar mesmo assustada.

– Devem estar a pensar quem sou – disse Marisa para Mac, engolindo o *Campari* com soda como se fosse *Coca-Cola Diet*.

– Bem, mais ou menos. Quero dizer, pelo menos agora sabemos o seu nome.

Marisa tirou os óculos escuros e inspirou fundo.

– Sou a noiva de Ronnie Perrin.

Estendeu a mão esquerda com o colossal diamante amarelo-canário. A pedra refletiu a luz e Sunny voltou a colocar apressadamente os seus óculos de sol.

– Vi-o na montra de Harry Winston, em Nova Iorque, e gostei dele, por isso Ronnie comprou-o para mim. Mas tenho de manter o nosso noivado muito em segredo até depois do divórcio. Vai divorciar-se de Allie Ray, sabem? – Lançou-lhes um olhar inquiridor e ambos assentiram. – Bem, quando o divórcio for decretado, serei a próxima Mistress Perrin.

Sorriu-lhes radiante e Sunny pensou que era muito atraente com os seus olhos verdes e a boca *sexy*. Não admirava que Perrin se tivesse apaixonado por ela. Mas teria mesmo?

– Como se conheceram? – perguntou, bebendo um gole da sua limonada.

– Num *chat* da internet – respondeu Marisa, surpreendendo-a. – Podemos visitar as pessoas *on-line*, perguntar quem são, o que fazem, ficarmos a conhecer-nos antes mesmo de nos encontrarmos. Apaixonei-me por Ronnie antes de saber quem era – acrescentou na defensiva. – O facto de ser rico foi uma boa surpresa. E Ronnie disse que o facto de eu ser tão *sexy* também fora uma boa surpresa. Ele adora a internet, diz que nunca se sabe quem se pode conhecer.

Encolheu os ombros, fitando a sua bebida rosada.

– O único problema é que nunca podemos ser vistos em público. Nunca saímos juntos. Eu vou à casa de Malibu, ele deu-me uma chave. Ou, então, ele vem a minha casa no Valley, na realidade nos subúrbios, onde, de qualquer maneira, ninguém sabe quem é Ron Perrin. Para eles, é apenas um tipo numa *Harley* gira.

Sendo uma rapariga *Harley*, Sunny mostrou-se interessada.

– Qual é a moto que ele tem?

– Oh, tem duas, mas a favorita é aquela muito antiga, não uma *Harley*, a outra, a primeira... como se chama?

Sunny soltou uma exclamação invejosa.

– A *Indian*.

– Pois, é isso. Um homem como Ronnie pode ter tudo o que quiser. Incluindo mulheres – acrescentou Marisa, com alguma amargura.

– Então naquela noite estava sozinha na casa de Malibu? – instigou-a Mac.

Marisa assentiu, fazendo esvoaçar a aba mole do chapéu de palha.

– No entanto, não foi bem o que pareceu. – Hesitou, com as sobrancelhas um pouco franzidas, obviamente a pensar. – Já conhece o sócio de Ronnie, Sam Demarco?

– Não tive esse prazer.

– Hum – disse, parecendo indecisa. – Bem, Demarco contou-me que Ronnie pensava que estava a ser seguido. Disse que Ronnie estava muito preocupado, com receio que algum louco fosse disparar contra ele, ou então que fosse Allie Ray em pé de guerra. Ou talvez o FBI a vigiá-lo. Falei a Ron do assunto, mas ele não deu importância. Eu queria que ele arranjasse um guarda-costas, mas ele disse que isso só o faria parecer um homem culpado.

– E é? Culpado?

Os olhos de Marisa cintilaram de fúria quando fitou Mac, carrancuda.

– Por que motivo toda a gente pensa que só porque alguém é rico tem de ter feito alguma coisa errada? Não é justo.

– Está bem – concordou Mac suavemente.

E depois Marisa surpreendeu-os ao dizer:

– Ron gosta, tipo, de ser... dominado, sabem.

Mac recordou a expressão dos olhos de Perrin, como um cachorrinho castigado.

– *Okay*, então é a mulher dominadora e ele o submisso.

– Mais ou menos isso, sim – admitiu. – Mas na realidade detesto magoá-lo, sabem, tento ser o mais suave possível e...

– Ainda assim, obter o resultado pretendido – ajudou Sunny.

Marisa inclinou a cabeça.

– Não é o meu género. Mas, sabem, como sou atriz, posso desempenhar qualquer papel.

Observando-a, Sunny perguntou-se por que razão, se era assim tão boa atriz, conseguia perceber que Marisa mentia.

Marisa sorveu um grande gole do *Campari* amargo, estremecendo quando engoliu.

– Detesto isto – declarou –, mas toda a gente aqui bebe esta bebida.

– Então o que aconteceu naquela noite? – perguntou Mac.

– Ronnie tinha uma reunião e eu estava sozinha em casa. Fui lá para cima esperar por ele. Tinha a televisão ligada, mas conseguia ouvir a rebentação na areia, lá fora. Tinha uma garrafa de champanhe no frigorífico à espera, como sempre fazia. Depois, Ronnie telefonou, disse que estava atrasado, voltaria dentro de uma hora. Foi aí que ouvi o barulho lá em baixo. Pensei, não, estou a imaginar coisas, são só as ondas a bater nas rochas, maré alta ou algo do género. Bem, baixei o som da televisão e escutei. Ouvi outra vez o barulho. Um passo. – Estremeceu. – Sabem como são aqueles pavimentos, são de uma espécie de betão afagado e envernizado até que brilha, mas são duros como tudo e nada consegue insonorizá-los. Naquela casa consegue-se ouvir uma pétala de rosa a cair. Eram mesmo passos. Alguém andava lá em baixo, a abrir coisas. *E eu estava sozinha*. Tive tanto medo que tirei a pistola de Ronnie da gaveta da mesinha de cabeceira. Fui em silêncio até ao topo das escadas e espreitei lá para baixo.

Parou com um estremecimento, que, desta vez, lhe fez tremer o corpo todo. Era óbvio que se sentia aterrorizada com a recordação.

– Caramba, Mister Reilly, Mac, só lhe digo, o meu coração martelava como o raio de um motor. Mas sempre pensara que numa aflição, numa situação como aquela, se fosse uma questão de sobrevivência «ou ele ou eu», seria eu. Continuava a não ver ninguém, por isso desci as escadas com muito cuidado. Chegara ao fundo e olhava em volta nas trevas quando alguém me agarrou. Gritei e ele empurrou-me para o chão. Deixei cair a arma e pensei: «Oh, merda, agora é que é...» Estava de cara no chão, às apalpadelas frenéticas à procura da arma. Quando a encontrei, pus-me de pé, mas o homem já desaparecera.

Olhou para Mac.

– E depois apareceu você na janela. Pensei que era ele, que voltara... Não o reconheci até ter disparado contra si. E agora só quero dizer que lamento muito.

Mac sorriu.

– Não faz mal, já aconteceu antes e nunca recebi qualquer pedido de desculpa.

– Fiquei aterrorizada a julgar que o ferira. Pensei que fosse chamar a polícia e isso seria o fim para Ronnie e para mim. Por isso saí dali o mais depressa que consegui. Nem parei para pensar, exceto na arma. Sabia que não a podia lá deixar, caso a polícia aparecesse, por isso limpei-a no meu roupão, para que não houvesse impressões digitais, sabe. E depois larguei-a no seu carro. Sabia que o automóvel híbrido vermelho era seu, já o vira passar e estava sempre estacionado na rua à porta da sua casa. Bem, foi o que fiz e depois esperei por Ronnie.

– Mas, diga-me – pediu Mac –, porque não chamou a polícia?

– A polícia não. Ronnie não teria gostado.

Mac recordou Perrin a declarar com veemência «Nada de polícia».

– Então o que sucedeu a seguir? – perguntou. – Quando Perrin voltou para casa?

– Eu já lhe telefonara, contara-lhe o que acontecera. Ele concordou que era melhor não dizer nada. Mas percebi que ficara assustado. Disse que devia ser o tipo que o andava a seguir, que devia ser algum louco que queria matá-lo.

– O que aconteceu à teoria do FBI?

– Isso também. Para dizer a verdade, Mac, foi uma situação muito paranoica. E o facto de você ter aparecido não ajudou nada as coisas.

– Muito obrigado – retorquiu Mac. – Hei-de lembrar-me disso da próxima vez que ouvir uma mulher gritar.

– Não foi isso que quis dizer. Verdade que não foi. – Desviou o olhar, embaraçada. – Só que Ronnie estava metido em apuros e eu não sabia como ajudá-lo. Depois do incidente com a arma, disse que eu tinha de sair imediatamente do país. Ronnie não se podia dar ao luxo de outro escândalo, depois daquele divórcio e... bem, sabem, do caso no tribunal por causa do desvio de fundos. E, estando eu fora de circulação, ninguém me poderia fazer perguntas. Telefonou a Demarco e disse-lhe para «tratar de mim». Queria dizer «livrar-se de mim». Percebi isso. Bem, Demarco ligou a Renato Manzini para Roma, disse-lhe que me ia pôr no avião e, para tornar as coisas um pouco mais autênticas, que ele me devia oferecer um pequeno papel no filme. Demarco alugou um avião privado e levou-me para Roma naquela noite. Disse a Renato para me hospedar no Hotel Eden e para cuidar de mim. E Ronnie disse que vinha ter comigo dentro de uns dois dias.

– E? – Sunny estava suspensa das palavras dela.

O rosto de Marisa ensombrou-se.

– Nem sequer telefonou. Ainda estou à espera dele no hotel. Mas agora Renato arranjou-me um apartamento. Mudo para lá amanhã. Está aqui o endereço e o número de telefone. Já tem o meu número do telemóvel. – Estendeu a Mac um pedaço de papel com a informação. – Não me atrevo a telefonar a Ronnie, porque ele disse para não o fazer, pois pode haver escutas nas linhas. – Olhou, com ar desamparado, para eles. – Mas ele simplesmente nunca mais apareceu.

– Onde pensa que esteja?

Marisa abanou a cabeça, fazendo esvoaçar de novo o chapéu de palha mole.

– Não sei. Será que me abandonou, ou qualquer coisa assim? – Rodou o enorme anel no dedo, nervosa. – Quer dizer, um tipo deve contar à noiva se há algum problema. Não que houvesse. Éramos muito felizes. Eu sabia do que ele gostava e ele sabia do que eu gostava. – Lançou a Sunny um olhar eloquente. – Sabe do que estou a falar.

Suspirou outra vez.

– Não faz qualquer sentido. E é por isso que estou preocupada com ele. Alguém andava a segui-lo. Alguém entrou na casa dele. Contou-me que alguém queria matá-lo. E agora tenho medo que talvez tenha mesmo

acontecido. E a verdade é essa.

– E o que quer que faça? – perguntou Mac.

– Preciso que encontre Ronnie. Quero saber se está vivo. Diga-lhe que ainda aqui estou, à espera dele. Pelo menos, diga-lhe para Demarco me telefonar a contar o que se passa.

– O que acha que o intruso queria naquela noite? Era óbvio que não sabia que estava lá, por isso não era um violador nem um assassino...

Marisa estremeceu.

– Oh, meu Deus, nem sequer profira essas palavras. Tremo só de pensar no que poderia ter sucedido. E não sei mesmo o que ele queria.

Mac refletiu no assunto. Quando Perrin lhe pedira para ajudar, recusara, mas agora precisava de saber o que na realidade se passava. Por Allie, mas também pela namorada do homem.

– Fazemos o seguinte, Marisa. Vou ficar em Roma ainda uns dias, mas vou telefonar ao meu assistente em Los Angeles, pô-lo a par do assunto. Ele descobre quem anda a seguir Ron.

– E vai também encontrar Ronnie para mim?

Fitou-o cheia de esperança. Foi a vez de Mac encolher os ombros.

– Fará os possíveis – respondeu, embora pessoalmente tivesse a certeza que Perrin enviara Marisa para Roma para se livrar dela e que não o iria ver nunca mais.

Pensou que a próxima jogada de Perrin seria propor um pequeno acordo financeiro. Conseguiria também, com toda a probabilidade, que Manzini lhe oferecesse um papel de vez em quando para a manter ali em Roma, fora do seu caminho. Afinal, já lhe arranjava um apartamento. Daria tudo certo para Ron Perrin. E para Marisa Mayne também. Olhando para ela, não tinha dúvidas que ficaria feliz por aceitar o dinheiro e desaparecer.

Marisa disse que tinha de se ir embora, que estavam à espera dela nas filmagens.

– Só algumas cenas que temos de repetir – explicou com rapidez. – Mas, sabem, pode ser um começo.

Agradeceu-lhes e Mac prometeu telefonar-lhe quando tivesse alguma notícia. Olhou para Sunny que observava Marisa a afastar-se devagar por entre a multidão, fazendo virar algumas cabeças, apesar do chapéu esquisito.

– És mulher, o que pensas da história dela? – perguntou.

Sunny parecia pensativa.

– É estranho, mas, ouvindo Marisa, veio-me à cabeça a palavra *chantagem*. Sabes toda aquela história da cena sadomasoquista, da mulher dominadora, de que ela se pôs para ali a falar? Não acreditei nada. Marisa pode estar a mentir sobre o que aconteceu naquela noite. Talvez tivesse feito um ultimato a Perrin, tipo, paga ou vou para os tabloides e conto a minha versão da «verdade» sobre a relação sexual dos dois. – Sunny encolheu os ombros. – Os jornais sensacionalistas teriam adorado.

– Mas ela tinha apanhado uma coisa boa – retorquiu Mac. – Perrin foi generoso. Olha só para aquele anel.

– Acredita que olhei. – Sunny suspirou. – Mas com *playboys* como Perrin todas as coisas boas têm um fim. Talvez estivesse farto dela. Que venha a seguinte, se percebes o que quero dizer. No final de contas, Marisa disse que ele saía naquela noite. Quem sabe onde teria ido, ou com quem estaria.

Mac puxou do telemóvel para telefonar a Roddy.

– *Okay*, então vamos lá descobrir onde está Ron Perrin. *E* com quem está.

ALLIE ENCONTRAVA-SE NO SEU QUARTO na casa de Bel Air. O mesmo quarto que costumava ser dela e de Ron, com a cama californiana enorme com as colunas de aço escovado de que Ron se queixara constantemente, depois de, uma vez, se ter levantado de noite para ir à casa de banho e batido nelas com a cabeça.

– Porque não podemos ter uma cama normal? Sabes, do tipo que tem um colchão, uma base com molas, alguns lençóis e um cobertor? – berrara. – Porque temos de ter esta... esta cama descomunal?

Descomunal era a palavra certa para descrever o tamanho da cama e respectivas cortinas esvoaçantes. De seda, claro. O que não era de seda naquela casa? Se não fosse pedra calcária cara ou granito ou pau-zebra? De facto era uma seda cor de champanhe com uma guarnição interior de tecido transparente entretecido com fios de ouro. Tudo de um bom gosto extraordinário, naturalmente. Ron escolhera o «melhor» decorador. Se se gostasse desse género de coisa. E, tendo terminado a decoração, nem Allie nem Ron tinham alguma vez admitido um ao outro que, na realidade, não gostavam de toda aquela opulência.

O que a suíte de trezentos metros quadrados tinha, no entanto, era os melhores *closets* do mundo. Para ele e para ela. Eram enormes. *Idem* para as casas de banho. A dela maior do que a dele, claro, com torneiras douradas que derramavam jatos planos de água numa banheira de hidromassagem e com toalhas mais grossas do que Allie conseguia manusear. Em segredo, disfarçada com uma cabeleira escura e óculos, fora com Ampara, a governanta, aos armazéns Costco e comprara uma dúzia de toalhas em saldo para se poder secar como deve ser. As «boas» eram só para vista. Na verdade, Allie ficara satisfeita por perceber que a cabeleira castanha e os óculos eram um disfarce eficaz. Ninguém sequer lhe lançara um segundo olhar.

Hoje, *Fussy*, a cadela *bichon-maltês*, tinha-se instalado, como de costume, no meio da cama. O seu local favorito. Dormira sempre entre eles, as pernas de Allie de um dos lados, as de Ron do outro. Bem, *Fussy* estava ali agora a ladrar, impaciente, para mostrar a Allie que estava chateada e que preferiria estar na cozinha com Ampara.

O grande quarto, com as suas janelas do chão ao teto que deixavam entrar raios da luz forte da Califórnia, achava-se repleto de gente. A estilista que trouxera uma série de vestidos para Allie escolher os que levaria para o Festival de Cannes, bem como os sapatos *sexy* com saltos muito altos, dispostos numa fila ordenada, as malinhas caras e, claro, as jóias que vinham com um guarda-costas, providenciado, tal como as joias, pela *Chopard*. Uma costureira aguardava para marcar as alterações necessárias, a cabeleireira rondava por ali e a maquilhadora esperava para ver o que Allie escolheria para poderem decidir que *look* apresentar. Além disso, havia um par de moços de recados, prontos para correr às lojas ou para o que fosse preciso.

A governanta pusera uma mesa com café, água engarrafada e refrigerantes, bem como as suas bolachas caseiras e bolo de chocolate, cujo aroma estava a pôr Allie louca. Recordava-lhe aquelas raras ocasiões da sua infância em que, com a mãe, batera a mistura de bolo de chocolate de *Betty Crocker* e depois aguardara, quase a morrer de ansiedade, até que a porta do forno se abrisse por fim e o bolo, sempre afundado, fosse retirado. Nunca conseguira esperar que arrefecesse, devorando logo um pedaço a sorrir com prazer através de lábios quentes e cheios de chocolate. Era um dos poucos pontos altos da sua juventude.

Serviu-se de uma fatia grossa. A estilista franziu o sobrolho.

– Neste vestido, nota-se qualquer grama a mais – avisou.

Allie encolheu os ombros, sem se ralar. Não se sentia tão bem há semanas. O bolo era a resposta e talvez duzentos gramas de *M&M* e que tal um gelado do Starbucks? Sim! Seria isso que comeria ao jantar e que se lixassem os vestidos cintilantes de alta-costura de *Valentino* e *Versace*. Precisava de comida para aquecer a alma.

– Prove – ofereceu generosa. – Ampara faz o melhor bolo que já experimentou.

Serviu uma fatia de bolo para um prato e estendeu-o à jovem estilista esbelta que o comeu, queixando-se em tom de culpa que não se portava «tão

mal» há anos.

– Vá depois ao ginásio – retorquiu Allie a rir-se. – E porque temos de pensar que estamos a portar-nos mal quando apreciamos uma fatia de bolo de vez em quando?

– Suponho que não faça mal só de vez em quando – concordou a estilista, embora com relutância, servindo-se de outra fatia, a consciência pesada.

Os outros juntaram-se à volta delas, todos exceto o guarda-costas, que se manteve, estoico, de braços cruzados, ao lado das grandes caixas de pele que continham jóias no valor de vários milhões de dólares.

Allie estudou o cabide dos vestidos, todos especiais, todos belos e todos destinados a criar uma entrada grandiosa sob os holofotes, uma oportunidade para boas fotografias para as revistas e câmaras de televisão. *Allie Ray, adorável num Valentino e diamantes Chopard no Festival de Cannes* diriam, enquanto ela fazia o seu trabalho, sorria, acenava e parava para falar com o tipo de *Access Hollywood* e a mulher de *Entertainment Tonight*, e também com o anfitrião francês, que se surpreendia sempre com a sua capacidade para falar um pouco da sua língua.

– Não com fluência – protestara, quando ele a elogiara no ano anterior. – Só o suficiente para me desenrascar. – No entanto, fora o elogio que lhe dera mais prazer.

Limpou o bolo de chocolate dos dedos e começou a experimentar mais vestidos, roçagando as caudas pesadas e meneando as ancas, a pensar se conseguiria andar com eles. Enfastiada, enquanto elas faziam as marcações com os alfinetes e se inquietavam, olhou pela janela a pensar em Lev, lá fora no *Mustang* preto e, se calhar, também enfastiado de morte. O que faria o dia todo para se manter ocupado? Telefonou-lhe.

– O que está a fazer? – murmurou para o seu *BlackBerry*.

– Exercícios isométricos – respondeu e Allie sentiu o sorriso na sua voz forte e retumbante. Era o único homem que conhecia cuja voz condizia com o seu físico.

– Aposto que está a ler o boletim de apostas – contrapôs, tendo já adivinhado a sua fraqueza pelos cavalos.

– Possivelmente.

Allie sorriu.

– Vou mandar-lhe um pequeno lanche. Bolo de chocolate caseiro. Nunca provou nada melhor.

– Não como bolo.

– Hoje vai ser Maria Antonieta – retorquiu e ouviu-o rir-se outra vez.

Afastando o pregador de alfinetes, Allie dirigiu-se para a mesa e cortou uma grande fatia. Embrulhou-a num guardanapo, estendeu-a a Ampara e disse-lhe para a entregar ao *paparazzo* do *Mustang* preto. As outras fitaram-na como se tivesse enlouquecido.

– E ao diabo com estes vestidos. Não vou usar nenhum deles.

Ouviram-se exclamações de horror.

– Mas, Allie – protestou a estilista. – São deslumbrantes, perfeitos para Cannes. São a última moda, vieram diretamente da *passerelle*.

– A partir de agora decido sozinha – declarou Allie com firmeza. – E o mesmo em relação às joias – acrescentou. – Não vou precisar de nenhuma.

– Mas, Allie...

A estilista agora estava em pânico. Tinha de informar os produtores, o realizador. A cabeleireira e a maquilhadora esperavam em silêncio, sem terem a certeza do que se esperava delas.

– Não se preocupem – disse Allie, oferecendo-lhes aquele seu sorriso radioso. – Vai correr tudo bem. – O plano que andava a formular na sua mente começou a desenhar-se como uma realidade e, de repente, sentiu-se anos-luz melhor.

Agradeceu à estilista e ao seu séquito e viu-os partir, ainda a protestarem com a sua decisão.

Allie sabia que a maior parte das mulheres teria dado tudo para ter as escolhas que lhe tinham sido oferecidas naquele dia. E claro que estava ciente da sua responsabilidade. Faria o seu trabalho. Mas tinha em mente aquele seu novo plano. Precisava de o consolidar, estava prestes a tornar-se uma mulher diferente e isso não tinha nada a ver com o público. Pensou se deveria partilhar os seus planos com Mac Reilly. Mas Mac estava em Roma e, de qualquer maneira, o seu futuro não tinha nada a ver com ele. Só o seu presente.

Preocupada, olhou pela janela. Para lá da folhagem espessa e do muro alto, Lev, ou um dos seus homens de confiança, vigiava. Estava em segurança agora. Não estava?

Pensou em Ron. Lá no íntimo, não queria acreditar que ele andasse a segui-la, mas, caso não fosse ele, isso significava que devia ser o homem das cartas. Tinha havido mais, a última manchada, dizia o autor

desconhecido, com as suas lágrimas. «Da próxima vez será sangue. O teu? Ou o meu?», escrevera.

Allie recusara sequer olhar para as cartas, mas não as queimara. Enviara-as para o assistente de Mac, Roddy. A bola já não estava no seu campo. Eles tratariam daquilo.

Sentindo um peso na consciência por causa do bolo de chocolate, ficou contente quando o seu treinador chegou para lhe orientar os exercícios, alongando o corpo de forma insuportável, incitando-a a continuar enquanto ela suava nas máquinas.

– Vale a pena, querida – afirmou, sorrindo-lhe. – Ainda tens o melhor corpo da cidade.

Era a palavra *ainda* que Allie não apreciava. Significava que já não tinha dezoito anos e que ia a caminho dos quarenta, altura em que as atrizes eram muitas vezes deixadas num limbo, à espera desses papéis apropriados à sua idade, que, infelizmente, por melhores atrizes que fossem, eram poucos e muito espaçados.

Uma hora mais tarde, acenou um adeus ao treinador e aproximou-se da janela, fitando, melancólica, os jardins bonitos e a piscina de um azul-cobalto-escuro, cintilando como uma joia entre os relvados cor de esmeralda sedentos. Na realidade, devia pensar em mudar para uma paisagem desértica para poupar água, o bem mais precioso da vida. Mas, por outro lado, quem ali se importava, se não ela?

Lançando uma olhadela ao relógio, telefonou ao realizador e cancelou o almoço com ele. Vê-lo-ia à tarde no estúdio, disse, para finalizar a regravação.

Trocou de roupa, vestiu calças de ganga, uma camisa branca e sapatos rasos dourados, pôs umas argolas douradas nas orelhas e, após consideração, voltou a enfiar a aliança no dedo. Partiu para o hospital infantil em Valley, para fazer a sua visita semanal aos jovens doentes de cancro.

Telefonou a Lev a contar-lhe os seus planos e procurou-o no espelho retrovisor, detetando-o atrás dela na autoestrada. Não havia sinais do *Sebring* descapotável.

Já fora à Barnes & Noble escolher livros para colorir e jogos e trouxera também uma batelada de animais de peluche doados por um fabricante solidário. Os miúdos ficavam sempre contentes por a ver e, naquele dia,

saudaram-na com sorrisos e gargalhadas, como se fosse o Pai Natal no dia de Natal. A reação das crianças fê-la sorrir também e a alegria delas, apesar do sofrimento, chamou-a à razão e levou-a a apreciar, humilde, as recompensas que a vida lhe oferecera.

Por volta das quatro encontrava-se num estúdio escuro de Hollywood, a observar-se no ecrã, fazendo corresponder as suas palavras aos movimentos. Terminou às sete e telefonou outra vez a Lev para lhe dizer que ia a caminho do restaurante Giorgio, na Channel Road, em Santa Monica.

Ia encontrar-se com uma velha amiga, uma mulher quase com o dobro da sua idade. Sheila Scott fora boa para ela quando se mudara para a cidade. Sheila era professora de dicção e conseguira retirar o nasalado texano da voz de Allie e aperfeiçoar a sua forma doce de falar. E, uma vez que o Giorgio era também o restaurante favorito de Allie, a noite seria com certeza maravilhosa.

Entregou as chaves do *Mercedes* ao empregado, que lhe sorriu radiante e impressionado e a cumprimentou com um «Boa noite, Miss Ray, como está?». Allie percebeu que, como de costume, houve cabeças que se viraram quando ela entrou e, sempre consciente do seu dever para com os fãs, apesar de as pessoas no restaurante serem sobretudo do mundo do espetáculo, distribuiu sorrisos e parou para saudar com um beijo alguns colegas atores.

Porém, ficou contente quando se afundou na sua cadeira e partilhou uma garrafa de *Chianti* com Sheila, saboreando com lentidão um prato de *fettuccini* com lagostins, a especialidade da casa que constituía o seu prato favorito. E também por lhe falar do seu novo plano, que não era ainda propriamente um plano. Apenas uma ideia.

Sheila Scott, com o cabelo grisalho, desafiadora, numa cidade de louras, o rosto magro tisonado e gasto por anos a viver junto à praia, muito terra-a-terra e maternal, escutou-a em silêncio.

– Acho que cheguei à reta final, Sheila – declarou Allie em voz baixa. – O meu novo filme não presta. Estou quase a atingir aqueles temíveis quarenta anos, temíveis no mundo do espetáculo pelo menos. No amor, saí a perder. Ron deixou-me, encontrou outra pessoa. Há um fã louco que me escreve cartas ameaçadoras e aterrorizantes e ando a ser seguida. Só me sinto segura quando estou trancada atrás dos meus portões com um guarda-costas lá fora. Não tenho privacidade, não tenho família. Cheguei ao limite, Sheila. Preciso de arranjar uma vida nova.

Sheila assentiu com a cabeça, entendendo. Allie trabalhava desde os dezassete anos e a vida de qualquer filme parecia depender sempre dela. Não só isso, a vida real também a aprisionara. Era uma mulher só, apanhada na armadilha da sua própria fama, abandonada pelo marido e perseguida por um louco.

– Se é isso que precisas de fazer, Allie – retorquiu com suavidade –, vai em frente.

– Só há uma coisa, não, talvez duas, que me podiam fazer parar – continuou Allie.

– Aposto que são ambas homens – replicou Sheila com perspicácia. – E que uma delas ainda é Ron. – Allie lançou-lhe um sorriso embaraçado. – Então quem é o outro?

– Chama-se Mac Reilly. O detetive. Se calhar já o viste na televisão. Mas, tal como Ron, é um caso perdido. Não parece interessado em mim, exceto como cliente, claro. – Fitou os olhos compreensivos de Sheila. – Achas que é possível estar apaixonada por dois homens ao mesmo tempo?

Sheila deu-lhe uma palmadinha na mão por cima da mesa.

– Só se te esforçares muito, querida.

Nessa altura, apareceram dois fãs a pedir um autógrafo e, exibindo o seu melhor semblante de atriz cinematográfica, Allie sorriu-lhes e conversou com eles um minuto.

Depois o empregado aproximou-se:

– Uma encomenda para si, Miss Ray.

Allie sentiu o coração latejar na garganta quando pegou no envelope. Durante um breve instante, teve a sensação que poderia desmaiar.

– Allie, sentes-te bem? – A voz de Sheila parecia provir de muito longe.

– Quem entregou isto? – perguntou Allie. – Onde está o homem?

– Foi um serviço de entregas motorizadas, Miss Ray. O homem estava de capacete e não consegui ver-lhe o rosto.

Allie reconheceu a letra.

– Oh, meu Deus – sussurrou. – Descobriu-me.

Horrorizada, Sheila fitou-a. Sabia tudo sobre o tipo que escrevia as cartas e o tipo que a perseguia e era provável que fossem uma e a mesma pessoa. A coisa não tinha bom aspeto. Perguntou:

– Onde está o teu guarda-costas?

– Lá fora. À minha espera. Vai seguir-me até casa.

– Liga-lhe. Conta-lhe o que sucedeu.

Estacionado, de forma ilegal, na rua, Lev não perdera de vista as pessoas que entravam e saíam do restaurante. Vira a moto chegar e o condutor entrar. Pensara que era estranho o homem não ter tirado o capacete. Era um reflexo automático: parava-se a moto e depois tirava-se o capacete. Fora isso que o levava a anotar a matrícula da moto.

– Não se preocupe – disse a Allie quando esta lhe telefonou. – Dê-me a carta que eu trato de tudo.

– É a última gota – exclamou Allie, trémula, para Sheila. – Estás a perceber agora porque não consigo continuar.

– Percebo, querida, mas não deixes que o pânico te faça fugir.

– Se fosse apenas isso – retorquiu Allie, quando se despediram com um beijo à porta do restaurante.

Lev ia atrás dela no *Mustang* pela estrada junto à costa. Pelo menos, sabia que se encontrava em segurança. De momento.

CINCO DIAS DEPOIS, Sunny e Mac voltaram a Los Angeles. Mac deixou-a em casa e continuou na limusina, inteirando-se das mensagens telefônicas pelo caminho.

De forma surpreendente, havia uma de Ron Perrin, o homem que parecia ter desaparecido, a querer saber quando regressava, a perguntar porque não respondia às suas mensagens e onde raio estava pois precisava dele. Afinal, Marisa devia estar enganada e Perrin não devia ter morrido.

Havia também uma mensagem de Sam Demarco: «Sou o braço direito de Perrin. Quero falar consigo», dizia Demarco, numa voz fria e seca como um pedaço duro de alface. «Por favor, telefone-me o mais breve possível para marcármos um encontro.»

Claro que Mac telefonou de imediato a Sunny para lhe contar as novidades.

– Interessante, não é? – perguntou.

– Qual deles? Perrin ou Demarco?

– Ambos. Bem, vou responder-lhes. Depois conto-te o que acontecer. Entretanto, amor, vê se dormes um pouco. Estavas com um ar exausto.

– Graças a ti. – Detetava-se o sorriso na sua voz.

Mac sorria também quando desligou.

* * *

Quando chegou por fim a casa, *Pirate* cumprimentou-o com a sua lambidela habitual pela cara toda. Cheirava como uma meia velha. Estava na altura de chamar a carrinha da tratadora de cães. *Pirate* parecia estar apaixonado pela rapariga loura que dava banho aos cães, se é que a sua expressão pateta e maleabilidade completa às mãos dela queria dizer alguma

coisa.

Mac consultou o relógio. Ainda era apenas meio-dia. Tomou duche e vestiu um par de calções caqui, velhos e confortáveis. *Pirate* ia colado aos seus calcanhares quando saiu para o deque e se encostou à balaustrada, inspirando, agradecido, o ar fresco e salgado. Depois dos voos longos, era maravilhoso. A maré estava baixa e o oceano cintilava, calmo e cor de aço sob o céu cinzento sem sol. Nem um surfista à vista. Claro que não, esperavam pela mudança da maré, por aquelas grandes vagas verdes que se despenhavam na praia e que cavalgavam como artistas de circo.

Mac estivera em contacto com Roddy a partir de Roma e pusera-o a par da situação de Marisa. Por isso, agora telefonou-lhe e recebeu a notícia de que, até ao momento, Roddy não fazia ideia de quem seguia Allie porque, desde que Lev era guarda-costas, o *Sebring* não voltara a ser visto.

Roddy falou também a Mac da última carta ameaçadora, entregue em mão no restaurante.

– Não estava escrita com sangue, mas sim num computador. E era muita explícita em relação ao que pretendia fazer à Miss Ray. A propósito, nunca lhe chama «Allie», sempre o tratamento formal «Miss Ray».

– E que estamos a fazer a esse respeito? – perguntou Mac.

– Lev tinha a matrícula da moto e já confirmou. É um serviço de entregas. Alguém os contratou e o condutor estava apenas a fazer o seu trabalho. A pessoa pagou em dinheiro. Suficientemente inusitado para se recordarem do facto, mas, por estranho que pareça, ninguém parece lembrar-se de como ou quem era a pessoa.

Mac suspirou.

– Era de esperar, calculo. Quero que investigues todos os empregados de Allie, toda a gente que tem contacto pessoal com ela. Isso significa as pessoas que trabalham na casa, incluindo os jardineiros e os tipos que tratam da piscina, bem como cabeleireiras, massagistas, estilistas. Sabes como é.

Roddy sabia e a tarefa não se afigurava pequena.

– Ouviste alguma vez falar de um tipo chamado Sam Demarco? – inquiriu Mac. – É o sócio de Perrin. Na verdade, descreveu-se como seu «braço direito» na mensagem telefónica.

– Lá confiança não lhe falta – retorquiu Roddy. – E, sim, ouvi falar dele. Muito conhecido na vida social da cidade. Dá mais nas vistas do que Perrin.

Gosta de Las Vegas, dos clubes, desse tipo de coisa. Gosta de dar grandes festas na sua casa. Tem uma grande casa moderna numa dessas ruas de «pássaros» por cima do Sunset Boulevard, sabes, as que têm vistas fabulosas sobre a cidade e nomes de «pássaros», tipo Oriole e Thresher. E também uma casa nova em Palm Desert.

– Certo. Está bem, vou telefonar para Demarco, perceber que coisa é essa tão urgente que o «braço direito» de Perrin quer discutir comigo. Marisa quer que lhe peça também para lhe ligar, precisa de saber o que fazer a seguir.

– Quer que lhe restituas a arma? Se for isso, está no balde debaixo do lava-loiça da cozinha.

Mac riu-se.

– Muito obrigado, meu. Vou ver se a devolvo a Perrin.

A chamada seguinte foi para RP. De novo, nenhuma resposta. Deixou uma mensagem, pedindo para lhe ligar e a seguir marcou o número de Demarco.

Depois de toda a excitação sobre a urgência e a necessidade de conversarem, Demarco nem sequer atendeu a sua chamada. A assistente pessoal dele marcou um almoço para o dia seguinte à uma, no Ivy, no Robertson Boulevard. Informou-o também que Demarco precisava da sua ajuda. Queria contratá-lo. Mas não explicou porquê.

Mac pensou em telefonar à «estrela de cinema», mas o velho *jet-lag* estava outra vez a dar sinais, bem como alguma fome, por isso assobiou a *Pirate*, entrou no *Prius* e guiou até à zona comercial Country Mart de Malibu, a cinco minutos de distância. Era um pequeno complexo de lojas e restaurantes chiques, implantado numa praça relvada com parque infantil com areia e baloiços onde as crianças brincavam contentes. Comprou um *panini* de queijo e fiambre no restaurante italiano Tra di Noi e, com *Pirate* a respirar com intensidade na antecipação da parte que lhe caberia, sentou-se num banco cá fora a saborear o seu almoço e a ver passar as gentes de Malibu.

Como de costume, os *paparazzi* aguardavam à porta do Starbucks e do Coffee Bean, na esperança de terem sorte com a malta jovem, rica e famosa, cujo aparecimento na zona para comprar um *Frappuccino*, com ou sem bebés, ou cãesinhos, ou roupa interior, pudesse causar algum caos. Mac agradeceu a Deus o facto de, embora o tivessem reconhecido, o terem

deixado em paz. Não era daquele tipo de fama, ou antes notoriedade, que eles andavam à procura. Não existia nenhum escândalo à volta de Mac Reilly. A não ser, claro, que fosse visto em companhia de Allie Ray. Ora isso é que seriam notícias.

Voltando para o carro, parou para perscrutar a montra do Planet Blue. Viu uma *T-shirt* branca com as palavras «LOVE IS ALL YOU NEED» a brilhar na parte da frente. A sorrir, entrou e comprou-a para Sunny.

De regresso a casa e outra vez no deque, fitou o oceano. A maré começara a subir. Rolos de espuma branca vogavam por cima das rochas e o sol espreitava através das nuvens. Telefonou de novo a Perrin, franzindo o sobrolho quando, mais uma vez, o *voice-mail* lhe pediu para deixar mensagem. Se RP andava por ali, por certo que não atendia os telefones.

Embalado pelo som do oceano, Mac recostou-se na velha espreguiçadeira de metal e, num instante, o *jet-lag* subjugou-o e adormeceu profundamente.

NA MANHÃ SEGUINTE, enquanto conduzia pelo trânsito lento de Los Angeles para se encontrar com Demarco, Mac pensava na escolha de restaurante do «braço direito» de Perrin.

O Ivy era muito conhecido. Era o sítio para se ser visto a almoçar e havia sempre rostos famosos, mais os habituais aspirantes a estrelas e, claro, os *paparazzi* amontoados lá fora com as suas máquinas fotográficas intrusivas. Mesmo assim, a comida era bastante boa e era um sítio pequeno e barulhento, uma *cottage* na realidade, com um pátio com guarda-sóis rodeado por uma vedação de estacas e com vários artefactos *country* factícios a fazer as vezes de decoração. Amoroso, alegre e caro.

Mac entregou o *Prius* ao empregado para o arrumar e acenou para os *paparazzi* que deviam estar a ter um dia parado, porque se deram ao trabalho de lhe tirar uma fotografia.

Sam Demarco já estava sentado numa mesa interior à espera. Impaciente, observou Mac. Uma vez que só estava dois ou três minutos atrasado, o que era muito pouco típico, tendo em conta o famoso trânsito de Los Angeles, Mac considerou muito desagradável a forma como o cumprimentou:

– Não gosto de pessoas que chegam atrasadas, sobretudo homens – ripostou Demarco, batendo no relógio, um *Breguet* de ouro colossal feito para impressionar. – Acho descortês quando faço todos os esforços para chegar a tempo.

Mac lançou uma olhadela vincada ao seu próprio relógio, um *Swiss Army* nitidamente pouco impressionante, com números vermelhos e uma correia preta de borracha.

– Passam exactamente três minutos e trinta segundos da hora marcada. – Sentou-se na cadeira em frente. – Talvez no seu esforço para não chegar atrasado tenha aqui chegado demasiado cedo.

Trocaram olhares corrosivos. Demarco era um homem de aspeto leonino,

alto, de constituição vigorosa, de cinquenta e poucos anos, ligeiramente bronzeado e com uma juba farta e prateada. Mac achou que estava bem vestido de mais para um almoço em Los Angeles, com um fato azul-escuro de risquinhas, de um bom alfaiate, sapatos de verniz preto, de atacadores, uma camisa azul e uma gravata amarela *Hermès*. Ou talvez fosse ele que vinha mal vestido, de calças de sarja e uma *T-shirt* de ganga azul lisa, de Theodore Beach, que era a sua loja preferida de roupa para homem. Calçava mocassins de camurça castanhos, sem meias. Pelo menos, sentia-se confortável.

Ao contrário de Perrin, que possuía os olhos de um cãozinho repreendido, os olhos azuis duros de Demarco disseram com clareza a Mac para não insistir.

Demarco ofereceu a mão por cima da mesa. Mac estendeu o braço e apertou-a, tentando não se retrair quando a sua mão foi esmagada. Demarco era um homem fisicamente poderoso e ou usava aquela pujança para intimidar, ou não tinha apenas consciência da sua própria força. De algum modo, Mac não acreditava que fosse esse o caso.

A empregada apareceu para anunciar os pratos especiais do dia, mas Demarco fez um gesto a dispensar a comunicação e escolheram rapidamente, Mac o salmão e Demarco o hambúrguer. Demarco pediu uma *Perrier* e, embora lhe apetecesse um *Chardonnay Cakebread* suave e redondo com o peixe, Mac pediu também água.

– Reilly – declarou Demarco, com a sua voz sonora e forte –, pedi-lhe para se encontrar comigo porque conheço a sua reputação, através do programa da televisão, claro, bem como as suas façanhas longe das câmaras.

Mac assentiu. Bebeu um gole da *Perrier*, já a arrepender-se do *Cakebread*.

Demarco aguardou uma reação, fitando-o com aqueles olhos azuis de «vê lá se tens cuidado». Quando esta não se fez sentir, perguntou:

– Presumo que tudo o que disser seja tratado com confidencialidade? – Mac assentiu e Demarco continuou. – O facto é que estou preocupado com Ron Perrin.

– O seu patrão – retorquiu Mac, dando a entender que sabia em que degrau da escada do poder e da fortuna Demarco se encontrava.

– Antes de mais nada, Ron é meu amigo – corrigiu-o Demarco. –

Comecei como assistente dele. – Encolheu os ombros, mal enrugando as imaculadas risquinhas do tecido azul. – Agora somos sócios.

– Subiu a pulso na vida – sugeriu Mac para o ajudar. Depois pensou, com os diabos, chamou o empregado e pediu um copo do vinho branco da casa.

– Pode dizer-se.

Demarco recostou-se na cadeira. O rosto era uma máscara inexpressiva, mas Mac ficou com a sensação que não gostava dele. Perguntou-se por que razão Demarco se daria sequer ao trabalho de falar com ele. No final de contas, podia contratar qualquer detetive da cidade. De qualquer maneira, não tinha a certeza se queria trabalhar para aquele tipo. De facto, podia muito bem passar sem ele e sem RP.

– Reilly – disse outra vez Demarco, sem anteceder a palavra de um «senhor» ou sequer um pedido de «posso tratá-lo por Mac?». – Estou preocupado com Ron. Tem andado a comportar-se de forma muito estranha, afirma que está a ser seguido, que alguém quer matá-lo.

– E está? Quem quer matá-lo?

– Como é que sei? Isso é do seu foro. Não lhe pediu para trabalhar para ele? Descobrir o que se está a passar?

Mac ficou a pensar como Demarco saberia disso. Perrin devia ter-lhe contado. Mas, por outro lado, se o tivesse feito, não lhe teria também dito porquê?

Bebeu um gole do vinho branco da casa. Era bom, mas arrependeu-se de não ter pedido o *Cakebread*.

– Perrin pediu, mas eu recusei – declarou.

A comida chegou. Mac fitou o seu salmão escalfado, artisticamente apresentado num ninho de tomates aos pedacinhos, salpicado de manjerição e de um delicioso molho vinagrete. Já não lhe apetecia.

Ouviu Demarco suspirar.

– Parece que o ofendi – disse Demarco. – Lamento, não era minha intenção. Só que estou inquieto. Estou preocupado com Ron. É meu amigo. Tem sido mais do que bom para mim, não posso abandoná-lo no que poderá ser um momento difícil para ele. Estou a pedir-lhe que trabalhe para mim e, quando lhe explicar porquê, vai entender.

– Está bem – concordou Mac. – Sei que estas situações podem ser stressantes.

– A verdade é que creio que Ron está a ficar um pouco apanhado – disse

de repente Demarco. – Sabe porquê? Ele pensa que o FBI anda a investigar os seus negócios.

Mac levantou os olhos do prato do salmão. Era a segunda pessoa a mencionar o FBI.

– E é verdade?

– O FBI está sempre interessado em homens com negócios multinacionais de milhares de milhões de dólares, mas se é verdade ou não, no caso de Ron, ainda não sei.

– E quer que eu descubra?

– O mais discretamente possível, claro.

Mac recordou Perrin a destruir papéis e a caixa da destruidora de papel. Pensara que Perrin andava apenas a esconder documentos de caráter financeiro dos advogados da mulher, mas, afinal, parecia ser mais qualquer coisa.

– *Okay* – concordou. – O meu assistente fala consigo sobre honorários e despesas. Entretanto, faz alguma ideia de onde Perrin possa estar?

Demarco encolheu outra vez os ombros, abrindo as mãos.

– Não falo com ele há mais de uma semana. E Allie também não. Claro que os advogados dela estão a dar em malucos e telefonam-me a toda a hora a exigir que lhes diga onde está escondido. Ron devia ter ido ao tribunal esta semana por causa do divórcio, mas não apareceu. Depois, eles tentaram entregar-lhe uma intimação, mas não conseguiram encontrá-lo. Não está em nenhuma das suas casas. Calculo que esteja escondido algures até poder resolver as coisas da melhor forma possível.

– Ou anda fugido do FBI.

– É possível, mas creio que Allie representa o problema mais imediato. Não se quer separar de nem mais um cêntimo.

– Diga-me, Perrin tem uma namorada?

– Um homem rico tem sempre amigas.

– Pois. Mas alguém em especial?

– Já agora pode ficar a saber que, no que diz respeito a mulheres, o meu sócio não tem boa reputação. Não diga que lho disse.

Mac assentiu.

– Quer que descubra Perrin? E que descubra o que anda o FBI a investigar?

– Já entendeu, Reilly. Mas uma coisa de certeza, nada de polícia. Perrin

não gostaria que eu pusesse a polícia atrás dele. Não se contacta a polícia. – Levantou-se. – Estou atrasado para o meu próximo encontro. – Apertou-lhe a mão. – Diga-me como vão correndo as coisas.

Fez uma pausa e acrescentou:

– Estou mesmo preocupado com Ron. É um bom tipo. *Decente*, sabe. Receio que possa fazer alguma coisa... bem, idiota. Sabe a que me refiro?

Mac sabia, mas não pensava de todo que Perrin parecesse do género suicida. De facto, precisamente o contrário. RP não queria mesmo morrer.

– Farei o melhor possível – tranquilizou-o.

Observou Demarco a atravessar a sala minúscula a passos largos. O homem fazia toda a gente parecer anã. Um leão à caça era a imagem que vinha à cabeça. Embora talvez um leão simpático, deveras preocupado com o amigo e sócio.

Fitou o prato de Demarco. Não tocara no hambúrguer.

ALLIE ENCONTRAVA-SE NO SEU JARDIM quando o *BlackBerry* entoou uma melodia. Olhou para o ecrã para ver quem era, mas indicava «número desconhecido».

– Olá, Allie – saudou uma voz familiar.

Um sorriso iluminou-lhe o rosto. Caminhou pelo terraço que dava para o jardim construído segundo o modelo de Versailles. Não tão grande, mas por certo esculpido da mesma forma. Nem uma folha fora do sítio.

– Olá, Mac – respondeu, a voz meiga a acusar o sorriso. – Está a telefonar de Roma? – Fez fígas, olhos erguidos para o céu, a rezar para que ele estivesse em casa.

– Já voltei. Queria falar consigo, certificar-me que está bem e que Lev e os seus amigos estão a fazer um bom trabalho.

– Perfeito. À exceção do tipo da moto com a carta.

– Ouvi falar nisso. Olhe, precisamos de nos encontrar. Levava-a a jantar se isso não causasse escândalo nos tabloides.

Allie riu-se.

– Eu posso ir à sua casa – disse, a pensar como seria, só os dois na pequena casa aconchegada dele. – Mandamos vir uma piza.

– Está combinado. Às sete está bem para si?

– Lá estarei – prometeu.

– Oh, só uma coisa...

– Sim?

– Gosta de anchovas na sua piza?

– Adoro – retorquiu, com outra risada.

– Então às sete.

Mac telefonara a Sunny para lhe contar o que se passava. Pedira-lhe para vir ter com eles e ela estava agora sentada no seu deque. Tinha o cabelo

puxado para trás e atado com uma fita preta e usava a *T-shirt* do Planet Blue com «LOVE IS ALL YOU NEED» a brilhar na parte da frente, mais um pequeno casaco de lã às riscas laranja e rosa vivo a contar com o arrefecimento noturno perto da praia. Tinha *Tesoro* ao colo. Apesar da noite pouco fria, a pequena cadela tremia como os *chihuahuas* muitas vezes fazem, o que Mac afirmava sempre ser um truque deliberado para chamar a atenção.

– Não está frio, caramba – resmungou, de olho atento em *Pirate*, que espreitava perto dos degraus mesmo na beira do deque, pronto a fugir se *Tesoro* lhe saltasse em cima.

Sunny lançou-lhe um olhar exasperado.

– Ela é sensível, é tudo.

Tivera esperança que ao trazer *Tesoro* pudesse apaziguar a guerra fria entre os dois cães, mas a *chihuahua* não estava interessada e, ao que parecia, Mac também não.

Apesar de não ser grandiosa como a dos seus vizinhos, adorava a pequena casa de Mac, sobretudo em fins de tarde suaves e ensolarados como aquele. A casa tinha revestimento exterior de madeira pintado de um verde-pistácio com aquelas janelas de correr de alumínio barato, que eram as originais e que por esta altura, se calhar, já se consideravam antiguidades. Havia alguns recortes decorativos na madeira, uma escolha posterior, calculava, de algum proprietário que quisera animar um pouco as coisas. Lá dentro, existia uma diminuta sala com soalho de madeira e uma janela panorâmica sobre o oceano, uma pequena cozinha, na sua maioria preenchida por um grande armário de vinhos; uma casa de banho nas traseiras e, acrescentado numa das pontas, separado por um estreito corredor, o quarto principal, e único, da casa.

Sunny lançou uma olhadela ao relógio. Dez para as sete. Faltavam dez minutos para a bela e fabulosa Allie Ray chegar. Pensou como seria. Mac gostava dela e, além disso, ela pagava-lhe bem para tratar dos seus problemas. Claro que ele não podia estar interessado na bonita estrela de cinema, isto é, a não ser como cliente. Mesmo assim, como qualquer mulher sabia, tinha de se levar a sério aquele tipo de beleza e fama de alto nível.

A sineta ressoou de forma pouco musical, obrigando-a a retrair-se. Nada que dissesse conseguia fazer com que Mac se separasse daquele velho sino rachado. Bebeu outro gole do bom vinho tinto que ele trouxera do armário refrigerado dos vinhos que ocupava uma boa parte da pequena cozinha. Para

um entusiasta de vinhos como Mac, o vinho tinha prioridade sobre a comida, que, afinal, podia ser encomendada e entregue à sua porta. Como as pizzas que estavam a entregar neste preciso minuto.

Sorrindo, Sunny observou-o da janela a ligar o forno no máximo, pronto para reaquecer as pizzas, a ir buscar os picantes ao armário e a remexer nos pratos. Estava com um aspeto particularmente atraente esta noite com as calças largas e brancas de linho, que ela escolhera na pequena boutique cara da Via Condotti, e uma velha *T-shirt* preta desbotada das muitas lavagens para um cinzento-carvão. O cabelo ainda estava húmido do duche e Sunny sabia com exatidão o cheiro que a sua pele teria, apimentada e *sexy* e... bem, não podia enveredar agora por esse caminho.

A sineta tocou outra vez e viu Mac apressar-se a ir atender. *Pirate* correu atrás dele, ladrando de forma veemente quando ele abriu a porta para receber Allie Ray, mais uma vez, na sua casa.

– Olá, prazer em vê-la – cumprimentou Mac quando a pequena beldade sorriu para ele.

– Prazer em vê-lo também – murmurou ela, pondo-se em bicos dos pés para lhe passar um braço pelo pescoço e dar um beijo em ambas as faces. – Trouxe *Fussy* comigo. – Apresentou uma pequena trouxa de pelo branco cujos olhos pretos muito redondos estavam meio escondidos atrás de uma franja comprida. – É a noite de folga da minha governanta e não podia deixá-la sozinha. Espero que não se importe?

– Err... não. Não, claro que não.

Mac mirou o seu cão com ar de dúvida, mas *Pirate* olhou apenas fixamente para a *bichon-maltês*, parecendo espantado por ter outra fêmea a invadir a sua casa.

– *Okay* – disse Mac. – Deixe-me servir-lhe um copo de vinho. Branco ou tinto?

– Se é piza, que tal um tinto?

– Perfeito. Já abri um dos meus favoritos.

Allie acompanhou-o à cozinha, ainda com *Fussy* ao colo e seguida por *Pirate*.

– Um *Nobile de Antinori 1996* – disse Mac, servindo-lhe um copo. – Espero que goste.

Ela bebeu um pequeno gole.

– Delicioso. Não sabia que era especialista em vinhos.

– Se calhar, porque não sabe muita coisa sobre mim, para além do tipo que vê na televisão a tentar solucionar alguns crimes antigos. Casos encerrados. Com a generosa ajuda do departamento policial de Los Angeles, sem o qual nada disto poderia acontecer.

– Suponho que não. – Encostando-se à bancada da cozinha, Allie bebeu outro gole. – Mas sabe uma coisa, Mac, de algum modo, sinto que na realidade já o conheço.

Os olhares cruzaram-se. Surpreendido, Mac pensou se estaria a depreender mais das palavras dela do que ela pretendia na realidade dizer.

– Está aqui alguém que gostaria que conhecesse – proferiu apressadamente. E, pegando-lhe no braço, levou-a para o deque.

– Oh, olá.

Sunny ergueu-se com graciosidade e descobriu que era uns bons centímetros mais alta do que a pequena estrela de cinema. Mas, caramba, como era bela. O cabelo louro liso comprido caía-lhe como uma cortina sobre olhos que eram mais azuis do que quaisquer outros que tivesse visto. Detetou um lampejo de surpresa perpassar pelo rosto de Allie, encoberto rapidamente por um sorriso. Era óbvio que não fizera ideia que haveria mais alguém para o jantar.

Mac apresentou-as. Agarrando nas respetivas cadelas, as duas mulheres apertaram as mãos e cumprimentaram-se. *Tesoro* estendeu um nariz aristocrático na direção de *Fussy*, que fungou para trás e depois lançou um súbito latido maltratado.

– Oh, meu Deus – exclamou Allie para Sunny. – A sua cadela mordeu o nariz de *Fussy*?

– Com certeza que não. *Tesoro* não desceria a esse tipo de comportamento. – O olhar de Sunny cruzou-se com o de Mac por cima da cabeça de Allie e ele sorriu. – A sua cadela ladrou apenas, só isso – acrescentou na defensiva.

– É só isso que ela faz – suspirou Allie.

– *Tesoro* também. – Sunny mostrou-se de repente muito compreensiva. – Devíamos ter cães como *Pirate*. É tão bonzinho, olhe só como é bem-comportado.

Viraram-se ambas para olhar para *Pirate*, de volta ao seu posto perto dos degraus que conduziam à praia, orelhas caídas, o único olho desconfiado. Agora tinha duas cadelas espertinhas de que teria de fugir.

– Sunny tem uma empresa de relações públicas – explicou Mac. – Mas, por vezes, ajuda-me nos meus casos. – De sobrelhas erguidas, sorriu outra vez para Sunny, que parecia espantada, mas satisfeita.

Allie estudava a beleza exótica de Sunny; o seu corpo glorioso e as pernas esbeltas e compridas. Não via como algum homem lhe pudesse resistir, em especial um tipo *sexy* como Mac Reilly.

Sentou-se na borda da cadeira de metal perto de Sunny, pôs a cadela *bichon-maltês* no chão e bebeu um gole de vinho.

– Está então a trabalhar no meu caso, Miss Alvarez?

– Chame-me Sunny, por favor. E, na verdade, não, embora saiba que anda a ser seguida.

Sunny não ia contar à estrela de cinema que sabia tudo sobre a sua explosão de lágrimas e as suas confissões. Nenhuma mulher gostaria de ver a sua vida exposta daquela maneira a uma desconhecida. Além disso, quando Mac lhe confessava os seus segredos de trabalho, confiava que ela os guardasse.

A sineta retiniu outra vez e ambas as mulheres lançaram uma olhadela inquiridora a Mac.

– É Roddy com certeza – disse Mac, dirigindo-se para a porta e deixando-as sozinhas.

– Deve ser horrível ser perseguida – observou Sunny, com um pequeno estremecimento. – Tenho pena de si.

– Lá agradável não é – retorquiu Allie.

Da casa chegou-lhes o riso de Mac e depois a voz de Roddy, mais delicada do que a de Mac e excitada.

Allie olhou na expectativa para os dois homens quando eles saíram para o deque. Pensara que estaria sozinha com Mac. Agora não só havia outra mulher, como também outro tipo, o assistente de Mac, que sabia ter tratado do seu problema quando Mac se encontrava em Roma.

O cabelo espetado de Roddy estava oxigenado de um louro-platinado. Exibia um bronzado artificial, calções de linho brancos, uma *T-shirt Gaultier* vermelha justa e sandálias havaianas de dedo. Abraçou Sunny com entusiasmo.

– Tive saudades tuas quando estiveste em Roma – declarou, sorrindo-lhe para os olhos e Allie percebeu de repente que Sunny estivera em Roma com Mac. *E* durante uma semana inteira.

Sunny apresentou:

– Allie, apresento-lhe Roddy Kruger, o assistente de Mac. E bom amigo.

Roddy sorria radiante para Allie, revelando os dentes mais brancos que ela já vira.

– Allie Ray! Oh... meu... Deus! – Caiu de joelhos à frente dela, pegou-lhe na mão e beijou-a reverentemente. – Amo-a desde sempre – exclamou em tom dramático. – É ainda mais bonita em pessoa. Estou contentíssimo por a conhecer.

Mostrava-se excitado de uma forma tão genuína que Allie sorriu. No entanto, não era com certeza o namorado de Sunny Alvarez.

– Prazer em conhecê-lo, Roddy. – Inclinou-se para a frente e beijou-lhe a face. – Pronto – acrescentou. – Agora conhecemo-nos mesmo um ao outro.

Roddy levantou-se, precipitado, com um grande sorriso, a mão na face.

– Juro que nunca mais lavo este pontinho – declarou e ambos se riram. – Oh, meu Deus – exclamou outra vez quando Mac lhe passou um copo de vinho. – Olhem-me só para aquela cadela. É uma cadela, não é? – Lançou uma olhadela a Allie a confirmar e todos fitaram a *bichon-maltês*.

Parecendo uma esfregona de cozinha branca, *Fussy* rastejava com lentidão na direção de *Pirate*, que se achava paralisado no seu lugar, o único olho desvairado pregado nela.

– Oh, meu Deus! – sussurrou Sunny, repetindo as palavras de Roddy. – Devíamos fazer alguma coisa.

Queria dizer que Allie devia fazer alguma coisa, mas Allie olhava simplesmente em frente e Mac ergueu uma mão, observando a cena em silêncio.

Fussy aproximou-se mais. Um estremecimento percorreu o corpo de *Pirate* quando a cadela se acercou. Não havia sítio nenhum para onde fugir, porque a maré já galgara as rochas.

Toda a gente susteve a respiração. *Fussy* encontrava-se a centímetros de distância e *Pirate* continuava petrificado. A cadela ergueu a cabeça, os olhos muito redondos a perscrutarem-no através da franja. Um instante se passou em silêncio. Depois, a cadela rolou de costas, patas a abanar no ar e lançou-lhe uma espreitadela atiradiça.

– Ora a pequena desavergonhada – comentou Roddy, quebrando o silêncio. – Olhem-me só para ela, a atirar-se a *Pirate*.

– E observem *Pirate* – acrescentou Mac.

Pirate tinha uma expressão confundida quando baixou a cabeça e os dois cães farejaram-se, nariz contra nariz. Depois abanou a cauda e deixou-se cair ao lado dela.

– Vejam só isto! Creio que *Pirate* está apaixonado – disse Mac, sorrindo para Allie.

Sunny sentiu-se desanimar. Nos dois anos em que estavam juntos, *Tesoro* nunca sequer reconhecera a presença de *Pirate*, exceto para uma rosnadela de vez em quando, ou uma patada no nariz. Agora a cadela de Allie Ray dominava *Pirate* por completo e este parecia um cão apaixonado. Todas as suas teorias sobre Mac não querer casar porque os cães eram incompatíveis se desvaneceram.

– Eu trato da piza – ofereceu-se Roddy, entrando em casa. – Vamos comer aí fora? – perguntou a Mac.

– Vamos – respondeu Mac. – A não ser que tenha frio – acrescentou, fitando Allie com preocupação.

– Nada que uma camisola não resolva – replicou esta. – Gosto de comer ao ar livre. Os californianos não o fazem com frequência. Quer dizer, tirar partido do nosso clima. Aprendi a gostar das neblinas de Malibu e das tempestades de inverno, tanto como dos nossos maravilhosos dias de sol, quando pensamos por que razão quereríamos viver noutro sítio qualquer.

– E queria? Quer dizer, viver noutro sítio qualquer? – perguntou Sunny.

Allie lançou-lhe um olhar surpreendido.

– Algumas vezes penso nisso. Às vezes, sonho com outra vida. – Depois encolheu os ombros, rápida, e continuou com vivacidade. – Mas esta é a vida que criei para mim. Sou uma mulher com muita sorte, sabe. Milhões de mulheres gostariam de trocar de lugar comigo. Não gostariam?

Os olhos azul-turquesa fixaram-se em Sunny, que retorquiu, surpreendida:

– Sim, tenho a certeza absoluta que sim. Embora, claro, não houvesse maneira de substituir a verdadeira Allie Ray.

– Preciso que uma varinha mágica se agite sobre a minha vida – proferiu Allie com suavidade, como se expressasse pensamentos particulares, não destinados a ouvidos de terceiros. – Tudo o que preciso é dessa varinha mágica para me fazer desaparecer.

Mac abriu as portas duplas que chocalharam.

– Piza. Venham buscar – convidou, enquanto Roddy e ele pousavam duas

enormes rodela na mesa de pau-brasil, deixando cair com ruído garrafas de vinho e de *Pellegrino*, bem como um recipiente com os picantes. Roddy acrescentou um molho de guardanapos de papel, que voaram com o vento, levando-o a dançar atrás deles. Mac ofereceu a Allie a sua velha camisola de caxemira verde-escura e recebeu um obrigada sorridente.

Sunny reconheceu a camisola. Comprara-a para Mac há uns dois natais. Abotoou o casaco de malha às riscas laranja e cor de rosa e sentou-se na cadeira ao lado de Allie.

Quando se encontravam todos sentados e com os copos cheios, Mac anunciou:

– Muito bem, em primeiro lugar, temos notícias, Allie. *Boas* notícias – acrescentou. – Bem, deixem-me emendar. *De certo modo*, são boas notícias. O *Sebring* nunca mais foi visto desde que Lev é o seu guarda-costas.

Allie curvou os ombros.

– Mas e quando ele se for embora? E, afinal, quem é a pessoa? É tão assustador saber que alguém nos observa, que vive todos os nossos momentos. É como se me roubassem a vida.

Sunny percebeu que ela estava genuinamente amedrontada.

– Mas agora está tudo bem – disse com gentileza. – Mac vai resolver tudo.

– Vai correr tudo bem – tranquilizou-a Mac. – Ainda estamos a trabalhar no assunto. – Cortava a piza com a perícia de décadas de experiência. – Allie, sei que gosta de anchovas. Sunny não. E Roddy assim, assim. Vão ter de as tirar – acrescentou, colocando pratos cheios em frente de Sunny e de Roddy.

Sunny estava preocupada. Primeiro, a *bichon-maltês* e *Pirate* e agora as anchovas. Talvez, afinal de contas, Mac e ela não fossem compatíveis. E Allie estava tão amorosa, abafada na grande camisola verde de Mac, parecendo uma sereia frágil pronta para se afastar a nadar no oceano. Até Roddy sucumbira aos seus encantos. Por baixo das pestanas, viu Mac sorrir para Allie.

– Então quando parte para Cannes?

– Daqui a uns dois dias. Não que esteja muito entusiasmada. De facto, preferia não ir, sobretudo sabendo o que sei sobre o filme. – Encolheu os ombros e deu uma dentada na piza. – Mas é o meu trabalho. Apareço e faço o melhor possível, por eles. Afinal, é por isso que me pagam.

Sunny provou a piza. Ainda sabia a anchovas. No seu colo, *Tesoro*, que tremia, relinchou como um pequeno pônei. Sunny levantou-se, entrou em casa, foi buscar uma manta de *chenille* ao sofá, embrulhou nela a *chihuahua* e voltou lá para fora. O vento estava agora nitidamente fresco e, como a sua cadela, Sunny tremeu. Ninguém, ou seja Mac, reparou. Estavam a falar sobre o novo filme de Allie e sobre Cannes.

– Devia vir comigo. – Allie estava a olhar diretamente para os olhos de Mac. – Dava-me jeito um amigo. E podíamos falar sobre a situação de Ron, resolver o que fazer. E falar sobre as cartas, a pessoa que me persegue. Não tenho tempo antes de partir – acrescentou.

– Talvez vá – respondeu Mac.

Sunny sentiu o desânimo invadi-la. Estava a perder uma batalha que nem sequer sabia que existia. Voltando a levantar-se, disse:

– Desculpem, mas o *jet-lag* está a dar cabo de mim. Tenho de ir. Amanhã vou trabalhar logo cedo.

Agarrou na cadela queixosa, ofereceu beijos apressados e despediu-se. Ficou surpreendida quando Allie se ergueu para lhe dar um abraço. O rosto familiar da estrela de cinema exibia uma expressão de angústia que atestava a sua solidão.

– Olhe – disse Sunny, de repente preocupada –, se precisar de alguém com quem falar, telefone-me. O meu número vem na lista. – Cruzaram olhares. – A sério. Às vezes, a opinião de outra mulher pode ajudar a resolver as coisas.

Allie sorriu e deu-lhe outro abraço.

– Não estou habituada a que as mulheres gostem de mim. Em geral têm ciúmes.

Sunny sorriu, culpada mas absolvida. O seu ciúme tinha sido temporário, apesar de estar a deixar o seu namorado na companhia de uma beldade famosa. Chamassem-lhe louca, mas esperava estar a tomar a decisão acertada. E, de qualquer maneira, aquilo do *jet-lag* era verdade. Mal conseguia manter os olhos abertos.

Mac acompanhou-a à porta. Agarrou-lhe no ombro, fê-la rodar para olhar para ele.

– Estás bem, querida?

Ela puxou a fita do cabelo e sacudi a cabeça, fazendo com que os caracóis escuros caíssem em cascata, num gesto à Jennifer Lopez que a

fazia parecer ainda mais bela e fez Mac sorrir.

– Ora, amor – disse, em tom persuasivo. – Não tens ciúmes de Allie, pois não? É apenas uma alma perdida, Sunny. Não é nada pessoal.

– Eu sei. Toma só cuidado, está bem? – acrescentou com um sorriso.

Mesmo assim, com *Tesoro* em segurança dentro do casaco de cabedal fechado, com a *Harley* a troar pela estrada PCH, em direção a Santa Monica e a Marina del Rey, perguntou-se se teria dado um bom passo.

O SOM DA MOTO DE SUNNY esbateu-se na distância e Roddy pegou em *Fussy* ao colo, dando-lhe pedaços de piza.

– Ela quer as anchovas – comentou, oferecendo-lhe outra.

Só que desta vez, *Fussy* mordeu-lhe o dedo. Roddy lançou uma olhadela ressentida a Allie, que suspirou e pediu desculpa, explicando que *Fussy* tinha os seus problemas.

– Só tem um amor na sua vida, Ampara, a minha governanta. Já mordeu Ron uma data de vezes.

Mac chegou a cadeira para junto dela.

– Por falar em Ron, viu-o nos últimos tempos?

– Não, não vi. Devia ter ido ao tribunal a semana passada, qualquer coisa relacionada com o processo do divórcio, mas não apareceu. Eles emitiram uma intimação, mas não conseguiram entregá-la, porque ninguém consegue encontrá-lo.

– Acha que anda a evitar as questões do divórcio?

– Claro que anda. Por que outra razão desapareceria assim? A não ser que tenha fugido com a outra mulher.

Mac abanou a cabeça.

– Posso sossegá-la a esse respeito. Não está com a outra mulher. E ela também não sabe onde ele anda.

– Posso perguntar como sabe isso?

– É melhor não. Mas digo-lhe que, quanto a isso, não tem que se preocupar.

– Não é o primeiro caso extraconjugal de Ron. Até contratou uma delas como sua «secretária» e comprou-lhe prendas caras. As contas deviam ir para o escritório, mas às vezes chegavam-me por engano. Era um homem generoso – acrescentou em tom seco. – Recordo um relógio de diamantes que custou mais do que o que me dera a mim. – Sorriu. – Aquilo doeu.

Embora, para dizer a verdade, por essa altura teria ficado contente com um ramo de margaridas.

– Vale mais do que isso.

Allie encolheu os ombros.

– Agora posso dar-me ao luxo de comprar os meus próprios diamantes, mas sabe como é? Não é a mesma coisa.

– E é nesse pé que estão as coisas?

– É assim que as coisas estão há pelo menos duas semanas. De qualquer modo, onde está Ron?

– Foi isso tal e qual que Demarco me perguntou hoje.

– Sam Demarco? – O tom de voz de Allie era de fúria. – Diz que é amigo dele, mas conseguiu cair nas boas graças de Ron persuadindo-o a levar uma vida mais calma. «Arranja tempo para ti, diverte-te com as meninas, vai de férias», disse-lhe. Atribuo a Demarco parte da culpa de ter acabado tudo entre nós.

– Então, Ron parece ter abandonado a cidade sem deixar novo endereço. E, como podemos eliminar a amante, consegue pensar noutra razão qualquer para ele querer desaparecer?

Allie encolheu os ombros.

– Quer dizer, que tenha a ver com os negócios? Não sei nada sobre isso.

– Se Ron morresse, não herdava?

O comprido cabelo louro de Allie agitou-se na brisa. Com um gesto tão gracioso como o de uma bailarina de balé, afastou-o dos olhos.

– Tudo o que sei é o que deverei herdar segundo o acordo pré-nupcial.

– Mais o que os seus advogados conseguirem negociar para além disso. Dada a reputação de Ron com as mulheres.

– Exato.

Roddy lançou uma olhadela a Mac. Estava na hora de se ir embora.

– Muito bem – disse. – Vou dar a noite por terminada. – Tirou um cartão da carteira e estendeu-o a Allie. – Qualquer coisa de que precise, é só telefonar. Lá estarei.

Allie sorriu quando ele se dobrou para lhe beijar a face.

– Obrigada de novo, Roddy. Foi um prazer conhecê-lo.

– A honra foi toda minha.

Recuou, fazendo uma vénia como um plebeu diante da realeza e quase chocou contra a porta envidraçada, fazendo-os rir-se.

– É TÃO SIMPÁTICO – OBSERVOU ALLIE.

– É verdade – concordou Mac.

Emudeceram os dois. O oceano rugia em pano de fundo, as ondas batiam nas rochas e um último pelicano solitário precipitou-se para casa no escuro, as asas a sussurrarem por cima das cabeças deles.

– E Sunny também – disse Allie para o silêncio. – É muito bonita.

– É verdade – repetiu Mac.

Cruzaram olhares e o silêncio tornou-se mais profundo. Um mundo de possibilidades alongava-se entre eles.

Foi Mac que quebrou por fim a magia, servindo mais vinho, atirando um resto de piza a *Pirate* que o devorou com vontade enquanto *Fussy* o observava nos joelhos de Allie, agitando a franja como uma miniestrela de cinema a posar para as câmaras.

– Então como encontraste *Pirate*? – perguntou Allie.

– Salvei-o de um destino pior do que a morte. Na verdade... – Mac olhou para Allie, que beberricava o seu vinho, observando-o – ... salvei-o da morte.

– Conta-me – pediu ela.

– Bem, como dizem nos velhos romances sensacionalistas, «era uma noite escura e tempestuosa». Ia a conduzir pelo Malibu Canyon quando avistei um corpo na estrada. Um pequeno rafeiro sujo ali deitado, a cabeça cheia de sangue e uma perna tão esmagada que estava quase separada do corpo. Inclinei-me para lhe fazer uma festa no pelo sarnento, a pensar que era uma forma horrível de morrer, atropelado por algum acelera numa estrada de montanha. Mas então o rafeiro abriu um olho e fitou-me. Digo-te que foi um choque e tanto, pois imaginara que estivesse morto. Mas havia uma expressão algo esperançosa naquele olhar. – Mac encolheu os ombros. – O que podia fazer? Claro que despi a camisa, embrulhei-o nela, pu-lo na parte

de trás do carro e guiei até ao hospital veterinário em Santa Monica. Paguei o necessário, disse-lhes para fazerem o que pudessem por ele e fui-me embora, satisfeito por ter pelo menos dado uma nova oportunidade ao rafeiro. Saí da cidade e não recebi a mensagem do veterinário senão uma semana depois. Dizia: «Tivemos de amputar a perna esquerda traseira do seu cão e remover um dos olhos. Está a recuperar. Pode vir buscá-lo. Está pronto para ir para casa.» «O que quer dizer com isso, ir buscá-lo?», perguntei quando lhe telefonei. «O cão não é meu. Só o recolhi na estrada, tentei que não morresse.» E o veterinário citou-me um velho ditado chinês que dizia que, se salvássemos uma vida, éramos responsáveis por essa alma para sempre. «O cão é todo seu, Mister Reilly. Por isso venha buscá-lo.»

Mac abanou a cabeça, recordando o incidente.

– Por isso, é claro que fui buscá-lo. E, apesar do seu estado lamentável, o cão saudou-me como se nos conhecêssemos desde sempre. E, acredita, agora até parece que assim é. Não passaria sem ele.

Allie estendeu o braço para a mão dele.

– E diz-me, Mac Reilly – retorquiu, surpreendendo-o. – Passarias alguma vez sem Sunny?

Mac inspirou fundo. Fitava uma das mulheres mais belas, mais famosas, mais desejáveis do mundo. A tentação pairou entre eles, macia como seda.

– Nunca poderia passar sem Sunny – respondeu em voz baixa.

Allie suspirou. A rejeição não era doce.

– Aprecio a tua honestidade – afirmou, pegando na mala e na sua cadela.
– Está a fazer-se tarde. Tenho de ir andando.

Ele acompanhou-a ao carro.

– Pedi-te que viesses a Cannes comigo. Disseste que «talvez». Esse «talvez» é uma promessa?

Mac colocou-lhe as mãos nos ombros.

– Muito depende da tua resposta – continuou ela. – Mais do que imaginas.

Mac beijou-a com suavidade nas duas faces aveludadas como casca de pêssago.

– Talvez – repetiu.

Allie virou-se para a porta, mas depois deu meia volta outra vez.

– Mac, os homens ricos não desaparecem simplesmente, pois não?

Ele abanou a cabeça.

– Sobretudo, os que devem dinheiro às respetivas mulheres.

Ela assentiu.

– Foi o que pensei. Mas vais encontrar Ron para mim?

– Farei o impossível.

Allie sorriu, aquele sorriso celestial que fazia com que os espetadores se apaixonassem por ela.

– É só isso que peço.

Quando o carro de Allie se afastou, Mac chamou *Pirate*, voltou à sua pequena casa e fechou a porta. Era triste, pensou, que oportunidades de ouro por vezes se perdessem. O que só demonstrava que a altura certa era tudo.

Saiu para o deque, escutando a rebentação da maré, a pensar no marido de Allie que desaparecera, nas cartas esquisitas e na pessoa que a perseguia. Não gostava de todo aquele cenário. Nem um pouco.

Marcou o número de Lev Orenstein e discutiu o assunto com ele.

– Allie não quer envolver a polícia – explicou –, por isso temos nós de resolver a questão.

– Eu mantenho-a sob vigilância – replicou Lev. – E ficarei atento ao tipo louco. Mas o resto é contigo.

Preocupado, Mac sabia que ele tinha razão. Agora tinha três pessoas ansiosas por encontrar Perrin. A mulher, que queria o divórcio; a amante, que queria casamento; e o sócio, que queria o amigo de volta e uma possível absolvição no caso de crimes financeiros. RP era um homem interessante.

Os pensamentos de Mac voltaram a Sunny. Não dissera, em frente do amor da sua vida, que talvez considerasse a hipótese de partir para o Sul de França com uma beldade de renome mundial? Só ele e ela? Tinha sorte por Sunny ainda lhe dirigir a palavra. Era tarde e não queria telefonar-lhe por causa do *jet-lag*. Sabia que com certeza já estava a dormir.

Preferiu enviar-lhe uma mensagem: «ESPERO TENHAS DORMIDO TUDO. SINTO MUITO TUA FALTA. AMARINA NÃO FICA TÃO LONGE COMO ROMA. ALGUMA HIPÓTESE DE ME CONVIDARES PARA JANTAR AMANHÃ TUA CASA? *TAMALES* SERIA BOM. E, NÃO, NÃO VOU PARA CANNES COM DESLUMBRANTE ESTRELA CINEMA. ESTAVA SÓ A SER “EDUCADO”. AMO-TE.»

A resposta dela aguardava-o na manhã seguinte:

«NA MINHA CASA ÀS SETE. ESQUECE OS *TAMALES*. SEI COZINHAR OUTRAS COISAS, SABES.»

SUNNY TINHA TUDO PLANEADO. Lá no fundo, Mac era um tipo à moda antiga. E decidiu começar com sopa de abóbora manteiga com um sabor doce aveludado salpicada de bolachas de amêndoa esmagadas e canela. Ninguém adivinharia como era fácil de fazer. Depois, o frango à caçador de que ele gostava e que, como a sopa, podia ser feito com antecedência, para não ter de andar à pressa na cozinha nos últimos minutos. Para a sobremesa, um doce preferido dela, o bolo de limão, leve como uma pena, do supermercado Mrs. Gooch's, na Avenida Melrose, servido com gelado *Dreyer's* de chocolate, mas com poucas calorias.

Cedera à questão das poucas calorias como concessão à sua própria consciência, embora, quando se namorasse com um tipo, o objetivo fosse agradar. Além disso, comprara um bom champanhe, *Henriot*, um vinho menos conhecido mas famoso em França, e uma garrafa muito extravagante de *Bordeaux*, um *Ducru-Beaucaillou*, que custara demasiado caro e que tinha praticamente de ser aberto no dia anterior para poder respirar.

Bem, era uma ementa feita para agradar a um homem, tudo arquitetado cuidadosamente, a mesa muito bem posta, em honra do seu namorado, com individuais de um cinzento-grafite muito masculinos, pratos simples quadrados e brancos e talheres aerodinâmicos. Nem uma curva ou floreado à vista. À exceção de uma jarra de cristal com rosas de um tom lilás-acinzentado fora do vulgar.

E ela estava muito feminina com um vestidinho de seda da mesma cor das rosas, delicado mas picante, atado com um cinto e com um toque de renda no decote baixo. Sandálias de saltos bem altos, só tiras prateadas, *Jimmy Choo* claro e já com quatro anos, mas adorava-as.

Tinha o cabelo escuro solto e penteado de maneira a cair de forma sensual sobre um dos olhos e usava o seu batom preferido *Rouge*, da *Dior*, o da noite, e, claro, o perfume *Mitsouko*. As chamas – apenas lenhos a gás, mas

eficazes – cintilavam na lareira apesar de a noite não estar fria. Neil Young cantava «Harvest Moon» baixinho e as velas pequenas tremeluziam nas sombras.

Desta vez, a casa estava arrumada, porque, sabendo como Mac odiava o seu estilo caótico, Sunny enfiara tudo para dentro de armários e gavetas. Claro que isso significava que não conseguiria encontrar nada durante semanas, mas esta noite merecia o esforço.

Tirou um figo coberto de chocolate do frigorífico e deu-lhe uma dentada, a pensar por que razão não teria qualquer autocontrolo quando se tratava de coisas doces, quando sabia perfeitamente bem que o seu rabo aumentaria logo. Suspirou e disse consigo mesma que, no final de contas, a vida era composta por pequenos prazeres. Sobretudo prazeres doces. E, além disso, aqueles figos eram uma delícia.

Olhando em volta, pensou que, de alguma maneira, a sua casa não se prestava a estar muito arrumada. Os sofás de linho cor de manteiga ostentavam covas permanentes nos sítios onde se esparramava com *Tesoro* ao colo a ver televisão ou a pôr a papelada em dia. A secretária de vidro com as pernas de níquel escovado, uma compra recente na secção casa da Williams-Sonoma, numa tentativa para adicionar um ar chique e moderno à sala, estava perpetuamente coberta de papéis e das marcas das patas de *Tesoro*. O tapete estilo Santa Fé, que a mãe lhe oferecera, não condizia muito bem com o resto das coisas, mas as cores vivas recordavam-lhe a sua terra natal, embora estivesse sempre a escorregar no chão, porque nunca chegara a adquirir um desses protetores antideslizantes para o fixar.

A mesa de café de madeira em frente da lareira era uma das suas descobertas da feira da ladra, que tinha esperança vir a revelar-se uma antiguidade genuína, e estava agora coberta por recipientes variados cheios de flores trazidas do supermercado Gelson's e alindadas pela adição de seixos lisos cinzentos para as manter no lugar. Fotografias forravam outra parede: da sua *abuela*, da família e amigos. Mas, no lugar de honra, havia uma foto com moldura de aço da sua primeira *Harley* e, mesmo ao lado, o outro amor da sua juventude, o seu cavalo, uma potra castanha chamada *Jupiter*. Sunny ainda se emocionava quando olhava para ela. *Jupiter* partilhara a sua vida durante catorze anos excitantes e ainda sentia saudades dela. Sentia a falta da velha *Harley* também, mas por outras razões, sobretudo porque lhe recordava a sua juventude e o que se divertira a

malbaratá-la.

Apenas o enorme candelabro de prata de muitos braços em cima da mesa do café era uma verdadeira antiguidade e fora-lhe oferecido pela avó. A irmã, Summer, possuía o respetivo par e tinha mais significado para Sunny do que qualquer outra coisa na casa. Acendeu as velas, com um leve odor a cera de abelha e mel, e deixou o aroma espalhar-se lentamente pela sala.

Os livros enchiam as prateleiras que cobriam a parede posterior, mas, melhor do que tudo, e motivo pelo qual comprara a casa, era a parede de janelas com uma vista perfeita sobre a marina, incendiada de luzes. Era aí que via o Sol a pôr-se, todos os fins de tarde, depois a penumbra a cair e as luzes a acenderem-se pouco a pouco. Era como a véspera de Natal todas as noites, embora na época natalícia fosse ainda melhor, porque os barcos estavam enfeitados, decorados e iluminados como lustres coloridos. Mac e ela viam o desfile do deque, a tremerem na noite de Dezembro, o ponche quente à mão para enganar o frio.

No entanto, a sala estava com bom aspeto, pensou, olhando em volta com ar aprovador. E claro que a divisão sempre mais imaculada era a cozinha. Aí não tolerava confusões. Tinha de saber onde tudo se encontrava: as facas, as especiarias, os pratos. Era uma cozinheira e esta noite seduziria outra vez Mac Reilly com o seu jantar e o seu vestido *sexy*. Ele esqueceria Allie Ray durante algum tempo, embora, de certo modo, soubesse que ela própria não o conseguia fazer.

A solidão fora a coisa que a impressionara mais em Allie. Porém, com todo o seu sucesso, com todas as pessoas que conhecia e com toda a gente a querer conhecê-la, como é que a mulher se podia sentir só?

Mas esta noite era dela, não de Allie. E este era o cenário ideal para sedução. Sunny encolheu os ombros. Ora, uma rapariga tinha de tentar, não é? Poderia até ter de ser ela a fazer a pergunta, se Mac não se descosesse.

No entanto, quando Mac lhe entrou porta dentro, o seu coração deu cambalhotas e os joelhos viraram gelatina. Mac era mesmo de quebrar corações, apesar de afirmar ser bastante vulgar.

«Vulgar» é que de certeza não era. Sunny adorava o corpo esguio e musculado de Mac, apetecia-lhe passar os dedos pelo cabelo escuro e, quando os seus olhos azuis fitavam os dela, quase jurava que lhe via a alma. E as mãos dele eram belas, magras e algo ossudas, firmes quando precisavam de ser, suaves e meigas quando o queríamos muito. «Mãos

românticas», chamava-lhes Sunny. Sim, nitidamente «românticas».

Ficaram a olhar um para o outro durante um longo minuto. Depois Sunny avançou para os braços dele. Aspirou o aroma familiar da pele, do *aftershave*, do cabelo acabado de lavar, da velha camisola de caxemira que tinha um certo cheiro a *Pirate*, e agora também uma sugestão do perfume de outra mulher. *Chanel*, pensou.

Cambalearam às arrecuas para a sala, ainda abraçados, ainda de lábios colados.

– Nunca me deixes – murmurou Mac e Sunny sentiu um arrepio percorrê-la.

Depois olhou para baixo e viu *Tesoro* ao lado deles, o pequeno focinho amoroso da *chihuahua* virado para cima.

– Oh, oh – disse, de súbito apreensiva.

Mac afastou os lábios do cabelo dela para olhar. *Tesoro* dobrou ligeiramente a cabeça para lhe farejar os sapatos. Depois, com elegância, claro, porque era uma cadela muito bem-educada, vomitou por cima deles.

Sunny gritou, Mac resmungou e *Tesoro* retrocedeu para o sofá, onde alçou uma perna para o ar e começou, descontraída, a lambar as suas partes mais íntimas.

– Essa cadela não é civilizada – exclamou Mac quando Sunny correu a buscar toalhas de papel. – *Pirate* nunca faria nada do género e é apenas um rafeiro das ruas de Los Angeles, caramba. O que se passa com estas aristocratas? Julgam que não precisam de ter maneiras?

– As boas famílias não querem dizer nada – concordou Sunny com humildade.

Tesoro conseguira baixar alguns pontos o tom romântico da noite, por isso Sunny serviu o champanhe, na esperança de conseguir acalmar os nervos irritados de Mac. A coisa pareceu funcionar e sentaram-se de mãos dadas a falar de Demarco e dos Perrin.

– Ainda não tenho bem a certeza de qual é o papel de Demarco – observou Mac. – Se é, na realidade, o sócio efetivo de RP, aposto que foi uma coisa recente. E, se estão a planear uma aquisição, vai precisar do seu amigo Perrin. Por isso, não creio que tenha alguma coisa a ver com o seu desaparecimento. Sobretudo porque me pediu para o encontrar. Quanto a Allie, não tenho a certeza se está contente por se ver livre dele. De qualquer maneira, agora andam os três à procura de RP e cabe-nos a nós encontrá-lo.

Sunny bebeu um pouco do champanhe, mirando-o por cima da borda do copo.

– Vão-te pagar por tudo isto?

– Estamos a combinar uma verba com Demarco. Allie Ray está a pagar muito generosamente para me ter de chamada vinte e quatro horas por dia, não só para descobrir o marido desaparecido, mas também para apanhar o perseguidor, que poderá representar uma grande ameaça. Quanto a Marisa, bem, suponho que vai apenas à boleia dos outros.

– Ah! – Sunny torceu o nariz.

– Ah... o quê?

– Nunca mais vais ficar rico.

Mac sorriu.

– Mas pensa só como me divertir.

Mudou de assunto, admirando as flores e o vestido dela. Até comentou que a casa estava muito arrumada e depois foi para o terraço apreciar a vista, enquanto Sunny aumentava um pouco o volume da música e começava a servir a sopa. Como esperara, Mac ficou surpreendido com o sabor e voltaram a encarregar na onda romântica. Sunny sorriu, feliz. Sabia mesmo conquistar o coração de um homem.

O *Bordeaux* especial com o prato principal derreteu ainda mais Mac. Esquecendo a sobremesa, pegaram nos copos ainda cheios e, com o braço de Mac passado por cima dos seus ombros, o dela à volta da cintura dele, encaminharam-se para o quarto, já engenhosamente preparado com almofadas empilhadas e os lençóis antigos mas bons da *Frette* que a mãe lhe dera, bem como com uma manta de caxemira macia. Oh, está bem, admitia, era só uma mistura de caxemira. Mesmo assim, sabia que lhes aqueceria os corpos nus nas suas dobras macias, na eventualidade de sentirem frio. Porém, seria uma possibilidade remota.

Os candeeiros lançavam manchas de luz suave e dourada, a música era a adequada para se fazer amor e a cama, o destino deles, aguardava.

Sunny deixou que Mac a despisse. Não que houvesse muito para tirar, mas adorava a forma como ele se demorava nas partes importantes. Depois, Mac pegou nela e deitou-a na cama.

Estavam os dois a ser transportados para o céu ou, pelo menos, para aquela parte do paraíso que se consegue alcançar ainda nesta terra, quando Sunny ouviu uma rosnadela ameaçadora. Abriu os olhos mesmo a tempo de

ver *Tesoro* a lançar-se sobre Mac. Todas as garras de fora.

O berro de Mac não foi o grito de paixão que ela esperara. Endireitou-se de repente, amaldiçoando a cadela, que lhe desferiu um olhar insolente e depois saltou da cama e saiu do quarto indignada.

Sunny correu a buscar o *Betadine*, aplicando-o nas marcas dos arranhões bem simétricos em quatro sítios pelas costas de Mac abaixo. Ele gritou outra vez quando ardeu.

– Pensa nos vizinhos – lembrou Sunny. – Vão dizer que é violência doméstica e chamar a polícia.

– Diz-lhes antes para telefonarem para o departamento de animais selvagens – retorquiui Mac, ainda dorido.

Sunny pensou que a vida era muito estranha. Aqui estava um homem que conseguia esquivar-se, impune, a balas e assassinos, mas não conseguia fazer frente a uma pequena *chihuahua* amorosa. Suspirou. Lá se ia a sua noite romântica.

– O que me dizes a uma *grappa*? – sugeriu em tom alegre.

– Com certeza. – Mac estava já a vestir as suas roupas. – Na minha casa. É mais seguro.

E assim deixaram a pobre *Tesoro* a lamber as suas patas e a meditar no arrependimento.

Porém, Malibu exerceu o seu velho feitiço e logo se acharam na cama de Mac. Sunny evitou com muito cuidado pousar as mãos nas feridas das costas e *Pirate* era uma forma discreta no seu cesto junto à janela. Tudo era outra vez doçura e alegria. E oh, meu Deus, era bom, pensou, ao adormecer nos braços de Mac.

Porém, nada de pedido de casamento esta noite. O que se podia fazer quando a sua vida amorosa era sabotada pela sua própria *chihuahua*?

SUNNY PARTIU CEDO NA MANHÃ SEGUINTE para retomar a relação tensa com a sua cadela, por isso Mac decidiu descer a rua até ao Coogies para tomar café e panquecas. Panquecas de mirtilo, pensou, assobiando a *Pirate*. E café em quantidade suficiente para pôr um navio de guerra a flutuar. O seu programa televisivo estava interrompido, ainda não fora tomada nenhuma decisão e, por enquanto, o tempo era todo seu.

Sentindo-se bem, acenou ao segurança da portaria e encaminhava-se para a PCH quando reparou no carro estacionado um pouco para a esquerda na zona não alcatroada ao lado da estrada. Um velho *Cadillac*. De um tom *bordeaux*-escuro. Cheio de pó. Parecia que tinha sido ali largado, mas depois avistou um homem sentado no lugar do condutor. Rosto magro, pele cor de azeitona com uma barba que parecia poder ser um disfarce e, claro, óculos escuros.

Passou-lhe pela cabeça que já vira aquele rosto, aquele homem, antes, a passear devagar, para a frente e para trás na praia, junto à linha da rebentação.

Chamando *Pirate* para junto de si, Mac aproximou-se do carro. As janelas estavam abertas e enfiou a cabeça numa delas.

– Olá – disse. – Qual é o problema, pá?

O homem fitou-o em silêncio. A barba era a sério. Soltou um suspiro fundo.

– Devia ter previsto que me detetaria – retorquiu. – Claro que sei quem é. – Tirou um cartão do tabliê e entregou-o a Mac. – Sandy Lipski. Detetive privado.

Um belo detetive privado, pensou Mac. Nem conseguia efetuar uma vigilância em condições. Dava demasiado nas vistas.

– Precisamos de falar – disse Lipski.

– Sobre quê?

– Ronald Perrin.

Mac ficou surpreso, mas não o demonstrou. Claro que podia ter entrado simplesmente no carro de Lipski e dito muito bem, vamos lá falar, mas preferia ver as pessoas nos seus habitats próprios. Acreditava que isso lhe dava algumas indicações sobre quem eram na realidade.

– Está bem, então vamos para o seu escritório. Vou buscar o meu carro e sigo-o.

Quem Lipski era tornou-se óbvio mal Mac viu o escritório. Pequeno, numa rua secundária de Santa Monica. Armários arquivadores gastos, uma secretária muito usada com uma cadeira velha de pele e costas altas para Lipski e uma cadeira manchada tipo sala de espera de aeroporto para o seu cliente. Janelas encardidas, um refrigerador de água com uma pilha de copos de plástico. Um soalho de madeira riscado e cortinas rasgadas. Nada de ar condicionado, mas isso era habitual na praia, onde toda a gente jurava que não era necessário por causa da brisa marítima. O que não era estritamente verdade, sobretudo naquele dia no escritório de Lipski, mas Mac empederniu-se contra o ar contaminado com nicotina e concentrou-se no que interessava.

– Antes de passarmos a Perrin, conte-me primeiro quem é – pediu, pegando na cadeira de aeroporto e instalando-se o mais confortavelmente possível.

A história de Lipski era bastante familiar: ex-polícia expulso por causa da droga, deixara-se afundar numa horrível vida de submundo. A dada altura do caminho descobrira um programa de reabilitação de doze passos, recuperara a sua vida e entrara no negócio das investigações privadas.

– Nada de complicado – explicou, acendendo um *Marlboro*. – Só espiar noivos para mulheres que querem saber se os futuros maridos têm algum passado. Ou então um «presente» que desconhecem como, por exemplo, outra mulher. Seguir maridos infiéis até motéis. Esse tipo de coisa.

Deu uma longa passa no cigarro. A cinza caiu na parte da frente da camisa. Mac esperou. A sua técnica da mosca na parede nunca o deixava ficar mal.

– Conheci Ruby Pearl no programa de reabilitação – disse Lipski. – Ajudávamo-nos um ao outro, encorajávamo-nos, sabe como é. Ruby era gira, loura, cheia de vida. Estava sempre a fazer-me rir. Apaixonei-me mesmo por ela. Depois ela conheceu outro tipo. Contou-me que era rico.

Conhecera-o num *chat* da internet. Começou a sair com ele e logo me deixou. Ele dava-lhe presentes, um relógio de diamantes e coisas assim. Coisas que eu nunca poderia ter comprado mesmo que trabalhasse vinte e quatro horas por dia. – Encolheu os ombros com ar lastimoso. – Como poderia competir com ele?

Era a segunda vez que Mac ouvia falar de um relógio de diamantes.

– Mas ainda a amava – continuou Lipski. – Sabe como é? Quando aparece uma mulher que nunca conseguimos tirar da cabeça? Tê-la-ia aceite de volta sem hesitar. Mas então ela desapareceu. Tal como se diz «sem deixar rasto». Na altura, eu não sabia quem era o tipo com quem ela saía, apenas que era rico. Passaram-se meses. A polícia pô-la na lista de pessoas desaparecidas. E sabe o que isso significa. Ninguém andava sequer à procura dela. Eu não conseguia descansar, tinha de saber o que sucedera. Uma rapariga como aquela não desaparece assim sem mais nem menos. E então descobri através de um velho amigo da polícia de Los Angeles que ela andara a sair com Ron Perrin. Ele até lhe dera um emprego de secretária. Sei que ela morreu – acrescentou Lipski baixinho. – É aquele sentimento instintivo. Sabe como é? A coisa não bate bem.

– Entendo – retorquiu Mac. Estava a pensar que Ron Perrin estava metido numa grande alhada. Não admirava que tivesse desaparecido.

– Era eu que estava naquela noite em casa de Perrin – declarou Lipski, sobressaltando-o.

– Como entrou?

Lipski encolheu os ombros.

– Às vezes, tem apenas a ver com quem conhecemos. Um empregado ressentido, uma chave roubada... sabe como é. Decidi que devia descobrir quem... porquê... Bem, arranjei a chave e o código do alarme.

– Caramba. Foi assim tão fácil?

Lipski abanou a cabeça.

– Não. Eu é que sou esperto.

Mac riu-se. Aquele homem não era só o que parecia à primeira vista.

– Vi Perrin sair o portão. Pensei que a casa estava vazia. Foi um grande choque quando a mulher desceu. E, com uma arma, diabo! Não queria magoá-la, mas também não queria ser ferido e depois metido na cadeia por arrombar a casa de Perrin. Só queria pôr-me a milhas. Por isso empurrei-a, fi-la cair no chão e saí dali o mais depressa que consegui. Calculei que ela

ficasse em estado de choque e muito assustada e não viesse atrás de mim com a arma. – Encolheu outra vez os ombros. – Tinha razão. Safei-me com facilidade.

– De que andava à procura em casa de Perrin?

– Provas – afirmou Lipski com simplicidade. – Matou a minha namorada. Tem de lá haver alguma coisa, não é?

Os olhos estafados de Lipski, enterrados fundo como dois tições negros no rosto magro barbudo, fitaram os de Mac.

– Tem de me ajudar, Mister Reilly. Suplico-lhe. Por favor.

UM SENTIMENTO DE SOLIDÃO apoderara-se de Allie, aquele tipo de sensação estranguladora em que, olhando pela janela, sentia que o resto do mundo estava a divertir-se ao passo que ela se achava encurralada numa prisão que ela própria criara. Era tal e qual como aquelas tardes de domingo na pequena vila texana quando era adolescente e a vida lhe passava ao lado e sabia que nunca conseguiria participar nela.

Pensou em Sunny Alvarez. Ora ali estava uma mulher que nunca deixaria que a vida lhe passasse ao lado. Sunny guiava a sua *Harley* na faixa mais rápida, o cabelo negro enfiado num capacete prateado, como o deus Hermes em pleno voo. Allie recordou os olhos de Sunny a fixarem os seus, naquela noite em casa de Mac, e o que dissera: «Olhe, se precisar de alguém com quem falar, telefone-me... Às vezes, a opinião de outra mulher pode ajudar a resolver as coisas.»

Claro que Sunny não devia ter estado a falar a sério. Sunny tinha a sua vida e estava a apreciá-la de mais para gastar tempo a ouvir um discurso egoísta sobre as angústias de Allie. E Allie sabia que, para qualquer mulher, as suas lamentações deviam soar bastante triviais. Afinal, era uma mulher que, aparentemente, tinha tudo.

Mesmo assim, recordando a expressão preocupada nos olhos de Sunny, a mão voou para o *BlackBerry*. Telefonou para as informações e conseguiu o número de Sunny. No final de contas, não tinha nada a perder, para além da sua dignidade. Marcou os dígitos.

Sunny atendeu logo.

– Olá, Allie – disse, parecendo surpreendida. – Estou contente por teres telefonado.

– Verdade? – Allie também ficou surpreendida.

– Claro que sim. Queres vir tomar um café? Podíamos encontrar-nos no Starbucks... Oh, oh, espera um minuto, com a precipitação esqueci-me que

não podes fazer esse tipo de coisa, quer dizer, ir a um Starbucks e não teres toda a gente a assediar-te. Porque não vens cá a casa? Aqui podíamos conversar.

– Tens a certeza que não vou interromper o teu dia? – perguntou Allie com cautela.

– Claro que não – mentiu Sunny. Deu-lhe o endereço e disse que ia pôr o café a fazer. – Gostas de expresso?

– Adoro – retorquiu Allie, pondo de lado quaisquer preocupações com a cafeína.

Sunny telefonou de imediato ao potencial cliente com o qual tinha combinado um encontro e explicou-lhe que, devido a um percalço, estava bastante atrasada e que o contactaria mais tarde. Qual era o problema se aquilo lhe custasse um trabalho? Allie era uma mulher só que precisava de falar e prometera que estaria disponível.

Passada meia hora, Allie entrou em casa de Sunny e olhou em volta, interiorizando as mobílias despretensiosas, as fotografias da *Harley* e do cavalo e o caos geral.

– Desculpa a confusão – disse Sunny. – Não sei como, mas está sempre assim.

Allie viu que Sunny usava calças de ganga com a *T-shirt* que dizia «LOVE IS ALL YOU NEED» a brilhar.

– Acreditas nisso? – perguntou, empoleirando-se na beira do sofá.

Sunny veio afastar uma pilha de papéis atrás dela.

– Põe-te à vontade. E, não, não acredito que o amor seja só o que precisamos, mas é um pensamento bonito.

Allie levantou-se e seguiu-a até à cozinha que notou estar surpreendentemente arrumada.

– Então em que mais acreditas? – perguntou, sentando-se num banquinho de bar na ilha central, enquanto Sunny servia o expresso para duas pequenas chávenas de café verde-escuras.

Sunny meditou na pergunta.

– Honestidade. Lealdade... – Depois sorriu. – Uma boa moto, diversão...

– E amor.

– Isso passa pelo resto. – Ofereceu a Allie o açucareiro e o adoçante. – Então em que ponto estás, Allie Ray? – perguntou, apoiando os cotovelos na ilha de granito preto à sua frente e bebendo um gole do café forte.

– Suponho que não é tanto em que ponto estou. – Allie encolheu os ombros. – É mais a solidão. É uma das piores sensações do mundo. Estava a lembrar-me, mesmo antes de te telefonar, que era isto que costumava sentir quando era adolescente, condenada a ficar presa naquela vida pardacenta e sufocante para sempre. E agora, depois de todo o meu sucesso, parece, de alguma maneira, que voltei ao que era.

– Mas, na altura, escapaste – observou Sunny.

Allie ergueu a chávena de café num brinde.

– É verdade – concordou. – Enchi-me de força e saí de lá. Não deixei qualquer pista. Não queria que alguém me encontrasse e arrastasse de volta.

– Aos gritos e pontapés.

– Qualquer coisa do género. Bem, fui para Las Vegas. Para onde iria uma rapariga com o meu aspeto? Tinha dois empregos, a servir bebidas e coisa parecida, saltava de um casino para outro. Depois, arranjei trabalho como rececionista num restaurante. Foi aí que conheci o meu primeiro marido. – O seu olhar cruzou-se com o de Sunny. – Era um bom homem, sabes. Tratava-me como uma senhora e, acredita, nessa altura estava longe de me sentir como uma senhora. Mas não vou entrar por aí agora.

– Compreendo – retorquiu Sunny, a pensar se compreenderia mesmo.

– Aqueles fatos apertados horríveis que revelavam tudo e que tínhamos de usar. – Os olhos de Allie semicerraram-se ao recordar. – Depois daquilo, o restaurante parecia o paraíso. Seguro, sabes?

Sunny assentiu e Allie continuou:

– O homem que conheci não era propriamente rico, mas para mim era. Nunca conhecera ninguém que me pudesse levar a jantar fora num bom restaurante e dissesse «Come o que te apetecer, querida». E comprou-me presentes, flores e uma pulseira. Era mais velho e representava um certo apoio. Suponho que precisava dele. Por isso, quando me pediu para casar com ele, casei. E acabei outra vez encurralada. Oh, fui uma boa esposa. Pediu-me para desistir do meu emprego. Ficava em casa, preparava o jantar, via televisão com ele. Ele estava na casa dos cinquenta, eu tinha dezoito anos, a tentar parecer mais velha, e mentia dizendo que tinha vinte e um. Ninguém queria saber, exceto eu. Calculo que queria apenas sentir-me integrada.

– E sentias? – Sunny serviu mais café. Empurrou o açucareiro na direção de Allie e sentou-se no banquinho ao lado dela.

– Não o suficiente. – Allie suspirou. – Deixei-o, fui para outra cidade... Nova Iorque. Divorciámo-nos um ano depois. Nunca mais tive notícias dele.

– Casada aos dezoito, divorciada aos vinte – disse Sunny, espantada.

– Não tive a sorte de conseguir estudar, como tu. – Allie estava outra vez a olhar para ela com aquela expressão melancólica. – Não havia dinheiro para faculdades e, de qualquer maneira, o meu pai não teria permitido. Eu era o seu «bode expiatório»... eu e a minha mãe, ambas. – Estremeceu, recordando aquela vida infernal. – Tinha vinte e dois anos, trabalhava outra vez como rececionista numa *brasserie* elegante em Manhattan e vivia num prédio sem elevador infestado de baratas em Greenwich Village. – Encolheu os ombros. – Era como se a história se repetisse, só que agora eu era mais velha e um pouco mais sensata e sabia que era bela e, quando conheci o homem que se tornou o meu segundo marido, certifiquei-me que ele era rico.

Virou a cabeça para olhar para Sunny.

– Não fez qualquer diferença. Terminou da mesma maneira. Só que desta vez ele foi simpático e doou-me algum dinheiro, o suficiente para apanhar um avião para Los Angeles, arranjar um pequeno apartamento e tentar transformar-me numa atriz. Como um milhar de outras raparigas como eu. – Encolheu os ombros. – Era como o resto das raparigas bonitas da cidade, a tentar criar uma imagem confiante quando, na realidade, nunca atuara na vida. Tive aulas de representação, aprendi o meu ofício, fui a audições, fiz um pouco de teatro aqui e ali, pequenos papéis, nada de importante. Passado algum tempo, um par de anos, a coisa estava a correr bem, arranjava trabalho, papéis secundários em filmes e na televisão... mas sem nunca efetivamente ter grande sucesso. E continuava a esquivar-me aos Romeus de Hollywood que me vinham cortejar. E então, uns anos mais tarde, conheci Ron.

Parou o monólogo confessional e olhou para Sunny.

– Digo-te que tinha de acontecer, sabes o que quero dizer. Aquilo entre Ron e eu. Era como se nos tivéssemos conhecido numa outra vida.

– Ficaste completamente apaixonada – comentou Sunny e Allie riu-se.

– E ele também. Conhecemo-nos numa festa de fim de ano em Aspen. Deixámo-los a todos nas suas comemorações de ano novo com champanhe e voltámos para a cabana de troncos de Ron no bosque com a neve

empilhada à porta. Dei cabo dos meus sapatos caros que conseguira comprar passando sem alguns almoços, mas não me importei. Só queria estar com ele. E tive sorte, ele queria estar comigo. Ron é um esquiador fantástico – continuou Allie, enquanto Sunny fazia mais café. – O corpo dele é compacto, mas duro, devido a todo aquele levantamento de pesos, e as pernas são fortes. No seu fato de esqui preto da *Bogner*, deslizava por aquelas montanhas abaixo, parecendo uma ave de rapina escura. Eu não conseguia sequer esquiarmetade do que ele esquiava, no meu fato muito branco com capuz forrado a pele, à estrela de cinema, que ele me fez prometer nunca mais usar. Lembro-me de dizer: «Não compreendes que, se estiveres vestida de branco e qualquer coisa correr mal, um acidente, uma queda, ou, espero bem que não, uma avalanche, a equipa de socorro nunca te conseguirá ver no meio de tanta neve?» No dia seguinte, levou-me à loja e comprou-me um fato de um vermelho vivo com botas a condizer. Depois fomos a uma joalharia e comprou-me um anel de diamantes. Símbolo de amor eterno. «É apenas o começo, mas sinto nos ossos, no meu coração, que isto é para toda a eternidade», declarou, com as mãos nos meus ombros escarlates e fitando-me nos olhos.

Allie olhou para Sunny.

– Foi nessa altura que senti as nossas almas unirem-se. E percebi que ele tinha razão. Éramos feitos um para o outro. Apanhámos o teleférico até ao cimo da montanha Ajax, onde festejámos com uma caneca de chocolate quente e muitos beijos meigos. Poucas pessoas entendem que, no fundo, Ron é um homem muito terno, porque nunca mostra esse seu lado. Aprendeu nos negócios e conselhos de administração do mundo a ter rosto de jogador de póquer, a não mostrar emoções, a ser um homem duro que nunca desiste. Foi Ron que me arranjou o meu primeiro papel importante, como atriz principal no filme onde criei nome. Já era conhecida, claro, mas o *sexy* e glamoroso *Good Heavens*, *Miss Mary* impôs-me no tipo de papel de comédia romântica que se tornou a minha imagem de marca. Aquele papel «classificou-me» e foi o responsável pela minha fortuna. Passados dez anos de luta, eu era um êxito repentino. Comemorámos com uma viagem à Europa, parando em Paris para fazer compras, e em Saint-Tropez, onde aproveitámos a praia e fizemos longos almoços regados com vinho *rosé*. A vida era doce. Devo muito a Ron. E é por isso que nunca o esquecerei.

– E agora perdeste-o – comentou Sunny com suavidade.

Allie fitou-a nos olhos.

– Já alguma vez sentiste o coração partido?

Sunny pensou naquilo.

– Uma ou duas vezes achei que sim. Mas agora sei que não foi da maneira que queres dizer.

– Então compreendes porque me sinto infeliz.

– Porque estás só – retorquiu Sunny, passando o braço à volta do ombro de Allie. – E estás a sofrer.

– É só porque pensei que tinha conseguido, que tinha a minha vida toda no seu lugar... e agora está tudo a desmoronar-se – replicou Allie.

Não chorava, mas Sunny detetou o brilho prateado das lágrimas reprimidas nos olhos azuis.

– Obrigado por me contares – disse ternamente. – Nunca trairei a tua confiança.

– Desculpa ter usado o teu ombro para chorar – volveu Allie em tom melancólico.

Sunny inclinou-se e beijou-lhe a face.

– É para isso que servem as amigas.

Mas pensou que Allie parecia quase embaraçada quando se foi embora, como se tivesse revelado demasiado de si. Só esperava que o facto de ter deitado tudo cá para fora a tivesse, de alguma maneira, ajudado.

– Telefona-me, encontramo-nos outra vez um dia destes – disse quando se despediram com um beijo.

E, embora Allie promettesse que sim, de algum modo Sunny percebeu que não o faria.

Alguns minutos depois de Allie se ter ido embora, Mac telefonou. Sunny estava a morrer para lhe contar a visita de Allie, mas ele interrompeu-a.

– Contas-me mais tarde – exclamou, parecendo apressado. – Tenho uma coisa mais importante para te contar.

E relatou-lhe a história de Lipski. E o facto de RP ter comprado um relógio de diamantes caro para uma mulher que, em princípio, seria a sua secretária e que desaparecera, e que Lipski acreditava que fora assassinada.

– Interessante – observou Sunny, pensando na pobre Allie, que, apesar de tudo, ainda queria acreditar que o marido era um bom tipo.

– O que é ainda mais interessante é que vou a caminho da casa de Perrin e vou lá entrar tal como Lipski fez.

- Porquê? – perguntou, chocada.
- Para procurar pistas, claro.
- Não podes fazer isso. Vais praticar um delito...
- Não, não vou – retorquiu Mac calmamente. – Não vou forçar a entrada.

Tenho as chaves.

- Tecnicamente, é um delito...

Mac ria-se.

- Logo te digo como correu.
- Não, Mac, espera. Vou contigo. Promete que esperas por mim.
- *Okay*, prometo – concordou ele.

COMO DE COSTUME, o trânsito estava infernal. Parada junto à praia Surfrider na sua moto trepidante, Sunny pensou que, não tendo pressa, conduzir na estrada PCH podia por vezes ser muito excitante, com todos aqueles jovens surfistas musculados e bronzeados a despirem os fatos molhados atrás de SUVs estacionados, ou então apenas embrulhados em toalhas minúsculas.

Mas não tinha agora tempo para esses pensamentos eróticos. Mal acabara de falar com Mac, telefonara a Roddy para que a ajudasse a evitar que Mac forçasse a entrada na casa de Perrin, mas Roddy estava em Cape Cod a passar um fim de semana prolongado. Por isso, cabia-lhe a ela agora dissuadi-lo.

Não era preciso ser perito para saber que forçar a entrada numa casa constituía um delito punível por lei. E, além disso, sentia lá no íntimo que nenhuma das pessoas envolvidas, nem Marisa, nem Demarco, nem sequer Ruby Pearl e, sobretudo, não Ron Perrin, merecia o sacrifício. Teria de usar todas as suas artes de persuasão feminina para impedir Mac de fazer figura de parvo e, se calhar, acabar algemado, fotografado pelos *paparazzi*, desgrenhado, com ar culpado e uma barba de dois dias, a caminho do tribunal de Malibu.

O trânsito resolveu-se e avançou pela costa até à Colony, acenando ao segurança quando passou a portaria. Não se deu ao trabalho de fazer tilintar a sineta pouco musical; como de costume, a porta de Mac não se encontrava trancada.

O céu apresentava um desses pores do Sol em que o Sol parece a bola de fogo que na realidade é, pintando o azul-néon com um brilho em tons de coral e laranja. *Pirate* ergueu a cabeça, sem dúvida a verificar se a terrível *Tesoro* vinha com ela. Satisfeito por não ser o caso, lançou-lhe um sorriso de boas-vindas e voltou à sua sesta.

Mac levantou-se para lhe oferecer mais do que um mero sorriso de boas-

vindas.

– Olá, companheira arrombadora de casas – disse, dando-lhe um grande beijo sonoro.

– O que queres dizer com isso? – ofegou ela, tentando respirar. – Arrombadora de casas?

– Está bem, tecnicamente não arrombamos casa nenhuma. Tenho a chave.

– Onde a arranjaste?

– Lipski. Tenho de reconhecer o mérito do homem, até conseguiu o código do alarme.

– Credo! – Deixou-se cair na espreguiçadeira de metal e sentiu-a afundar um pouco, mesmo sob o seu peso modesto. – Precisas de espreguiçadeiras novas – recordou-lhe, ao mesmo tempo que pensava no assunto.

– *Okay*. Agora ouve. Até ao momento, a polícia não está envolvida. Não há forma nenhuma de alguém saber que estamos dentro da casa.

– *Estamos?*

– Estamos – replicou com firmeza. – Preciso de ajuda. De qualquer maneira, não há ainda nada que implique o envolvimento da polícia. Perrin é apenas um homem rico que partiu sozinho para algum sítio. Os homens ricos fazem isso a toda a hora, sabes.

– Não sabia. – Lançou-lhe um olhar fulminante.

O vento soprou-lhe o cabelo comprido, Mac inclinou-se e, com meiguice, voltou a pô-lo no seu lugar. Os derradeiros raios de sol iluminaram-lhe o rosto e Mac inclinou-se outra vez para a beijar.

– Amo-te, Sonora Sky Coto de Alvarez – murmurou, desviando os lábios do cabelo dela para aquele seu lugar favorito onde a pulsação latejava na base da garganta.

– Estás só com falinhas mansas para me convenceres – comentou, cautelosamente, mas estava a amolecer. Sorriu-lhe.

– É verdade – concedeu Mac. – Mas talvez guardemos isto para mais tarde.

– Depois do arrombamento.

– Pois. Entretanto, por que razão Perrin desapareceu? Será porque o FBI anda atrás dele por suspeita de fraude? Ou talvez lavagem de dinheiro? E talvez tenha morto Ruby Pearl que sabia de mais? Quem sabe, talvez Marisa e Allie sejam as próximas da lista.

– Credo – exclamou Sunny outra vez. Neste momento, já estava um

pouco assustada.

Mac sentou-se na ponta da espreguiçadeira. Inclinando-se para a frente, as mãos apertadas entre os joelhos, fitou Sunny, muito sério.

– Não sei se Perrin é um assassino, mas acredito que Lipski tem razão num aspeto. Tem de haver alguma coisa, alguma prova, pelo menos uma *pista* naquela casa. Recordas-te de te contar que RP estava a destruir documentos? Tenho esperança que não tenha conseguido destruir todos. Estou a pedir-te para me ajudares, porque sendo dois a vasculhar a casa, será mais rápido.

Olhou para ela, com uma sobrancelha escura levantada.

– Então? Vens comigo ou não?

Sunny suspirou. Era inevitável.

Esperaram até escurecer e depois, deixando *Pirate* em casa desta vez, caminharam pela praia deserta. A maré estava a descer e Sunny lamentou em voz alta que as pegadas na areia molhada conduziriam de forma incriminadora até à casa de Perrin, mas Mac disse-lhe para parar de se armar em Sherlock Holmes, ninguém os observava.

Sunny subiu a correr os degraus para a praia, atrás dele, lançando olhares nervosos por cima do ombro enquanto Mac abria a porta lateral. O alarme sibilou e, torcendo as mãos numa aflição, com receio que fossem descobertos, esperou até ele o desligar.

– Oh, meu Deus – exclamou a tremer. – Diz-me, Mac Reilly, porque estou a fazer isto? Estarei louca ou quê?

– Louca – concordou. Encontrava-se perto da janela, quase no sítio exato onde estivera naquela noite quando Marisa lhe apontara a arma. – Tem de haver alguma coisa – sussurrou para Sunny. – Algum indício de infração ou crime, qualquer coisa que Perrin tenha esquecido.

– Está bem. – Parara de tremer, mas ainda se sentia nervosa.

Numa alcova da enorme sala de estar, encontrava-se um computador. Mac aproximou-se e ligou-o. A página de entrada era um *chatroom* da internet com fotografias de jovens com biografias curtas e saias ainda mais curtas e mensagens a pedir para as contactarem.

Mac assobiou. Então Perrin gostava mesmo de *chatrooms*. Marisa admitira que fora onde o conhecera e Lipski dissera o mesmo sobre Ruby. Calculou que para Perrin era uma forma anónima e melhor do que a mais antiquada de contactar alguma «madame» de Hollywood, que poderia

algun dia ser presa e revelar quaisquer segredos sobre as suas atividades e preferências sexuais.

Começaram os dois a revistar sistematicamente a casa. Mac o andar de cima e Sunny o de baixo, resmungando quando não encontraram nada. Não havia dossiês e a máquina destruidora de papel desaparecera.

Sunny encontrava-se na cozinha quando ouviu o portão de aço que dava para a rua a deslizar, abrindo-se.

– *Oh, meu Deus, Mac* – chamou, num sussurro lancinante. – *Vem aí alguém.*

Mac correu pelas escadas abaixo. Agarrou-lhe na mão e empurrou-a pela porta da cozinha para a garagem. Parou um segundo para que os olhos se adaptassem à escuridão. Ficara a pensar que tipo de carro Perrin conduziria e agora sabia. Um *Hummer*. Prateado. A cor de RP, parecia, com vidros pretos para não se poder ver lá para dentro. Ao lado, encontrava-se um *Porsche* prateado. Mais uma *Harley* vermelha. E, num canto, a peça mais impressionante, uma moto *Indian* original.

– Oh... Meu... Deus. – Sunny fitou a moto com ar reverente.

Mac espreitava por uma abertura na porta para a cozinha. Conseguia divisar alguém a movimentar-se pela casa. Um homem. Não acendera as luzes, por isso, como eles, era óbvio que não queria que se soubesse que estava ali. Contudo, não era com certeza Lipski. O homem virou-se e olhou na sua direção.

Mac agarrou Sunny, abriu a porta traseira do *Hummer* e empurrou-a lá para dentro.

– Deita-te no chão. Não digas nada, aconteça o que acontecer.

– Oh, meu Deus – retorquiu ela de novo, mas desta vez com um tremelicar de pânico na voz. – É o FBI?

Mac entrou para o banco da frente. Deitou-se no chão e esticou-se o melhor que conseguiu. Depois trancou as portas pelo interior.

– É Demarco.

– Oh... – O gemido angustiado quase o fez rir-se.

Tinha os ombros comprimidos e a cabeça encravada por baixo do volante. Por cima, balouçava não apenas a chave do *Hummer*, mas também um conjunto de chaves e um comando de abertura eletrónico. Estendeu a mão e enfiou-os no bolso.

– Está aqui um calor infernal – sussurrou Sunny. – Acho que vou morrer.

– Não vais nada – retorquiu Mac com confiança. Mas estar deitado no chão do *Hummer* atarracado era como estar num carro fúnebre sem o benefício de um caixão. Suava.

Na parte traseira do carro, Sunny agarrou-se às bolsas laterais, içando-se para uma posição mais confortável. Os dedos encontraram um pedaço de papel. Apanhou-o e enfiou-o no bolso dos calções.

Demarco, à porta da garagem, olhava em volta, uma expressão desconcertada no rosto. Ainda usava o fato às risquinhas. Não era o uniforme habitual para um arrombamento de casa. E, ao contrário das garagens da maior parte das pessoas, esta não se encontrava cheia de tralha armazenada. Estava imaculadamente limpa. Não havia sítio nenhum para esconder alguma coisa. Exceto nos dois carros.

Mac baixou-se quando Demarco avançou para o *Hummer*, ouvindo o pequeno guincho sussurrado de medo de Sunny.

Demarco praguejou quando tentou abrir a porta do *Hummer* e percebeu que estava trancada. A seguir experimentou o *Porsche*. Abriu a porta e olhou lá para dentro, mas, obviamente, não encontrou o que procurava.

Mac viu-o voltar a passos largos para a casa, deixando a porta bater atrás dele.

Mac apalpou os bolsos à procura das chaves.

– Adivinha lá o que aconteceu – disse para Sunny. – Deixei as chaves de casa na cozinha.

Sunny soergueu-se atrás dele.

– *Queres dizer que estamos trancados nesta garagem?* – perguntou num sussurro alto.

– Chiu. – Mac fez um gesto na direção da casa. – Na realidade, sim. É isso mesmo que quero dizer.

Sunny gemeu.

– Vou morrer aqui. Vou deixar um bilhete a pedir para me enterrarem com a moto *Indian*. Temos de sair daqui – acrescentou. – Quem vai dar o jantar a *Pirate*?

– Tu. – Levantando-se, Mac ajudou-a a sair do carro. – Estás a ver aquilo?
– Apontou para a porta lateral trancada, com uma entrada para cão.

– Estás a falar da porta para o cãozinho?

– Devia ser para a *bichon-maltês* de Allie. – Lançou uma olhadela encorajadora a Sunny. – Achas que consegues?

Ela grunhiu.

– Explica-me porque não usamos o comando de abertura da garagem e saímos da forma normal.

– Porque não queremos anunciar a nossa presença ilegal a toda a gente que passe na rua. Sobretudo, se Demarco ainda andar por aí, embora duvide. Ouve, porque não saís e dás a volta pelo lado da praia? A janela ainda deve estar aberta. Depois, voltas por dentro da casa e abres-me a porta.

Sunny fitou-o furiosa.

– Sou bem capaz de te deixar aqui.

– Ora, vamos lá. Tens de admitir que valeu a pena tentar.

Com um suspiro, Sunny mirou a porta do cãozinho.

– Nunca mais te perdoo por isto – declarou.

Dali a poucos minutos, já se encontrava cá fora aspirando o ar noturno fresco e salgado.

– Oh, graças a Deus – sussurrou para si mesma.

Mas tinha de agir com rapidez e salvar Mac antes que alguém suspeitasse de alguma coisa ou Demarco regressasse.

– Obrigado – agradeceu Mac quando Sunny abriu por fim a porta da cozinha e o libertou. Voltou a ligar o alarme e saíram depressa, trancando a porta atrás deles. – Tenho uma garrafa de champanhe bom a gelar só para ti. O que achas, querida?

– Detesto-te – respondeu ela, a sorrir.

Após o segundo copo de champanhe, quando os nervos de Sunny já não estavam tão crispados e ela concordara em deixar de olhar para a casa de Perrin na praia, relatou a Mac a visita de Allie e como esta revelara a sua história muito pessoal.

– Ela queria falar – explicou Sunny. – E eu era a pessoa anónima que não se importava de ouvir. Uma «amiga».

– Então o que pensas de Allie agora? – perguntou Mac.

Sunny bebeu um gole, pensativa.

– Gosto dela. Penso que passou, está a passar, por um mau bocado. E admiro-a. Vem de um meio complicado e lutou até chegar ao topo da carreira, embora diga que foi Ron que lhe deu aquele empurrão final para o estrelato no mundo do espetáculo. Mas fiquei com a sensação que se

encontra num momento de crise. Creio que não sabe para que lado se virar. E, além disso, sente a falta do marido. Fiquei com a impressão que dependia dele para tudo. Ron Perrin era o seu esteio numa profissão muito espinhosa.

– Tens a certeza que sente a falta dele? – Mac parecia surpreendido.

– Tenho a certeza – replicou Sunny com firmeza. – De facto, estou disposta a apostar que Allie ainda ama Ron Perrin.

TINHAM-SE PASSADO ALGUNS DIAS e Allie encontrava-se no Sul de França, sozinha no terraço da sua suíte luxuosa no Hôtel du Cap. Agarrava com força um copo de champanhe e bebia um gole de vez em quando para acalmar os nervos, a pensar no que estava prestes a fazer. Excertos de conversas e risos chegavam-lhe do jardim em baixo, bem como o ténue ruído do Mediterrâneo a lambar a costa. Pinheiros mansos salpicavam a linha do horizonte, que se coloria de um azul-néon para condizer com o mar e o ar era suave na sua pele.

Pensou em Malibu, onde o oceano Pacífico mostrava sempre quem mandava, encaracolando-se em ondas altas de um verde gelado, que golpeavam a costa numa torrente de espuma branca e depois retrocediam com um sussurro por cima das rochas.

Pensou em Ron e na casa de ambos mesmo à borda de água, e como, nos primeiros tempos, ficavam deitados a escutar o oceano, que, de alguma maneira, os adormecia com o seu ruído. E recordou a pequena casa humilde de Mac, encarrapitada de forma precária nas suas estacas de madeira, tão encantadora e descontraída como o próprio homem.

Uma olhadela ao relógio de ouro *Cartier* avisou-a que estava quase na hora. Tinha apenas uma última chamada para fazer. Marcou os números, esperando que Sheila estivesse. Felizmente, atendeu logo.

– Sheila, tomei uma decisão – declarou Allie baixinho. – Não tenho nada que me faça regressar.

– Querida, tens a certeza? – Havia um certo tom de pânico na voz de Sheila.

– Nunca tive tanta certeza de nada desde que era adolescente e queria sair daquela cidadezinha chata no Texas. Sheila, tenho de fazer isto. *Preciso* de fazer isto. Não sei no que irá dar, mas tenho de ficar sozinha. Tenho de tentar criar uma vida nova.

– Mas como, o que vais fazer, Allie?

Sheila estava preocupada, mas existia uma força nova na voz de Allie quando respondeu:

– Não faço ideia. Suponho que descobrirei alguma coisa. Depois te digo, amiga. Mas prometes não contar nada a ninguém?

– Nem sequer a Ron? Quer dizer, se ele voltar?

– Sobretudo não a Ron.

– E então ao detetive? Reilly?

Allie hesitou, mas decidiu rapidamente que tinha de fazer aquilo sozinha.

– Nem sequer a Mac Reilly – retorquiu com firmeza.

Sheila desejou-lhe sorte, disse que ficava a pensar nela e Allie prometeu telefonar dentro de pouco tempo. A seguir voltou a entrar no quarto, observou-se no espelho alto e chamou o paquete para levar a sua pequena mala para a limusina que aguardava.

Inspirando fundo, encaminhou-se para a porta. Virou-se para um último olhar ao quarto encantador com a sua vista sobre o mar; ao balde de gelo prateado com a garrafa aberta de um excelente champanhe e aos ramos volumosos de flores odoríferas; às pilhas de roupas caras que a empregada arrumaria para ela. À vida de uma estrela de cinema a caminho da estreia do seu filme. E depois fechou aquela porta e apanhou o elevador para o vestíbulo onde o seu realizador a esperava.

Detetou-lhe o ligeiro franzir de sobrancelhas de desaprovação quando viu a sua indumentária simples, mas, mesmo assim, sorriu e cumprimentou-a elogiando-lhe a beleza.

– Às vezes, a simplicidade é melhor – explicou Allie. – É uma pena que não tenhamos tido isso em conta quando fizemos este filme.

Seguiram sentados em silêncio durante os quase quarenta minutos do trajeto que em geral levava apenas vinte. O trânsito estava infernal e o realizador roía as unhas, com receio que pudessem chegar atrasados. Mas Allie sabia que esperariam por ela. Toda a gente o fazia.

Quando a limusina parou junto ao Palais des Festivals, saiu e posou, sorridente, para os fotógrafos. Comparada com todo o fulgor, vestidos compridos e *glamour*, causou sensação. Tão simples, tão diferente, com as suas calças estreitas de seda preta e blusa simples de tafetá branco com as mangas arregaçadas, tendo como únicas jóias um par de argolas de ouro e, estranhamente, uma vez que se sabia que o casamento estava a desfazer-se,

a aliança de ouro. O cabelo louro fora puxado para trás num carrapito e atado com um laço de cetim preto, como Grace Kelly costumava usar o seu nos anos sessenta e, de facto, várias pessoas comentaram a sua semelhança com a falecida princesa do Mónaco.

Encaminhou-se para o enorme lance de escadas forrado com tapete vermelho que conduzia ao Palais, de mãos dadas com o seu realizador, sorrindo e acenando para a multidão, posando mais um pouco, a profissional completa, assegurando-se que os fotógrafos recebiam o que precisavam. Depois subiu os degraus a passos largos, virando-se no topo para um último aceno. Ninguém teria adivinhado que, naquele momento, sentia que era a mulher mais só do mundo.

Ficou sentada durante a exibição do seu filme com o título *Midsummer's Dream*, meio roubado de uma das peças de Shakespeare. Apesar de alguns cortes drásticos de última hora, era tão lento e emocionalmente apático como suspeitara que seria desde a primeira semana das filmagens, quando o guião começara a ser alterado. A partir daí, fora alterado quase todos os dias até que nada restara da pequena história de amor encantadora que fora no formato original. Mas os seus pensamentos não se demoravam no filme. Isso pertencia ao passado.

Pensava em Mac Reilly e no seu telefonema antes de ela partir para França, a desejar-lhe boa sorte. «Tens a certeza que não mudas de ideias e vens comigo?», perguntara algo ansiosa, já a saber qual seria a resposta dele. A solidão levava-a a tentar e, apesar das palavras corajosas quando falara com Sheila, tinha receio do que estava prestes a fazer.

O filme terminara. Estava na altura de enfrentar a imprensa, fazer as entrevistas, posar mais uma vez para os fotógrafos. Depois seguiria para o coquetel oferecido pelo estúdio no enorme iate ancorado na baía e a seguir para o jantar, no famoso restaurante Moulin de Mougins, onde mais uma vez a bela Sharon Stone organizava um leilão em benefício dos doentes com SIDA.

E depois disso? Depois, o tempo de Allie seria só seu.

No leilão, licitou uma viagem para duas pessoas num cruzeiro de luxo. Surpreendida quando ganhou, doou generosamente a viagem para ser de novo licitada em leilão. Depois, segredando ao seu realizador que estava cansada, despediu-se e esgueirou-se da sala escurecida.

A pequena mala estava já arrumada no banco traseiro da limusina. Allie

pediu ao motorista para a levar ao aeroporto de Nice. Abriu a mala, retirou um casaco comprido de malha e vestiu-o. Enfiou um chapéu de palha no cabelo e ajustou a aba para lhe tapar o rosto. Um par de óculos com aros quadrados escondeu-lhe os olhos e limpou o batom dos lábios.

Quando chegaram, deu ao motorista uma gorjeta generosa de cem dólares, disse que não precisava de nenhuma ajuda, içou a mala e entrou no terminal das partidas, encaminhando-se para a casa de banho.

Num dos compartimentos, trocou rapidamente de roupa, vestindo calças de ganga e uma camisola. Pegou outra vez na mala e saiu, dirigindo-se para uma das empresas de aluguer de automóveis.

Era o teste. Reconhecê-la-iam? Ou não?

A mulher da Europcar mostrou-se cansada e desinteressada. Sim, o carro da senhora estava pronto. Só precisava da carta de condução, do passaporte, do cartão de crédito e de uma assinatura.

Allie mostrou-lhe o seu novo passaporte com o seu nome verdadeiro, Mary Allison Raycheck, e o novo cartão de crédito. Susteve a respiração. A mulher olharia para ela para confirmar?

– Fila C, número quarenta e dois. À esquerda, quando sair a porta. *Et bon voyage*.

Bon voyage, pensou Allie, eufórica, atirando a mala para a bagageira de um pequeno *Renault* azul-claro e subindo para o lugar do condutor. Mal sabia a mulher que esta seria a *voyage* da sua vida.

Fechou a porta do carro com um som surdo forte e ficou sentada um instante, de súbito avassalada de medo. Desesperada, pegou no *BlackBerry* e ligou a Ron para a casa de Malibu. Não houve resposta. Tentou Palm Springs. A mesma coisa. Telefonou a Mac Reilly. De novo, nenhuma resposta, apenas o pedido para deixar o número de telefone e o nome, o que não fez.

As lágrimas cintilaram-lhe nos olhos, mas limpou-as. Não havia ninguém que se importasse sequer com o que ela fazia. Porém, não haveria mais cartas ameaçadoras, nem mais perseguidores loucos, nem mais vida amorosa complicada... ou, antes, falta dela. E não haveria mais estrela de cinema. Estava livre. Era Mary Allison Raycheck.

Outra vez.

RODDY ESTAVA A TER UM DIA MOVIMENTADO e não propriamente do seu agrado. Em primeiro lugar, fez uma visita à governanta de Allie para lhe fazer perguntas sobre o pessoal doméstico, o serviço de apoio à piscina, os jardineiros. Allie estava em Cannes e Ampara encontrava-se sozinha.

Segurava a pequena cadela branca de Allie nos joelhos e conversaram frente a um copo de chá gelado na cozinha de um homem rico, que poderia ter adornado a capa do *Architectural Digest* e que Roddy pensou ser bastante grande para servir de sala de baile. *Aconchegante* não era exatamente o adjetivo que lhe vinha à cabeça, mas sorriu e comentou que era ótima e que Ampara devia estar muito feliz por trabalhar num meio tão elegante.

Ampara era de El Salvador e sabia o que era a pobreza. Trabalhava para Allie e Ron Perrin há quatro anos e enviava com regularidade dinheiro para a família. De aspeto confortável, era como Roddy a teria descrito, pequena e rechonchuda, com ar um pouco de avozinha, embora, de facto, tivesse apenas quarenta e cinco anos. Falava um inglês excelente, que afirmou ser essencial se se queria um bom emprego como este porque significava que se sabia anotar quaisquer mensagens.

– E houve alguma mensagem para Allie Ray desde que partiu para Cannes? – perguntou Roddy.

Ampara abanou a cabeça, parecendo pesarosa.

– Não, senhor. Também não houve mensagens para Mister Ron. E com ambos fora, e talvez a separarem-se, já não tenho muita certeza de qual será o meu futuro neste emprego.

Roddy mostrou-se preocupado.

– Apesar de estarem fora, ainda lhe pagam, não é?

– Oh, sim, senhor, os contabilistas sempre trataram disso. Mas isto aqui fica um bocado solitário, eu sozinha nesta grande casa. Sobretudo à noite.

Tenho o meu apartamento por cima da garagem e não me importo de admitir que *Fussy* e eu nos trancamos bem trancadas lá dentro. Fico contente por ter a companhia da cadelinha – acrescentou, erguendo *Fussy* para lhe dar um beijo no nariz.

Roddy teria jurado que vira a cadela sorrir, muito diferente da pequena criatura irritadiça naquela noite na praia. E não censurava Ampara por se sentir intimidada. Era uma casa enorme que pedia para se encher de pessoas, uma casa para festas, pensada para ser exibida e explorada nesse sentido. Um pouco como a própria Allie, pensou.

Ampara contou-lhe que todo o pessoal, doméstico ou não, já trabalhava na casa há vários anos. A única exceção era a assistente de Allie, Jessie Whitworth, que trabalhara para Allie durante quase um ano e que esta «dispensara» há uns dois meses.

– Creio que Jessie ficou surpreendida quando Miss Allie lhe disse que já não precisava de uma assistente. Miss Allie disse que ia reduzir o trabalho e as apresentações pessoais e que, de qualquer modo, queria assumir o controlo da sua própria vida – acrescentou Ampara.

Roddy arrebitou as orelhas. Era provável que uma assistente pessoal despedida fosse uma ex-assistente danada, que poderia querer vingar-se. Mas, quando fez essa pergunta a Ampara, ela respondeu que não, que Jessie não era assim. Era uma jovem sossegada e simpática, sempre bem-educada e com um sorriso.

Tal como alguns assassinos em série, pensou Roddy, anotando o nome de Jessie Whitworth, endereço e número de telefone.

– Deseja mais chá? – perguntou Ampara.

– Não, obrigado. Vou andando. Ajudou-me imenso.

O rosto redondo da governanta parecia triste.

– Espero que Miss Allie e Mister Ron voltem juntos. Não estou contente por estar aqui sozinha. Preciso de alguém de quem cuidar. É por isso que gosto tanto que *Fussy* esteja aqui comigo.

Acompanhou Roddy à porta, através do enorme vestíbulo com a sua escadaria dupla e lustre de cristal, detendo-se nos degraus, com a cadela nos braços, a vê-lo entrar no carro. Acenou quando ele arrancou.

Roddy marcou o número de Jessie Whitworth. Ela atendeu logo. Uma voz baixa agradável, precisa e profissional. Parecia a secretária perfeita ao concordar encontrar-se com ele no Starbucks, perto do cruzamento entre o

Wilshire Boulevard e a Third Street em Santa Monica.

Já lá se encontrava quando Roddy entrou. Conseguiria descortiná-la mesmo que ela não lhe tivesse acenado de uma mesa de canto. Por contraste com a clientela jovem, na sua maioria vestida com calças de ganga de cintura descaída e *T-shirts* curtas, com o cabelo a borbulhar pelas costas abaixo em extensões louras, Jessie era alta e com um aspeto muito bem cuidado, com uma blusa abotoada até ao pescoço e calças castanhas de bom corte, usadas com mocassins da *Gucci*. O cabelo preto de Jessie Whitworth estava cortado curto e era bonita de uma forma discreta. Roddy ficou com a sensação de que passara a vida a tentar parecer discreta. Calculou que fosse a única maneira de sobreviver como assistente de pessoas importantes, que, por vezes, agiam como se fossem mais importantes do que eram.

– É para isso que me pagam – confessou-lhe Jessie Whitworth com um sorriso quando Roddy falou nisso, surpreendendo-o com um conjunto de dentes brancos deslumbrantes, polidos nalgum dentista caro. – Não sou eu que estou no meio do palco – acrescentou e Roddy viu o sorriso desaparecer.

– Era aí que gostaria de estar então? – perguntou, mostrando-se interessado quando se sentaram com os seus *macchiatos* de leite magro.

– Há cerca de uma dúzia de anos, quando era jovem e idiota o suficiente para acreditar que tinha talento. Hollywood em breve me roubou essa ilusão. Não que me tivesse importado. Percebi que não fora talhada para o jogo que tinha de ser jogado. Tudo o que queria era representar. E, sabe que mais, Mister Kruger? Não era suficientemente boa.

Roddy sabia com exatidão do que ela falava. Ele próprio nunca estivera interessado na profissão de ator, mas tinha amigos que ainda acalentavam a esperança de conseguirem aquele papel especial que lhes mudaria a vida, enquanto continuavam a batalhar com um pequeno papel aqui, outro sem texto ali, até dispostos a trabalhar como figurantes.

– É uma vida dura – retorquiu, muito compreensivo. Estava a gostar de Jessie Whitworth e da sua honestidade.

– Allie não me despediu propriamente – explicou Jessie. – Disse-me que a sua vida ia mudar e que precisava de fazer as coisas sozinha. Tornar-se mais independente. Largar todos os aparatos. Esse tipo de coisa. Eu sabia que ela era infeliz e que estava prestes a separar-se de Ron e, ao princípio, pensei que fosse apenas uma reação a isso. Acreditei que superaria a questão,

avançaria com a sua vida. Mas parece que não.

– Pensa que ainda estaria apaixonada por Ron?

Os olhos cinzentos, frios, de Jessie cruzaram-se com os seus.

– Diria que sim. Sim, sem dúvida. Quer dizer, discutiam porque... Bem, sabe como é com os casais. Não quero falar sobre a vida privada dos meus patrões – acrescentou. – Não é correto.

– Compreendo.

Roddy estava prestes a eliminá-la como possível perseguidora quando ela disse:

– Claro que Allie me pagou três meses de ordenado para compensar a falta de aviso prévio de despedimento e me deu referências fantásticas, mas o facto é que ainda não arranjei um emprego adequado. Tenho um trabalho temporário nos Estúdios Mentor. Só assistente de uma assistente. Uma mera secretária. Uma grande regressão – acrescentou com amargura e Roddy detetou o clarão rápido de fúria que lhe perpassou pelo rosto.

Então, afinal, pensou surpreendido, a menina sonsinha com rosto de jogador de póquer tem emoções. E nem todas são boas.

– Obrigado por esta conversa, Miss Whitworth. Ajudou a clarificar alguns pontos.

– Como o facto de Allie estar a planear fazer alterações na sua vida?

– Acredita nisso, não é?

Ela assentiu.

– Creio que talvez se tenha cansado de ser a queridinha da América sem nenhuma privacidade.

Roddy considerou que ela tinha razão. Apertou-lhe a mão, acenando da porta quando saiu. Pensou que Jessie Whitworth era uma caixinha de surpresas e que devia sem dúvida ser vigiada.

Esperou no parque de estacionamento até a ver partir. Conduzia um *Porsche Carrera* de um azul vivo. Um carro de luxo invulgar para uma ex-assistente pessoal que virara secretária, pensou, espantado.

Já investigara o outro pessoal na lista de Mac, as cabeleireiras, estilistas, etc. Dirigiu-se então para o estúdio para tentar meter o nariz em tudo, ver quem era o quê e o que as pessoas tinham a dizer sobre Allie.

Recebera autorização do produtor do último filme de Allie para visitar as instalações e o segurança na portaria confirmou a sua identidade no computador, emitiu um passe de visitante e deixou-o entrar.

– O parque de estacionamento para visitas é à esquerda – informou.

Roddy virou para a esquerda e passou por uma fila de carros muito juntos. «Os estúdios devem estar bastante concorridos», pensou, virando noutra fila à procura de um lugar.

De repente, travou a fundo, fez inversão de marcha e parou. Contemplava um *Sebring* descapotável preto com vidros muito escuros.

RODDY VOLTOU À PORTARIA. Tendo em conta o procedimento a que tivera de se sujeitar, sabia que o segurança teria uma lista de todos os visitantes e das matrículas dos carros. Explicou quem era, disse-lhe o que queria saber e ficou aborrecido, mas entendeu, quando o segurança declarou que não tinha autorização para prestar esse tipo de informação.

Roddy tinha o número de telefone do gabinete de produção do último filme de Allie. Telefonou, explicou o que queria e pediu que o ajudassem. Em poucos minutos, o segurança recebera permissão e Roddy obtivera a informação de que precisava. Ou, pelo menos, uma parte.

– O carro está no parque de estacionamento há umas duas semanas – contou-lhe o segurança. – É alugado e a mulher que o conduzia disse-me que se tinha avariado e que a empresa de aluguer viria rebocá-lo. – Encolheu os ombros. – Até agora não apareceu ninguém. Não faço ideia como estas empresas continuam a conseguir trabalhar – acrescentou.

– Quem era a condutora? – perguntou Roddy, de forma tão descontraída quanto possível, porque estava excitado a pensar que poderia estar prestes a identificar o perseguidor de Allie.

– Uma mulher chamada Elizabeth Windsor. Recordo-me porque, tipo, é o nome da rainha de Inglaterra.

– A rainha de Inglaterra aqui no seu parque de estacionamento? Imagine-se!

Os dois homens soltaram uma gargalhada e depois Roddy indagou:

– Lembra-se de qual era o aspeto dela?

– Impossível esquecer. Alta, loura e de pernas compridas. – Fez um gesto com as mãos a imitar curvas e sorriram um para o outro.

– Com que idade?

– Oh, não sei, vinte e tais, calculo. Pensando bem, era um pouco parecida com Allie Ray.

– Melhor do que a rainha de Inglaterra – observou Roddy. – Pelo menos, mais nova.

Cheio de excitação, Roddy telefonou a Mac para lhe contar as novidades.

– Estou agora aqui sentado a olhar para o *Sebring*. Claro que sei que, se calhar, há centenas iguais, mas este está estacionado nas instalações dos Estúdios Mentor onde Allie filmava. Bem, é um carro alugado em nome de Elizabeth Windsor.

– Como a rainha de Inglaterra?

– Tal e qual, só que esta tem vinte e tal anos e é uma loura alta que se parece um pouco com Allie.

– Trata de investigar a «rainha». Vê se alguém se lembra dela e do que andava a fazer no estúdio.

Roddy sentia-se cansado. Eram quase sete da tarde e estava a pensar mais em termos de um martíni com vodka gelada no bar do Hotel Casa del Mar, em Santa Monica, com uma vista relaxante sobre o oceano. Ficava perto de onde vivia num apartamento todo branco, sem cães, graças a Deus, e com uma vista mais prosaica para os pátios das outras pessoas.

Relatou a Mac a conversa que tivera com Jessie Whitworth, disse que pensava que ela era uma caixinha de surpresas, que conduzia um *Porsche* azul vivo e que fora despedida há uns dois meses.

– Por coincidência, tem um trabalho temporário aqui mesmo nos Estúdios Mentor – acrescentou.

– Não é alta e loura?

Roddy riu-se.

– Precisamente o oposto. Um pouco uma rapariga simples, sem nada de especial, de uma forma simpática e eficiente. Sabe qual é o seu lugar e cinge-se a ele.

– Então como é que a recatada Miss Whitworth tem dinheiro para guiar um carro caro?

– Conheces Los Angeles. Pagas um aluguer qualquer e também podes parecer um grande magnata e guiar um *Porsche*.

– Pois, mas isso não se coaduna com o que me estás a contar do resto da imagem que Jessie projeta – observou Mac, pensativo. – Embora não creia que seja o perseguidor. O nosso perseguidor é louco. Estou a falar de loucura potencialmente violenta e não é essa ideia que faço de Jessie Whitworth.

– Certo. Pensei apenas que com toda aquela questão de ter sido despedida...

– E tens razão. Não podemos pô-la de lado. Vou eu fazer uma pequena investigação sobre Jessie Whitworth, está bem?

– Claro – retorquiu Roddy, aliviado por não ter de trabalhar a noite toda. Aquele martíni estava bem mais perto.

– Vou também averiguar o caso do *Sebring*. Obrigado, Roddy. És o maior, sabes isso? – acrescentou, com um sorriso na voz.

Roddy sorriu, exibindo um cativante par de covinhas.

– Sempre achei isso – respondeu, aperlaltando-se no espelho retrovisor.

MAC NÃO DEMOROU A DESCOBRIR que o *Sebring* alugado fora dado como desaparecido. A carta de condução em nome de Elizabeth Windsor era falsificada e o cartão de crédito com que pagara tinha um endereço falso de outra cidade.

Conduzindo em direção ao aeroporto de Los Angeles, Mac ia a pensar em Elizabeth Windsor. Seria a perseguidora? A pessoa que escrevera aquelas cartas horríveis e ofensivas, repletas de ameaças explícitas? O perseguidor era geralmente um homem, mas também podia ser um especialista a usar mulheres. Elizabeth Windsor podia ser apenas um brinquedo nas suas mãos.

Os aviões zumbiam baixo por cima da sua cabeça quando estacionou, misturando-se com viajantes de ar desnortado, que se apressavam a ir buscar carros e depois se debatiam com o trânsito a caminho da Cidade dos Sonhos.

Teve sorte. O jovem responsável pela agência de aluguer de carros recordava-se de Elizabeth Windsor.

– Era alta – explicou a Mac –, com cabelo louro comprido. Tipo uma brasa, se se gosta daquele género.

Era óbvio que ele gostava e era por isso que se recordava.

– De onde era? – perguntou Mac.

– Só um segundo que já procuro.

Tamborilou no computador e, num minuto, tinha o que Mac pedira. Correspondia à informação que os polícias lhe tinham dado. O endereço não existia.

– Parecia normal – acrescentou o jovem. – Simpática, sabe. Não do tipo de roubar um carro.

– Não roubou. Ao que parece, esqueceu-se apenas de o devolver.

Às onze da noite o telefone tocou. Mac estava na cama, mas não a dormir.

Deitado a seus pés, *Pirate* abriu o olho. Mac sabia que não podia ser Sunny, pois estava em Nova Iorque em trabalho por um par de dias.

Agarrou no aparelho.

– Sim?

– Mister Reilly, sou eu, Ampara. A governanta de Miss Allie.

Mac sentou-se muito depressa.

– Sim, Ampara?

– Estou assustada, Mister Reilly. Reparei agora que o sistema de alarme foi desligado. Ora, só eu sei onde está o dispositivo e há umas cinco horas que não entro na casa principal. Estou aqui sozinha, só eu e a cadela de Miss Allie, e estou com medo. Queria chamar a polícia, mas sei que Mister Ron não quer aqui os polícias. Não sei o que fazer.

– Está bem fechada aí, Ampara?

– A porta está trancada e as janelas também...

Mac refletiu com rapidez. Sabia que Ampara estava em segurança de momento e que precisava de lá chegar antes de chamar a polícia. Se alguém entrara mesmo na casa principal, essa pessoa tinha uma chave e sabia com exatidão onde desligar o alarme. Podia muito bem ser o perseguidor.

– Fique onde está – disse a Ampara. – Eu vou entrar na casa e verificar o que se passa. Não me vai ver das suas janelas porque vou desligar os faróis e deixar o carro longe. Telefone-lhe logo que chegar. Está bem?

– Está bem – respondeu Ampara, hesitante.

– E, Ampara?

– Sim, senhor?

– Se ouvir alguma coisa, alguma pessoa perto do seu apartamento, se sentir medo, chame de imediato a segurança e a polícia.

– Sim, Mister Reilly. Farei isso – retorquiu, parecendo aliviada.

A seguir, Mac telefonou a Lev Orenstein. Contou-lhe o que se passava e combinaram encontrar-se na casa.

Lev chegara antes dele e o *Mustang* preto estava meio escondido sob uma árvore de ramos pendentes. Mac parou atrás. Lev saiu do carro para ir ao seu encontro. Tinha todo o aspeto do guarda-costas duro que se vê nos filmes, magro, implacável e decidido a tudo, vestido com camisola de gola alta preta, calças de ganga pretas e uma arma enfiada a jeito num coldre

debaixo do braço.

Mac usava a habitual *T-shirt* com um par de calções que vestira à pressa ao saltar da cama. *Pirate* ficou sentado no carro com ar desconsolado por não ir com eles, mas estava bem treinado para saber que não devia reclamar.

– O portão está trancado – disse Lev. – Não há nenhum carro parado em sítio nenhum à vista, embora ele possa ter estacionado perto da casa.

– Isso seria mostrar grande confiança – retorquiu Mac, a falar outra vez ao telefone com Ampara.

– Oh, Mister Reilly, é o senhor – exclamou ela, parecendo aliviada.

– Lev Orenstein e eu estamos aqui fora no portão. Pode abrir por favor, Ampara?

Os portões deslizaram suavemente para os lados e Mac e Lev correram pela relva que bordejava o caminho que levava à casa. De novo, nenhum carro estacionado à porta. À exceção dos candeeiros iguais que iluminavam os degraus, a casa encontrava-se em completa escuridão.

Mac telefonou outra vez para a governanta.

– Não costumam deixar luzes acesas?

– Sim, Mister Reilly. Há sempre uma luz no átrio principal, bem como na cozinha e no quarto dos patrões. Sempre.

Com as sobranceiras erguidas, Mac olhou para Lev.

– Pronto?

A porta principal não se encontrava trancada e nenhum alarme soou quando Mac a abriu. Esgueirou-se lá para dentro, rente à parede, com Lev mesmo atrás dele. Fizeram uma pausa de alguns segundos para os olhos se adaptarem à obscuridade, à escuta. Não se ouvia nada, mas Mac sentiu que estava ali alguém. Pensou em Allie, sozinha à noite, desconhecendo que alguém tinha a chave e o código do alarme. Ficou com a sensação que partira para França mesmo a tempo.

Lev conhecia a casa e liderou o caminho através das salas amplas até à cozinha. O frigorífico ronronava e meia dúzia de luzes verdes faiscavam as horas em vários eletrodomésticos, suficientes, pensou Mac, para cozinhar para um restaurante. Parecia haver dois exemplares de tudo e, por vezes, três ou quatro.

De volta ao átrio principal, subiram em silêncio a escadaria curva. As grandes portas duplas no topo levavam, era óbvio, ao quarto principal. Mac rodou as maçanetas e empurrou as portas.

Um súbito estrondo fê-los rodopiar, armas na mão. Viera de trás de uma segunda porta fechada, à direita. Correram para ela, virando-se com rapidez, costas contra a parede, como os polícias, quando Lev a abriu de rompante.

Não se encontrava lá ninguém. Mac acendeu as luzes. O barulho proviera de uma pilha de cabides vazios que tinham caído de uma prateleira para onde tinham sido atirados de forma desajeitada. As roupas, que tinham estado penduradas nos cabides, jaziam em monte no chão. Todos os belos vestidos caros de Allie, cortados aos pedaços. O perpetrador executara um bom trabalho. Nada escapara à sua faca.

– Chegámos demasiado tarde – disse Mac, acendendo as luzes do quarto de dormir. – Isto é um exemplo do que ele poderia ter feito a Allie.

– Caramba – exclamou Lev, abalado, porque a conhecia e gostava dela. – O sacana há de pagar quando o apanhar.

Mac já não podia descartar a polícia. O tipo louco tinha de ser apanhado antes que provocasse estragos a sério. Telefonou para a polícia de Beverly Hills e informou o seu contacto nessa esquadra do que sucedera.

A seguir, ligou a Ampara, disse-lhe que a polícia vinha a caminho e que queria que fizesse as malas e se mudasse para um sítio mais seguro.

– Tem alguma amiga? Algum sítio onde ficar? Se não, arranjam-lhe um apartamento alugado, por enquanto.

Ampara respondeu que tinha amigos, ia telefonar-lhes e que a cadela e ela iriam para casa deles.

A polícia chegou dentro de poucos minutos, não brincavam em Beverly Hills e Bel Air. Inspeccionaram a confusão, examinaram o sistema de alarme, varreram tudo à procura de impressões digitais, tiraram fotografias e concordaram que era melhor não deixar a coisa transpirar para a imprensa.

– Não quero assustar toda a gente – foi o que o inspetor responsável disse para Mac, que o conhecia bem das suas intervenções como convidado no seu programa de televisão. – O que precisamos de fazer agora é contactar com Mister Perrin e Miss Ray.

– É o que queremos todos – replicou Mac. – O problema é que ela está em França e ninguém sabe onde ele se encontra.

– Se calhar, nalguma ilha tropical a beber *mai tais* e a arranjar um bronzado caro – observou o polícia.

Mac não achava o mesmo, mas não ia dizer isso ao inspetor. Ficou apenas contente por Allie estar fora e por Ron Perrin não ter aparecido para o

evento principal.

Ou talvez tivesse? Aquilo deu-lhe que pensar.

NA MANHÃ SEGUINTE, Mac deslocou-se ao endereço que Jessie Whitworth dera, no Doheny Drive, em West Hollywood. Se estivesse em casa, pediria para falar com ela sobre Allie. Se não, teria oportunidade de obter informações sobre ela junto do porteiro, descobrir se era uma boa inquilina, o que o responsável pensava dela.

O prédio de apartamentos não era mau, embora suspeitasse que os apartamentos propriamente ditos fossem pequenos, com certeza estúdios, e apartamentos só com um quarto. Mesmo assim, parecia um prédio bem conservado e havia um toldo novo e elegante por cima da entrada. Premiu a campainha que dizia «J. Whitworth».

Não houve resposta e voltou a tocar. Quando continuou a não haver resposta, tocou a campainha do porteiro.

Atendeu uma mulher. Explicou-lhe que vira a placa de «Aluga-se» lá fora e que estava interessado.

– Só um minuto. Vou já.

Chegou muito apressada, toda aperlada com um *top* felpudo, calças de ganga curtas e sandálias de tiras e salto alto.

– Sou a Mila. Tem de ser rápido – acrescentou com um sorriso alegre. – Estou atrasada para o meu encontro.

– Desculpe incomodá-la, então – retorquiu Mac. – Uma amiga minha vive aqui. Contou-me que gosta muito e que achava que eu também iria gostar. Chama-se Jessie Whitworth.

– Jessie? – Ansiosa por mostrar o apartamento, estava já a abrir a porta para o 3J. Afastou-se para o lado, fazendo sinal a Mac para entrar. – Espere lá um minuto, não o conheço de algum sítio? – Olhou para ele a direito pela primeira vez. – Oh, meu Deus, é *você* – exclamou, espantada. – Mac Reilly do programa da televisão.

Mac sorriu.

– Acertou à primeira.

– Mas, ouça, para que você... quer dizer um homem famoso como você... quer um apartamento como este? Quer dizer, são agradáveis, mas nada do seu género.

Captou o olhar pesaroso de Mac e perguntou:

– Oh, oh, já pus o pé na poça?

– Bem, na realidade, o apartamento é para uma mulher que conheço – replicou Mac. – Só não quero que a coisa se espalhe por aí. Certo?

– Certo. Quero dizer, claro. Sou um modelo de discrição, qualquer pessoa aqui lho dirá.

– Bem e Jessie como vai? – indagou Mac com despreocupação. – Já não a vejo há um tempo.

– Jessie? Oh, a amiga e ela partiram cedo esta manhã. Foram de férias. Para Cancún, no México, disse-me ela. Cheias de sorte.

– Pois – concordou Mac, dando a volta ao pequeno apartamento, abrindo armários, verificando a casa de banho. – Quem é a amiga?

– Refere-se a Elizabeth?

– Não creio que conheça Elizabeth.

Mila, afinal, estava longe de ser discreta, de facto, só queria era falar e estava pronta para insultar tudo e todos.

– Um pouco arrogante, achei. Embora suponha que seja simpática. Alta e loura, bem, achei que era deslumbrante e que ia acabar nos sítios mais populares de Hollywood. De facto, parecia-se um pouco com Allie Ray, a estrela de cinema. Sabe a quem me refiro?

Mac anuiu que sabia.

– Cancún, hein? – comentou, pensativo, quando voltaram a sair. – Bem, Mila, obrigado por me mostrar o apartamento. Creio que é um pouco pequeno para o que tinha em mente, mas, se mudar de opinião, digo-lhe qualquer coisa.

– Obrigada, Mac Reilly – retorquiu ela com um sorriso atiradiço e esperançoso. – Pode telefonar-me quando quiser.

De volta ao carro, Mac fez uma conferência telefónica com Roddy e Lev e pô-los a par do que acontecera.

– Elizabeth Windsor é uma sócia loura de Allie Ray. Uma macaca de imitação.

– Talvez uma macaca de imitação *invejosa* – observou Roddy.

- E aposto que uma macaca de imitação *perigosa* – concordou Lev.
- Bem, é a colega de quarto de Jessie Whitworth e Jessie tinha acesso às chaves da casa de Bel Air e aposto que também sabia o código do alarme.
- Bingo! – exclamou Roddy.
- Bem, as duas partiram para Cancún esta manhã. Tiraram umas pequenas férias.
- Tens a certeza que é esse o seu destino? – perguntou Roddy.
- Entendo o que estás a pensar – replicou Mac. – Mas Allie está no Hôtel du Cap. E, ninguém lá entra, não com toda aquela segurança extra por causa do festival de cinema. De facto, vou telefonar-lhe agora mesmo e contar-lhe o que se passa.
- Mas, quando telefonou, ela não atendeu. E, quando ligou para o Hôtel du Cap, disseram-lhe que Miss Ray já partira.

MAC OUVIU FALAR DO DESAPARECIMENTO DE ALLIE no rádio do carro, quando seguia para norte pela PCH, a caminho do Fish Company de Malibu para um rápido almoço com Roddy.

O jornalista explicou que a estrela de cinema saíra sozinha do jantar de gala no Mougins e fora levada de automóvel até ao aeroporto de Nice. Não embarcara em nenhum voo e nunca mais fora vista.

Uma vez que o novo filme recebera críticas contundentes, a notícia sugeria que talvez Allie estivesse apenas a evitar a imprensa. Mas havia também rumores sobre o casamento estar a desmoronar-se, sobre Perrin estar interessado noutra mulher e, no final de contas, Allie estava prestes a fazer quarenta anos. O jornalista referia que havia mais problemas na vida de Allie Ray do que um fã normal poderia saber.

– Mas – acrescentava o pivô do noticiário, com um sorriso na voz –, Hollywood é assim mesmo. Na mó de cima um dia, na de baixo no dia seguinte. E então? Será o adeus, Allie Ray?

Mac virou rapidamente à direita para o parque de estacionamento e depois encaminhou-se para a barraca de madeira que vendia peixe fresco, isto é, se se tivesse a sorte de ter uma mulher em casa que soubesse cozinhar. Caso contrário, as pessoas sentavam-se cá fora em bancos de madeira cheios de marcas e o restaurante cozinava enormes travessas de luciano ou alabote, ou quase qualquer outro tipo de criatura do mar, com montes de batatas fritas que saciariam qualquer alma viciada em hidratos de carbono.

Pediu a sanduíche de salmão, recebeu a sua senha numerada e foi sentar-se no deque superior com vista para a praia, para as gaivotas intrometidas que suplicavam por restos, para os esquadrões de pelicanos castanhos que passavam a toda a velocidade e para o sol que lançava o seu brilho dourado. Era outro belo dia na Califórnia. Resguardado da brisa pelo toldo de plástico transparente, bebeu a sua *Coca-Cola Diet* à espera de Roddy e a

pensar no que fazer a respeito de Allie.

Desejava agora ter dito que sim quando ela lhe pedira para a acompanhar a Cannes. Mas isso não teria sido correto, não lhe cabia a ele imiscuir-se na vida dela. Além disso, teria provocado estragos na sua relação com Sunny.

Consultou o relógio. Meio-dia. Nove da noite em França. Ligou para o telemóvel de Allie. Tocou, mas ninguém atendeu. No entanto, o telefone funcionava e, se conhecia as mulheres, ela não iria a parte nenhuma sem ele, por isso devia andar por perto.

Tamborilou com os dedos na mesa preocupado por Allie não ter contactado ao menos com *ele*.

Ela sabia que, acontecesse o que acontecesse, se encontrava do seu lado.

Verificou outra vez o relógio. Roddy estava atrasado. Chamaram o número do seu pedido e trotou pelos degraus de madeira abaixo para ir buscar a comida. Deu uma dentada na sanduíche de salmão e telefonou a Sunny.

Sunny estava no *spa* a fazer uma massagem, mas atendeu o telefonema, para irritação da massagista que resmungou que aquilo arruinava toda a aura. Mac conseguia ouvir música *New Age* em pano de fundo. Não entendia porque tinham sempre de tocar Enya para suavizar a alma. Qual seria o problema de um pouco de Bach?

– Allie desapareceu – disse, dando outra dentada no salmão.

– Onde foi? – perguntou Sunny.

– Se soubesse, ela não teria desaparecido, não é?

– Oh! Pois. Bem, depois daquelas críticas não fico surpreendida. Com certeza quis afastar-se para conseguir um pouco de paz e sossego.

– Não contactou com ninguém.

– Nem sequer contigo?

– Exato. – Esperou um minuto antes de prosseguir. – Se não aparecer dentro em breve, sou capaz de ter de ir à procura dela.

O gemido de Sunny ressoou-lhe ao ouvido.

– Não é o que pensas – retorquiu muito depressa.

– É o que todos dizem.

– Caramba, Sunny, para com isso. A mulher desapareceu. O marido desapareceu. E a namorada dele ainda continua à espera em Roma.

– Como sabes?

– Mandou-me um *e-mail* ontem. Está em pânico, não sabe o que fazer.

– Demarco não está a cuidar dela? Ou o produtor italiano?

– Suponho que sim. Poderei ter de ir a Roma também. Descobrir o que se está a passar por lá.

– Vou contigo.

– Está bem.

– Oh! – Sunny pensara que ele levantaria objeções. – Bem, talvez te deixe ir sozinho desta vez. Tenho um trabalho que exige a minha presença.

– Vou ter saudades tuas – disse Mac, a sorrir.

– Hum. Pois. Claro que sim. Aliás, onde estás?

– À espera de Roddy. A comer uma sanduíche de salmão naquele restaurante de peixe na PCH. Com o vento no cabelo e a solidão no coração...

– Seu sacana – retorquiui Sunny.

Mas Mac percebeu que se ria.

RODDY SALTITOU PELAS ESCADAS ACIMA, trazendo uma *Coca-Cola* tamanho gigante e um *cocktail* de camarão.

– Estou sempre a dizer-te, devias comprar *Coca-Cola Diet*. Vais ficar gordo a beber isso – disse Mac.

– Gordo? Eu? Antes disso, envenenava-me! – Roddy atirou com a cabeça loura para trás, sempre melodramático. – Tu é que vais aumentar de peso. Olha só para o que estás a comer. – Abanou um camarão, sem molho de *cocktail*, em frente dos olhos de Mac. – Faz como eu, Mac Reilly. Sei o que é bom para ti.

– Estava a contar que soubesses outra coisa – retorquiu Mac.

– Como quem forçou a entrada na casa de Allie e rasgou todos os vestidos? Quem me dera saber.

– O que mais? – perguntou Mac.

– Tenho todos os pormenores sórdidos sobre Perrin. E, acredita, são interessantes.

– Conta-me apenas o que anda a fazer em termos profissionais.

– *Okay!* Ora bem, os negócios de Perrin são uma teia muito emaranhada. Empresas múltiplas, transferências múltiplas, tudo múltiplo. Não há forma de descobrir de onde vem o dinheiro, ou para onde vai, embora as ilhas Caimão e as Bahamas sejam fortemente suspeitas. Perrin vai a ambos os sítios com frequência, no seu avião particular, sempre com a desculpa de uma viagem para pescaria ou jogo, e sempre na companhia de cerca de meia dúzia de amigos do sexo masculino. Nada de mulheres.

– Assim, calculo que possamos presumir que Perrin leva com ele mais do que apenas os seus camaradas.

Roddy assentiu.

– Bem, o FBI apercebeu-se da coisa e Perrin soube. É por isso que é um homem assustado.

– Além de que os advogados de Allie estão a exigir todos os relatórios contabilísticos. Que, é óbvio, Perrin não podia entregar. E Marisa andava a fazer pressão, para exigir casamento ou dinheiro. Na realidade, quem sabe qual das duas coisas? E depois há o caso da mulher desaparecida, Ruby Pearl.

– Ruby Pearl? – Roddy inclinou a cabeça de forma interrogadora. – Ou muito me engano ou perdi alguma coisa.

Mac contou-lhe a história de Lipski e como este entrara na casa de Perrin e que ele próprio também vira Demarco a vasculhar a casa.

– Não consigo encontrar muita coisa sobre Demarco – retorquiu Roddy. – Exceto que, como Perrin, parece ter uma data de dinheiro disponível. Acabou de construir uma casa enorme no deserto, sabes. Numa zona muito seleta, pessoal do cinema, celebridades e gente rica. O nosso Mister Demarco anda a dar-se com os melhores.

– Não me surpreende. E por falar nisso... – Mac puxou do telemóvel e ligou para Lipski.

– Espero que tenha alguma notícia satisfatória para mim, Mister Reilly – disse Lipski.

Mac suspirou. O pobre tipo estava desesperado.

– Ainda não. Lamento, Lipski. Verifiquei a casa de Malibu, absolutamente nada de interesse. Vou estar em França alguns dias, mas fazemos o seguinte, quando regressar vou dar também uma olhadela à casa de Perrin em Palm Springs. Tem a morada?

Anotou-a, despediu-se e fitou Roddy, que olhava para ele com uma interrogação nos olhos muito abertos.

– Perdão? *França?*

Mac olhou de relance para o relógio.

– Se me despachar, consigo apanhar o voo da tarde da Air France para Paris.

– *Paris?*

– E depois o voo para Nice. Volto dentro de um par de dias.

– Muito agradecido por mo comunicares. – Roddy virou a cabeça, ofendido. – Suponho que não me vais contar por que razão partes para França.

– Allie Ray. Desapareceu.

A cabeça de Roddy rodou de novo. Arregalou os olhos.

– Não me digas! E tu partes no teu corcel. A cavalaria vai salvar a pobre donzela desaparecida?

Mac sorriu.

– Podes crer que sim – respondeu.

SUNNY ANDAVA DE UM LADO PARA O OUTRO no seu apartamento com *Tesoro* nos seus calcanhares a exigir que lhe pegasse ao colo, mas, desta vez, não estava a pensar na *chihuahua*. Estava a desejar ter ido para França com Mac. Reconhecera o desespero de Allie, o seu isolamento e estava preocupada com ela. As mulheres, sobretudo as famosas, não desapareciam simplesmente. Mas não fora isso que Allie dissera a respeito do marido, Ron? E ele também desaparecera.

Antes de partir, Mac pusera Sunny a par das possíveis manobras de lavagem de dinheiro de Perrin. Mac afirmara que Perrin já o fizera antes e que agora parecia estar a fazê-lo de novo.

– Quem rouba uma vez... – dissera Sunny e Mac concordara que se calhar tinha razão.

Fitou os barcos luxuosos na marina. Talvez saísse com umas amigas esta noite, bebesse uns martinis num dos bares da zona, experimentasse um «jantar requintado»...

Pegou em *Tesoro*, que lhe mordeu a mão só por brincadeira. Ralhando com ela, entrou no quarto para esquadrinhar o *closet* à procura de alguma coisa para vestir.

Apanhou o par de calções que estava no chão e pô-lo no cesto da roupa suja. Um pedaço de papel caiu do bolso. Impaciente, atirou-o para o cesto do lixo.

Espera lá um minuto. Aquele era o par de calções que usara quando tinham ido vasculhar a casa de Perrin. E aquele devia ser o pedacinho de papel que encontrara na bolsa lateral do *Hummer*.

Recuperou-o e alisou-o. Fitava um recibo de imposto sobre imóveis em nome de Ronald Perrin referente a uma habitação chamada Villa des Pescadores, em Nuevo Mazatlán, no México.

Ficou parada um minuto, a deixar a coisa assentar. Depois, com um grito

de alegria, agarrou na *chihuahua* e rodou-a no ar, dançando pelo quarto.

– Creio que acertei, *Tesoro* – exclamou toda contente. – Como diz o professor Higgins em *My Fair Lady*... Creio que acertei.

Com um pouco de sorte, ainda apanhava Mac no aeroporto. Marcou o número, mas o telemóvel dele estava desligado. Já devia estar no ar. A seguir, tentou Roddy e ficou aliviada quando ele atendeu. Excitada, desbobinou rapidamente a história.

– Querida – retorquiu Roddy paciente –, estou em Napa Valley, numa prova de vinhos com o meu namorado. Mazatlán é uma hipótese arriscada, que não merece que estrague o meu fim de semana. Volto na segunda-feira. Trato disso então. Se RP está mesmo no México, vamos até lá juntos, bebemos umas *margaritas* e «trazemo-lo vivo» como costumavam dizer nos filmes de cobóis.

Sunny ficou com a forte sensação que Roddy não estava a levá-la muito a sério.

– Mas entretanto ele pode desaparecer...

– Se lá estiver mesmo. Querida, não sabemos...

Não estava a ir a lado nenhum. Frustrada, despediu-se e voltou a andar de um lado para o outro. O tempo passava. Tudo podia acontecer. Era uma pista demasiado boa para se perder. Cabia-lhe a ela tomar a iniciativa e, além disso, estava a gostar de se ver no papel de mulher detetive. Mac ia orgulhar-se dela, pensou com um sorriso.

Largou a cadela no sofá, fez uma série de telefonemas rápidos, atirou algumas roupas para uma mala pequena e enfiou *Tesoro*, a ganir, na sua mala de viagem para cachorro. Deixou-a no canil elegante perto do aeroporto, onde os funcionários conheciam tudo o que *Tesoro* gostava e não gostava e onde sabia que a cadela seria tratada como a princesa que era.

Em menos de uma hora, Sunny encontrava-se no aeroporto. Ia na pista de Ron Perrin. Seria *ela* a encontrá-lo. Descobriria por que razão RP se comportava daquela maneira e o que sabia sobre a esposa desaparecida.

ESTRELA DE CINEMA FOGE DO SEU NOVO FILME...
E O MESMO FARÁ O PÚBLICO.

ALLIE LEU A MANCHETE SENTADA NUM CANTO DO CAFÉ de autoestrada com a cidade medieval amuralhada de Carcassonne a desenhar-se no horizonte, com os seus torreões e ameias como a fachada de um parque temático da Disney.

Ia na terceira chávena de café com leite e no segundo *croissant*, tinha um mapa Michelin estendido na mesa à sua frente, e tentava definir uma rota. Mas como não tinha uma ideia definida sobre para onde queria ir, para além de simplesmente desaparecer, a coisa estava a revelar-se difícil.

Lançou uma olhadela em volta. Ninguém lhe prestava a mínima atenção, toda a gente embrenhada no seu próprio pequeno-almoço. De qualquer modo, não a teriam reconhecido. Naquela primeira noite, no pequeno motel junto à Autoroute du Soleil, pegara na tesoura e cortara o comprido cabelo louro até não sobrar senão uma juba curta desalinhada que pintara de castanho. Sem maquilhagem, com o cabelo cortado, mais escuro, e com óculos de armações quadradas, parecia a ideia que uma criança faria de uma professora de escola. E de calças de ganga e *T-shirt* larga, era apenas outra mulher excêntrica com um mau corte de cabelo, a fazer sozinha uma viagem de carro pela França. Ninguém olhara sequer duas vezes para ela. Era a primeira vez na vida de Allie e gostava da experiência.

Sorveu o resto do café com leite e voltou ao parque de estacionamento e ao *Renault* azul-claro. Deitado ao lado, à sombra de uma árvore, encontrava-se um cão. Um cão grande. Tinha uma cabeça tipo *pastor alemão*, um corpo entroncado de *labrador* e o pelo parecia enlameado e não escovado. Ergueu a cabeça quando ela se aproximou, mas não se mexeu.

– Olá, cão – cumprimentou Allie, nervosa. – Ou deverei dizer, *Bonjour, chien?*

Os olhos cansados do cão estavam fitos nela. A língua pendia-lhe e ofegava apesar de se encontrar à sombra. Allie pensou se alguém o teria abandonado. Atirado do carro? Já não o queriam? «Desenrasca-te como puderes, pá», tinham se calhar dito.

– *Okay...* Bem... *okay* – disse Allie, que era o que proferia sempre quando refletia. – Calculo que estejas com fome. Espera aí. Volto já.

No café, só serviam café. O almoço era servido entre o meio-dia e as duas e regras eram regras. Uma vez que não podia comprar um bife para o cão, Allie comprou duas sanduíches de queijo e fiambre na máquina dispensadora e uma garrafa de água, entrou na butique e adquiriu uma tigela de loiça onde se lia BEM-VINDO A CARCASSONNE.

Quando regressou, o cão ainda lá estava, a cabeça enterrada entre as patas. Levantou os olhos e fitou-a. Era óbvio que não esperava nada e que estava habituado a que assim fosse.

Allie ajoelhou-se ao lado dele. Despejou a água na tigela e colocou-a à frente do focinho. O cão pôs-se de pé e começou a beber.

Não bebia nada há horas, calculou Allie. Talvez até dias. Allie desembrulhou as sanduíches e puxou o fiambre, partindo-o aos pedaços. Colocou-o no chão à frente dele. O cão farejou e depois, com delicadeza para um animal tão grande, começou a comer. Observando-o, Allie pasmou. O cão não lhe arrancou a comida das mãos nem a devorou. Mesmo sob stresse, era um cão civilizado.

Quando terminou, o cão sentou-se sobre as patas traseiras a olhar para ela. Allie pensou detetar um brilho de gratidão nos olhos meigos do cão. Estendeu a mão e tocou-lhe ao de leve no pelo. Estava áspero devido à sujidade entranhada.

– Bonito rapaz – elogiou, voltando a encher a tigela de água.

Partiu o resto da sanduíche e colocou-a à frente dele, observando-o a comer.

– Bem, *okay* então... – Fez-lhe um aceno de despedida. – Estamos por conta própria, tu e eu, rapaz. Desejo-te boa sorte.

O cão fitou-a, sério.

– *Okay, bem, okay. Au revoir et bonne chance, chien.*

Entrou rapidamente no *Renault*, lançando-lhe uma olhadela pelo espelho

retrovisor quando saiu do parque de estacionamento e entrou na *autoroute*, direção norte. O cão ainda lá estava sentado, de olhos fixos no carro que partia.

– *Okay*. Bem, está tudo *okay* – disse para si com nervosismo pela enésima vez. – O cão fica bem. Quer dizer, é apenas um cão, alguém o encontrará, tomará conta dele...

Abrandou. Os carros passavam por ela, os condutores a buzinares, furiosos. Allie estava a recordar-se da história que Mac Reilly lhe contara sobre a forma como encontrara *Pirate* quase morto e como o veterinário lhe dissera que, quando se salvava a vida de alguém, se ficava responsável por essa alma para sempre. Disse consigo própria que era uma idiota, louca, maluca. Já era bastante difícil reorganizar a sua vida e ninguém ia aparecer para lhe salvar a alma. Nem Ron, nem sequer Mac Reilly.

Virou o *Renault* para a faixa de saída da autoestrada, passou por baixo e voltou a entrar em direção a sul.

De volta ao café da *autoroute*, o cão ainda se encontrava sentado onde ela o deixara, ao lado da sua tigela de água pintada com os dizeres: BEM-VINVO A CARCASSONNE.

Os travões guincharam quando parou, depois saiu e abriu a porta do passageiro. Fitou o cão nos olhos.

– Bem, *okay* – suspirou. – Entra.

O grande cão estava firmemente plantado no assento do passageiro, de olhos fixos na estrada à sua frente enquanto Allie conduzia pela autoestrada.

– Senta-te e põe-te à vontade – disse Allie, fazendo-lhe uma festa.

O cão desviou o olhar para o lado. Fitou-a e depois deslizou para baixo, cansado, até a maior parte do corpo se encontrar sobre o assento e o resto como que a transbordar.

– Falas inglês? – perguntou, surpreendida.

O cão lançou um pequeno ganido.

– Ah, pelo menos tens voz – observou Allie, sorridente. – Não sei para onde vamos, tu e eu – acrescentou –, mas suponho que a partir de agora estamos nisto juntos.

Parou na pequena vila seguinte onde descobriu um minúsculo *auberge* que, como muitos locais em França, aceitava cães. O proprietário

recomendou um *salon de beauté* para *les chiens*, onde lançaram olhares sombrios a Allie, tecendo exclamações sobre o estado do cão.

– *Madame* devia tomar mais cuidado – disse a dona em tom glacial, até que Allie explicou que acabara de recolher o cão na berma da estrada.

A mulher recomendou um veterinário e Allie contou-lhe a mesma história. O veterinário fez um exame completo ao cão, explicou que estava mal alimentado e que também fora maltratado, que lhe deviam ter batido; apresentava ferimentos nas costas. Deu algumas vacinas ao cão, um gel com antibiótico para os ferimentos, comprimidos para a questão da malnutrição e Allie comprou comida suficiente para um mês.

O cão era agora um animal diferente do que Allie recolhera apenas há umas horas. A grande cabeça de *pastor alemão* erguia-se num ângulo mais confiante; o pelo emergira do banho de um tom castanho-dourado sedoso que quase correspondia à cor dos olhos. As grandes patas tinham sido arranjadas. As orelhas limpas. Tinha um recipiente para a água e um prato metálico que Allie encheu de comida e que o cão comeu como um perfeito cavalheiro; depois deitou-se sossegado ao lado dela num restaurante ali perto enquanto ela devorava a sua própria tigela de *cassoulet*, a especialidade local, oferecendo-lhe pedaços da carne de pato e salsicha, que ele aceitava com um abanar agradecido da cauda espessa.

De volta ao *auberge*, o cão acompanhou-a até lá cima ao quarto, as unhas a ressoarem nos degraus de madeira e, quando ela acabou de tomar duche e subiu para a cama, ele deitou-se no chão, de olhos virados na sua direção.

– Só a controlar, ah? – disse Allie, satisfeita com o cão.

Quando acordou a meio da noite, ouviu-o respirar baixinho enquanto dormia. Aspirou o cheiro a lavado do cão e o sentimento de solidão abrandou um pouco. Aquele cão era todo seu e ninguém nunca o separaria dela. Apesar de ainda não ter um nome. Sorriu. Mas, agora, ela também não.

RON PERRIN, de ressaca por causa da tequila da noite anterior, estava sentado no deque da pequena *villa* de praia, se é que tal palavra pomposa podia ser utilizada para descrever a estrutura de betão ressequido construída de forma barata há muitas luas e cuja existência só ele conhecia. Mais ninguém. Nem sequer Demarco. Ou Allie. *Especialmente* Demarco e Allie.

A Villa des Pescadores, assim chamada porque pertencera outrora a um pescador mexicano, era o seu segredo. Não era o seu *único* segredo, mas com certeza agora parecia ser o mais bem guardado.

Às vezes, pensava que a pequena casa quadrada e feia, com as suas paredes amarelas desbotadas para uma cor de manteiga manchada, era o seu verdadeiro lar. Um sítio onde um homem podia ficar sozinho com os seus pensamentos, onde podia ser ele mesmo e onde, caso precisasse de companhia, tudo o que tinha de fazer era ir até à cidade de Mazatlán e encontrar consolação numa garrafa de tequila, ao mesmo tempo que comia uma lagosta local, com uma banda decente de *mariachis* com quem cantar. Ali a vida era simples. Ninguém o conhecia senão como o gringo excêntrico que se isolava e gostava de tequila.

Um CD tocava baixinho. Aumentou o volume para se sobrepor ao ruído da rebentação. «Will you still love me tomorrow?» cantava obsessivamente Bryan Ferry dos Roxy Music. Suspirando, fechou os olhos para ouvir melhor.

Naqueles anos todos em que Ron tivera a casa, nunca ali levava nenhuma mulher. Ou, se fôssemos a ver, nunca ali levava ninguém. Desgastada e velha, os soalhos de tijoleira de Saltillo estalados, a canalização de pouca confiança, às vezes havia água, outras vezes não, e com fios elétricos a saírem aqui e ali das paredes, era apenas uma barraca de praia. Esqueçam Malibu, o comboio e as obras de artes caras; esqueçam Palm Springs e Bel Air, todas as divisões grandiosas e a decoração sumptuosa, os bibelôs e os

jardins. Ali havia apenas um terraço com tamanho suficiente para uma cadeira e uma mesa, na qual apoiava a garrafa de *Corona* e os pés. Era o único sítio que lhe acalmava a alma.

Bebeu outro trago da *Corona* e contemplou as ondas a baterem, uma muralha de espuma branca a poucos metros de distância, e pensou na casa de Malibu que partilhara com Allie. O seu amor. Talvez o seu único amor. Talvez o amor da sua vida.

Porque seria então que não lho conseguia dizer? Porque raio a tratara da forma como tratara? Porque teria sempre de alardear o seu poder e a sua masculinidade com uma série de mulheres de quem não gostava? Havia qualquer coisa de errado com ele e era uma doença que não sabia como curar.

Ali sentado, sozinho, como nunca conseguiria estar em Malibu, onde os deques dos vizinhos davam para o seu, com telemóveis a tocar constantemente, crivado de intermináveis problemas, um dos quais representava o motivo que o trouxera para ali, tentou voltar a experimentar aquele sentimento de paz. Mas naquela noite não resultava.

Porque não poderia tudo desaparecer?, pensou, carrancudo. Porque não poderia simplesmente fazer tábua rasa e começar tudo de novo? Faria com certeza as coisas de maneira diferente. Agiria de maneira diferente com Allie. Eliminaria as recordações amargas e começaria de novo, louco de amor como acontecera quando a conhecera.

O som das ondas rugiu-lhe aos ouvidos e a fome fez roncar o estômago. Em geral, Leticia deixava-lhe comida. Vinha umas duas vezes por semana para limpar a casa, se se podia chamar limpeza a um agitar sonolento da vassoura pelos ladrilhos e uma lavadela rápida com um balde de água. Porém, sempre mudava os lençóis de vez em quando e lavava-lhe a roupa, levando-a e trazendo-a na semana seguinte. Ron calculava que se demorava uma semana inteira para lhe lavar as camisas, o marido se calhar andava a usá-las. Não interessava, não valia a pena preocupar-se com isso e as pessoas tinham de fazer pela vida, não era?

Voltou a pôr o CD do Bryan Ferry, franzindo os olhos como se estivesse com dores, articulando as palavras. «Will you still love me tomorrow?»

Voltou a pensar em Allie. Conseguia imaginá-la perfeitamente, como ela era a primeira vez que se tinham visto. Quase há quinze anos. Teria já passado assim tanto tempo?

Bem, lá estava ela, a pequena beldade loura que vira no ecrã com uma pele que luzia como um pêssago maduro, com o aveludado rosado e aqueles olhos de um azul mediterrâneo que lhe tocaram na alma. «Reconhecera-a», não apenas quem ela era, mas a pessoa que era, daquela forma que é tão raro acontecer, quando um homem percebe de forma instantânea que uma determinada mulher é para ele. Mas, lá no fundo da sua mente, apesar de Allie sempre ter afirmado que o amava, existia aquela preocupação irritante, como poderia uma mulher tão bela como ela amar na realidade um homem como ele: pouco atraente e com modos algo rudes?

Contudo, Allie dissera que o amava, logo desde aquela primeira noite que tinham passado juntos. Nos braços um do outro, numa cabana de troncos, bloqueados pela neve, em Aspen, longe de todos os outros farristas da festa de fim de ano. O disco de Bryan Ferry tocara na altura, tal como tocava agora na sua cabeça. Tinha estado juntos desde essa altura. Quer dizer, até há pouco tempo, quando a amargura crescera como bÍlis na sua garganta e perdera Allie e estava prestes a perder todo o seu dinheiro.

Uma «merda» era o que muitos lhe chamavam e Ron acreditava por fim que era verdade. E era por essa razão que ali estava, numa faixa solitária de praia perto da cidade mexicana, turística e excêntrica, de Mazatlán, escondendo-se da lei e das suas próprias emoções.

Não era altura para estar sozinho. Os seus pensamentos mórbidos estavam a levar a melhor. Pousando a garrafa vazia de cerveja, entrou numa imitação barata de casa de banho, tomou um duche parco, a pressão da água estava má naquela noite, penteou o cabelo para trás, afastando-o da testa queimada pelo sol, vestiu uma velha *T-shirt* desbotada com a palavra Mazatlán gravada à frente, calções de praia floridos e chinelas de dedo. Estava pronto para atacar a vida noturna de Mazatlán.

Sabia onde ir: uma espelunca na praia onde a bebida fluía, a música dos *mariachis* estrondeava até às traves do teto e ninguém o conhecia. Aí podia embebedar-se. Outra vez. Em paz.

SUNNY FICOU CONTENTE por o voo da Alaska Airlines de Los Angeles para Mazatlán demorar apenas umas rápidas duas horas e meia. Estava em pulgas para lá chegar e ver se a sua teoria a respeito de Ron Perrin estava certa.

No aeroporto, com a carrada de turistas que o avião transportava já de calções e *T-shirts* sem mangas, foi levantar o carro alugado e informou-se sobre o caminho para Nuevo Mazatlán.

O sol faiscava num céu tão azul como qualquer fresco de Rafael e transformara o interior do pequeno *Seat* numa fornalha. Puxando a saia até meio das coxas e ofegando, Sunny aumentou o ar condicionado. O suor escorria-lhe pelas costas quando apanhou a estrada do aeroporto, passando por pequenos ranchos humildes com vacas pretas magras em campos ralos e por cães que se arrastavam a farejar, à procura de restos. Passou por casas degradadas, oficinas de automóveis e cafés de rua baratos, com proteções de plástico por cima para afastar o sol, que ofereciam tacos e mariscos. E por uma escola pintada de amarelo e por casas de cor lilás, rosa e turquesa.

A estrada serpenteava pelos arrabaldes de Mazatlán, avançando através de um trânsito congestionado até à zona da marina, pejada de prédios novos. Depois continuava pela ponte nova e, por fim, embrenhava-se na paisagem plácida de Nuevo Mazatlán.

Aqui o desenvolvimento desvanecia-se e o cenário fazia lembrar a Provença: pedregoso, salpicado de vegetação rasteira e arbustos de crescimento lento e com uma espécie de silêncio cantante no ar.

Seguindo as indicações, Sunny chegou à entrada do hotel Emerald Bay. Um segurança na portaria verificou a sua identidade e depois guiou devagar por uma comprida avenida, virando por fim à aproximação do hotel, guardado agora por um aviário alto, onde araras e papagaios de cores vivas lhe guincharam as boas-vindas.

No vestíbulo, ao centro, erguia-se uma grande fonte de pedra, construída por baixo de uma cúpula alta, e a sua música aquática refrescou-a de imediato. Descalçando as sandálias, caminhou, agradecida, pelo chão de travertino e foi atendida na receção por uma jovem sorridente.

Dez minutos depois, envergando uma saia branca muito leve que ondulava à volta dos joelhos bonitos quando andava, uma *T-shirt* preta e sandálias, garrafa de água na mão, hesitou à porta do quarto. Deveria telefonar a Mac? Ou a Roddy? Contar-lhes o que se passava? Sorriu. Népia! Eles que esperassem. Descobririam mais tarde como ela era esperta.

A porta bateu atrás dela e apressou-se pelo caminho repleto de vegetação que conduzia à entrada do hotel onde o seu carro já a esperava. Parando apenas para perguntar ao porteiro os nomes dos restaurantes-bares mais populares da vila e como se ia para a Villa des Pescadores, lá se foi, ao encontro, esperava, do famigerado Ron Perrin.

A estrada vazia seguia a longa curva da praia e foi deixando a civilização para trás, ou pelo menos a versão estância de turismo, passando por pequenas casas tipo barracas e bares improvisados. As crianças paravam de brincar para acenar e um par de cães castanhos magros perseguiu os pneus do carro, levando-a a pensar, nostálgica, em *Tesoro*, sem dúvida a fazer birra no canil elegante com os sofás e almofadas e a televisão para cães. Mas, neste momento, a sua mente estava ocupada com coisas mais importantes.

O crepúsculo assentava sobre a paisagem vazia e a estrada parecia circular para sempre. A solidão insinuou-se, quase tangível no ar quente e, pela primeira vez, sentiu algum nervosismo. Depois, de repente, surgiu uma casa, mesmo à beira da praia. Uma pequena caixa quadrada amarela, muito desgastada. Abrandou e leu o nome pintado numa rocha junto ao caminho de areia que conduzia à casa. VILLA DES PESCADORES.

Lançou-lhe outro olhar duvidoso. Seria mesmo um lugar onde o flamante e mundano bilionário Ron Perrin ficaria? Recordando a sua esplendorosa casa de Malibu, pensou que estava na pista errada. Um homem como aquele nunca viveria ali. Nem sequer passaria ali uma noite. E ela também não, pensou, caminhando aos tropeções pela vereda cheia de sulcos.

A porta de madeira às ripas não pintada estava fechada. Não havia campainha, por isso bateu ao de leve e esperou, lançando olhares ansiosos em volta. Começava a ficar escuro e encontrava-se no meio de nenhures.

Sozinha. Estava a fazer tudo o que uma mulher num país estrangeiro não deve fazer. E andava no encalço de um criminoso. Quem sabe como reagiria quando o confrontasse?

Pouco à vontade, bateu outra vez, com mais força, esperou de novo, chupando os nós dos dedos magoados. Continuava a não haver resposta. Experimentou a porta. Não estava trancada. De facto, não havia fechadura.

Chamando, entrou e encontrou-se numa única divisão pequena e desarrumada. Havia uma cama estreita, desfeita, num canto. Ao lado um candeeiro. Um par de cadeirões mexicanos baratos estava virado para a lareira de canto, que parecia, tendo em conta as zonas enegrecidas em volta, fumar bastante mal. O lava-loiça e uma bancada de azulejos estavam cheios de garrafas vazias de cerveja e pratos e, num armário aberto, viam-se algumas camisas. Outras peças de vestuário derramavam-se de gavetas em pilhas pouco limpas. Um velho leitor de CDs e um CD de Bryan Ferry estavam em cima da mesa.

– Está aqui alguém? – chamou esperançada, embora duvidasse que alguém ali estivesse, pois não havia para onde ir, para além da casa de banho muito primitiva.

Inspecionou-a, retraindo-se, e depois o terraço, se é que assim se poderia chamar. Dava para o mar e, de certo modo, pensou, nostálgica, tinha bastante em comum com a casa de Mac.

Ali no terraço, sentiu a atração da pequena cabana de praia de Perrin. O vento soprava refrescante pelo cabelo e os únicos sons perceptíveis eram o rugido surdo do mar e os gritos das aves marinhas. Ondas verdes fortes, emolduradas por um par de algarobeiras enegrecidas, martelavam a praia em forma de crescente e depois recuavam num sorvedouro ruidoso. Um esquadrão de pelicanos voava ao nível dos olhos e, pairando bem alto no céu, havia aves marinhas com asas como bombardeiros furtivos que lhe fizeram lembrar o Batman.

Compreendeu, de súbito, que Perrin ia para ali à procura de paz e simplicidade. E, para sua surpresa, percebeu que quase desejava que as tivesse encontrado.

Controlando-se, recordou-se da sua missão e também da razão exata que obrigara Perrin a vir. Devia ter alguma coisa a ver com o desaparecimento da mulher. Tinha a certeza que ele sabia onde Allie estava. De qualquer modo, andava a esquivar-se à justiça e ela ia descobrir o que se passava e,

esperava, levá-lo de volta com ela.

Tropeçando nas pedras da vereda e desejando ter calçado ténis em vez de sandálias pouco sólidas, voltou ao carro. Na vila de Mazatlán, estacionou, chamou um táxi *Mini-Moke* aberto e pediu que a levasse ao bar La Costa Marinera.

O bar ficava numa rua lateral que dava para a praia e estava animado. Impressionada, Sunny contou meia dúzia de *Harleys* estacionadas à porta e os trompetes dos *mariachis* troaram-lhe aos ouvidos antes sequer de entrar.

O estabelecimento estava apinhado de veraneantes e habitantes locais, vestidos para uma noite de sábado, a maior parte já na segunda ou terceira *margarita*, servida em taças compactas. As mesas de madeira estavam a abarrotar e empregados musculados de camisas amarelas erguiam enormes travessas de marisco por cima das cabeças. Os aromas dos lucianos vermelhos fritos, camarões e *nachos* de queijo enchiam o ar e as pessoas sentadas no terraço beneficiavam da brisa noturna, devorando guacamole e molho picante. Dizendo ao empregado que vinha à procura de um amigo, Sunny circulou por entre as mesas, esquivando-se a ofertas folionas para se sentar.

Um grupo de *mariachis* vestido com calças pretas justas e casacos curtos, a brilhar com lantejoulas e botões prateados, tocava, muito alto, canções mexicanas conhecidas. Havia duas raparigas com violinos, os cabelos compridos a oscilar enquanto tocavam, os olhos escuros calorosos e sorridentes e um homem de idade dedilhava o enorme baixo tradicional mexicano. Além disso, havia quatro guitarras e dois trompetes. Sunny parou para ouvir, aplaudindo com os demais.

Num canto mais afastado do terraço, os motoqueiros das *Harleys* estavam sentados a uma grande mesa redonda, com os braços passados pelos ombros uns dos outros. Sunny observou, com desaprovação, quando despejaram *shots* de tequila pelas gargantas abaixo. Garrafas de *Tecate* e *Corona* atravancavam a mesa e estavam a servir enormes travessas de lagostas, arroz e feijão. Sunny esperou que não fossem guiar aquelas motos para regressarem a casa.

Não era a única a observá-los. Na sua solitária mesa de canto, Ron Perrin engoliu outro *shot* de tequila seguido por um trago de cerveja de uma garrafa coroada com uma fatia de lima. Os motoqueiros gritaram aos *mariachis* que tocassem «Guadalajara».

– Guadalajara – berrou Perrin ao mesmo tempo. Era a sua preferida.

Sunny virou-se para ver de onde vinha a voz americana. E lá estava ele. O magnata bilionário inflexível de sobrancelhas hirsutas, com um par de calções de banho floridos e uma velha *T-shirt* de Mazatlán.

– Guadalajara – começou Perrin a cantar em espanhol, com uma bela voz de tenor, e os empregados juntaram-se em volta, acompanhando em coro.

Ron sabia a letra toda e terminou com um belo final muito agudo à maneira mexicana, agradecendo com uma vénia as palmas e gritos de aplauso.

Sunny dirigiu-se para ele, abrindo caminho por entre a confusão. Ron tinha agora a cabeça baixa e fitava, melancólico, o seu copo.

– Ron Perrin – disse Sunny.

Não era uma pergunta, era uma afirmação, e ele sabia-o. Ergueu a cabeça e olhou para ela com aqueles olhos de cachorrinho, de um castanho liquefeito.

– Ah, merda – gemeu, estendendo a mão para a garrafa. – Fui apanhado.

PERRIN NÃO A CONVIDOU PARA A SUA MESA, mas Sunny puxou uma cadeira e sentou-se. A saia branca leve roçagou à volta dos joelhos bonitos e notou que Perrin também reparara. Ainda era um apreciador de mulheres, mesmo num momento de crise. Ergueu a mão para chamar um empregado.

– O que toma? – perguntou, educado, apesar das circunstâncias.

– Uma *margarita* de manga, com gelo, sem sal – pediu Sunny ao empregado.

– Está louca? Onde já se ouviu falar de alguém beber uma *margarita* de manga?

– É óbvio que não tem andado nos círculos certos, Mister Perrin. As *margaritas* de manga são muito populares.

– Ah! Prefiro a minha tequila sem misturas.

– Já reparei.

Fitaram-se em silêncio por cima da mesa, analisando-se um ao outro. Apesar de Perrin estar bêbado, Sunny achou que tinha uma personalidade estranhamente magnética, assertiva, que atraía as pessoas, com olhos castanhos meigos que estavam em completa contradição com o seu caráter, em princípio, duro. No entanto, sabia que era um homem implacável, um homem que travava batalhas nos conselhos de administração do mundo, um homem perigoso a quem ninguém nunca dizia que não. À exceção da mulher.

– Afinal, quem diabo é? – inquiriu Perrin. – Não é da polícia, nem do FBI...

– Estava à espera deles?

O empregado trouxe a *margarita*. Sunny tinha a garganta ressequida da viagem quente e poeirenta e bebeu-a pela palhinha, com os olhos levantados para observar Perrin.

– É uma mulher muito bonita – retorquiu ele, esquivando-se à pergunta. –

Vim para aqui para fugir a isso.

– Parece que conseguiu.

Bebeu outro grande gole. O problema com as *margaritas* de manga era que quase nos esquecíamos que tinham tequila. Bebiam-se duas e o álcool subia como combustível de foguetões. De súbito com fome, acenou ao empregado e pediu *nachos*.

– Quer dizer que não precisa de se preocupar com a sua figura – comentou Perrin.

Sunny tentou perceber se se estava a atirar a ela, mas decidiu que não, embora os seus olhos ainda a admirassem. Parecia de repente mais sóbrio.

– E fala um espanhol perfeito – acrescentou.

– O meu pai é mexicano. Tal como a minha avó, faço os melhores *tamales* que já provou. E, uma vez que a *abuelita* não era gorda, espero ter-lhe herdado os genes, para além das receitas.

Os *nachos* chegaram: feijões e queijo a fumegar em cima de tortilhas estaladiças. Sunny atirou-se a eles.

– Não faça cerimónia – convidou para Perrin. – Prove, estão bons.

Parou a meio da dentada. *O que estava a fazer? Este homem era o inimigo, a «presa», e estava a agir como se fossem amigos que tivessem saído para jantar fora.* Bebeu outro trago da *margarita* e perguntou:

– Bem, afinal, que está aqui a fazer, Mister Perrin?

Ron sorriu-lhe, as sobrancelhas a cerrarem-se.

– Diabo, pensei que soubesse. Caso contrário, por que razão veio?

– Estamos a andar em círculos – retorquiu e descobriu que lhe sorria em resposta. Tinha de admitir que Ronald Perrin tinha um certo encanto. Ela devia ser a interrogadora, fazer o trabalho de Reilly, e aqui estava ela a cavaquear. – Bem – continuou, com brusquidão –, vim especificamente para o encontrar. Precisamos de falar.

– Como me encontrou?

– Através do recibo de pagamento do imposto sobre a Villa des Pescadores no seu *Hummer*.

– Devia ter destruído isso – replicou Ron com um suspiro. – Não consegui dar a volta a tudo, não houve tempo. Mas o que andava a fazer no meu *Hummer*?

Sunny corou.

– Oh, meu Deus, agora tenho de confessar – exclamou, baixando a

cabeça, para lhe evitar o olhar.

– Então? – Estava à espera de uma resposta.

– Suponho que se possa chamar «intrusão» – respondeu com um suspiro.

– Estávamos à procura de pistas.

– Pistas para quê?

Sunny ergueu a cabeça, hesitante. Aquela conversa estava a correr mal. Não era ela que devia fazer as perguntas? Esquivou-se a responder.

– Não se preocupe, não descobrimos nenhuma pista, para além do recibo.

Fitaram-se de novo em silêncio. Perrin emborcou a sua tequila.

– E aquele comboio? – perguntou Sunny.

Ron encolheu os ombros.

– Quando era pequeno era demasiado pobre para ter um comboio. Digamos que é a criança que existe dentro de mim.

Sunny sorriu-lhe, compreensiva.

– Ainda não me disse quem é.

– Chamo-me Sunny Alvarez. – E, para seu espanto, ele estendeu a mão por cima da mesa.

Apertou-a durante um pouco mais tempo do que o necessário, fitando-a com intensidade. Depois inquiriu:

– E quem é Sunny Alvarez? Com um pai mexicano e uma avó que faz os melhores *tamales* da cidade?

– Sou a... – Sunny deteve-se muito depressa antes de dizer *noiva*, porque claro que não era e *namorada* parecia demasiado bonitinho. – Assistente de Mac Reilly – substituiu no último segundo.

– Devia ter percebido. Pedi-lhe para trabalhar para mim. Ele recusou. Se não tivesse recusado, talvez não me encontrasse na enrascada em que estou metido agora – acrescentou com amargura.

– E que enrascada é essa? – Sunny sabia que o encostara à parede. Agora Perrin ia contar-lhe tudo.

Mas, em vez disso, chamou o empregado para trazer uma segunda *margarita* de manga.

– Então o que a traz, *na realidade*, aqui? – Lançou-lhe outra vez aquele olhar hirsuto.

– Allie Ray – retorquiu com simplicidade.

Perrin fitou o copo em silêncio.

– Não me diga que veio entregar-me uma notificação – proferiu, de

repente glacial.

Sunny abanou a cabeça.

– E não me diga *você*, Ron Perrin, que não sabe que Allie desapareceu.

Perrin levantou a cabeça. Fitou-a, o rosto de súbito desprovido de expressão.

– Deve saber que Allie desapareceu no Festival de Cinema de Cannes – acicatou-o Sunny. – Pensei que soubesse para onde foi.

Ele pareceu dominar-se.

– Por que razão saberia para onde Allie vai hoje em dia? Ela faz o que bem entende.

Estava a mostrar-se muito descontraído, mas Sunny pressentiu uma ponta de desespero no curvar dos ombros, no rosto abruptamente cansado e nos olhos vazios que não estavam dispostos a exhibir os seus verdadeiros sentimentos. Não saberia mesmo para onde fora a mulher?

– Mas está preocupado, não está? – perguntou com suavidade.

Ron ergueu outra vez um ombro a indicar que fazia pouco caso. Se estava chocado com a notícia do desaparecimento da mulher, não ia falar do assunto.

– O que interessa? Ela vai seguir o seu caminho, eu o meu. – Mandou vir outra tequila, emborcou-a e depois despejou a *Corona* pela garganta abaixo.

– De qualquer modo, não está aqui para falar de preocupações. Está aqui para estabelecer algum tipo de acordo.

– Não é a única mulher desaparecida – replicou Sunny. – E então Ruby Pearl?

Ele fitou-a, obviamente surpreendido.

– Ruby era uma secretária. Deu-me uma ajuda durante algumas semanas. Não sei para onde foi depois disso.

– E há a questão de Marisa. Está em Roma e ainda à espera de ter notícias suas. Mostrou-nos o anel de noivado com o diamante amarelo-canário que lhe deu, um grande diamante, meu amigo. Contou-nos que prometeu casar com ela. – Fitou-o com dureza. – Está preocupada, Ron.

Franzindo o sobrolho, Ron passou uma mão pelo cabelo castanho já com entradas.

– Nunca falei de «amor» ou casamento a Marisa. Aquele anel foi uma lembrança. Ela admirou-o na montra de uma loja, por isso comprei-lho. Ficou contente, mas não era um anel de noivado. Ora, ainda sou um homem

casado – acrescentou.

– Uma pena que não tenha pensado nisso antes de iniciar uma aventura.

Perrin inclinou-se para ela, por cima da mesa.

– Esclareçamos isto de uma vez, Sunny Alvarez. Marisa não alimentava quaisquer ilusões, apesar do que possa ter dito sobre um anel de «noivado». Sabia qual era a situação e eu não era o primeiro tipo rico com quem andava. Marisa é uma miúda esperta.

– Também afirmou que o Ron gostava de sexo sadomasoquista.

– Disse o quê? – Tinha o rosto branco do choque. – Isso é uma treta.

– Achei que estava a mentir. Até pensei que estivesse a planear um pouco de chantagem. Sabe o tipo de coisa, venderia a história aos tabloides a não ser que o Ron pagasse. E, aliás, o que sucedeu naquela noite em Malibu, quando Mac a ouviu gritar? Ela estava lá, apesar de você o ter negado.

– *Okay*, ela estava lá. Só não queria que toda a gente soubesse. Pode censurar-me? Sou um homem casado. O que aconteceu foi que eu estava numa reunião. Ela foi para a casa de Malibu esperar por mim, contou que ouviu passos, ficou com medo. Depois, Reilly entrou de rompante pela porta dentro.

– Por isso ela disparou contra ele.

– Não propriamente.

– Tentou.

Ron encolheu outra vez os ombros.

– Um tipo desconhecido entra pela janela à meia-noite, você também dispararia.

– Bem, por que razão estava com Marisa?

Sunny sentiu-se de repente curiosa. Havia, neste homem estranho, mais do que parecia à primeira vista e ela queria ir mais fundo, descobrir como era, por baixo daquela camada de tipo duro, desprovido do *glamour* do poder nos seus calções floridos ridículos e *T-shirt* velha.

Ele lançou-lhe um longo olhar sombrio.

– Quer a verdade? – proferiu em voz baixa. – É amor que deu para o torto. É só isso, Sunny Alvarez. *Amor que deu para o torto*.

Deixou-se cair para a frente, por cima da mesa e colocou a cabeça entre as mãos.

– Allie já não me ama. Isto é, se alguma vez me amou – acrescentou. – E posso censurá-la? Claro que não. E não teria a maior parte dos homens no

mundo gostado de ser o Mister Allie Ray? Pode apostar que sim. Era o que eu queria mais do que tudo, mais do que todo o dinheiro, as casas, os bens, o poder. Queria Allie e agora perdi-a. E, em resposta à sua pergunta, senhora detetive, estou aqui no meu pequeno refúgio a tentar encontrar outra vez a minha alma.

Sunny observou-o, atordoada e cheia de compaixão. Afastou as lágrimas que ameaçavam cair.

– Lamento tanto – sussurrou.

– Nunca uma mulher sentiu pena de mim antes – retorquiu Perrin. – E não sei se gosto. – Pôs-se de pé com esforço, oscilando um pouco. – Estou cansado. É por isso que estou a falar tanto. Tenho de me ir embora.

Enfiou a mão no bolso e deixou ao empregado um molho de pesos.

– Isto deve dar.

Ignorando Sunny, dirigiu-se para a saída. Ela seguiu-o até à rua.

– Como veio?

Ron remexeu no bolso à procura das chaves do carro.

– Vim a guiar, claro.

– Ah! Com certeza que não vai a guiar agora. Não com toda essa tequila dentro de si.

– Está a implicar que estou bêbado? – Fez a pergunta com toda a pomposidade dos embriagados.

– Eu de certeza que estou, Ron Perrin.

Sunny fez sinal a um táxi que passava. Abriu a porta e empurrou-o lá para dentro.

– Leve-o a casa – disse ao motorista e deu-lhe as respetivas indicações.

Afundado no banco de trás, Perrin fitou-a com as pálpebras murchas.

– Aposto que está apaixonada por Mac Reilly. Uma mulher como a Sunny podia fazer o que quisesse de qualquer homem.

– Quem me dera – replicou ela, sorridente. – Ouça, amanhã de manhã apareço em sua casa. Conversamos mais um pouco.

– Sobre quê?

– Bem, sabe, por exemplo sobre lavagem de dinheiro – respondeu e desejou de imediato não o ter feito. – E talvez sobre o amor – acrescentou, suavizando o embate.

Bateu a porta e ficou ali a ver o táxi descer a rua e depois virar à esquerda na esquina, desaparecendo de vista.

Não tinha qualquer dúvida que Ron Perrin ainda estava apaixonado pela mulher. E que estava metido em sarilhos. No dia seguinte veria o que poderia fazer para ajudar.

Na manhã seguinte, Sunny levantou-se cedo. Deu um passeio pela praia, apreciando o ar fresco e os primeiros ardores do sol, vendo os pelicanos mergulhar como torpedos no mar, emergindo com peixes prateados brilhantes nos bicos.

Tomou o pequeno-almoço no terraço: café forte e escuro com pãozinhos doces, que, naquela manhã, sabiam melhor do que quaisquer outros que já tivesse comido. Depois, pediu um termo com café e conduziu devagar até à casa de Perrin.

Bateu à porta, mas não houve resposta. Rodou a maçaneta e abriu-a.

– Olá, sou eu, Sunny – chamou. – Trouxe-lhe café, pensei que precisasse.

Pousando o termo na mesa, deu uma olhadela em volta. A sala encontrava-se vazia. O terraço vazio. E o CD de Bryan Ferry jazia partido em dois em cima da mesa.

Sentiu-se desanimar. Afinal, não ia levar Perrin para casa, para Mac, em triunfo.

ESTAVA CALOR EM CANNES e Mac conduziu o *Peugeot* alugado com a capota para baixo, na esperança de que a brisa leve apagasse os vestígios do *jet-lag*. Alugou um quarto no Hotel Martinez e foi logo ter com o porteiro para lhe perguntar quais as empresas que ofereciam serviço de limusinas.

Armado com uma lista completa das empresas da zona, subiu ao quarto, tomou banho e pediu um pequeno-almoço ao serviço de quartos, apesar de já ser uma da tarde. Vestiu um par de calções e sentou-se no seu pequeno terraço a apreciar a vista sobre o mar e a pensar em Allie.

Tinha a certeza que fugira da vida que levava. Estava farta de ser uma estrela de cinema, farta de ocupar o segundo lugar no coração do marido mulherengo, farta do *glamour* e da opulência do estilo de vida de Hollywood. Era basicamente uma mulher simples que, como lhe confessara, nunca se sentira bem na sua pele e nunca sentira que fazia parte do mundo onde desempenhava um papel de tanta importância. Allie queria voltar a ter a sua privacidade. Queria ser anónima.

Pedira a Sunny que lhe enviasse por *e-mail* as últimas fotografias de Allie, tiradas no festival. Tinha um ar belo e sereno, a realizar o seu trabalho, a posar para a imprensa e a acenar para os fãs. Pensou que não haveria sítio nenhum onde pudesse ir que não fosse reconhecida. Teria de arranjar algum tipo de disfarce, alterar de alguma forma o seu aspeto.

Bebeu o sumo de laranja acabado de fazer que sabia a sol dentro de um copo e comeu os ovos mexidos com cogumelos selvagens, ainda a pensar nela.

A coisa mais óbvia seria cortar o cabelo. Retraiu-se ao pensar naquilo. O cabelo de Allie era uma das suas características distintivas: espesso, brilhante e de um louro natural. Claro que teria de o pintar de outra cor. Escolheria um estilo mais simples, calças de ganga e *T-shirts*, com toda a probabilidade, e teria de usar óculos. Pelo menos, se fosse ele o responsável

pelo disfarce dela, seria o que faria. E, mesmo assim, não tinha a certeza se resultaria. Sem dúvida nenhuma, teria de deixar as zonas mais luxuosas do Sul de França, dirigir-se para norte, para as zonas mais rurais.

Pegando no mapa Michelin que trouxera do aeroporto de Nice, estudou as estradas principais. Uma levava à Provença e ao Luberon, uma zona repleta de gente do cinema, escritores e colunáveis de férias. As outras levavam a Toulouse e à zona oeste, ou ao norte, via Agen. Suspirando, dobrou o mapa. A França era ainda maior do que pensara.

Puxando da lista das empresas de limusinas, começou, de forma sistemática, a telefonar para todas, a tentar localizar o serviço contratado para levar Allie ao festival. À quarta tentativa, teve sorte. Dizendo ao gerente da empresa que iria de imediato ter com ele, Mac envergou uma camisa e sandálias e guiou até aos subúrbios de Cannes.

O gerente mostrou-se desconfiado.

– Já fomos assediados por demasiados jornalistas, *monsieur* – declarou com frieza. – Nunca falamos da nossa clientela.

– Trabalho para Madame Ray, estou encarregue da sua segurança. – Mac exibiu o seu cartão. – Gostaria de falar com o motorista que a levou ao aeroporto.

Por sorte, o homem devia estar a entrar ao serviço e Mac esperou, sob o olhar carrancudo do gerente, que ele chegasse. Depois cumprimentou-o cordialmente, apertando-lhe a mão e chamando-lhe «*mon ami*». Não correu lá muito bem. O motorista não era claramente seu «amigo»; mostrava-se pouco comunicativo, preocupado por poder estar metido nalgum tipo de problema. Era um homem baixo com um nariz grande e olhos pequenos e brilhantes que fitavam Mac de forma taciturna.

– Só preciso de saber onde largou Madame Ray e o que ela fez a seguir.

O motorista, que se chamava Claude, respondeu que não tinha autorização para falar com ninguém sobre Madame Ray e que não conversara com quaisquer jornalistas. Mac teve de repetir todo o seu arrazoado e, embora ainda relutante, o motorista falou por fim.

– Madame Ray não é uma pessoa desaparecida – explicou com nervosismo. – Não foi apresentada qualquer queixa à polícia sobre o seu «desaparecimento». A polícia não está envolvida.

– É verdade – concordou Mac, sabendo que era com toda a probabilidade a única pessoa que poderia agora levantar questões sobre o paradeiro de

Allie. Mas ainda achava que ela fugira e não queria a polícia no seu encalço.

– Larguei-a nas Partidas – disse Claude. – Estava vestida para o festival, mas, quando saiu, envergava um casaco de malha e tinha um chapéu a tapar o cabelo. Usava óculos escuros. Nem sequer me deixou pegar na mala, apenas uma mala pequena. Levou-a sozinha. Deu-me uma boa gorjeta, agradeceu-me... – Encolheu os ombros. – E foi tudo, *monsieur*.

– Seguiu-a com os olhos?

– Durante um minuto, sim. Entrou logo, dirigindo-se, suponho, para o *check-in*. Não sei para onde ia, *monsieur*. É tudo o que sei.

Mac suspirou. Não adiantara grande coisa. Tudo o que tinha era Allie, meio disfarçada, no aeroporto de Nice na noite em que desaparecera. Podia ter feito qualquer coisa depois de largar a limusina, apanhado um táxi para a estação de comboio, por exemplo, ou alugado um carro.

Agradeceu a Claude e guiou de volta ao aeroporto de Nice, onde descobriu todos os voos que tinham partido naquela noite e respetivos destinos. A seguir, dirigiu-se às Chegadas e verificou as agências de aluguer de automóveis. Nenhuma delas possuía qualquer registo do aluguer de um carro em nome de Allie Ray.

Num impasse, e sabendo que perdera o seu tempo, voltou ao hotel. Tinha um *e-mail* de Sunny. «Fui fazer uma pequena viagem», dizia. «Telefone-me quando regressar.»

Claro que lhe telefonou logo. Ninguém atendeu. Mac suspirou. As mulheres da sua vida estavam a dar-lhe problemas. Pensou no que andaria Sunny a tramar.

ALLIE CIRCUM-NAVEGOU TOULOUSE, em pânico com o cruzamento de autoestradas e os sinais onde se lia BARCELONA, BORDEAUX, PARIS. Não queria ir para nenhum desses sítios.

Ensanduichada entre carros, cujos convencidos condutores franceses iam na sua maioria ao telefone, buzinou-lhes furiosa e depois fez deslizar o carro azul-claro, pisando o acelerador e deixando-os dispersos atrás dela a buzinar.

O sinal de trânsito agora dizia AGEN, por isso calculou que era para onde ia. Levou mais tempo do que pensara e estava cansada de guiar. Queria um sítio campestre com prados, árvores e talvez até pequenos regatos borbulhantes, o sonho de qualquer turista quando pensava nas zonas rurais francesas.

O cão fungava com suavidade no seu sono quando se dirigiu para norte em direção a Bergerac, através da pequena vila de Castillonès, onde parou para beber uma chávena de café com leite, passear o cão e também perguntar como se apanhava a estrada panorâmica.

De volta ao carro, embrenhou-se mais na zona rural. Em breve conduzia por entre campos verdes, com vacas cor de caramelo a pascar à sombra de castanheiros antigos. Um pequeno rio deslizava, preguiçoso, possivelmente rumo à grande e colorida Dordogne. Veredas rochosas conduziam a montes encimados por castelos misteriosos com os seus torreões. Cavalos pastavam em cercados verdejantes, compridas áleas brancas forradas com álamos ondulantes levavam a pequenos solares tranquilos e quintas com celeiros de ripas de madeira pareciam existir por ali há séculos.

Ouviu-se um súbito gralhar ruidoso e Allie meteu travões a fundo. Um punhado de galinhas com penas cor de ferrugem encontrava-se ao portão de uma quinta, cacarejando, ofendidas, para ela. O cão espetou a cabeça pela janela e observou um galo gigante a pisar a estrada. O galo olhou para

ambos os lados. Depois, cacarejando e batendo as asas, mandou o harém em debandada de volta para o portão, para longe de um pequeno carro que se precipitava pela faixa de rodagem numa nuvem de pó. O galo esperou até o carro ter desaparecido e pisou outra vez a estrada. Olhou de novo para ambos os lados. Vendo que estava tudo *okay*, fez marchar o seu bando alvoroçado em segurança, atravessando a estrada para o campo em frente.

Allie sorriu, espantada. Não se apercebera que as galinhas francesas tinham a noção do que era uma estrada. E agora sentia água na boca com a ideia de uma omeleta acabada de fazer. Continuou, procurando um lugar para ficar, de preferência perto de um restaurante.

Mesmo por acaso descobriu exatamente o que andava à procura nas estradas secundárias em redor da aldeia medieval de Issigeac, onde parara para encher o depósito do carro. Uma mulher ruiva era a outra única cliente e, reunindo coragem e ajustando o chapéu e os óculos escuros, Allie perguntou-lhe num francês nervoso se conhecia algum sítio onde ficar.

– Ora, até conheço – replicou a mulher, falando em inglês. – O Bed & Breakfast da minha amiga Petra fica mesmo aqui perto.

Explicou-lhe como lá chegar, disse-lhe que era um sítio razoável e que Petra tinha também aberto há pouco tempo um pequeno restaurante.

– Parece maravilhoso – exclamou Allie, sorrindo.

A mulher lançou-lhe um olhar penetrante.

– Bem, não será propriamente maravilhoso, mas se fez uma viagem longa e difícil poderá ser mesmo o que procura.

– Obrigada. – Allie virou-se para se ir embora.

– A propósito – disse a mulher –, chamo-me Red Shoup.

– Muito prazer. – Allie hesitou.

Depois, pela primeira vez, disse:

– Chamo-me Mary Raycheck.

A mulher assentiu, ainda a olhar, perplexa, para ela.

– Não se esqueça de dizer a Petra que sou eu que a mando – observou, entrando no carro. Tirou um cartão da mala e entregou-lho. – Aqui está o meu número. Se puder ajudar nalguma coisa, dê-me uma telefonadela.

Allie viu-a afastar-se. Suspeitaria Red Shoup de quem ela era? Ou estaria apenas a ver uma mulher com aspeto perturbado, com um cão muito sossegado, de forma antinatural, e demasiado grande, a deambular sozinha pela França?

Voltou ao carro e, seguindo as indicações de Red, achou-se a esmagar a gravilha de um caminho que conduzia a uma pequena casa senhorial rodeada por maciços de árvores, à sombra das quais preguiçavam mais vacas.

Dois *border collies* pretos e brancos correram em direção ao carro e o seu cão sem nome encolheu-se preocupado para trás. A porta da frente abriu-se de rompante e uma loura alta e rechonchuda, vestida com o que parecia ser uma camisa de noite de cetim vermelho, voou pelo curto lance de escadas na sua direção.

– *Bonsoir, ma chérie* – exclamou num francês fortemente entrelaçado com um sotaque britânico. – É você que anda à procura de um quarto? Red Shoup acabou de telefonar para dizer que vinha a caminho. E o seu cão também. Não precisa de ter receio deste par de velhos *collies*, só querem é perseguir carneiros. Não que haja muitos por aqui, mas tínhamo-los na quinta no País de Gales, sabe. Ora, vamos, querida, vamos lá sair daí. Tenho o melhor quarto da casa para si.

Petra parou com a investida de palavras e sorriu, radiante, para Allie, ainda sentada no carro, atordoada com a visão loura e escarlate, dos seus cinquenta e tal anos, a fitá-la, pitosga.

– Ainda não sei como se chama, querida – disse Petra.

– Oh! Pois. Mary. Chamo-me Mary Raycheck.

– É pouco vulgar. Polaco, é?

– Originariamente, creio que sim. E você deve ser a Petra.

Allie saiu do carro e apertaram as mãos. Prendeu a trela no cão e encaminhou-se, com a sua nova senhoria, para a casa.

– Chamo-me Petra Devonshire. Nome sofisticado para um pedaço de gente simples como eu, não? – Deu uma cotovelada a Allie, rindo-se. – Dantes era dançarina, espetáculos de variedades na televisão, musicais em *tournee*, esse tipo de coisa, embora toda a gente dissesse que eu era mais o género de Benny Hill. Sabe quem é, aquele que anda sempre a ser perseguido pelo jardim, de meias de rede e cinto de ligas. Bem, acabei por vir parar aqui. Lembre-me para lhe contar a história, querida, uma destas noites quando não tivermos mais nada para fazer senão tagarelar na companhia de um copo de vinho.

Petra ainda não parara para respirar e Allie não sentia qualquer desejo de a deter. Estava fascinada com a torrente espontânea de informações,

encantada com o estilo de vida livre, espantada com a desinibida camisa de noite de cetim vermelho às quatro da tarde e com o convite para escutar a história da vida dela na companhia de um copo de vinho.

– Siga-me, querida. – Petra arrancou pela larga escadaria acima, forrada com retratos de família. – Nenhum deles é meu – explicou. – Vieram com a casa. – Abriu uma porta ao cimo das escadas. – O melhor quarto aqui do sítio, querida. O que acha?

Deslumbrada, Allie fitou a cama estilo *Império* dourada guarnecida de damasco azul coçado; o armário de pinho antigo e o toucador arrebicado com três espelhos manchados e um par de castiçais de prata para velas; o tapete branco e felpudo de pele de ovelha e as cortinas sumptuosas de cetim outrora vermelhas e agora desbotadas para um rosa pálido. Uma lareira forrada a azulejos dominava uma parede, tendo em frente um sofá bambo cujo *chintz* florido fazia bojo nas costuras, e um enorme espelho de moldura dourada refletia tudo. Numa bandeja vermelha em cima da mesa diante da grande janela encontrava-se uma cafeteira e respetivos acessórios e uma porta abria-se para uma casa de banho nova ofuscantemente branca com um cubículo de plástico para duche que dava à justa para um adulto.

Todas as recordações que Allie tinha do seu *boudoir* luxuoso de trezentos metros quadrados em Bel Air desapareceram num instante.

– Petra – ofegou, com uma mão apertada sobre o peito. – Adoro-o. Poderá nunca mais se ver livre de mim.

O riso rouco de Petra misturou-se com o seu.

– Isso é bom – retorquiu – porque o dinheiro dava-me jeito. Agora, ponha-se à vontade e depois desça para tomar uma chávena de chá comigo. E, por favor, querida, tire esse chapéu horrível. Não lhe fica bem. Vai encontrar uma quantidade de chapéus de palha pendurados no bengaleiro no vestíbulo. Estarei na cozinha quando estiver pronta.

Desapareceu num rodopio de cetim vermelho, completamente desinibida apesar de ter sido apanhada vestida apenas com a *lingerie*.

Allie foi até à janela, abriu-a e espetou a cabeça para fora. Não havia ruído de trânsito; nada de sirenes; nada de perseguidores. Uma brisa fazia restolhar com suavidade as folhas dos álamos, uma vaca mugia à distância e os dois *border collies* perseguiam-se um ao outro no prado ao fundo do caminho. Viu um cavalo, preto e lustroso, a morder a erva, havia um par de bicicletas velhas caídas de um dos lados dos degraus fronteiros, onde

grandes vasos gémeos continham uma pilha de gerânios em todas as tonalidades de vermelho, e a fragrância do jasmim que se entrelaçava pelas velhas paredes de pedra acima misturava-se com o leve cheiro do feno.

Suspirou, feliz. Teria encontrado por fim o paraíso?

DEPOIS DE TER TOMADO DUCHE e trocado de roupa, Allie vestiu um par de calças de ganga pretas e uma camisa de linho branco e desceu, sorrindo quando passou por uma armadura que montava guarda envolvida numa boa de penas de cor magenta.

Encontrou Petra na cozinha, uma sala comprida com o tipo de obra de alvenaria conhecida como *colombage*, estuque creme aplicado entre um reticulado de pequenos toros de madeira. Armários forravam duas das paredes e janelas altas, incrustadas aqui e ali com vitrais, ocupavam outra. Uma mesa de tábuas grossas de madeira preenchia a maior parte da divisão, com tamanho suficiente para sentar pelo menos vinte pessoas. Em cima, empilhava-se roupa lavada e dobrada e um cesto com lãs para tricotar, completo, com dois gatinhos cor de laranja adormecidos e tudo. Havia também um enorme *puzzle* meio acabado da região da Dordogne e um velho rádio, que estrondeava os últimos *hits* franceses, várias tigelas e tábuas de cozinha, canecas e travessas, junto com diversas revistas e um pequeno número de jornais.

Mesas de apoio instáveis sustentavam pilhas de livros e havia casacos atirados por cima de cadeirões em frente da enorme lareira, como se os donos tivessem entrado e deixado ali simplesmente os casacos até à próxima vez que fossem necessários. A porta da cozinha estava aberta, deixando entrar a brisa e os aromas do campo.

No meio do caos, Petra, serena, com um roupão cor de rosa por cima da camisa de noite de cetim vermelho, preparava o chá num grande bule castanho funcional.

– De alguma maneira sabe melhor feito num bule castanho – explicou a Allie, despejando água a ferver por cima das folhas de chá e depois abrindo um espaço na mesa com o braço inclinado, que empurrou a pilha mais próxima para o lado. – Cá está, querida, aposto que está a morrer de sede. E

aqui estão umas belas bolachas inglesas. As bolachas digestivas de chocolate *McVitie*. E então o cão? Afinal, como se chama?

– Não tem nome.

Os olhos azuis, chocados, de Petra estavam circundados de preto e guarnecidos de rímel pesado.

– Como pode ser? Todos temos nomes, minha querida, mesmo que seja só para diferenciar um do outro. Quer dizer, como é que o chama?

Allie pensou naquilo.

– Cão querido. É só o que lhe tenho chamado. Até agora, pelo menos.

– Bem, então é isso. Fica *Cão Querido*. Ou só *Querido* para encurtar. Gostas do teu nome? – acrescentou, dobrando-se para pegar com a mão no focinho do recém-baptizado *Querido*. – Vejo que és um bom cão – declarou com suavidade. – Toma conta da tua mãe. É o teu trabalho. Está bem?

Lançou um olhar crítico a Allie e acrescentou:

– Além disso, ela parece estar a precisar.

Allie bebeu um gole do chá quente, queimando a garganta. Fitou os olhos azuis cheios de rímel de Petra.

– Estou assim com tão mau aspeto?

– Esse corte de cabelo é de arrasar. O que diabo lhe passou pela cabeça?

Allie escondeu o rosto atrás da grande caneca azul de chá.

– Necessidade.

Petra assentiu.

– Também passei por isso. Umas duas vezes. – Serviu-se de leite para o seu chá de um jarro branco em forma de vaca e depois adicionou três colheres cheias de açúcar, mexendo com energia. – Problemas com um homem, foi?

Allie pousou a cabeça entre as mãos, de repente outra vez cheia de desespero.

– Deixei o meu marido – anunciou num sussurro, de forma que Petra teve de se inclinar na sua direção para ouvir. – Ou antes, ele deixou-me. Estou a tratar do divórcio.

Petra aspirou o ar das bochechas com ruído.

– Ah, isso é mau.

– Havia outra mulher.

– Isso ainda é pior!

– E depois ele desapareceu. Ninguém sabe onde está.

– Para tentar fugir à pensão de alimentos, é isso? – Petra soltou um suspiro que fez tremer o amplo peito. – Homens – gemeu. – Nunca percebem como estão bem até ser tarde de mais. Acredite, minha querida, se ele tiver juízo, e uma vez que casou consigo tenho de reconhecer que tem, vai voltar a correr para si, suplicando de joelhos que o deixe voltar para casa.

– Então foi isso que lhe aconteceu?

Petra pegou numa bolacha e mergulhou-a na caneca.

– Adoro quando o chocolate se derrete. E sim. Aconteceu. Duas vezes, na realidade.

Ficaram em silêncio enquanto ela comia a bolachinha inglesa, obviamente a apreciá-la.

– E aceitou que ele, que ambos, voltassem?

O riso de Petra encheu a cozinha.

– Claro que não. Nessa altura já passara para o sacana seguinte. Nunca soube escolhê-los. Não estava na minha composição genética. Ah, bem, quatro maridos e numerosos amantes mais tarde, aqui estou, sozinha outra vez. E tenho de admitir que até estou a gostar. Embora exista um cavalheiro que tenho debaixo de olho. Na realidade, o fidalgo local. Possui um grande vinhedo nas redondezas; alto, moreno, bem-parecido. Devia vê-lo montado num cavalo. Uma mulher até fica com os joelhos feitos em gelatina.

Lançou um olhar penetrante a Allie.

– Na verdade, se calhar, até é mais o tipo dele do que eu. Com mais classe, está a ver o que quero dizer? À exceção do corte de cabelo. Temos de a levar à nossa cabeleireira, ver o que ela consegue fazer para remediar essas madeixas. Não faça isso, Mary, ora só porque o seu casamento está de rastos não significa que se deixe ir abaixo, não é?

Allie recordou a passadeira vermelha em Cannes, as fotografias para a imprensa mundial, e sorriu. O seu disfarce parecia ter resultado, mesmo que estivesse com mau aspeto.

Petra apoiou ambas as mãos na mesa e içou-se, levantando-se e assustando os dois gatinhos cor de laranja adormecidos, que caíram a miar do cesto das lãs. Remexendo no caos da mesa, Petra encontrou uma tigela e encheu-a com leite do jarro em forma de vaca.

Mesmo nessa altura, os dois *collies* apareceram a correr pela porta aberta, aos saltos para farejar os gatinhos, que se encolheram de medo durante um

segundo e depois voltaram calmamente a beber o leite. *Querido* mirou com nervosismo os outros cães, parecendo preparado para fugir. Virou a cabeçorra para olhar para Allie e esta sorriu, fez-lhe uma festa e disse que estava tudo bem.

– A paz reina – declarou Petra. – E agora, minha querida, tenho de me vestir. O meu restaurante abre às seis e ainda nem comecei a fazer a massa para os bifes *Wellington*. – Ergueu uma sobrancelha inquiridora para Allie. – Alguma vez fez um bife *Wellington*? Não? Bem, então não se dê a esse trabalho. Não sei o que me levou a experimentar, mas posso afiançar que é um caso bicudo para dar certo. Mesmo assim, quem não arrisca, não petisca, é o que digo sempre. E isto é um negócio bastante recente, por isso tenho de oferecer qualquer coisa um pouco diferente, não é?

Avançou para a porta, virando-se para olhar outra vez para Allie.

– Quer vir também, Mary? Deve estar com fome, embora não tenha de pedir o bife *Wellington*. Há coisas mais simples na ementa. – Hesitou. – A não ser que tenha outros planos, claro.

– Não! Oh, não. Não tenho planos nenhuns.

Allie não tinha planos nenhuns para a sua vida inteira. Estava em queda livre e, neste preciso momento, queria fazê-lo na companhia de Petra Devonshire.

– Quer ajudar, então? Ou vai ser uma cliente?

– Oh, eu ajudo. Posso servir à mesa, lavar loiça, o que quiser.

– Certo. Tome lá um avental. Vista-o, minha querida, e vamos andando.

– *Querido* também pode vir?

Petra mirou o cão, que se erguera e estava praticamente colado a Allie.

– Não me parece que tenhamos muita escolha, pois não? – retorquiu com um sorriso alegre.

O BISTRO DU MANOIR era, afinal, um pequeno celeiro de pedra transformado. Acedia-se através de um caminho de gravilha, só com largura suficiente para passarem dois carros, com uma zona de estacionamento de areia de um dos lados. A entrada principal estava protegida dos elementos por uma magnífica coberta de vidro estriada semelhante às de estilo *art nouveau* existentes em algumas estações de metro de Paris e que, explicou Petra a Allie, mandara copiar por um artesão da região.

Uma ampla pérgula florida sombreada por uma glicínia com cem anos, com flores roxas pendentes, rodeava a parte de trás do restaurante, onde altas portas envidraçadas se mantinham abertas para o ar quente da noite. Havia velas a tremeluzir em toalhas de mesa rosadas e o bar de zinco estava já animado por alguns habitantes locais conservadores que pareciam sentir-se muito em casa.

– Boa noite a todos – cumprimentou Petra, flutuando rápida pela sala, como um cometa com Allie na sua cauda cintilante. – Jean-Philippe – disse para o empregado do bar –, não mandes esses rapazes daqui para fora bêbados, está bem? Não queremos acidentes.

– Ninguém está bêbado – resmungou um dos clientes mais jovens.

– Ótimo. Excelente. Só não o façam aqui.

Petra continuou para a cozinha, sorrindo quando o ouviu perguntar, ofendido, por que razão se davam ao trabalho de ali ir quando ela não queria que bebessem.

Petra enfiou os pequenos ramos de flores que apanhara no jardim em jarrinhas de vidro baixas, estendeu-as a Allie e disse-lhe para as colocar nas mesas. Depois, pô-la a preparar um *ratatouille*, a cortar curgetes e beringelas, cebolas, alho e tomates, ensinando-a a seguir a fazer molho para a salada, com um bom azeite, enquanto ia tratar da massa.

Apresentou Allie a Catherine, a jovem que lavava com lentidão a alface no

lava-loiça e ao seu assistente temporário, outro britânico, que preparava frango para um *fricassé*, entre uma dúzia de outras coisas.

De repente, Allie viu-se a fazer pelo menos dois trabalhos em simultâneo. Não havia tempo para pensar. Os clientes chegavam e, quase sem se dar conta, estava a tirar o avental de trabalho e a enrolar-se num branco, engomado, de empregada de mesa e a ir lá para fora anotar pedidos.

Para seu espanto, o primeiro cliente era Red Shoup, deslumbrante numa saia *Pucci* esvoaçante.

– Oh, olá – cumprimentou Allie, com um sorriso de boas-vindas, lápis preparado por cima do bloco-notas, pronta para escrever os pedidos das bebidas.

– Ora então olá! Petra já a pôs a trabalhar, não é? – Red riu-se. – Devia tê-la avisado, faz isso a todos os seus hóspedes. Diz-lhes que é «experiência de vida».

– E eles caem sempre – disse o homem atraente de cabe-lo grisalho e bigode que estava com Red, estendendo a mão. – Chamo-me Jerry Shoup. Você deve ser Mary Raycheck. Red contou-me tudo sobre si.

– Não sabia que havia assim tanto para contar.

– Não se preocupe – retorquiu Red. – Falei-lhe do cão. E do corte de cabelo.

– Oh, meu Deus! – Allie levou uma mão preocupada às madeixas curtas. – Foi um daqueles momentos de loucura. O meu marido partira com outra mulher. Foi uma espécie de retaliação.

– Bem, «retaliou» foi em si. – Red riu-se. – Mas não precisa de se preocupar, a nossa cabeleireira local resolve isso.

– Foi o que Petra disse. E tenho de lhe agradecer muito por me ter mandado para ela. O Manoir é maravilhoso, tão cheio de surpresas.

– Pois, bem, Petra é conhecida por acolher os abandonados – observou Jerry. – Não que se inclua nessa categoria, Mary. – Lançou-lhe um longo olhar avaliador. – De facto, suspeito que muito longe disso.

Nervosa com aquele olhar penetrante, Allie perguntou o que queriam beber, anotando rapidamente o pedido de uma garrafa do vinho tinto da região.

– Volto já – prometeu, afastando-se depressa, o avental engomado a crepitar.

– Faz favor?

Lançou uma olhadela para a sua esquerda e viu um homem sentado com uma loura alta e esbelta numa mesa no terraço mesmo junto às janelas francesas.

– Pode trazer-nos uma garrafa de *Badoit*, por favor, e duas vodcas tónicas?

– Com certeza. – Allie anotou o pedido e o número da mesa, embora fossem por enquanto apenas os segundos clientes a chegar. – Com limão?

– Lima, por favor – disse a loura.

Com o seu pequeno casaco justo de linho branco, blusa preta sem mangas e calças de linho pretas, o cabelo louro puxado para trás, era o epítome da elegância simples.

– Obrigado. Sim, claro.

Com um rápido sorriso, Allie apressou-se a voltar ao bar, fez o seu pedido e correu à cozinha para avisar Petra que os Shoup tinham chegado, mais um homem não identificado, de cabelo escuro, com uma loura.

– Oh, deve ser Robert Montfort, o fidalgo local. Lembras-te de dizer que era giraço? E é a última namorada, de Paris. – Soltou um suspiro. – Não sei como, são sempre de Paris.

– É muito bonita – retorquiu Allie, dirigindo-se para o bar para levantar os pedidos.

– Ele também. – A voz de Petra seguiu-a.

Jean-Philippe, o empregado de bar e aspirante a escanção, já preparara a garrafa de vinho tinto para os Shoup e, quando Allie a levou, o fidalgo «giraço» encontrava-se de pé junto à mesa deles a conversar.

Allie apressou-se com as vodcas. Pousou uma delas, com cuidado, em frente da loura, que se encontrava sozinha na mesa.

– Trouxe mais gelo e lima, caso seja necessário.

A mulher assentiu.

– *Et bien, mademoiselle* – retorquiu, fitando-a. Depois começou a falar inglês. – Não nos conhecemos já?

Allie pensou com nervosismo que a mulher parecia na realidade vagamente familiar.

– Oh, não. Não, creio que não. Só cheguei hoje. Sou hóspede de Petra Devonshire.

– Claro que é.

O fidalgo estava de volta, olhando para ela com olhos azul-escuros sob

sobrancelhas carregadas. O cabelo preto estava penteado para trás a partir de um bico na testa e o rosto magro tinha o ar duro e tisonado de um homem que faz vida ao ar livre.

– Petra acolhe sempre as atraentes – observou, fazendo Allie corar. – Apesar do cabelo – acrescentou e a loura e ele desataram a rir-se.

Allie apressou-se a regressar à cozinha e contou a Petra o que eles tinham dito.

– Robert é assim. – Petra envolveu um bife de vaca, barrado de paté, num pedaço de massa. – Pronto, esperemos que o raio da coisa não saia a parecer uma salsicha mal passada ou uma cobra cascavel demasiado cozida – disse, abrindo uma série de fendas em V na massa e pincelando-a com uma mistura de gema batida. – Para ficar com um belo brilho dourado – informou Allie, que observava, interessada. – Bem, toma cuidado com ela. Tem qualquer coisa a ver com a televisão. Jornalista. Uma dessas mexeriqueiras que gosta de desenterrar escândalos e bisbilhotices sobre celebridades para deleite de plebeus como nós que não têm nada melhor para fazer senão ver o programa dela. Não que aqui descubra alguém de quem falar. A não ser que seja Robert, claro. Red contou-me que «está apostada em apanhá-lo», como se costuma dizer.

Limpou as mãos numa toalha e examinou a sua cozinha.

– *Okay*, minha querida, é melhor ires lá para fora começar a anotar pedidos. As mesas já se estão a encher. Diz-lhes que o prato especial esta noite é o bife *Wellington* e que é muito bom. E lembra-te de fazer figas atrás das costas quando o disseres.

De volta ao terraço, Allie lançou um olhar cauteloso à jornalista loura da televisão. Inclina-se sobre a mesa, absorvida em conversa com o fidalgo «giraço» de Petra. Parecia que não precisavam de ser incomodados por uma empregada de mesa que quisesse anotar pedidos e, ainda nervosa com a pergunta incisiva da mulher, decidiu pedir a Jean-Philippe se ficava ele com aquela mesa, pois ela tinha agora para atender mais seis mesas que se tinham enchido de repente.

– É assim, vem sempre toda a gente ao mesmo tempo – contou-lhe Jean-Philippe. – É melhor habituar-se.

Allie correu de uma mesa para a outra, distribuindo ementas, mencionando o prato especial da noite, anotando pedidos de bebidas e depois precipitando-se para o bar para que fossem atendidos.

Demasiado cedo, Petra estava a espetar a cabeça pela porta da cozinha e a berrar:

– Será que se esqueceram todos da *chef*? Os primeiros pedidos estão prontos, por isso trata de te mexeres, Mary.

Allie não se esforçava tanto desde a última semana das filmagens, quando tivera de ser arrastada por um cavalo em fuga. Insistira em não usar duplo e o corpo doera-lhe durante semanas, mas a façanha transmitira-lhe o mesmo tipo de satisfação pessoal que sentia agora.

Por volta das dez e trinta, a maioria dos comensais terminara e já começava a sair, enquanto outros ainda estavam na sobremesa. O fidalgo e a namorada ainda se encontravam instalados por baixo do caramanchão da glicínia e pareciam prontos para passar ali a noite, quando Petra assomou da cozinha, a limpar as mãos ao avental, o chapéu empertigado de *chef* empurrado para trás na cabeça lanuda loura.

– És tu aí nesse canto escuro, Robert Montfort? – inquiriu em voz alta, avançando para ele a passos largos e puxando uma cadeira.

– Sou – ouviu-o Allie dizer em tom resignado. – Conheces Félice de Courcy?

– Claro que a conheço. – Petra apertou a mão de Félice. – Já vi o seu programa. No entanto, não creio que encontre por aqui muitos escândalos e mistério. Mas também é provável que não esteja aqui para isso – acrescentou com um trejeito significativo para Robert.

Allie apressou-se a voltar para a cozinha onde começou a passar pratos por água e a enfiá-los nas máquinas de lavar loiça. Deixou os tabuleiros a amolecer, limpou as bancadas e voltou a arrumar ingredientes na despensa. O assistente já saíra há muito e encontrava-se sozinha.

Foi lá fora ver o que se passava com *Querido*. Estava sentado na relva. Mal a viu, veio a correr e Allie deu-lhe o osso grande do borrego assado.

De novo na cozinha, serviu-se de um copo de vinho e depenicou as sobras do bife *Wellington* a matutar na sua primeira noite como empregada de mesa. No geral, com a exceção da mulher da televisão demasiado perspicaz, tinha sido um sucesso. Não pensara uma vez em Ron ou no seu mundo de estrela de cinema. Ou em Mac Reilly. Mal podia esperar para fazer a mesma coisa no dia seguinte.

A vida era bastante boa, aqui no paraíso.

MAC REGRESSARA A MALIBU, no voo vindo de Paris. Contara a Sunny que não chegara a lado nenhum em França.

– No entanto, não acredito que tenha sucedido nada de mal a Allie. O meu palpite é que, temporariamente, ela esteja farta de tudo. Penso que foi à procura de qualquer coisa melhor.

– Ótimo – retorquiu Sunny, mas não como se estivesse a ser sincera.

– De qualquer modo, as cartas cessaram e o perseguidor desapareceu sem deixar rasto. E também, por coincidência, Jessie Whitworth e a loura rainha de Inglaterra.

– Não me digas!? – As sobrancelhas de Sunny ergueram-se de surpresa, mas não perguntou o que ele queria dizer com aquilo. Estava demasiado absorta com o seu próprio sentimento de culpa.

Sentados no sofá em casa de Mac, comiam *sushi* e bebiam um vinho da casta *Gewürztraminer*. Se calhar, não era o vinho apropriado para acompanhar rolinhos de atum picantes e *sashimi* de charuteiro, mas Mac achava que sabia mesmo bem. Estava contente por se encontrar em casa, com o seu rapaz, *Pirate*, deitado aos pés a fitá-lo com adoração. Que era mais do que Sunny fazia. De facto, nem sequer olhava para ele. Poderia até dizer que estava com um ar nitidamente nervoso.

– Então o que se passa? – perguntou, pousando-lhe um braço sobre os ombros.

Sunny lançou-lhe um olhar de lado, com as pestanas descidas.

– Tenho uma confissão a fazer.

Ele sorriu.

– Não me digas que compraste outro *chihuahua*!

– Quem me dera...

Parecia mesmo incomodada. Já sério, Mac pediu:

– *Okay*, conta lá.

– Encontrei Ron Perrin.

Mac fitou-a, surpreendido.

– Continua.

Sunny contou-lhe a história toda, desde a descoberta do recibo de pagamento do imposto no bolso dos calções até à conversa com Perrin no Bar Marinera e o facto de o ter deixado escapar.

Mac soltou um suspiro pesaroso. Não havia qualquer interesse em dizer-lhe que devia ter esperado, o que estava feito, estava feito. E, além disso, ela parecia muito perturbada.

– Ora, talvez não sejas talhada para este negócio dos detetives. – Apertou-lhe o ombro, compreensivo. – Bem, o homem fugiu. Pelo menos, agora sabemos que está vivo. De qualquer modo, estamos na pista dele, não te preocupes.

– O que fazemos agora a seguir? – perguntou, olhando esperançada para ele, desejando que ele dissesse para esquecerem aquilo tudo e irem até Las Vegas casar-se.

– Vamos fazer uma visita a Demarco, à sua nova mansão elegante no deserto – retorquiui Mac. – Descobrir o que anda a fazer.

– Ficarei satisfeito por o ver – rugiu Demarco quando Mac lhe telefonou e contou que iriam ao deserto nesse fim de semana. – Vou dar uma festa no sábado à noite. Porque não aparecem?

Perfeito, pensou Mac. Teria oportunidade de observar o leão no seu habitat natural.

– A propósito, é uma festa de máscaras – acrescentou Demarco. – O tema é: venha como a pessoa que gostaria de ser.

Com a consciência mais tranquila depois da sua confissão, Sunny estava entusiasmada por irem para fora, só os dois, sem cães desta vez. Passando por Coachella Valley, ficou fascinada com a beleza inesperada do deserto, rodeado por montanhas, que ficavam rosadas com o pôr do Sol, e orlado de palmeirais entufados, como um oásis de conto de fadas. Havia flores por todo o lado e os muitos campos de golfe estavam salpicados de casas deslumbrantes de estilo mediterrâneo.

Registaram-se no velho La Quinta Resort, que começara como um pequeno refúgio de adobe para os famosos de Hollywood no final dos anos

vinte. Agora era uma extensão maravilhosa de edifícios de telhados cor de coral rodeados por piscinas azul-turquesa, relvados e fontes cintilantes. Tinham apenas tempo suficiente para vestirem os seus fatos de fantasia para a festa.

A casa de Demarco ficava num condomínio privado caro. O segurança no portão lançou um longo olhar aos seus fatos de vampiro e depois, com um sorriso idiota no rosto, fez-lhes sinal para seguirem.

– O que se passa com ele? – Sunny ajeitou com nervosismo a sua blusa. – Estou bem?

– Estás fantástica – respondeu Mac. – Aposto que ganhas o primeiro prémio.

– Não sabia que ia haver prémios – retorquiu, satisfeita.

– Estava a falar no sentido figurado.

– Oh! – Lançou-lhe um olhar furioso, mas paravam já em frente de uma enorme mansão de um só piso, sumptuosa com os seus degraus de mármore e empregados solícitos para estacionarem os carros.

Para Sunny, uma festa implicava algum tipo de farra divertida, mas ali havia apenas, numa sala grande demasiado decorada, gente rica, mais velha, a engolir martinis fortes e a fazer conversa educada. A música zumbia em pano de fundo e algumas mulheres envergavam fatos discretos dos anos vinte, mas a maioria parecia estar a usar *Bill Blass* ou *St. John* e todos os homens, incluindo Demarco, usavam *smoking*.

Todas as cabeças se viraram para olhar quando Sunny fez a sua entrada com o fato de vampiro, blusa campesina guarnecida, descaída num dos ombros, a saia um pedaço curto de cabedal artisticamente rasgado e esfarrapado. Usava as botas altas vermelhas *Versace* com os saltos muito altos e as biqueiras pontiagudas e um conjunto feroz de dentes que cintilaram à luz das velas. Mac tinha também um aspeto bastante chocante, com o seu fato de cabedal preto à Lestat e dentes que condiziam com os de Sunny.

Sunny observou o grupo muito composto na festa e agarrou a mão de Mac em busca de apoio moral, encolhendo a barriga, com um ar o mais altivo possível com aqueles dentes.

Um homem alto de cabelo grisalho destacou-se das outras pessoas.

– É bom vê-lo, Reilly. – Demarco estendeu a mão. – Embora quase não o reconhecesse com essa roupa.

Sunny reparou que Mac estendia a sua mão com alguma relutância e perguntou-se porque seria. Isto é, até o seu anfitrião lhe pegar na mão e a esborrachar na sua. Bateu as pestanas num esforço para evitar que caíssem lágrimas de dor.

– Sam Demarco – apresentou-se, ignorando, ao que parecia, que esmigalhava ossos.

O sorriso era jovial, mas os olhos absorviam demasiado do seu corpo. Sunny endireitou a blusa campesina que escorregava. Sentiu que talvez os seus papéis devessem estar invertidos, Demarco o vampiro e ela a erguer a cruz, enquanto Mac lhe espetava uma estaca de prata no coração. Mas isso era apenas uma reação instintiva e ele era o anfitrião, por isso sorriu em resposta e cumprimentou:

– Prazer em conhecê-lo. Pensei que era um baile de máscaras – acrescentou.

– Bem, claro que é – retorquiu Demarco. – Só que os meus convidados já têm demasiada idade para se mascararem. Para dizer a verdade, é o que alguns fazem para se enfiarem nas suas roupas normais. – Estudou com desalento os seus convidados. – Deixem-me arranjar-lhes umas bebidas e apresentá-los a algumas pessoas.

Seguiram-no, apertando mãos bastante frouxas, cheias de anéis. Sunny beberricou um martíni muito forte e engasgou-se com uma dentada de caviar muito bom numa fatia de pão integral muito dura com umas gotas de natas e tentou, sem sucesso, dar-se com a gente da roupa *St. John*.

– Miram-nos como se fôssemos a dupla contratada para o entretenimento – sussurrou para Mac. – Creio que estão à espera que comecemos a dançar tipo Fred e Ginger ou nos lancemos num louco tango apache.

Deslizaram lá para fora para o terraço, fingindo contemplar a Lua, e decidiram, após rápida conversa, que Sunny se sentiria de súbito indisposta. Voltaram a entrar e Mac falou com Demarco, que retorquiu que esperava que não fosse nada que ela tivesse comido ali.

– Oh, não – disse Sunny, tentando parecer pálida e fraca. – O caviar estava divino. Muito obrigada por uma noite maravilhosa e lamento, mas tenho mesmo de ir andando.

Evitou o aperto de mão esmagador de ossos de Demarco, mas, para seu espanto, ele dobrou a patricia cabeça leonina e beijou-a na face. Não um beijo no ar, mas um beijo a sério que se aproximou da sua boca. Aspirou-lhe

o aroma da água-de-colónia, citrino, ácido. Condizia com ele.

Apoiando-se de forma patética em Mac, saiu a cambalear da casa, deixando atrás dela um murmúrio discreto de conversas, o som de Andy Williams a cantar «Moon River» e o odor de *Joy* pairando como um pano mortuário pela sala.

– Sinto-me estúpida com este fato – irritou-se, esperando, impaciente, nos degraus brancos de mármore que o empregado trouxesse o *Prius*. – Não valeu a pena aperlaltar-me toda. Porque fizemos isto?

– Demarco convidou-nos. Eu queria ver como ele vivia.

– E?

– O assistente de RP vive talvez ainda com mais esplendor do que o próprio RP. Este homem anda a ganhar muitíssimo dinheiro, simplesmente por ser o «braço direito».

– Talvez RP lhe dê algumas dicas. – Sorriu para Mac. – Sabes, tipo compra ações do Yahoo a dez dólares cada.

Os pneus chiaram no asfalto e o *Prius* parou em pouco espaço mesmo à frente deles.

– Obrigado – agradeceu Mac cáustico para o rapaz de uns dezoito anos, que ficara todo excitado por guiar o carro com o pé no acelerador, só para ver qual era a sensação.

Deu uma gorjeta ao miúdo, que correu a abrir a porta a Sunny, sorrindo de olhos postos na sua blusa campesina. Sunny sentiu vontade de lhe fechar a porta nos dedos, mas contentou-se com um olhar furioso e altivo.

– Afinal, onde vamos agora? – perguntou.

Seguiam por uma estrada escura, com nada senão cascalho do deserto de ambos os lados. Os faróis captaram um animal. Os olhos do bicho luziram como espelhos dourados durante um segundo antes de desaparecer.

– Coiote – explicou Mac e, à distância, Sunny ouviu o uivar da matilha. – Vamos à casa de Ron Perrin – acrescentou.

– Fantástico – murmurou Sunny entre dentes, aborrecida com o seu fato idiota e o facto de ter feito figura de parva na sociedade do deserto. – Outro destino divertido. Não posso ir mudar de roupa primeiro? Aliás, não me contaste que tinhas encontrado Perrin. Quando voltou ele?

– Não contei e ele não voltou.

Mac virou o carro em direção a um par de altos portões de ferro encimados por espigões. O grande muro de alvenaria que rodeava a

propriedade estava cravejado com lascas de vidro e um arrepio de mau pressentimento percorreu a espinha de Sunny.

– Que forma de viver – exclamou. – Atrás de muros altos, vidros partidos e espigões de ferro.

Mac sacou do comando eletrónico que palmara do *Hummer* de RP e introduziu o código. Os portões abriram-se e eles entraram com o carro.

– Estamos a invadir propriedade alheia – disse Sunny, nervosa. – Deve haver cães, *dobermanns* assassinos ou algo do género.

– Não há cães – retorquiu Mac calmamente, quando os portões se fecharam com ruído atrás deles.

Estacionou em frente da casa pintada de cor de rosa que fora construída noutra era, quando as glamorosas estrelas de cinema dos anos trinta e quarenta fugiam de Los Angeles para evitar a imprensa e encontrar consolo atrás dos portões escondidos de Palm Springs.

E agora era a casa de Ron Perrin. Ou, pelo menos, uma delas.

A LUA ESPREITAVA, SERENA. Para lá dos muros conseguiam entrever o tremeluzir distante das luzes das casas construídas nos sopés das montanhas e, por cima, as estrelas cintilavam num céu de deserto sem nevoeiro nem poluição. Mac tinha uma chave na mão e, num segundo, achavam-se dentro da casa e Mac desativara o alarme.

Sunny parou nervosa, mesmo junto à porta. Entrara numa parede de escuridão. Comprimia-se-lhe contra os olhos. O arrepio na espinha já não era um formigueiro, era um tremor completo.

– Acho que não gosto disto – sussurrou, tateando no escuro à procura da mão de Mac. Não a encontrou. – Mac – sibilou, descontrolada.

– Está calada, Sunny – pediu-lhe ele ao ouvido, sobressaltando-a.

– Não me faças isso – retorquiu, virando-se às cegas para ele, abalada. – Acho que não sou a mulher forte que pensava ser.

– Oh, sim, és, mas por amor de Deus, querida, para de falar.

Sunny ferveu lá no íntimo, a pensar porque teria concordado em vir nesta expedição idiota e com aspeto de idiota no seu fato vampírico. Além disso, as botas pontiagudas estavam a dar-lhe cabo dos pés.

Passado um tempo, a escuridão pareceu dissolver-se um pouco. Agora, conseguiam distinguir os contornos do mobiliário, peças espanholas esculpidas, de aspeto pesado. Um lustre de vários braços com gotas de cristal abanava na brisa minúscula que tinham provocado ao fecharem a porta principal. Outras portas maciças partiam do vestíbulo e havia muitos quadros nas paredes.

Sunny semicerrou os olhos, examinando-os interessada. Não eram obras modernas como as que existiam em Malibu, nem a coleção impressionista supostamente muito valiosa de Bel Air, mas paisagens simples do deserto, de aspeto amador. Perguntou-se se RP as teria pintado ele próprio, isto é, quando tirava algum tempo livre ao seu ofício de fazer dinheiro. E depois lá

estava a maravilhosa linha de comboio miniatura, mais elaborada do que a de Malibu, com estações e pequenos comboios engraçados.

Mac entrou numa porta à direita e Sunny apressou-se a acompanhá-lo, os saltos a baterem no chão de tijoleira. Ouviu Mac gemer outra vez.

– Caramba, Sunny. – Ela viu-lhe o brilho dos olhos. – Mais valia acender as luzes todas e dizer: «Olá, minha gente, cá estamos nós a assaltar a vossa casa do deserto.»

– Porque não fazemos isso mesmo? – perguntou ela melancólica. Uma luzita parecia ser uma boa ideia.

Colou-se a ele, olhando com nervosismo por cima do ombro, enquanto Mac passava rapidamente de uma divisão para a outra.

Não era uma casa pequena. Sunny contou sete quartos, todos com casa de banho. Mais várias salas. E através de todas elas corriam os carris de metal da fantástica via-férrea miniatura. Ajoelhou-se para a inspecionar e ficou tão encantada que poderia ter brincado com ela toda a noite.

No escritório, Mac ligou os computadores, pestanejando com o brilho esverdeado dos monitores. Levantou os olhos, intrigado com um súbito ruído atroador. Parecia que se aproximava um comboio expresso.

Sunny fitou, surpreendida, os carris miniatura, quase à espera de ver passar um comboio. Sentiu uma súbita sacudidela forte. O chão oscilava sob os seus pés e o mundo inteiro tremia. Coisas voaram das prateleiras, algum estuque caiu com estrondo do teto e ela caiu para trás sob uma pilha de bocados de alvenaria.

– Sunny – ouviu Mac gritar.

Erguendo a cabeça, olhou em volta sem ver bem. O chão começou a tremer outra vez. Agarrou-se em desespero à perna de uma mesa pesada.

– *Mac, é um tremor de terra* – berrou, engasgando-se com o pó. – *Mac.*

O rugido de placa tectónica contra placa tectónica enquanto a terra deslizava e palpitava parou de repente. No silêncio fantasmagórico, os únicos sons que Sunny conseguia ouvir eram os da sua própria respiração e do pó a escorrer em pequenos regatos para os escombros. Então, com um súbito estrondo e uma apitadela, um comboio miniatura passou numa correria, meio estonteado, nos seus carris de metal retorcidos.

– Credo, Sunny. – Mac abraçava-a. – Estás bem, querida? Oh, meu Deus, diz-me que estás bem.

Sunny apoiou-se, lacrimosa, contra o peito dele. Quase que valia a pena

estar meia morta para ouvir o tremor da voz dele que significava que a amava.

Quando surgiu uma réplica, cambalearam, abraçados, lá para fora para a noite, por cima de vidros partidos e quadros tombados.

O luar incidia sobre o fabuloso jardim de catos. Quem quer que tivesse construído a casa nos anos trinta fora com certeza um colecionador e havia muitas espécies antigas e maravilhosas, todas com etiqueta de metal, registando a origem e a idade das plantas.

Pararam em frente de um cato saguaro alto, cruciforme, plantado num pequeno montículo arenoso, agarrados um ao outro, à espera que a terra deixasse de abanar. O cato erguia-se como uma lança para a noite, como um ramo gigantesco cheio de espinhos. Tinha um aspeto saudável, verde e muito bem alimentado.

O solo tremeu de novo. Era como estar sobre gelatina. A areia empilhada à volta da base do cacto começou a deslizar como uma minienxurrada. Cada vez mais depressa.

Parecia que estava ali a crescer um segundo cato. Brotou do chão, ao princípio devagar. Depois, de repente, disparou para cima, rígido.

Era um braço. Sem carne. Só ossos. O rádio, o cúbito, a mão. Um relógio de diamantes apertado à volta do osso do pulso cintilou ao luar.

– Meu Deus, oh, meu Deus – guinchou Sunny. – Oh, meu Deus, há um corpo aí em baixo. Oh, Deus, Mac, diz-me que estou a sonhar, diz-me que isto não é a casa dos horrores.

Mac já inspecionava o relógio. Ainda trabalhava.

PALM SPRINGS é uma pequena cidade amorosa, um vestígio dos anos vinte e trinta com características modernas e o seu encanto muito próprio. Sentada numa sala da esquadra da polícia de Palm Springs, Sunny tinha a certeza que nada nunca ali acontecia e, apesar de ter tirado os dentes de vampiro, sabia que tanto Mac como ela ainda tinham um aspeto altamente suspeito, ela como vampira e Mac como Johnny Depp no papel de psicopata e ambos estoirados, magoados e imundos. Para não dizer aterrorizados. Pelo menos, ela estava.

Algum tempo depois, Mac voltou à casa de Perrin com os detetives, enquanto Sunny ficava a beber café sob a vigilância cética de uma jovem polícia. Trocaram histórias, nervosas, sobre os respetivos trabalhos. Por fim, Sunny esgotou a conversa e o café, depois Mac regressou para a «salvar» e dizer-lhe que iam voltar a casa de Demarco. Os polícias também lhe queriam fazer algumas perguntas.

A casa nova de Demarco parecia ter aguentado bem o tremor de terra, no geral apenas copos de martíni partidos e um par de abalos de coração entre os seus convidados mais seniores e que tinham exigido desfibrilhação.

Demarco mostrou-se notavelmente tranquilo, imperturbável face às perguntas, cortês e enigmático. Não fazia ideia de quem era o cadáver, ou onde se encontrava o seu amigo Perrin. Disse aos detetives que Mac podia testemunhar nesse sentido, pois já o contratara para tentar descobrir Perrin.

– Estão à vontade se quiserem revistar a minha casa. Claro que não o vão encontrar.

– Mas – como disse Mac mais tarde a Sunny – isto é o deserto Mojave. Perrin pode estar praticamente em qualquer sítio. Mal saímos dos oásis construídos pelo homem que são as cidades Palm, guiamos quilómetros e quilómetros e só existe rocha e cascalho, areia e mais areia, montanhas gigantescas e respetivos sopés com, de vez em quando, pequenas casas e

cabanas escondidas. Seria como procurar por um rato no deserto.

Porém, sabia que não era possível afastar agora a polícia. Estava um cadáver enterrado no jardim de Perrin e Ron Perrin era «uma pessoa de interesse» na investigação da polícia de Palm Springs. E toda a gente sabia o que isso significava.

– Tem de estar nalgum sítio perto – declarou Mac. – Recordas-te de o amigo de O. J. Simpson lhe dar guarida depois do assassinio da mulher? Demarco tem muito a ganhar se se mantiver leal a Perrin. Pode estar a escondê-lo num sítio qualquer.

ALLIE ESTAVA MUITO ENVOLVIDA na vida do Manoir e do Bistro. Todas as manhãs, cedo, com *Querido* nos seus calcanhares, caminhava pelos pomares de videiros verdes e ao longo de campos iluminados de girassóis. Coelhinhos de um tom camurça pálido saltitavam nos arbustos e o cão perseguia-os, embora nunca tivesse apanhado nenhum. Evitara ler os jornais e os primeiros alaridos na televisão sobre o seu desaparecimento tinham cessado.

Com um aperto no coração, perguntava-se por que razão Ron não tentara encontrá-la. Calculava que ainda devia estar com Marisa. A ligação dos dois devia, no final de contas, ser «amor».

Naquela manhã caminhava por um carreiro arenoso onde filas de vinhas cobertas de folhas exibiam enormes cachos de uvas verdes rijas. Uma roseira em plena floração erguia-se na extremidade de cada fila tratada na perfeição. As rosas eram tão luxuriantes e abertas que Allie se lembrou de Petra e puxou do seu canivete suíço, comprado para piqueniques improvisados, a pensar que ia cortar algumas para levar à sua senhoria.

– Hei, o que pensa que está a fazer? Isto não é um jardim de rosas aberto ao público. – Os olhos azuis furiosos de Robert Montfort fitaram-na. – Não sabe, *madame*, que as rosas estão aí para proteger as vinhas?

– Ohh, huummm... na verdade, não, não sabia. – Ele falara em francês e, de forma automática, Allie também o fez, de algum modo melhor a falar a língua quando estava perturbada e não pensava muito na conjugação dos verbos. – Lamento muito – acrescentou –, não pensei que fizesse mal.

– Talvez pense da próxima vez. Estas rosas cumprem um objetivo. Os insetos são atraídos para elas e mantêm-se afastados das vinhas. Também nos permite identificar que pragas possam estar a infestá-las.

Allie assentiu, fazendo o possível por parecer pesarosa. Robert Montfort estava a lançar-lhe um longo olhar e ela desviou os olhos, mas não antes de

reparar que ele usava umas calças de ganga velhas e uma camisa azul aberta no pescoço e que tinha um aspeto, para citar Petra, «muito giraço».

– O cabelo está melhor – observou, aproximando-se.

Ela ergueu uma mão nervosa para lhe tocar. Respondeu:

– Jacqui, na aldeia, cortou-mo como deve ser.

Um sorriso iluminou o rosto magro de Robert.

– Desculpe ter sido tão malcriado no Bistro a propósito do seu cabelo. Não era bem o que eu queria dizer.

Allie assentiu outra vez.

– Não faz mal. Se calhar até merecia.

– Ninguém merece que se riam assim.

Ficou a olhar para ela, enquanto Allie passava as rosas de uma mão para a outra.

– Os meus avós eram agricultores – comentou, surpreendendo-se, visto nunca os ter conhecido e se recordar apenas vagamente da história que lhe fora contada pela mãe num dos seus momentos mais sóbrios. – Na realidade, rendeiros. Tabaco. Eram do Sul.

– Bem, sou uma espécie de agricultor. Diga-me, Mary Raycheck, já alguma vez visitou uma casa vinícola? – Ela abanou a cabeça, dizendo que não. – Então gostaria de ver uma agora? Vou oferecer-lhe a «Grande Visita Guiada». Venha – convidou, começando a descer o carreiro até ao local onde se encontrava estacionado um velho *Jeep* escalavrado.

O cão seguiu-os.

– Chama-se *Querido* – disse Allie, apressando-se para acompanhar a passada larga de Montfort. – Encontrei-o abandonado num café de autoestrada.

– Então gosta muito de cães?

Allie pensou em *Fussy*.

– Não de todos os cães. – E depois recordou-se de *Pirate*. – Embora haja um especial por quem estou apaixonada.

Arrancaram com velocidade pelo carreiro estreito abaixo.

– Nunca ouvi falar de ninguém «apaixonado» por um cão – comentou Robert, entrando numa estrada mais pequena. À distância, um grupo de edifícios de pedra de um dourado pálido erguia-se em direção ao céu.

Nem Allie se perguntou se não estaria era a pensar em Mac Reilly. Estaria apaixonada por ele? Ainda amava Ron? E quem seria este desconhecido

fascinante para quem se sentia atraída neste preciso momento? Lançou-lhe um olhar pelo canto do olho. Ou seria apenas porque era uma mulher só à procura do amor?

Atrás deles, equilibrado no assento traseiro estreito, *Querido* soltou um queixume de protesto quando Robert virou o *Jeep* sob um letreiro onde se lia, em letra preta desenhada, *Château de Montfort* e, por baixo, *Appellation Contrôlée*.

– Não existem muitos vinhos nesta zona que possuam a designação *appellation contrôlée* – explicou Robert. – Tenho a sorte de ter um dos melhores *terroirs*, uma das melhores terras nesta zona. Esta encosta é perfeita para as uvas.

Entraram na casa vinícola, onde Robert lhe mostrou as enormes cubas novas de aço inoxidável que, disse, eram muito comparáveis às mais antigas, de madeira. Depois levou-a até à *cave* e retirou uma amostra de vinho da barrica para ela provar.

– Este ainda é muito novo – observou, embora Allie achasse que era bom. – Agora prove este. Vai ser engarrafado no próximo mês e depois posto à venda.

Allie provou outra vez, assentindo com aprovação, entusiasmada. Desde que se encontrava em França estava a começar a entender toda esta cena do vinho.

– Estou muito orgulhoso. É um dos meus melhores – afirmou Robert, pegando-lhe no cotovelo quando saíram lá para fora.

Debaixo de um toldo de lona às riscas, olharam um para o outro. Depois ele perguntou:

– Já alguém alguma vez lhe disse que é uma mulher bela?

Allie empurrou os grandes óculos de armações quadradas pelo nariz acima. Recordando a sua outra vida, quando fora famosa pela sua beleza, sorriu.

– Há muito tempo que não – admitiu.

– Hum, então sempre que a vir, tenho de me lembrar de lho dizer. – Cruzaram olhares. – E dir-lhe-ei também que, por trás desses óculos, os seus olhos são do azul mais azul que já vi. A cor exata do Mediterrâneo mesmo no início do verão.

Allie sentiu o rubor subir-lhe pela nuca até à ponta da cabeça.

– Obrigada, *monsieur* – retorquiu, com educação.

O riso dele ecoou no pátio empedrado, fazendo com que *Querido* inclinasse a cabeça, inquiridor, para um dos lados.

– Depois disto, tenho de lhe pedir se me dá a honra de almoçar comigo. Há um café mesmo ali na estrada. É simples: omeletas, saladas, esse tipo de coisa.

Dali a pouco encontravam-se sentados na esplanada, a beberricar copos do vinho da região, não o de Robert, demasiado caro para aquele pequeno café, explicou-lhe, e ele estava a pedir-lhe para lhe contar tudo sobre si própria. Quem era? De onde era? O que fazia antes de se tornar empregada de mesa no *bistro* de Petra?

Allie fitou-o por cima do copo de vinho.

– Detesto falar sobre mim – respondeu depressa. – Dir-lhe-ei apenas que sou casada, que o meu marido está apaixonado por outra mulher e que estou a tratar do divórcio.

– Que homem idiota – retorquiu ele calmamente. – Deixar ir uma mulher do seu calibre.

– E como sabe qual é o meu «calibre»?

Pousou o copo. Ele era, pensou, quase demasiado bem-parecido. Tinha, com toda a probabilidade, uma dúzia de louras parisienses deslumbrantes atrás dele.

Robert encolheu os ombros com à vontade.

– Não tenho bem a certeza. É apenas qualquer coisa em si. Reflete-se nos seus olhos... uma espécie de simplicidade, creio. E, claro, há a sua beleza. – Estudou-lhe o rosto corado durante mais algum tempo. – Um tipo honesto de beleza, diria – afirmou por fim.

E, para seu espanto, inclinou-se por cima da mesa e pegou-lhe na mão. Depois, dobrou a cabeça e beijou-a.

– Agora – disse, largando-lhe a mão, de novo muito prático. – O que vamos pedir? Recomendo a *omelette aux cèpes*, a omeleta de cogumelos selvagens. São bons nesta altura do ano. E uma salada?

– Parece perfeito – concordou Allie. – E depois será a sua vez de me contar tudo sobre si.

Durante o almoço tranquilo e sem pressas, sentados na esplanada do Café Jeannette, Robert contou-lhe que herdara o Château Montfort do avô quando tinha apenas vinte anos.

– Tem sido a minha casa desde então.

– Sorte a sua – retorquiu Allie, a pensar na sua própria casa sem alma em Bel Air. – Quem me dera encontrar aqui uma casa a que pudesse chamar o meu lar.

– Uma casinha com glicínias a trepar pelas paredes e rosas só suas, num jardim com um pequeno riacho a percorrê-lo – proclamou e Allie, rindo-se, concordou.

E então ele surpreendeu-a e afirmou:

– Conheço o sítio certo. Venha, vamos vê-lo.

A pequena casa de campo ficava escondida ao fundo de um caminho branco cheio de sulcos, onde amoras cintilavam nas sebes arbustivas. Estava um pouco inclinada, como um bêbado, para um dos lados e parte do telhado abatera. Os jardins tinham crescido selvagens numa confusão de rosas e ervas daninhas e havia um balde para recolher a água da chuva sob um tubo de escoamento a desagregar-se que descia do telhado de telhas azuis. Mas em frente ficava um pequeno lago alimentado pelo riacho borbulhante com que Allie sonhara e sobre o qual, cintilando, libelinhas de muitas cores dançavam.

A *cottage* era conhecida como Les Glycines, por causa, contou-lhe Robert Montfort, da velha e maravilhosa glicínia de flores púrpura que rodeava as paredes de pedra e um caramanchão nas traseiras, e Allie, de repente, desejou-a mais do que qualquer coisa que alguma vez tivesse almejado na vida, exceto quando quisesa ser atriz.

Espreitou através das janelas para as salas antiquadas, com necessidade extrema de restauro, a pensar no que poderia fazer ali. Claro que não podia sequer pensar em comprá-la. Andava a viver de mentiras e um dia destes teria de seguir em frente. Não, esta casinha de campo destinava-se a algum casal jovem e feliz que lhe insuflaria nova vida.

Agradeceu a Robert Montfort por lha ter mostrado, mas disse que não era para ela.

Mesmo assim, viu-se a regressar ali nos seus passeios matinais, a espreitar outra vez através das janelas empoeiradas e a sentar-se junto ao lago das libelinhas a ver *Querido* perseguir as rãs que saltavam rápidas e que nunca apanhava, embora, de alguma maneira, conseguisse acabar sempre com o peito enfiado na lama. Mais tarde, Allie teria de o lavar com a mangueira,

rindo-se quando ele se sacudia, fazendo-a fugir e ficar quase tão molhada quanto ele.

Por fim, telefonou a Sheila e falou-lhe na casa.

– Tenho estado tão preocupada – disse Sheila. – Onde raio estás?

– Numa aldeia francesa, estou hospedada numa casa senhorial, trabalho como empregada de mesa e ajudante de cozinha num *bistro* simples de campo, com o meu novo cão, e estou agora a contemplar ansiosamente uma casinha de campo a desmoronar-se junto a um pequeno lago...

– Oh, meu Deus, estás a viver como os nativos – exclamou Sheila, mas havia um riso aliviado na sua voz.

– Creio que sim – concordou Allie, com aquele tom animado na voz que Sheila recordava de quando a conhecera e ela era jovem, otimista e ainda não afetada pela vida. – Sinto-me tão bem aqui. É tão pacífico e pouco complicado e ninguém se importa com quem sou.

– Então onde estás exatamente?

– Oh, numa região rural francesa... Não te vou dizer onde, Sheila, porque, se alguém como Ron ou Mac Reilly ou os tabloides perguntar, não terás de mentir.

Sheila suspirou.

– Está bem, entendo. Então vais comprar a casa?

– Quem me dera... – Allie interrompeu-se. – Ouviste dizer alguma coisa sobre Ron?

Sheila pensou com rapidez; não queria ser ela a contar a Allie que o marido desaparecido era procurado para ser interrogado num caso de assassinio.

– Ninguém sabe onde ele está – retorquiu, contornando a questão. – No entanto, sei que Reilly esteve em França, à tua procura.

– Verdade? – replicou Allie, satisfeita. Depois continuou numa explosão de confidências. – Há aqui um homem, o fidalgo local chamam-lhe eles. Possui uma vinha...

– Devo interpretar que isso significa que estás interessada? – perguntou Sheila com perspicácia.

– Bem, não propriamente... Pelo menos, creio que não. – Allie também não tinha a certeza em relação à sua atração por Robert Montfort. – Tenho de ir agora. Está na hora de pôr o avental. Estão à minha espera no Bistro.

– Oh, meu Deus – exclamou Sheila. – Não acredito, Allie Ray de volta a

onde começou, como empregada de mesa.

Allie riu-se.

– Ora, talvez seja promovida em breve. Adoro-te, Sheila, continua a ser minha amiga.

– Claro que sim, sabes isso – respondeu Sheila antes de desligarem.

PETRA ENCONTRAVA-SE RECLINADA na sua grande cama de latão, a que tinha os enormes florões com esfinges a voar e que contara a Allie ter vindo do Egito e ter outrora pertencido ao rei Farouk. O que era pouco provável, visto que Petra a descobrira barata na feira da ladra dos domingos em Bergerac, mas, mesmo assim, Allie estava disposta a acreditar nela. No final de contas, quem senão Petra possuiria uma coisa tão fantástica?

Petra apoiava a cabeça numa pilha de almofadas de cetim verde pálido e a colcha a condizer estava sempre, de forma irritante, a escorregar para o chão. Petra dissera a Allie que o cetim era sempre um problema porque deslizava, mas que adorava o aspeto do tecido. Tinha um lenço vermelho passado à volta do maxilar inchado e que depois atava num laço empertigado no cimo da cabeça. Naquela manhã, tinham-lhe arrancado um dente do siso sensível. Doera como tudo e agora o rosto parecia uma bola de futebol.

– Olha só para os meus olhos – lamentou-se para Allie o melhor que conseguiu através de lábios muito fechados.

– Desapareceram – retorquiu Allie, oferecendo-lhe um copo de sumo de laranja gelado com uma palhinha, que era tudo o que Petra dissera que conseguiria ingerir.

Petra puxou as cobertas para o lado e pôs-se de pé, vacilante. Sentou-se outra vez rapidamente na beira da cama. Se tivesse conseguido franzir o sobrolho, tê-lo-ia feito.

– Tenho de ir para o Bistro começar a preparar a comida para logo à noite.

– Oh, não, nem pensar.

Allie voltou a rodar as pernas de Petra para dentro da cama. Tirou a colcha de cetim escorregadia, endireitou o lençol e tapou-a com um cobertor. Encaminhou-se para a janela, fechou as persianas, acendeu o

candeeiro e depois voltou a examinar Petra.

– Então vamos ter de fechar o Bistro – tartamudeou Petra e, apesar de os olhos serem apenas umas fendas, Allie percebeu que a mirava de forma penetrante. – A não ser que me substituas, claro.

– Quê? Eu? Gerir o restaurante? – Allie estava atónita. Até ao momento, só cumprira ordens, cortara, partira, fritara e servira.

– Porque não? Já lá estás há tempo suficiente para saber como tudo funciona. Se mantiveres a ementa simples, frango, costeletas, peixe grelhado, esse tipo de coisa, corre tudo bem. E agora já sabes fazer molhos. Dizes a Catherine para tratar das saladas e dos legumes. Gaspacho é fácil, fazes na máquina. Isso ou uma salada de queijo de cabra, ou ovos de codorniz, para entradas. Uma tarte de fruta para sobremesa, há umas duas no congelador. Com gelado. Ou só morangos com natas. Os fornecedores já devem ter entregue os produtos frescos.

Allie não disse nada e, apesar do inchaço, Petra conseguiu franzir o sobrolho.

– Não me digas que estás com medo. Uma mulher como tu.

– Uma mulher como eu? – repetiu Allie, parecendo mesmo assustada.

– Uma mulher como tu, que consegue deixar o marido infiel e vir para França sozinha à procura de uma vida nova. Pensaria que uma mulher como essa conseguia fazer quase qualquer coisa. Incluindo dirigir uma cozinha num pequeno restaurante da região, onde trabalhou nas últimas semanas.

Soerguendo-se, Petra inseriu a palhinha na boca protuberante e inchada e chupou o sumo frio.

Allie não falou. Se tomasse conta do Bistro, tudo dependeria dela. Mas Petra precisava de fazer dinheiro para se aguentar. Fechar durante algumas noites constituiria um abalo grave no seu orçamento. E, além disso, Petra era sua amiga. Agora era a vez de Allie a ajudar.

– Faz-me isso, querida – pediu Petra, afundando-se outra vez nas almofadas verde pálido e tentando aparentar um ar frágil, apesar de saber que parecia um pequeno hipopótamo. Isto é, em termos faciais.

– Bem, *okay* – retorquiu Allie, numa vozinha fraca. Esperava estar a tomar a decisão acertada.

Claro que o assistente da *chef*, o jovem britânico, escolheu não aparecer

nessa noite. Deixara uma mensagem telefônica a dizer que voltara para Inglaterra. «Assunto familiar urgente», dizia.

– Não é sempre assim? – comentou Petra com resignação, quando Allie telefonou do Bistro a contar-lhe. – Não te preocupes, querida, tens a boa da pequena Catherine para te ajudar.

A «boa da pequena Catherine» era lenta e metódica. Observando-a a lavar com languidez as alfaces e a cortar as pontas dos *haricots verts*, Allie desesperou. Não havia mais nada a fazer senão mergulhar fundo naquela nova tarefa e preparar ela própria a comida.

Tirou as tartes de fruta do congelador e pô-las a descongelar. Arranjou uma pilha de minúsculos *fraises des bois*, enfiando distraída alguns na boca enquanto trabalhava. Era como comer perfume frutado e sabia que ficariam maravilhosos com um toque de *Cointreau* e talvez umas natas bem espessas. Descobriu embalagens de gelado *Carte Noir* no congelador, o sabor de *gâteau chocolat* que já sabia ser de morrer e chorar por mais, bem como café e baunilha. A sobremesa estava arrumada.

Agora o gaspacho. Consultando o livro de receitas de Petra, pelou e tirou as sementes a tomates maduros e pimentos vermelhos, previamente lavados por Catherine, que estava agora entretida a pôr as mesas com lentidão. Alho, toneladas dele, um molho de ervas frescas, tudo a que conseguiu deitar a mão, porque não tinha bem a certeza de quais usar, por isso pô-las todas. Cerefólio, salsa, manjerição, cebolinho, estragão. Pensou usar a misturadora, mas depois decidiu que queria a textura de tudo aos pedacinhos e picou todos os ingredientes à mão, aspirando o aroma das ervas e conseguindo não se cortar. Misturou sumo de limão e o azeite bom que Petra preferia. Adicionou cebola doce finamente cortada e pepino. Sal, um pouco de paprica. E estava feito.

Afastando-se orgulhosa do seu trabalho manual, chamou Catherine para provar. Os olhos castanhos redondos da rapariga ficaram ainda mais redondos.

– *Mais c'est superbe* – murmurou, com os olhos reverentemente fechados. – *Formidable*.

Allie soltou um suspiro satisfeito. Dizendo a Catherine para misturar os ingredientes para a salada, tirou o queijo de cabra do frigorífico e cortou-o em rodela perfeitas. Picou avelãs na máquina, acrescentou pão ralado fresco, uma pitada de noz-moscada e um leve fio de azeite e depois

embrulhou as rodela de queijo na mistura, prontas para serem tostadas no grelhador e servidas numa cama de folhas de alface fresca, salpicadas com as flores comestíveis que Petra cultivava no jardim atrás do Bistrot.

Contente, deu um passo atrás e lançou uma olhadela ao grande relógio antigo de estação de comboios por cima da porta. Com um guincho de aflição, percebeu que eram cinco da tarde e que ainda tinha de criar pelo menos dois pratos principais.

Não poderia haver peixe fresco esta noite, visto Petra não ter conseguido ir ao mercado, mas as finas costeletas de porco grelhar-se-iam com facilidade e ficariam estaladiças. O bife precisava de um bocadinho de ajuda e cortou com rapidez espinafres, fritou um pouco de *bacon*, picou-o e misturou queijo azul forte. Bateu o bife com o martelo para ficar mais tenro, espalhou a mistura e enrolou-o. Depois cortou-o em cilindros. Tinha um aspeto maravilhoso. Rolinhos de bife e queijo azul. «Caramba», pensou satisfeita, «estou a ficar boa nisto.»

As *baguettes* acabadas de fazer foram entregues na porta da cozinha e Catherine, de regresso do seu trabalho de pôr as mesas, levou-as para a guilhotina do pão, onde podiam ser cortadas rapidamente e colocadas nos cestos forrados a guardanapos vermelhos.

Catherine já tirara a manteiga e estava a preparar pequenas nozes com ela, estampando-as com alguma dificuldade com a imagem de uma vaca, a preferida de Petra. Fitando o par de mangas no cesto da fruta, Allie teve uma ideia. Descascou apressadamente as mangas maduras e macias, esmagou-as com um garfo e depois começou a misturá-las com a manteiga. Colocou o resultado final em pequenos potinhos amarelos redondos e colocou-os no frigorífico para esfriarem. Manteiga de manga. Comeria uma vez nas Caraíbas e adorara.

Jean-Philippe chegou e ficou surpreendido por vê-la encarregar da cozinha. Quando Allie lhe contou o que se passava, retorquiu que não havia com que se preocupar, ele ajudaria a servir e tomaria conta do bar e tinha a certeza que tudo correria bem.

Depois de cortar frangos e os deixar preparados para o *fricassé* e organizar as pilhas de legumes já arranjados na bancada à sua frente – uma *mise en place*, como Allie sabia que um *chef* como Wolfgang Puck, seu amigo, lhe teria chamado –, Allie sentia-se exausta. E cheia de medo. Brincar na cozinha era uma coisa. Cozinhar refeições, *muitas refeições*

diferentes, e todas ao mesmo tempo assustava-a como tudo.

«Bem, *okay*, assumiste a responsabilidade», disse consigo própria, atando um avental limpo. «Petra confiou-te o seu *bistro*. Cabe-te a ti tratar das coisas por ela.»

– *Eh bien*, o que devo fazer agora, Mary? – Os olhos castanhos míopes de Catherine fitaram, ansiosos, os seus.

Allie inspirou fundo e controlou-se.

– *Okay*... quer dizer, *eh bien* – disse com firmeza. – Catherine, ficas encarregue de cozinhar os legumes. Sabes exatamente quantos minutos são precisos para os *haricots verts* e a abóbora-menina, correto?

– Correto. – Catherine endireitou-se, coluna hirta com novas responsabilidades.

– Petra confia em nós para tratarmos de tudo por ela – recordou Allie à rapariga. – Por isso, vamos as duas fazer o melhor que conseguirmos. Correto?

– Correto – concordou outra vez Catherine.

– Primeiros clientes – berrou Jean-Philippe do bar.

Apesar da sua determinação, Allie sentiu-se desanimar. Olhou, em pânico, para a pequena cozinha de campo. Estava muito longe dos *sets* das filmagens de Hollywood, com as tendas de *catering* e os profissionais encarregues de alimentar várias centenas de pessoas todos os dias. E também da sua enorme e imaculada casa de Bel Air, onde Ampara orientava a cozinha. Estava por sua conta.

Jean-Philippe entrou numa correria.

– É Robert Montfort. E vem com a mãe.

– Oh, meu Deus – exclamou Allie. Logo Robert, de entre todas as pessoas possíveis. E com a mãe.

– Ele quer o gaspacho e a senhora quer a salada de queijo de cabra como entradas. Um bife enrolado e um porco grelhado com molho de pimenta.

Esquecera-se de fazer o molho de pimenta...

Catherine organizou o pão e a manteiga de manga e levou-os à mesa deles, enquanto Allie punha o queijo de cabra sob o grelhador e tostava as rodela de *baguette* onde iria ser servido, por cima de uma salada de alface e agrião temperada com vinagrete de limão com um leve toque de mel. Atirou com pimentos vermelhos para a misturadora junto com o alho e as ervas para fazer o molho para acompanhar o porco e acrescentou alcaparras e natas,

como toque extra. Depois guarneceu o gaspacho com uma rodela de limão e pôs pepino picado a flutuar por cima. Verificou o queijo de cabra. Estava pronto. Catherine segurou o prato enquanto ela dispunha as tostas com arte. Primeiros pratos feitos. Ia passar aos seguintes.

– Mais pessoas a chegar – gritou Jean-Philippe.

Espreitando através da cortina de contas que dividia a cozinha da sala do restaurante, Allie viu que havia mesmo. Montes delas. Entreviu Robert no terraço sentado com uma bonita mulher mais velha. Provavam as entradas e pareciam satisfeitos.

De volta à cozinha, preparou-se para uma longa noite.

Às dez da noite, Allie suave e estava cansada. O cabelo pendia em madeixas curtas e moles em redor do rosto e os óculos estavam puxados para trás na cabeça. Pelo menos, não houvera reclamações.

Robert empurrou a cortina de contas e entrou na cozinha.

– Jean-Philippe acabou de me dizer que estava aqui sozinha. Não fazia ideia que sabia cozinhar.

– Não sei. – Allie voltou a pôr os óculos no nariz e passou mãos húmidas pelo cabelo num estado lastimável. – Não fui solicitada pelos meus dotes culinários. Era a única pessoa disponível.

– A comida estava excelente. Pergunte à *maman*. Sabe o que é boa comida quando a come. Venha. – Estendeu a mão. – Já acabou. Não há mais clientes. Venha fazer-nos companhia, com um copo de vinho e talvez mais alguns daqueles deliciosos *fraises des bois*.

– Oh... mas... – Com ar desesperado, Allie passou outra vez as mãos pelo cabelo despenteado, provocando-lhe o riso.

– Está perfeitamente bem – afirmou com suavidade. – Não sabe que está sempre?

– Ohhh... – exclamou outra vez, mas Robert estava já a desapertar-lhe o avental.

– Venha – disse, pegando-lhe na mão e conduzindo-a ao terraço.

– Apresento-lhe a minha mãe, Céline Montfort – disse. – Mary Raycheck.

Madame Montfort era ainda uma mulher bonita, alta, tal como o filho, com o cabelo preto a ficar grisalho nas têmporas da forma mais elegante que Allie poderia imaginar. Usava uma saia de linho azul e uma camisa de

seda branca com um pequeno lenço ao pescoço, pérolas grandes e aqueles sapatos creme *Chanel* muito chiques abertos atrás com uma tira no calcanhar e com uma biqueira negra. Tinha aspeto, como Allie sabia que Ron diria, de um milhão de dólares. Ao passo que Allie, com a sua *T-shirt* preta e calças de ganga, se sentia mais perto de uns meros dez.

– Tenho muito prazer em conhecer uma amiga do meu filho. E uma *chef* tão talentosa. – Madame Montfort lançou-lhe um longo olhar perscrutador que, Allie teve a certeza, não perdia pitada.

– Mas sou apenas uma amadora, *madame*, a substituir uma amiga, a quem arrancaram o dente do siso esta manhã.

– Uma coisa muito dolorosa – concordou Madame Montfort.

E depois, enquanto bebiam copos de champanhe, fez a Allie algumas perguntas, se estava a gostar de França e se achava a vida ali muito diferente da Califórnia.

Querido aproximou-se. Madame Montfort acariciou-lhe o pelo espesso e hirsuto do pescoço e o cão fitou-a com adoração. A Lua brilhava lá em cima, as luzinhas brancas cintilavam nas árvores e o vinho era delicioso. Allie virou-se para olhar para Robert e apanhou-o a olhar para ela. Sorriu, sentindo-se bem. Era o final perfeito de um dia surpreendentemente perfeito.

PASSADA MEIA HORA, depois de eles se terem despedido, Allie achou-se sozinha de novo, a cantarolar entre dentes enquanto lavava as bancadas.

Parou por um momento a contemplar a cozinha silenciosa com as suas paredes forradas até meio de azulejos brancos, o seu teto de vigas pretas, o seu enorme fogão de *chef* de um azul real, a cor favorita de Petra, e os grelhadores e bicos de aço. Panelas e frigideiras muito usadas estavam arrumadas em prateleiras de madeira, ao lado dos pratos e travessas simples de cor creme estampados a azul com o nome BISTRO DU MANOIR.

Lá fora, *Querido* estava esparramado no degrau e uma brisa fresca misturava-se com o aroma do frango de *fricassé* feito com boa manteiga e o perfume dos morangos silvestres. Encostando-se à bancada, com os braços cruzados sobre o peito, Allie sentiu uma sensação profunda de contentamento. Naquela noite conseguira transformar em sucesso o que prometia ser um perfeito caos. Sozinha, alimentara trinta e cinco clientes e não houvera queixas. Só elogios. Entusiasmada com um novo tipo de sucesso, pensou que se sentia perfeitamente à vontade nesta cozinha, como nunca se sentira em mais sítio nenhum. Estava ansiosa por regressar e contar a Petra o que acontecera.

Mas, primeiro, Jean-Philippe e ela tinham de fechar as contas da noite. Colocou o dinheiro e os recibos dos cartões de crédito num envelope, enfiou-o no seu grande saco de lona e depois deu a volta ao restaurante, desligando as luzes, certificando-se que todas as portas estavam trancadas. Despediu-se com um «boa noite» amigo de Jean-Philippe, fez *Querido* entrar no carro e conduziu até casa, no Manoir. Gostava do som daquela palavra, *casa*.

Petra estava acordada à espera dela. O quarto cheirava aos lírios azuis num jarro de cerâmica branca na mesa de cabeceira e um candeeiro,

obscurecido com um lenço de seda vermelha para impedir que o clarão incomodasse os seus pobres olhos inchados, projetava um brilho rosado e íntimo. Allie fizera chá no grande bule castanho e não se esquecera de colocar um pacote de bolachas digestivas de chocolate no tabuleiro antes de o levar lá para cima.

– Cá estou – disse, pousando o tabuleiro na cama.

– Oh, que bom, chá! – Petra tentou sorrir, radiante, mas a boca não deixou.

– Achas que precisas de uma palhinha? – perguntou Allie.

– Quê? Chá por uma palhinha? Nunca. O que estás para aí a pensar, rapariga! – Petra desenrolou o lenço que lhe ligava o maxilar, gemendo quando o inchaço doeu ainda mais.

Allie passou-lhe o *Tylenol*.

– Toma um com o chá e as bolachas. Precisas de comer alguma coisa – disse quando a barriga de Petra roncou alto.

– Então? Conta tudo! Como correu?

E, acompanhadas de chá e bolachas, no quarto aconchegante iluminado de um tom rosado, com a canção distante de um melro a trinar nos bosques, Allie descreveu os acontecimentos da noite. Contou a Petra como entrara em pânico com a inesperada deserção do *sous-chef* que regressara a Inglaterra e como Catherine e Jean-Philippe eram prestáveis. Falou da comida e da sua nova invenção dos bifos enrolados com o queijo azul, que tinham sido, como diria Petra, muito bem recebidos pelos comensais. Falou-lhe dos fabulosos *fraises des bois* ensopados com um pouco de *Cointreau* e servidos com uma porção enorme de natas.

E depois disse com despreocupação:

– Oh, e a propósito, Robert Montfort apareceu esta noite.

Através das fendas azuis que eram os seus olhos, Petra lançou-lhe um olhar perspicaz.

– Oh? Com a namorada de Paris, calculo?

– Na realidade, estava com a mãe.

– Ahhh! A *maman*!

– Depois de eu ter terminado o trabalho na cozinha, convidou-me para um copo de champanhe na mesa deles.

– E tu foste?

Allie sorriu.

– Claro que sim. E a *maman* foi muito simpática, discreta e elegante daquela forma francesa, sabes, com o lenço, as pérolas e os sapatos *Chanel*, o cabelo a ficar grisalho nas têmporas.

– Como o filho – retorquiu Petra com um bocejo. – Pergunto-me se aparecerá outra vez amanhã à noite quando souber que vais cozinhar outra vez.

– Vou?

– Bem, querida, não posso sair com a cara neste estado, não é? Os clientes iam pensar que tinha sido envenenada.

Surpreendida por se sentir tão excitada com a notícia de que iria ser *chef* outra vez, Allie arrumou o tabuleiro do chá, afofou as almofadas de Petra, certificou-se que ela tinha um copo de água e deu-lhe um beijo de boas-noites. Depois arrastou-se com *Querido* pelo patamar de tábuas largas de madeira para o seu quarto.

Estivera tão entusiasmada que não reparara que as costas lhe doíam e os pés ardiam. No minúsculo cubículo de plástico do duche deixou a água quente lavar os cheiros da cozinha e as suas dores.

Desta vez não estava a pensar em Ron quando se deitou na cama macia e fechou os olhos. Também não estava a pensar em Mac, nem em Robert Montfort. Estava a pensar em espargos frescos grelhados com uma crosta de parmesão. Perfeito para a entrada do dia seguinte.

MAC E SUNNY tinham conseguido furtar-se às equipas da televisão e aos *paparazzi* que rondavam os portões da Colony, excitados com as notícias sobre o cadáver na casa de Perrin em Palm Springs. Estavam sentados no deque de Mac, o sol brilhava num céu limpo e soprava uma brisa suave. Era um desses finais de tarde celestiais em Malibu.

Sunny, estendida na velha espreguiçadeira de metal, mãos atrás da cabeça, olhava para o céu atrás de grandes óculos com lentes rosadas. Mac pensou que a cor era apropriada. Os óculos de tom rosado condiziam com a visão otimista de Sunny sobre a vida e as pessoas.

Usava um biquíni cor de laranja e as unhas dos pés estavam pintadas a condizer. Achara-a sensacional com o fato de vampiro e as botas vermelhas, mas agora estava espetacular outra vez.

Não havia necessidade de estar atento aos *paparazzi*, porque *Pirate* se plantara no topo dos degraus de acesso à praia e, como se soubesse o que se esperava dele, estava vigilante à espreita de quaisquer desconhecidos. Mac fez-lhe uma festa e estendeu-se na espreguiçadeira ao lado de Sunny. Não tinha a menor dúvida que o esqueleto na casa de Perrin em Palm Springs era de Ruby Pearl, embora isso ainda estivesse por confirmar.

– Então que te parece isto tudo? – perguntou a Sunny, pegando-lhe na mão.

Sunny pensou no homem com quem conversara naquela noite no Bar Marinera em Mazatlán. Recordou os olhos castanhos tristes e a expressão «*É amor que deu para o torto...*». Claro que, com aquelas palavras, a conquistara para o seu lado num instante e, mesmo que tivesse fugido dela, não gostava de pensar que andava a ser procurado por assassinio.

– Não acredito que tenha sido Ron – afirmou.

– Porque não queres acreditar nisso.

– É verdade – admitiu. – Mas, mesmo que Ruby Pearl estivesse a

chantageá-lo, não o vejo como um psicopata, a matar uma mulher e a enterrá-la sob o seu prezado cato. É preciso ser um tipo de homem diferente para fazer uma coisa tão diabólica. E, aliás, *porquê* matá-la? É um homem poderoso com uma legião de advogados. Podia ter-lhe dado apenas uma pipa de massa, tê-la obrigado a assinar um contrato legal e depois dizia-lhe adeus e muito obrigado.

O telefone da casa soou e Mac levantou-se para ir atender. Voltou um minuto depois e declarou:

– Demarco está aí. Quer conversar.

Sunny sentou-se, célere.

– Porquê?

– Se soubesse dizia-te.

Sunny vestiu um agasalho de algodão amarelo.

– Ofereço-lhe café?

– Se vem conversar, o meu palpite é de que precisará de qualquer coisa mais forte do que café.

Tinha razão. Demarco vinha com um ar impassível como sempre, embora desta vez usasse uma camisa branca de golfe e calças bege.

Disse que preferia vodca. Só com gelo. Lançou um olhar prolongado à casa e depois, com uma sobrancelha desdenhosa erguida, seguiu Mac até ao deque.

– Prazer em vê-la de novo – cumprimentou, embora estivesse obviamente surpreendido por ver Sunny. Lançou um olhar inquiridor a Mac.

– Sunny é minha companheira – disse Mac, emocionando-a. – O que eu ouvir, ela também ouve.

Demarco assentiu.

– Então é melhor dizer-lhe que é verdade que o FBI anda a investigar os negócios de Perrin... os *nossos* negócios.

Não estava a contar a Mac nada que ele já não soubesse, mas detetou a expressão estranha nos olhos de Demarco. Ficou intrigado a pensar naquilo enquanto o braço direito de Perrin falava.

O que seria exatamente? Insegurança? Medo? Com certeza que não, num homem como aquele. Mas havia também a questão do cadáver no jardim dos catos.

– Porque será? Julga que Perrin andava a fazer lavagem de dinheiro?

Demarco tossiu para a sua bebida.

– Espero bem que não. Porque, como seu sócio, receio que isso pudesse implicar-me.

– Pois podia – retorquiu Mac com um sorriso.

– Claro que seria inteiramente falso. – Demarco fitou Mac nos olhos. – Se Ron é culpado de alguma coisa, para além de assassinio, caber-lhe-á a si provar que não tive nada a ver com isso.

– E como espera que o prove?

Demarco bebeu um grande trago da sua vodca. Pousou o copo e olhou de Mac para Sunny e outra vez para Mac.

– Pagar-lhe-ia bem, Mister Reilly. *Muito bem*. Mais do que alguma vez lhe pagaram na vida.

Fez-lhe um longo silêncio. Mac estava ciente de que Demarco tentava aferir a sua reação. O seu rosto não apresentou qualquer expressão, mas Sunny pareceu espantada com aquele suborno tão descarado.

O telemóvel de Mac tocou. Ele atendeu, escutando enquanto Demarco continuava sentado em silêncio a fitar o mar, embora Mac soubesse que não observava os pelicanos castanhos que executavam o seu número de mergulho.

Desligou o telemóvel e disse:

– Creio que estará interessado em saber que os restos mortais encontrados na casa de Perrin em Palm Springs foram identificados através dos registos dentários como sendo os de Ruby Pearl. A pista do relógio de diamantes conduziu a um joalheiro de Beverly Hills. O relógio foi adquirido por Perrin.

Demarco encolheu os ombros.

– O que quer que diga? Agora percebe porque não tem outra opção senão ajudar-me.

Depois de Demarco ter saído, tendo Mac prometido tentar encontrar Ron e deslindar toda a confusão, Mac telefonou a Lipski para confirmar a notícia sobre Ruby Pearl. Com voz embargada, Lipski agradeceu-lhe. Disse que agora Ruby conseguiria descansar em paz e que ele tentaria seguir em frente com a sua vida.

– Apanhe só aquele assassino do Perrin para mim, está bem? – suplicou a Mac.

– Ainda não está indiciado como assassino – retorquiu Mac. – É ainda apenas «uma pessoa de interesse» para a polícia de Palm Springs. E,

recorde-se, só porque o corpo foi enterrado no seu jardim, isso não significa que a matou.

– E quem mais o poderia ter feito? – perguntou Lipski.

Mac pensou que ele tinha razão.

AMPARA ANDAVA PREOCUPADA. Ela e a cadela estavam alojadas em casa de amigos desde os acontecimentos assustadores daquela noite, mas era conscienciosa e, duas vezes por semana, voltava à casa de Bel Air para abrir as janelas e arejar as salas, limpar o pó à mobília e certificar-se que estava tudo em ordem.

Mac Reilly mantivera-a a par dos desenvolvimentos, mas o perpetrador usara luvas e não havia impressões digitais para além das normais. Na opinião de Ampara, não devia haver nenhuma impressões digitais. Mantinha a casa limpa e orgulhava-se do seu trabalho. Bem, de qualquer maneira, a polícia não tinha quaisquer suspeitos, nem Reilly, embora lhe tivesse dito que tinha a certeza que era seguro ir fazer o seu trabalho.

– No final de contas, senhor, estão a pagar-me para isso – dissera Ampara quando lhe tinha telefonado a perguntar. E, além disso, não gostava de estar sem fazer nada exceto passear a cadela.

Encontrava-se na casa de Bel Air uma manhã quando o telefone em geral silencioso tocou. Surpreendida, parou de aspirar e fitou o aparelho. Não tocara, pelo menos enquanto ela estava ali para o ouvir, desde aquela noite pavorosa e agora estava com receio de atender. Ocorreu-lhe, no entanto, que poderia ser Miss Allie e, largando o aspirador, correu a atender.

– Residência Perrin – proferiu com cautela.

– Ampara?

Reconheceu a voz.

– Miss Whitworth – disse, aliviada. – Estou satisfeita por ser a menina.

– Estava à espera que Allie telefonasse?

– Bem, tinha alguma esperança, sabe como é...

– Claro que sim e é por isso que estou a telefonar. Escute, sei, todos sabemos, que Allie desapareceu e estou bastante preocupada com ela. Sabe o que sinto por Allie. O que sentimos ambas, Ampara. Tenho esperança de

poder ajudá-la. Ela precisa de alguém que a conheça, entende o que quero dizer? E, visto que estou aqui em Cannes a passar férias com uma amiga, pensei que soubesse onde ela estava, se tinha contactado consigo... talvez pudesse ir ajudá-la. Allie precisa de alguém que a conheça *bem*, Ampara, outra mulher que se preocupe...

– Oh, concordo consigo, Miss Whitworth. Miss Allie é uma mulher tão só e agora fugiu e desapareceu e com o que sucedeu aqui na casa...

– O que quer dizer? O que sucedeu na casa? – A voz de Jessie soava aguda de ansiedade, mas, mesmo a tempo, Ampara recordou-se que Mr. Reilly lhe dissera para não falar do assunto a ninguém.

– Oh, fiquei só nervosa por estar sozinha, por isso *Fussy* e eu estamos a dormir em casa de uns amigos. E, de qualquer modo, Miss Whitworth, não sei onde ela está. Ninguém sabe. E também ninguém sabe onde está Mister Ron.

– Ah, bem, telefone-lhe dentro em breve e, se souber de alguma coisa, Ampara, prometa que me diz qualquer coisa.

– Está bem, Miss Whitworth, claro que sim.

Ampara voltou ao aspirador. Lá fora, viu o homem da piscina a lançar a sua longa rede pela água, fazendo-a crepitar como seda azul, e ouviu o gemido familiar do soprador de folhas do jardineiro e o zumbido do cortador de relva *John Deere*. A vida continuava normal na casa dos Perrin. Só que os donos tinham desaparecido.

O telefone tocou outra vez. Parou e voltou a fitá-lo. Seria Miss Allie desta vez? Ou talvez Mr. Ron?

Atendeu.

– Residência dos Perrin.

– Oh, Ampara, fala Sheila Scott.

Um sorriso de alívio perpassou pelo rosto de Ampara. Conhecia Sheila Scott e gostava dela.

– Como vai, Ampara?

– Bem, Miss Scott, tão bem como seria de esperar, suponho, depois do que aconteceu aqui... Ohh... – Deteve-se outra vez mesmo a tempo.

– O que quer dizer com isso? O que aconteceu?

Ampara sentiu a preocupação na voz de Sheila. Era a melhor amiga de Miss Allie, com certeza que podia confiar nela. Decidindo que podia, falou-lhe do arrombamento, dos belos vestidos todos retalhados com uma faca e

atirados para o chão...

– Deus sabe o que poderia ter sucedido se Miss Allie ainda aqui estivesse – terminou com um suspiro que era quase um soluço.

Sheila permaneceu em silêncio durante um instante, a absorver o horror total da situação. Depois retorquiu:

– Mas com certeza que a polícia...?

– A polícia não sabe de nada, Miss Scott, nem aquele Mac Reilly, que cuidava dela. E sinto a falta de Lev por aqui, aquele guarda-costas.

– Aposto que sim. Então não teve notícias dela, calculo?

– Nem uma palavra, menina. Nem mais ninguém. Nem sequer Mister Reilly e sei que ela confiava nele. Na menina também – acrescentou.

Sheila agradeceu-lhe e Ampara disse que lhe telefonaria se tivesse notícias de Allie.

– É a segunda pessoa que telefona hoje a perguntar por ela – comentou Ampara, mesmo quando Sheila estava prestes a desligar. – Jessie Whitworth telefonou mesmo há uns minutos. Recorda-se, era a assistente pessoal de Miss Allie.

– Recordo-me.

– Bem, também está preocupada. Acredita que Miss Allie deve estar sozinha num sítio qualquer e que precisa de outra mulher, uma amiga, para a ajudar. Disse que, por acaso, também está em Cannes de férias e perguntou se eu sabia onde Miss Allie estava.

– E o que respondeu?

– Claro que lhe disse que não fazia ideia nenhuma. Só que se encontrava no Sul de França quando desapareceu.

– Hum. Grande coincidência – observou Sheila, pensativa. – Bem, obrigada, Ampara. Já sabe que me telefona, se tiver notícias dela?

– Fique descansada, Miss Scott. E obrigada por ter telefonado.

Sentindo-se melhor agora por as amigas de Allie estarem a apoiá-la, Ampara voltou às suas limpezas. A vida na mansão de Bel Air continuava quase como era habitual.

SHEILA NÃO CONSEGUIA TIRAR DA CABEÇA a imagem dos vestidos de Allie retalhados por um louco a brandir uma faca. Mesmo no supermercado Bristol Farms, quando comprava fruta, flores e um bom queijo francês para acompanhar o pão acabado de fazer, ainda persistia na sua mente. O perseguidor entrara na casa dela e podia ter esfaqueado Allie em vez de apenas os vestidos. Pensando no telefonema alegre de Allie algures em França, Sheila percebeu que ela não sabia do incidente e agradeceu a Deus por isso. Mesmo assim, continuava preocupada. E se o perseguidor a descobrisse? Tinha sido suficientemente esperto para lhe entrar em casa, não fora? Assustada agora, decidiu que tinha de falar a Mac Reilly sobre o telefonema de Allie.

Mac ficou surpreendido por receber um telefonema de Sheila Scott, que se descreveu como uma das amigas mais íntimas de Allie. Tanto quanto ele sabia, Allie não tinha amigas íntimas. Mas, quando lhe explicou que ouvira falar do arrombamento, que estava preocupada e que precisava de falar com ele, combinou encontrar-se com ela na sua casa, em Venice Beach.

A casa de Miss Scott ficava numa dessas pequenas ruas encantadoras que forram os canais que deram à Venice de Los Angeles o seu nome. Era uma *cottage*, maior do que a sua e implantada num bonito jardim cheio de rosas, com janelas com vidraças de losangos e uma porta principal robusta de madeira. Com *Pirate* colado aos seus calcanhares, abriu o portão de ferro forjado em forma de pavão, detendo-se para cheirar a rosa *Barbra Streisand* cor de alfazema, que tinha um aroma doce e picante. Pensou que gostaria de plantar rosas lá na praia, mas a espuma salgada seria de mais para elas. Subiu os dois degraus largos e tocou à campainha, ouvindo-a repicar uma pequena melodia que reconheceu, mas não conseguiu identificar.

Quando Sheila Scott abriu a porta, disse:

– Aposto que está a pensar qual era a melodia.

Mac sorriu.

– Como sabe?

– Toda a gente faz o mesmo. É a ária «Nessun dorma» da ópera *Turandot*, de Puccini. Está, se calhar, mais familiarizado com Pavarotti a cantá-la nas finais do World Cup, ou com os três tenores, Pavarotti, Domingo e Carreras, no concerto em Roma transmitido na televisão. É mais difícil de identificar sem as palavras. – Fez-lhe sinal para entrar. – Entre, por favor. E o cão também.

Inclinou-se para fazer uma festa a *Pirate* e depois, apercebendo-se das lesões do cão, lançou uma olhadela a Mac.

– Vejo que é um homem muito bondoso.

Mac encolheu os ombros.

– Só fiz o que qualquer pessoa faria. De qualquer modo, não passo sem ele.

– Tem muita sorte.

Era a segunda mulher a dizer-lhe aquilo. Allie fora a primeira. Já gostava de Sheila Scott.

Levou-o para a cozinha, uma divisão adorável, de tetos baixos com portas envidraçadas abertas para uma paisagem de mais rosas, pimenteiras frondosas e eucaliptos e um terraço lajeado, estreito, que dava para o sereno canal verde. As casas estavam aglomeradas em cima umas das outras numa disparidade de estilos, a lutar por espaço, como faziam na praia. Mas aqui viam-se também os jardins e casas do lado oposto, com pequenos barcos de recreio atados cá fora.

– Tem uma casa encantadora – observou Mac, em tom elogioso.

– Comprei-a há trinta anos. Estava num estado lastimoso, tal como quase tudo aqui em Venice. Na altura, ninguém queria viver aqui, demasiado perto dos vizinhos, sem infraestruturas, sabe como é, sem supermercados, restaurantes, butiques, cafés. Agora não se anda dois quarteirões sem encontrar tudo isso.

– E agora aposto que vale uma data de dinheiro – retorquiu Mac. – Fez um investimento sensato.

Sheila riu-se.

– Não houve nada de «sensato», ou «investimento» na transação. Era tudo a que me podia dar ao luxo e, além disso, adorava viver no canal. Tem a sua

magia muito própria, como pode constatar. Quase – acrescentou com um piscar de olhos – tão bom como a praia. Café? – ergueu a cafeteira. Já havia duas canecas à espera num tabuleiro de estanho.

Mac agradeceu-lhe e sentaram-se lá fora no terraço num par de cadeiras brancas de verga. Mac observou-a sentada ali muito tranquila, contemplando o seu jardim. Era uma mulher bonita, muito senhora de si, mas a sua autoconfiança descontraída era apelativa.

– Então é música? – perguntou a pensar na campanha.

Riu-se.

– Não, de maneira nenhuma. Não. Sou professora de dicção. Foi nessa qualidade que conheci Allie, há muitos anos, quando ela veio para Los Angeles. Consegui tirar-lhe aquele nasalado texano. Somos amigas há muito tempo – acrescentou, olhando diretamente para Mac. – E é por isso que estou tão preocupada.

Mac recostou-se para trás, com a sua atitude habitual de esperar para ver o que diziam as pessoas para se incriminar.

– Tive notícias de Allie há pouco tempo – declarou Sheila, surpreendendo-o.

Pousou a caneca de café com cuidado na pequena mesa de azulejos entre eles.

– Sim?

– Ainda estava em França, mas não me quis dizer onde. Comentou que isso evitava que tivesse de mentir se alguém me perguntasse se sabia onde ela estava. Parecia feliz, contou que tinha feito novos amigos, mudara de visual e tinha a certeza que ninguém sabia quem era na realidade. E que trabalhava como empregada de mesa. Talvez até tivesse conhecido um homem...

– Parece promissor. – Mac pegou na caneca e bebeu outro gole de café.

– Arranjo-lhe mais um pouco. – Sheila apressou-se a ir à cozinha e regressou com a cafeteira. – Ainda está quente – disse, servindo-o. Olhou para ele. – Não me telefonou mais, embora tivesse prometido que o faria. Estava preocupada, por isso esta manhã telefonei a Ampara, a governanta. Contou-me uma coisa ainda mais preocupante. A questão do perseguidor ter entrado na casa, ter retalhado os vestidos...

Mac assentiu.

– Ainda bem que Allie lá não estava.

Sheila estremeceu. Não queria pensar nisso.

– Houve mais uma coisa que Ampara me contou, no entanto, que achei que era um pouco inusitada. Tem a ver com Jessie Whitworth.

– A assistente pessoal de Allie? A que ela despediu há alguns meses?

Os olhos castanho-escuros de Sheila cruzaram-se com os de Mac.

– Exato. E o que Ampara me disse foi que, justamente esta manhã, recebeu um telefonema dela. Jessie contou-lhe que estava preocupada com Allie, que sentia que Allie precisava de uma amiga, outra mulher, alguém que a conhecesse, que fosse íntima dela. Jessie afirmou que sentia que Allie precisava de ajuda e, visto já se encontrar no Sul de França, se Ampara lhe dissesse onde Allie estava, ela iria em seu auxílio.

Mac pousou a caneca de café e endireitou-se.

– Por volta de que horas telefonou?

– Ampara disse que foi mesmo antes de eu telefonar. O que significa mais ou menos às onze da manhã.

Mac levantou-se. Não havia tempo a perder.

– Nem faz ideia da grande ajuda que prestou.

Sheila ergueu-se também, olhando, ansiosa, para ele.

– Acredita que Jessie tem alguma coisa a ver com isto? Sei que Allie a despediu e que ela tinha uma chave da casa.

– Vamos com certeza descobrir – respondeu Mac.

E depois, porque o rosto bondoso de Sheila parecia prestes a desfazer-se em lágrimas, deu-lhe um abraço.

– É uma boa amiga, Sheila – disse, afastando-a de si, a sorrir. – E não se preocupe, conheço o homem certo para descobrir onde Jessie se encontra e o que anda a tramar.

MAC, AO VOLANTE DO CARRO, descia a Main Street, em Venice. Tal como Sheila dissera, estava cheia de butikues, lojas de roupa e cafés, com jovens a transportar pranchas de surf e raparigas bonitas a empurrar carrinhos de bebés com crianças amorosas lá dentro. Empatado no semáforo, Mac telefonou a Roddy e contou-lhe as novidades.

– Miss Whitworth, a secretária perfeita? Sempre pensei que era uma caixinha de surpresas.

– Pergunto-me se ainda andará com a rainha de Inglaterra.

– É uma ideia – retorquiu Mac, já a meditar na questão. – Vou a caminho da praia. Porque não vens ter comigo?

– *Okay*. Talvez devesse mandar-me a Cannes à procura dela. No final de contas, sou o único que falou com ela, o único que sabe como ela é.

Mac riu-se.

– Talvez – respondeu, tal como respondera a Allie quando ela lhe pedira para a acompanhar a Cannes. – Vou telefonar a Lev, ver se ele aparece também. Falamos depois.

Marcou a tecla de marcação rápida para Lev, contou-lhe o que se passava e pediu-lhe para se encontrar com eles na casa de Malibu.

– Estou em Hollywood, devo estar aí daqui a quarenta minutos – replicou Lev. – Se Deus e o trânsito ajudarem – acrescentou.

De facto, chegou a horas. Roddy e Mac já se encontravam no deque onde os raios de sol aveludados pintalgavam o oceano com lantejoulas prateadas. Distribuíram-se cervejas e os três homens ficaram sentados por uns instantes a apreciar a vista do oceano e as raparigas louras, de algum modo pareciam ser sempre louras, a cabriolarem à beira das ondas, bem como os surfistas «avançando corajosos onde poucos homens ousam ir», disse Roddy, embora, na realidade, fosse ele próprio um ótimo surfista.

– *Okay*, então Allie ainda está em França. – Mac explicou a situação, tal

como Sheila lhe contara, e os dois homens escutaram-no com atenção.

– A mulher, Jessie Whitworth, saiu do apartamento de manhã cedo depois do arrombamento da casa de Bel Air. Disse à responsável pelo prédio que ia de férias para Cancún.

– Ela e a amiga, a loura?

– Sim. E que, a propósito, disse a responsável, se parecia um pouco com Allie.

– O segurança nos Estúdios Mentor também me disse a mesma coisa – afirmou Roddy.

– Então talvez Jessie Whitworth não tenha ido para Cancún. Se calhar foi para França – sugeriu Mac.

– À procura de Allie – retorquiu Lev.

Mac virou-se para Lev.

– Desenrascas-te bem nessa parte do mundo?

– Trabalhei em Paris. Tenho lá contactos. Jessie Whitworth terá precisado de alugar um carro e, para isso, é necessário uma carta de condução e um cartão de crédito. Podemos verificar isso.

– *Okay*, quero que trates disso de imediato. Não sabemos onde Allie está, porém, Jessie também não.

Lev lançou uma olhadela ao relógio.

– Estarei em Paris amanhã. Confia em mim, vou encontrá-la.

Roddy olhou para Mac.

– Posso ir com ele?

Mac riu-se.

– Creio que Lev é um homem que gosta de trabalhar sozinho. Além disso, não tens nenhuns contactos em Paris.

Roddy pareceu ofendido.

– Podia estabelecer alguns.

– Está bem, quando a descobrirmos, irás a França.

– Sempre gostei de comemorações – replicou Roddy em tom sombrio.

SUNNY ESTAVA A PREPARAR UMA SALADA com alface tenra, ervas frescas, pêra abacate e morangos às fatias, salpicada de nozes, enquanto Mac grelhava um par de bifes no churrasco e abria uma garrafa de *Caymus*, um *Cabernet* forte e intenso que era um dos seus favoritos. *Pirate* ressonava alto, competindo com o álbum de Bryan Ferry que tocava em pano de fundo. Sunny comprara-o a pensar em Ron.

Tinham acabado de se instalar para comer, quando o telefone tocou.

– Olá – disse Marisa. – Sou eu.

– Eu sei. – Mac pô-la em alta voz para Sunny poder ouvir. – Reconheci-lhe a voz.

– Li sobre o assassinato no *Herald Tribune* – continuou Marisa em voz trémula. – Sobre Ronnie ser suspeito de ter morto aquela mulher, sobre estar ainda desaparecido e sobre... oh, tudo. Depois, assaltaram o meu apartamento. Não roubaram nada, só estava tudo virado do avesso. Agora estou cheia de medo. Penso que poderá ser Ronnie.

– Talvez fossem os *paparazzi* – observou Sunny para Mac. – Podem ter descoberto que ela era a namorada de Ron – acrescentou.

Ele abanou a cabeça.

– Os *paparazzi* não assaltam casas. E, de qualquer modo, de que andariam à procura? – Fez a mesma pergunta a Marisa.

– Não lhe contei tudo – confessou. – Naquela noite, levei alguns documentos de casa de Ronnie. Têm a ver com contas bancárias *offshore*, números codificados, esse tipo de coisa. Sei que Ronnie os quer. E penso que agora, que já matou uma mulher, eu talvez seja a próxima da lista. Estou assustada, Mac. Estou mesmo, mesmo muito assustada. Por favor, oh, *por favor*, tem de vir cá ajudar-me. Dou-lhe os documentos. E conto-lhe tudo o que sei sobre Ron.

Mac fitou Sunny.

- Já estou a fazer as malas – disse ela.
- Estamos aí amanhã – prometeu Mac a Marisa.

NO DIA SEGUINTE, Sunny e Mac estavam instalados no seu hotel habitual em Roma. Tinham recebido uma mensagem para se encontrarem com Marisa no seu apartamento. Mac telefonou-lhe para dizer que iam a caminho. Ninguém atendeu, mas presumiu que saíra para fazer compras e decidiu ir na mesma.

Apanharam um táxi para Trastevere, a zona antiga, onde artesãos e operários tinham outrora vivido apinhados nas estreitas ruelas calcetadas e *piazas* antigas. Agora, no entanto, várias partes tinham sido aburguesadas e existiam pequenos bares e cafés elegantes com minúsculas esplanadas floridas nos passeios.

O apartamento de Marisa ficava no primeiro andar de um prédio alto e estreito cujas janelas com portadas verdes davam para a rua empedrada. Antenas de televisão brotavam no telhado e um gato preto fitou-os de uma varanda feia de ferro que não fora com certeza destinada a Julieta.

– Hum. – Sunny fungou em tom depreciativo. – Pensei que o famoso realizador de cinema teria tratado melhor dela.

O apartamento de Marisa ficava do lado esquerdo. Havia um *Post-it* amarelo colado na porta. «Mac, venha ter comigo ao Bar Gino, na *piazza* ao fundo da rua», era tudo o que dizia.

Caminharam até ao bar, uma comprida e estreita caverna mal iluminada com prateleiras de vidro repletas de garrafas de vinho tinto barato e sentaram-se na minúscula esplanada, cada um a bebericar um copo de tinto, à espera de Marisa. Passado um bocado, Mac ficou preocupado e telefonou-lhe outra vez. Continuava a não atender. Telefonou para o hotel para ver se ela deixara alguma mensagem, mas nada. Decidiram esperar um pouco mais e Mac voltou a entrar no bar para pedir mais vinho e uma piza. Sem anchovas.

Sozinha, Sunny bebia o resto do seu vinho, a escutar o roncar esfomeado

do estômago – não comera no avião – quando avistou Marisa ao cimo da rua.

Era impossível não a lóbrigar, apesar de vir embrulhada num xaile negro de *pashmina*, numa tentativa de se parecer com uma camponesa italiana idosa, mas não o conseguindo de maneira nenhuma. E não eram apenas os sapatos de cunha *Prada* que a traíam por completo. Um homem alto acompanhava-a, um padre numa sotaina preta e um daqueles chapéus chatos de aba larga. Segurava o braço de Marisa e parecia estar a guiá-la com firmeza para longe da *piazza*. Com demasiada firmeza, pensou Sunny, alarmada. De facto, o homem estava a empurrá-la.

Erguendo-se de um salto, gritou por Mac e depois largou a correr atrás deles, trotando com os seus saltos altos por cima das pedras traiçoeiras da calçada. À sua frente, viu o padre arrastar Marisa pela ruela estreita e escura e ouviu-a gritar quando desapareceram numa esquina.

Ofegando, Sunny precipitou-se atrás deles. O salto prendeu-se entre as pedras da calçada e caiu esparramada. Uma dor forte disparou-lhe pelo tornozelo e as lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Quando levantou os olhos, Marisa e o padre tinham desaparecido.

Viu Mac no final da rua, a correr para ela.

– O que aconteceu? – perguntou, ansioso.

Sunny contou-lhe a história.

– Parece que Marisa sabia que estava a ser seguida e tentou despistá-lo e tu quase conseguiste apanhá-los.

O tornozelo inchava rapidamente e Mac ajudou-a a levantar-se.

– Com grande sacrifício próprio – resmungou, cerrando os dentes por causa da dor.

Mac afirmou que não valia a pena procurarem Marisa agora, podia estar em qualquer sítio naquele labirinto de ruelas e, com o braço a apoiá-la, coxearam de volta ao bar, onde um *shot* de *grappa* aliviou temporariamente o sofrimento. Depois, apanharam um táxi para uma farmácia onde lhe examinaram o tornozelo e lhe receitaram gelo e uma meia elástica.

– Fantástico – resmungou Sunny, inspecionando com ar lastimoso a meia elástica de um rosa murcho. – Vai ficar mesmo bem com um vestidinho preto. – Já decidira que Marisa Mayne não valia aquilo.

Mac telefonara à polícia e contara-lhes o que sucedera. A polícia disse que não podia fazer grande coisa, uma vez que Marisa não era ainda

oficialmente uma pessoa desaparecida.

– Vai acabar por aparecer – afirmaram os polícias. – É o que acontece sempre com estas mulheres.

Mac deixou Sunny no hotel a tratar do tornozelo inchado e voltou ao apartamento de Marisa. O *Post-it* amarelo ainda se encontrava colado na porta. Enfiou-o no bolso e experimentou a fechadura. Ficou surpreendido por encontrar a porta aberta.

O minúsculo apartamento de Marisa estava imaculado. As roupas estavam perfeitamente arrumadas no guarda-vestidos, os sapatos bem alinhados, as camisolas dobradas. Havia uma chávena de café no lava-loiça e um par de revistas numa mesa de apoio ao lado do sofá, bem como um comando da televisão. E era mais ou menos tudo. Nada de Marisa. Nenhuma fotografia, nenhuma carta e nenhuns documentos pessoais, nem sequer o passaporte. E com certeza nenhuns documentos incriminadores com os números das contas *offshore* de RP. Encontrou apenas o bloco dos *Post-it* perto do telefone com um endereço escrito.

Villa Appia, Gali, Toscana.

Mac telefonou para a Hertz, tratou do aluguer de um carro e depois regressou ao hotel para dizer a Sunny que ia partir para a Toscana. Claro que, apesar do tornozelo lesionado, ela retorquiu que ia com ele.

ERA SÁBADO À NOITE e Robert Montfort estava outra vez no Bistro, sentado à mesma mesa sob o caramanchão, diante da mesma loura parisiense. Allie, com o seu avental branco engomado enrolado duas vezes à volta da cintura estreita, saiu atarefada cá para fora, viu-os e voltou a entrar apressada. Pediu a Jean-Philippe para anotar o pedido deles e correu à cozinha a contar a Petra.

– É Robert Montfort. Está ali outra vez com a loura de Paris.

– A tipa da televisão? – Petra ergueu uma sobrancelha. – Pensei que tivesse mais juízo, depois de ter conhecido uma pessoa como tu. Não te preocupes com isso – acrescentou, salteando com energia os pedaços de frango em manteiga com alho e chalotas e despejando na frigideira uma boa quantidade de natas. Petra nunca se ralava com calorias nem com colesterol. A boa comida era boa comida. – Não tenho a menor dúvida que está a desligar-se dela. – Lançou a Allie um olhar penetrante. – É isso que queres, não é? Robert Montfort, quero dizer?

Allie devolveu-lhe o olhar. Passou-lhe pela cabeça uma imagem de Ron: as sobrancelhas salientes, o corpo poderoso, a sua arrogância que escondia o homem vulnerável por dentro. Não havia nada de vulnerável no atraente Robert Montfort.

– Não sei – respondeu com sinceridade.

– Bem, então. – Petra rodou o frango no molho, temperado agora com cominhos e tomilho. – Não podes queixar-te, pois não, se ele tem uma loura ali a jantar com ele?

– É verdade – concordou Allie. E saiu a passos largos, bloco na mão, para anotar os pedidos. – *Bonsoir* – cumprimentou, afastando a nova franja fina que se colava aos óculos e oferecendo-lhes um sorriso. – É bom vê-los de novo. Vodcas tónicas, não é?

Robert sorriu-lhe.

– Sim – anuiu.

A loura puxou do telemóvel.

– Já alguém alguma vez lhe disse que se devia livrar desses óculos? – perguntou. – Experimentar umas lentes de contacto. Faria muita diferença.

E, de repente, estendeu a mão e arrancou os óculos de Allie, erguendo o telemóvel em frente do seu rosto surpreendido.

– Pronto, está melhor, não está, Robert?

Pousou o telemóvel, entregou os óculos a Allie e afirmou:

– Estou a morrer por essa bebida.

– Fazes alguma ideia de como foste malcriada, Félice? – A voz de Robert era gelada. – Como te atreves a fazer isso a Mary?

Félice encolheu os ombros.

– Foi apenas um pequeno gesto prestável, só isso. De mulher para mulher. E tens de admitir que fica muito melhor.

Allie empurrou os óculos para o nariz e, furiosa, apressou-se a entrar. Sabia que Félice de Courcy a fotografara e que não havia nada que pudesse fazer a esse respeito.

Mandou Jean-Philippe servir as bebidas. Quando se queixou a Petra, esta foi lá fora e anotou o pedido deles e ela própria os serviu.

– Há qualquer coisa naquela Félice de que não gosto – disse mais tarde a Allie, quando estavam a arrumar juntas a cozinha. – É de longe demasiado metediza, sempre a fazer perguntas sobre ti. Não sei o que anda a tramar, mas alguma coisa é, podes apostar.

Allie sentiu-se desanimar. Afinal de contas, nem tudo estava bem no paraíso.

O TRAJETO ATÉ À VILLA APPIA NA TOSCANA era longo e já estava escuro quando Mac descobriu por fim a grande casa de tom rosa atrás de portões de ferro. Um caminho de gravilha em perfeitas condições conduzia à sólida porta principal. Não havia luzes ligadas e a casa parecia deserta.

– Parece uma fortaleza – sussurrou Sunny.

Mac experimentou o portão.

– Talvez não – disse, abrindo-o.

Tocou à campainha. Não houve resposta. Tocou outra vez e esperou. Quando ninguém atendeu, tentou a porta. Estava trancada. Deram a volta à casa até chegarem à porta da cozinha. Surpreendentemente, encontrava-se aberta.

Sunny entrou a coxear atrás de Mac. Não queria ficar para trás naquele jardim silencioso. Nem sequer se ouvia um pássaro a cantar, caramba.

Detestava forçar a entrada nas casas, aterrorizava-a. Como em Palm Springs, sentia tremores arrepiantes a subirem e descerem pela espinha enquanto ali ficaram à espera que os olhos se adaptassem ao escuro. Viram então que se encontravam numa cozinha enorme. Muito moderna, com tudo embutido atrás de portas de madeira escura sem puxadores. Poderia ter sido uma biblioteca, havia tanta madeira. A única maneira de se perceber que a divisão se destinava à preparação de comida era a existência de um lava-loiça duplo por baixo da janela e uma placa de fogão com seis queimadores. Nem uma cafeteira, nem uma lata, nem um frigorífico, nem uma máquina de lavar loiça à vista.

– Espera aí um instante – sussurrou. – As *villas* da Toscana não deviam ter cozinhas simpáticas à moda antiga, com azulejos brancos, utensílios antigos de ferro fundido e uma grande lareira para assar javalis ou algo do género?

Mac encontrava-se junto à placa de granito polido que servia de mesa, a

fitar um envelope à luz do feixe luminoso de uma lanterna muito fina.

– Esta não – respondeu. – Esta é a casa de campo de um magnata do cinema. Renato Manzini.

– Manzini – ofegou Sunny, estupefacta. – Será que raptou Marisa?

Mas Mac já desaparecera por uma porta. Fechou-se silenciosamente atrás dele, criando uma pequena corrente de ar tenebrosa e Sunny estremeceu outra vez.

Remexeu-se pouco à vontade sobre o pé dorido, detestando ficar sozinha, mas com receio também de sair por aquela porta e tentar encontrar Mac no escuro. Porque se envolveria sempre neste tipo de coisa? Já devia ter aprendido.

Sentia uma sede atroz e espiou em volta, a perguntar-se qual das portas esconderia um frigorífico, na esperança de encontrar uma água engarrafada fria. Experimentou uma, depois outra. Não teve sorte. Parou e escutou, ouviu o zumbido baixo que significava frigorífico, avançou para ele e puxou a respetiva porta.

A luz interior acendeu-se.

Uns olhos verdes de expressão vazia devolveram-lhe o olhar espantado. Todas as prateleiras tinham sido removidas e o corpo esbelto de Marisa Mayne estava dobrado no espaço disponível como o boneco de um ventríloquo. Um fiozinho de sangue escorria-lhe da boca e o cabelo ruivo solto cintilava com uma camada de gelo.

Durante um paralisante segundo, Sunny ficou hipnotizada. Depois, o medo afluiu-lhe à garganta, quente como ácido de uma bateria. Um grito borbulhou algures dentro dela, mas não conseguiu soltá-lo. Virou-se para fugir...

Uma mão tapou-lhe a boca com força. Alguém lhe prendeu os braços junto ao corpo. Sentiu a respiração da pessoa no pescoço...

Mordeu-lhe a mão, engasgando-se quando os dentes se afundaram na carne dele. Mordeu com mais força, os dentes à procura do osso, a arder de pânico.

O assassino arrancou as mãos e passou-lhas à volta da garganta...

Não sabia que lutar pela vida podia ser assim, esforçar-se tanto para conseguir respirar.

A língua foi obrigada a saltar da boca... Engasgou-se e gorgolejou.

– Sunny? – A voz de Mac veio da porta. – Sunny, onde estás?

Então é assim que é morrer, pensou Sunny, quando o assassino a largou e ela tombou no chão como uma pedra.

– Oh, meu Deus, Sunny. – Mac estava ajoelhado sobre ela, a boca colada à dela. – Diz-me que estás bem. Por favor, *por favor*, Sunny...

Ainda sentia a dolorosa marca dos dedos do assassino no pescoço e a sua língua tinha o dobro do tamanho normal. Quando conseguiu por fim falar, a voz saiu num sussurro rouco.

Apontou um dedo trémulo para a parede de armários de madeira escuros.

– Olha – conseguiu dizer.

– *Quem foi?* – inquiriu Mac.

– Abre só... – sussurrou ela. – *Abre a porta.*

Mac abriu a porta do frigorífico, a luz interior acendeu-se. E o corpo gelado de Marisa deslizou cá para fora e aterrou-lhe aos pés.

Estranhamente, a única coisa em que Sunny reparou então foi que o anel de Marisa desaparecera.

SE PETRA FICOU SURPREENDIDA quando Robert Montfort apareceu por acaso no Manoir, não comentou o assunto. Ele empurrou a porta proferindo um «*Bonjour*» e entrou a passos largos na cozinha, pondo-se à vontade. Sentou-se na grande mesa, fazendo o que Petra fazia, ou seja, abrindo um espaço com o braço enquanto ela preparava o chá no grande bule castanho e apresentava tartes de compota acabadas de sair do forno, que, juntamente com as bolachas digestivas de chocolate eram o seu petisco favorito.

As faces de Allie ficaram rosadas de embaraço quando Petra lhe lançou um longo sorriso entendido e inquiridor.

– Vocês andam um com o outro ou quê? – perguntou Petra, impaciente com todos aqueles rodeios. – Se não, Robert, então está na altura de a levares a sair como deve ser. Digo-te o que faço, dou-lhe a noite de folga. Mereceu-a. Leva-a a Monpazier, mostra-lhe como é bela uma aldeia fortificada do século treze. Mostra-lhe a praça e as arcadas de pedra, jantam no Hôtel de France. É sempre muito agradável.

Robert riu-se.

– Devias ser casamenteira.

– Pensei que era – replicou Petra, passando-lhe uma tarte de compota quente do forno.

Robert olhou para Allie.

– Aceita, por favor, o meu convite para jantar esta noite? – perguntou com solenidade burlesca.

– Só se me garantir que não foi coagido – respondeu Allie e riram-se ambos.

– E Mary, querida – disse Petra para Allie –, veste qualquer coisa bonita esta noite, em vez dessas eternas calças de ganga.

Assim, Allie envergou as calças pretas e a camisa de tafetá branco que usara na estreia do filme em Cannes. O cabelo crescera um pouco, embora

ainda o pintasse de um castanho-claro. Os óculos de aros pesados não eram propriamente um trunfo, mas tinha receio de sair sem eles. Tal como estava, com o seu bonito fato, um pouco de maquilhagem e argolas douradas nas orelhas, esperava não ser reconhecida.

– Mas está deslumbrante hoje, Mary – elogiou Robert, os olhos a cintilar de apreço.

Na realidade, Allie achava que Robert também não estava nada mal, com uma camisa azul que realçava o seu visual moreno e atraente.

Durante o trajeto, Robert contou-lhe a história da região, falou-lhe das guerras quando Eduardo de Inglaterra, conhecido como o Príncipe Negro por causa da sua armadura escura e do seu garanhão preto, governara esta parte de França. Monpazier continuava a ser uma das aldeias fortificadas mais bonitas da zona.

O minúsculo Hôtel de France coberto de hera estava escondido por trás de uma das arcadas de pedra. Havia mesas postas cá fora e o bar encontrava-se bastante movimentado. Robert solicitara uma mesa de canto lá dentro e foram recebidos pelo proprietário, que o conhecia, claro, e os instalou na mesa com uma garrafa de vinho branco *Clos d'Yvigne*. Um vinhedo rival, explicou Robert, embora gostasse muito dos vinhos deles.

Descontraída, Allie começou a falar-lhe da casa de Malibu e de como gostava do clima temperamental e do som do oceano sempre a rugir em pano de fundo.

– Então conta-me a verdade, porque estás aqui? – perguntou Robert, surpreendendo-a.

– *Okay*, bem – retorquiu Allie, a pensar. – Tinha-me perdido – explicou por fim. – Já não sabia quem era. Talvez nunca tivesse sabido. Precisava de me afastar, experimentar qualquer coisa nova, num sítio onde ninguém me conhecesse e onde tivesse de funcionar completamente sozinha. – Sorriu com o alívio de deitar aquilo cá para fora. – E fi-lo. Arranjei um cão. Descobri Petra e o Manoir. Arranjei um emprego no Bistro...

– E, diz-me, o que fazias antes de te tornares empregada de mesa e agora *chef*?

Allie percebeu que ele queria toda a verdade e só a verdade e que sabia que não estava a obtê-la.

– Suponho que era apenas uma esposa de Hollywood – respondeu por fim. – Amava muito o meu marido – acrescentou, surpreendendo-se a si

própria. – Foi o único homem que conheci que compreendeu como eu era na realidade.

– Até agora, talvez – disse Robert, com um olhar eloquente.

Preocupada que a coisa estivesse a avançar mais depressa do que queria, Allie evitou-lhe o olhar.

– Toda a minha vida tivera de fazer planos para aparecer e agradar às pessoas. Quando vim para aqui, fiz um novo juramento. Só tentaria agradar a mim própria. Sou feliz como sou. Por agora – acrescentou.

Robert ergueu o copo num brinde.

– Então bebamos a isso. Admiro uma mulher que sabe o que quer fazer.

Não tentou beijá-la no regresso a casa, embora lhe tivesse pegado nas mãos quando se despediram nos degraus do Manoir.

– Diz-me que podemos fazer isto outra vez, Mary – pediu e Allie replicou que teria muito prazer nisso.

Foi o primeiro de vários jantares juntos, cada um mais agradável que o anterior, onde Robert lhe ensinava a história da região e apreciavam os produtos *gourmet* locais, até que Allie protestou que estava a ficar gorda.

– Nunca – retorquiu ele, beijando-a desta vez. – Serás sempre bela.

Allie beijara muitos homens na sua carreira cinematográfica, mas gostou muito daquele beijo.

NO SUL DE FRANÇA, Jessie Whitworth guiava um *Peugeot* descapotável prateado com a capota descida. Usava grandes óculos escuros e um vestido caro de estilista que pertencia a Allie. Tirara-o do *closet* demasiado cheio de Allie há alguns meses, porque gostava do fato e não via razão para não ficar com ele. No final de contas, Allie tinha tanta coisa que não daria pela sua falta.

Andara a tirar coisas há muito tempo, sabendo que Allie estava muito envolvida no seu trabalho e também no seu turbilhão emocional. E, além disso, Jessie sabia que não era provável que reparasse sequer. Allie não se interessava por roupas, interessava-se por «pessoas» e por descobrir o que lhe «faltava» na vida. Jessie sabia com exatidão o que faltava na *dela*. E era exatamente o que Allie possuía.

Conduzindo ao longo da Promenade des Anglais em Nice, Jessie pensou, reconhecida, que o *Peugeot* era um carro melhor do que o *Sebring* que usara em Los Angeles para perseguir Allie, embora, claro, estivesse muito longe do *Porsche* que alugara às vezes, quando se aperaltava toda com um dos conjuntos de Allie e uma das suas malas de marca e respetivos sapatos. (Jessie preferia *Vuitton*, porque se reconhecia com facilidade que era cara e gostava que as pessoas olhassem para ela e imaginassem como devia ser rica.) Por vezes, ia às compras em Beverly Hills e explorava o Neiman, o Barneys e o Saks, embora não se pudesse dar ao luxo de comprar nada. Mesmo assim, provava coisas e as vendedoras eram superamáveis com ela e, durante algumas horas, sentia-se importante. Sentia-se como Allie Ray.

O seu carro verdadeiro era um *Ford Explorer*, mais de acordo com a realidade, com cinco anos e comprado em segunda mão. De algum modo, fazer dinheiro nunca fora um dos talentos de Jessie.

Era verdade o que dissera àquele amigo bisbilhoteiro de Mac Reilly. Roddy Kruger, assim se chamava. Na verdade, alimentara a ambição de ser

atriz. Mais do que mera ambição, desejara-o com desespero. Era diferente, com o seu aspeto anónimo, simples e algo atraente, e, com maquilhagem e roupas apropriadas, podia transformar-se em quase qualquer pessoa. Mas ninguém a levava a sério. Pior, tinham-na rejeitado. Vezes sem conta, tinham-na rejeitado. Em todas as audições a que ia, enfrentava os mesmos olhares inexpressivos e depreciativos, os «Obrigado por ter vindo, *miss...*». Nem nunca se lembravam sequer do seu nome. As feridas deixadas por esses anos eram agora visíveis na boca comprimida e nos olhos duros.

Jessie queria tanto ser Allie que, por vezes, acreditava que era mesmo. Por vezes, teria o seu cabelo louro, o seu aspeto, as suas roupas. Então toda a sua pessoa se transformava em Allie.

Mas Allie também a rejeitara. Despedira-a. Ao princípio, Jessie pensara que a sua patroa descobrira que ela roubava. Mas não. Era outra vez a mesma velha coisa do costume. Allie já não a queria. Três meses de salário e referências e acabara-se tudo.

Jessie quisera matá-la ali mesmo, mas não fora oportuno. E depois a oportunidade nunca se apresentara. E Allie já partira para França na noite em que fora à procura dela na sua casa, com a grande faca de cozinha na mão. Por isso retalhara os vestidos, levando com ela os que gostava e que se encontravam agora na sua bagagem, prontos para a sua próxima aparição pública.

Ia tão absorta a pensar em Allie que quase deixou passar a entrada para a autoestrada. Guinou para entrar, viu o carro à sua frente e travou a fundo. Demasiado tarde. Esbarrou contra a traseira do carro, viu-o erguer-se no ar e cair com estrondo sobre o tejadilho. O *Peugeot* deteve-se com um grande solavanco, o *airbag* explodiu-lhe no rosto e ela tombou para trás, inconsciente.

LEV ESTAVA A ALMOÇAR NUM CAFÉ no bairro de Marais, em Paris, com o seu velho amigo dos dias do exército israelita. Zac Sorensen era agora um cidadão francês e há muitos anos um detetive de topo. Tal como Lev, era magro, implacável e resistente e demasiado dedicado ao seu trabalho para ter alguma vez casado. Era raro até tirar férias.

– Demasiados crimes – explicou a Lev, enquanto comiam uma rápida *baguette* de queijo e fiambre acompanhada de uma cerveja, mantendo um olho atento no trânsito que passava a assobiar, só para o caso de detetar algo de interesse.

– Ainda o mesmo, estou a ver – comentou Lev, com um sorriso.

Zac lançou-lhe uma olhadela.

– Tu também. Aliás, porque estás em Paris? Está mesmo a ver-se que não são férias.

Lev contou-lhe a história e viu os olhos de Zac animarem-se.

– Pensas mesmo que Allie Ray está aqui em França?

– Tanto quanto sei até pode estar aqui em Paris.

E explicou-lhe todos os detalhes das cartas anónimas, do perseguidor, da intrusão na casa e dos vestidos retalhados.

– Estamos à procura de um assassino em potencial e tenho razões para acreditar ser uma mulher chamada Jessie Whitworth. Parece que está aqui agora, de férias com uma amiga que dá pelo nome de Elizabeth Windsor.

Zac voltou a lançar-lhe uma olhadela, com uma sobrancelha cética erguida, mas não fez comentários.

– Se está aqui, é provável que tenha alugado um carro.

– Correto.

– É uma tarefa complicada verificar a carta de condução de todos os turistas que entram em França – disse a Lev.

– É verdade. – Lev deu uma dentada na sanduíche, esperando que Zac

arriscasse uma resposta.

– Claro que há sempre os serviços de emigração – observou Zac, pensativo. – Disseste que estava em Cannes?

– Acreditamos que sim.

– Então foi com certeza aí que alugou o carro. Conheço lá uma pessoa, um velho amigo...

Lev sorriu-lhe. Agora sim, a coisa estava a correr bem.

– Talvez possa fazer um telefonema – disse Zac e, desta vez, Lev riu-se.

– Seu sacana – exclamou, dando-lhe um murro no ombro. – Sabia que podia contar contigo.

Lev não teve de aguardar muito pela sua resposta. Recebeu uma chamada de Zac duas horas depois. Uma mulher chamada Elizabeth Windsor estivera envolvida num acidente de viação mesmo à saída de Cannes. Batera noutro carro. O carro capotara e o condutor tivera morte imediata.

– Ela não tem praticamente nada, exceto no rosto onde o *airbag* a atingiu. Vermelho e magoado. Sabes como é. A carta de condução era falsa.

– Como é ela? – perguntou Lev.

– Cerca de quarenta anos, usa uma peruca loira e roupas caras de estilista, embora esteja hospedada num hotel barato perto da estação de comboios.

– Poderás querer verificar o nome Jessie Whitworth – retorquiu Lev. – E, a propósito, o que aconteceu depois do acidente?

– Esteve hospitalizada uma noite. Actualmente, encontra-se sob custódia da polícia em Nice com a acusação de homicídio involuntário.

– Mantém-na na prisão. Penso que vais descobrir que é procurada por mais do que isso.

OS *CARABINIERI* DA TOSCANA pareciam ainda menos entusiasmados do que a polícia de Palm Springs por um par de intrusos ter encontrado um cadáver no frigorífico da *villa* de um importante realizador de cinema. Ficaram ainda menos satisfeitos com a história que Mac lhes contou, mas, quando os paramédicos chegaram e examinaram a garganta de Sunny, mostraram-se mais predispostos a acreditar neles. Ativaram uma busca pela zona e Sunny foi transportada para o hospital local da Cruz Vermelha para um exame mais minucioso.

Seguindo-a no carro alugado, Mac gemeu alto. A sua Sunny podia ter morrido. Primeiro fora Ruby Pearl a aparecer morta. Teria andado a chantagear Perrin? Agora a pobre Marisa. Dissera que possuía documentos incriminadores. Teria tentado também chantagear Perrin? Quem seria a próxima?, perguntou-se.

O nome faiscou na sua cabeça. Allie Ray. Quem mais teria um acesso privilegiado aos ficheiros particulares de Perrin para além da mulher?

No dia seguinte, quando Sunny teve alta do hospital e Mac terminara o seu interrogatório na polícia, voltaram para o hotel em Roma. Após uma tigela de sopa e meia garrafa de vinho, com a garganta magoada envolvida num lenço de seda – *Hermès*, claro –, Sunny, esparramada em frente da televisão, via o noticiário, atenta a qualquer possível menção do cadáver na *villa*, quando, para sua surpresa, o rosto de Allie surgiu no ecrã. Chamou de imediato Mac.

O pivô do noticiário italiano dizia que era um «furo». Uma correspondente francesa descobrira Allie Ray, a estrela de cinema «perdida», a trabalhar como empregada de mesa no Bistro du Manoir perto da pequena vila de Bergerac. A estação italiana antecipara-se ao canal francês e era a primeira a transmitir a notícia.

– Credo – berrou Sunny e depois arrependeu-se porque lhe arranhou a

garganta.

Mas Mac estava já a ligar para o aeroporto a tentar fretar um avião particular.

Meia hora depois, Sunny estava pronta, envergando calças de ganga, a camisola de caxemira verde de Mac e umas pequenas botas *Manolo* amorosas onde conseguira enfiar o tornozelo inchado. Na realidade, até se sentia bastante bem, pensou, experimentando andar de um lado para o outro no quarto. As botas serviam de suporte ao tornozelo e o lenço escondia as nódoas negras no pescoço.

– Estou uma desgraça – queixou-se.

E Mac disse que sim que estava e que a culpa era toda dele, que pedia perdão e porque não ficava ali no hotel à boa vida.

– Serviço de quartos, televisão, qualquer coisa que queiras – acrescentou.

– Estás a gozar? – Sunny parecia desdenhosa.

– Tens a certeza que és capaz, querida? Depois da noite passada?

– Bem podes ter a certeza. – Diabos a levassem se ia deixar Mac Reilly partir sozinho em socorro da bela estrela de cinema.

Estavam quase prontos quando o telemóvel de Mac tocou. Com uma expressão de «quem raio será agora» no rosto, atendeu. As sobrancelhas ergueram-se.

– Onde está? – perguntou.

– Aqui em Roma. Reilly, precisamos de falar.

– Pode apostar que sim. E... é melhor ser muito em breve. Tipo, neste preciso momento.

– No Café del Popolo, na *piazza*. Estou lá daqui a quinze minutos.

Mac desligou o telemóvel.

– Vais ter de ir à frente – disse para Sunny. – Certifica-te que ela está sã e salva. Vou encontrar-me com Ron Perrin daqui a quinze minutos.

MAC METEU SUNNY NUM TÁXI para o aeroporto e encaminhou-se para o café na Piazza del Popolo.

Quase não reconheceu Perrin. Rapara a cabeça e usava uns grandes óculos de sol muito escuros. Com uma *T-shirt* às riscas e um brinco de ouro parecia o desenho animado de um ladrão dos velhos tempos. Só precisava de uma saca, com a palavra SAQUE, atirada por cima do ombro.

Mac sentou-se e pediu um café expresso. Perrin estava já a beber *grappa*.

– Então, como está? – Mac recostou-se na cadeira, estudando-o.

– Não estou bem. – Perrin levantou os óculos escuros e os seus olhos castanhos pesarosos fitaram os de Mac. – Como posso estar? Primeiro, a minha mulher desaparece. Depois a minha namorada. – O suspiro sentido abanou o corpo forte.

– Marisa morreu – declarou Mac.

Durante um longo minuto silencioso, Perrin encarou-o pasmado. Depois ergueu a mão para chamar o empregado.

– Outra *grappa* – ordenou com rispidez. – Rápido.

Quando chegou, engoliu-a de um trago.

– Como sabe?

– Fui eu que a encontrei. Na *villa* toscana de Renato Manzini. Tinha sido estrangulada.

Perrin fitou o copo vazio.

– Quero que saiba que não fui eu – murmurou baixinho.

Voltara a pôr os óculos escuros e era impossível ler-lhe a expressão dos olhos. Emborcou uma segunda *grappa*.

– Marisa era como uma reencarnação de Rita Hayworth – observou em voz baixa. – Aquelas ondas de cabelo ruivo, os olhos verdes faiscantes e aquela boca *sexy*. – Fez sinal a pedir outra *grappa*. – O seu nome verdadeiro era Debbie Settle. Era do Minnesota, embora não entenda como aquele

estado frio conseguiu produzir uma jovem tão escaldante. Estou a contar-lho para que possa contactar a família dela lá no Minnesota. Caramba, sinto tanta pena deles.

– Mas, afinal, o que está aqui a fazer em Roma?

– O que pensa que estou a fazer? A tirar o raio de umas férias? Estou a evitar o FBI, claro. E a tentar descobrir o que aconteceu ao meu dinheiro. Uma data dele parece ter desaparecido.

– Sabe que encontrámos Ruby Pearl enterrada debaixo do cato saguaro no seu jardim de Palm Springs.

– Credo – exclamou Perrin, empalidecendo.

Mac esperou que fosse uma oração, ia precisar dela.

– Está agora a ser procurado por dois assassínios. É apenas uma questão de tempo, Perrin, por isso é melhor contar-me a verdade.

Perrin mirou-o.

– Está do meu lado?

– Conte-me a sua versão da história e depois lhe darei a minha resposta.

Apesar da *grappa*, Perrin estava sóbrio.

– Bem, conheci algumas mulheres na internet. Escute, não tomo drogas, não bebo em excesso, exceto em circunstâncias especiais. – Fez sinal a pedir outra *grappa*. – E que tem se movimentei algum dinheiro aqui e ali? É o que faz toda a gente na minha posição, não é?

– O FBI afirma que cometeu fraude.

– Gostava de os ver provar isso – retorquiu Perrin zangado.

– Talvez consigam.

Mac interrompeu a fanfarronada de Perrin. Percebia que era um homem assustado. Tirara os óculos de sol e aqueles olhos preocupados de cachorrinho mostravam-no bem.

– O homem que o seguia não era do FBI. Era o ex-namorado de Ruby Pearl. Contou-me que lhe deu um relógio de diamantes. A joalharia confirmou que o comprou. Ele acredita que foi você que a matou.

Perrin abanou a cabeça.

– Isso não é verdade. Na realidade, eu nem sequer conhecia a mulher. Demarco convenceu-me a empregá-la como minha secretária. Ruby roubou alguns documentos dos meus ficheiros particulares em Malibu, com os números codificados de contas bancárias *offshore*. Descobri-o por acaso, quando fui à procura de um desses documentos e não o encontrei. Quando o

procurei outra vez no dia seguinte já lá estava. Calculei que trabalhasse para o FBI e pu-la a andar, fora da minha vida. Só estava comigo há um par de semanas. Foi mais ou menos por essa altura que conheci Marisa. – As lágrimas humedeciam-lhe os olhos quando olhou para Mac. – Não tenho de a amar para chorar por ela, pois não? Sou humano, sabe.

– O anel de «noivado» tinha desaparecido – comentou Mac.

– Quer dizer que alguém *matou* Marisa por causa do anel que lhe dei? – Perrin pousou a cabeça entre as mãos. – Então, talvez, de certo modo, a tenha mesmo morto – murmurou, meio para si.

Mac observava-o. Tinha agora a certeza que Perrin não matara Marisa. Nem Ruby Pearl.

– Porque não veio logo para Roma, ter com Marisa?

– Pensei que, se o FBI andava atrás de mim, conseguiriam localizar-nos. Precisava de ser «um lobo solitário» naquela ocasião, arrumar a minha cabeça. Certifiquei-me, através de Demarco, que ela ficava bem, em termos financeiros. Não queria envolvê-la com o FBI.

– E se não era o FBI?

– Quem diabo queria roubar-me os números das contas *offshore*? E que outra pessoa mataria Ruby Pearl?

– Que tal o homem que a empregou? – disse Mac.

Perrin deu um sacão para trás na sua cadeira como se tivesse sido atingido por um tiro.

– *Demarco*? – perguntou. – *Demarco*? O filho da puta. Está a dizer que ele anda a roubar-me e depois a fazer a lavagem do dinheiro?

Meditou durante alguns minutos e depois continuou:

– A verdade é esta. Os documentos em falta não continham os números das contas importantes. Só Allie tem acesso a eles. Escondi-os em código no portátil dela. Era a única pessoa em quem confiava. Disse isso a Demarco.

Compreenderam ao mesmo tempo. Fitaram-se por cima da mesa.

– Então é melhor encontrarmos Allie – disse Mac. – Antes de Demarco.

DEMARCO ENCONTRAVA-SE NUM QUARTO NORMAL de uma cadeia barata de motéis mesmo à saída de Florença quando ouviu a notícia sobre Allie, num telejornal anterior ao que Sunny e Mac tinham apanhado.

As notícias na televisão retumbavam num italiano rápido, entremeadas com revistas de variedades que consistiam na sua maioria de coristas quase nuas e números cómicos que não entendia. Estava a despachar uma garrafa de vodca e a pensar no que fazer a seguir.

Não pensara ter de matar duas mulheres para atingir o seu objetivo. Quase tinham sido três, mas não percebera que a mulher na cozinha da Villa Appia era a assistente de Reilly e que Reilly estava com ela.

Há anos que Demarco andava a cometer fraude e a fazer lavagem do dinheiro roubado da empresa para as suas próprias contas *offshore*, deixando um rasto que podia apenas incriminar Perrin. Mas o que quisera sempre era ter acesso às contas *offshore* particulares de Perrin. Soubera que ele guardava os números e os códigos nos seus ficheiros no cofre do quarto, na casa de Malibu, onde nunca conseguiria aceder-lhes. Por isso cortejara Ruby Pearl com prendas caras, culminando no relógio de diamantes que imputara a Perrin. As contas eram sempre enviadas para o escritório e Demarco tratava delas. Uma pena que as coisas daquela vez não tivessem corrido bem e que a conta do relógio tivesse sido enviada para Allie por engano. Aquilo exigira uma explicação complicada, mas lá conseguira safar-se.

Claro que usara Marisa da mesma forma. Uma coisa que aquelas duas mulheres tinham em comum, no entanto, era que ambas queriam dinheiro. E, quando o conseguiam, queriam mais. Marisa estivera mais que disposta a trabalhar para ele.

Marisa estava com frequência sozinha na casa de Malibu e ele ordenara-lhe que fosse ao cofre e descobrisse os números das contas. Ela contara-lhe

mais tarde que alguém entrara na casa e a interrompera e que, quando por fim fora ver, não encontrara documentos nenhuns.

E então, quando pensara que ela estava arrumada a um canto a brincar às atrizes de cinema em Roma, ela avançara com o mesmo lance de chantagem que Ruby Pearl intentara. O disfarce de padre dera jeito quando a seguira naquela rua em Trastevere e depois a pusera sem sentidos e a enfiara no seu carro. Tivera de a matar, claro, não podia deixar que contasse a sua história ao mundo.

Meter Marisa naquele frigorífico quando vira os faróis do carro a aproximar-se da *villa* fora mais difícil do que estrangulá-la. Tinha mãos fortes, não representara qualquer problema. Tencionara enterrá-la debaixo do castanheiro no monte atrás da *villa* de Manzini, mas Sunny Alvarez interrompera-o. Se Reilly e ela não tivessem aparecido, tudo teria corrido bem. Mas ainda não vencera. Os documentos que apanhara a Marisa eram iguais aos que já tinha.

Demarco terminou a vodca. A televisão ainda retumbava, só que agora era um pivô qualquer do telejornal a falar muito depressa.

Notícias de última hora dizia. *O corpo de uma mulher foi encontrado na villa do famoso produtor de cinema Renato Manzini.* Demarco não conseguiu entender os pormenores, mas ficou com uma ideia e também percebeu que o nome de Ronald Perrin era mencionado várias vezes.

Que conveniente, pensou, recostando-se para trás com um sorriso. Era óbvio que suspeitavam que Perrin matara não apenas Ruby mas agora também Marisa. Tirou o anel do diamante amarelo do bolso, fazendo-o rodar entre os dedos, vendo-o cintilar. Não podia deixá-lo simplesmente no dedo dela depois de a ter morto. Devia valer mais de cem mil. Além disso, na realidade, ninguém sabia que ela o tinha. Conseguiria vendê-lo em segredo, mais tarde, quando Perrin estivesse preso pelos assassinatos de Ruby e de Marisa e tudo se tivesse acalmado.

Porém, havia mais notícias de última hora. *Um furo, uma informação até agora não divulgada em nenhum outro telejornal. Nem sequer no programa ainda não transmitido da jornalista da televisão francesa que a descobriria. Allie Ray, a estrela de cinema e mulher de Ronald Perrin, desaparecida desde o Festival de Cinema de Cannes, foi encontrada a trabalhar como empregada de mesa no Bistro du Manoir, perto de Bergerac, em França.*

Surgiu um mapa no ecrã, mostrando a região e assinalando a aldeia exata.

Demarco fitou, inexpressivo, a televisão. Com Perrin desaparecido, e agora principal suspeito dos assassinatos, apenas uma pessoa se interpunha entre ele e todo o dinheiro das contas *offshore* particulares de Perrin. E apenas essa pessoa poderia saber os números corretos.

Fez a mala, pagou o motel e guiou até ao aeroporto. Apanhou um voo para Bordéus. Dali até Bergerac, e até à aldeia onde Allie Ray vivia, era um trajeto de menos de duas horas.

Não o sabia, mas levava um bom avanço em relação às outras pessoas no encalço de Allie.

SUNNY RECEBEU A MENSAGEM de texto de Mac no *Cessna* que voava para Bergerac:

Mac para Sunny: DEMARCO É O ASSASSINO. DESCONHEÇO PARADEIRO. ALLIE TEM NÚMEROS CONTAS QUE DEMARCO QUER. PODE ESTAR ATRÁS DELA. TOMA MAIOR CUIDADO. POR OUTRAS PALAVRAS, SUNNY, POR FAVOR, NÃO FAÇAS NADA PERIGOSO NEM ARRISCADO. QUANDO ENCONTRARES ALLIE FICA COM ELA. VOU ALUGAR JATO MAIS VELOZ DISPONÍVEL. TELEFONA E ESPERA ATÉ EU CHEGAR. AMO-TE... MAC

Sunny para Mac: DESDE QUANDO FIZ ALGUMA COISA LOUCA PARA ALÉM DE FORÇAR ENTRADA EM CASAS (TRÊS VEZES) A TEU PEDIDO; TORCER UM TORNOZELO A CORRER NO ENCALÇO DE UM ASSASSINO; QUASE MORRER NUM TREMOR DE TERRA (CONTIGO) E ABRIR UM FRIGORÍFICO COM UM CORPO LÁ DENTRO (TAMBÉM CONTIGO); E SER QUASE ESTRANGULADA. O QUE ESPERAS DE DESLUMBRANTE DETETIVE (EM ESTÁGIO)? TELEFONAREI QUANDO MISSÃO ESTIVER TERMINADA. ALIÁS, O QUE ACONTECEU COM PERRIN? E SIM UMA VEZ QUE NÃO PERGUNTASTE TAMBÉM TE AMO, EMBORA HAJA MOMENTOS EM QUE ME PERGUNTO PORQUÊ. MAS COMO SABES QUE DEMARCO É ASSASSINO E NÃO PERRIN?

Mac para Sunny: ACREDITA QUE SEI. TENS DE CHEGAR A ALLIE ANTES QUE DEMARCO A ENCONTRE. URGENTE E PERIGOSO. SÓ QUERIA NUNCA TE TER MANDADO SOZINHA.

Sunny para Mac: AH! TRATO DO ASSUNTO, NÃO TE PREOCUPES. VOU TELEFONAR PARA BISTRO DU MANOIR MAL SAIA DESTE AVIÃO, BASTANTE SIMPÁTICO. PODIA HABITUAR-ME A ISTO. A PROPÓSITO, QUEM PAGA? NÃO TE DISSE JÁ QUE NUNCA VAIS ENRIQUECER?

Mac para Sunny: NÃO BRINQUES. TEM CUIDADO. SÊ MINHA.

Sunny para Mac: OH, MEU DEUS... PENSEI QUE NUNCA MAIS PEDIAS...

Mac para Sunny: PENSEI QUE JÁ ERAS MINHA... A SÉRIO, SUNNY, ISTO É PERIGOSO.

Sunny para Mac: ESQUECE O PERIGO. HÁ O SER TUA E O «SER TUA». TEMOS DE FALAR SOBRE ISSO. TEREI CUIDADO.

Mac para Sunny: GRAÇAS A DEUS. TELEFONA-ME QUANDO CHEGARES.

ALLIE FORA CONVIDADA PARA JANTAR no Château Montfort. Era sábado e Petra dera-lhe a noite de folga «por bom comportamento», dissera. Depois, piscara o olho e acrescentara: «Não que esteja à espera que o adotes.»

Contudo, o jantar não era o *rendez-vous* para dois que Petra e Allie tinham esperado. Afinal, Robert tinha convidado outras oito pessoas.

Allie estava no quarto a aprontar-se. *Querido* encontrava-se esparramado no assento da janela forrado a *chintz*, o seu local favorito para dormir, vigiando-a com um olho recriminador, como se já soubesse que, desta vez, não estava incluído na lista dos convidados.

Allie rodopiou em frente do espelho triplo manchado por cima do toucador. Viajara com pouca bagagem quando fugira e não tinha muitas opções. Envergara uma saia creme, que roçava acima do joelho, e uma camisola preta de caxemira fina que lhe deixava os ombros nus. As suas únicas joias eram as argolas de ouro e a aliança de casamento. De algum modo, ainda não conseguira tirá-la. Seria demasiado final.

Escovou o cabelo, que agora se assemelhava ao penteado que Audrey Hepburn costumava usar, caindo numa franja curta sobre a testa. Colocou os óculos do disfarce e pulverizou-se com um pouco de *Chanel*. Contemplou-se outra vez no espelho, a pensar se ainda se pareceria com Mary Raycheck. Sentindo-se de súbito perdida, nem uma coisa nem outra, foi sentar-se na borda da cama, a desejar ter recusado o convite para aquela noite e a desejar não ter de sair de casa. Estava a recordar-se da mulher que era quando fora amante de Ron e depois sua mulher. Parecia ter sido há uma eternidade.

Petra já partira para o Bistro e a casa parecia demasiado vazia. Allie detestava deixar *Querido*, mas deu-lhe um beijo de despedida e avançou para a porta. Claro que o cão a seguiu. Allie parou na cozinha e deu-lhe um osso para roer.

– Volto já – prometeu.

Era a primeira vez que ia ao Château Montfort e descobriu-o escondido no final de um caminho bordejado de árvores, surgindo como uma surpresa em toda a sua glória simétrica de pedra pálida. Havia uma entrada com colunas ao cimo de um lance baixo de degraus e portas envidraçadas altas que refletiam as luzes no interior. Estavam outros carros estacionados no círculo de gravilha.

Allie puxou a saia para baixo, alisou o cabelo, inspirou fundo e marchou pelos degraus acima ao encontro do seu destino. Isto é, se Robert Montfort ia ser o seu destino. Ainda não sabia.

– Bem-vinda, *chérie* – cumprimentou ele, beijando-a três vezes, primeiro uma face, depois a outra e de volta à primeira, daquela forma afável que os franceses adotam com os amigos íntimos.

Olhou com admiração para ela e disse:

– Vem comigo, mulher bela. Quero apresentar-te aos meus amigos. De facto, já conheces uma delas. Félice de Courcy. Apareceu de surpresa, sem se fazer esperar.

Oh, meu Deus, a loura de Paris estava ali. Recordando a conduta de Félice da última vez que se tinham encontrado, Allie sentiu-se desanimar. *Okay, bem...*

– Fico contente por conhecer todos os teus amigos – retorquiu.

Pegando-lhe na mão, Robert encaminhou-se com ela para o *grand salon* onde o resto dos convidados bebia champanhe. Fez as apresentações e mencionou que Mary talvez estivesse interessada em comprar uma *cottage* com uma pequena vinha associada.

As pessoas sorriram de forma acolhedora e a conversa generalizou-se, quase sempre, por causa dela, em inglês. Allie descontraíu-se. Ninguém olhava para ela como se fosse especial, apenas outra mulher bonita, como, pelo menos, duas outras naquela noite. Sem contar com a loura de Paris, que se posicionara perto da lareira, com uma vodka tônica na mão e que a observava com olhos semicerrados.

Por sorte, Robert colocara Félice no outro extremo da mesa e Allie ficara à sua direita e tudo correu bem até ao final da noite, quando se reuniram mais uma vez no belo *salon* para o café.

– Então, Madame Raycheck – Félice aproximou-se célere de Allie. – Diga-me, está a gostar do sossego da Dordogne? Depois de Hollywood,

deve constituir um grande choque cultural.

– Na verdade, é ao contrário – retorquiu Allie em voz baixa. –, Hollywood é sempre um choque cultural.

– E sente saudades? Dessa outra vida?

– Não especialmente.

Havia uma expressão astuta nos olhos semicerrados de Félice e um sorriso tenso nos lábios que enervaram Allie. Félice lançou uma olhadela ao seu relógio e depois virou-se para as outras pessoas na sala, batendo palmas para impor silêncio.

– *Messieurs et mesdames*, tenho uma surpresa para vós. Normalmente, não interromperia uma festa, mas trata-se de uma coisa especial. Está na hora do meu programa televisivo.

Carregou num botão e um painel deslizou para trás revelando um ecrã de televisão. Félice ligou-o e foi postar-se ao lado de Robert. Ele lançou-lhe um olhar, intrigado, e depois fitou Allie que observava a introdução do programa.

Apareceram as palavras PROGRAMA DE FÉLICE DE COURCY inscritas por cima do rosto da jornalista e depois surgiu ela.

Allie achou que Félice se apresentava muito bem na televisão, cabelo louro solto, olhos semicerrados naquele habitual olhar de entendida, elegante num casaco curto de seda preta que deixava ver a linha entre os seios.

– *Esta noite, meus amigos, trago-vos algo muito especial. Um «furo», diríamos. De facto, dois «furos». Como duas bolas de gelado, só que melhor.*

Os outros convidados olharam uns para os outros, sorrindo, mas Allie não percebeu bem o que ela dizia, apenas a palavra furo.

– *O bilionário desaparecido, Ron Perrin, é procurado para averiguações relacionadas com o homicídio de duas mulheres, ambas tidas como suas ex-namoradas.*

O rosto de Allie ficou sem pinta de sangue. Imobilizada no seu lugar, nem conseguia prestar atenção enquanto a voz de Félice continuava a vibrar.

– *A primeira mulher é Ruby Pearl.* – Apareceu no ecrã uma fotografia de uma mulher bonita de cabelo escuro. – *A segunda é Marisa Mayne.* – Foi a vez da ruiva deslumbrante.

Não foi Ron, estava Allie a pensar... Não podia ser ele... Ron nunca

conseguiu matar uma aranha... não faria isso... atestaria sob juramento...

Depois, de repente, o seu próprio rosto faiscou no ecrã.

– A mulher de Ron Perrin, a estrela de cinema Allie Ray, deslumbrante no Festival de Cannes pelo braço do seu realizador – dizia Félice. – Esta é a última fotografia da famosa estrela de cinema antes de desaparecer também. Alguns disseram para sempre. E depois das críticas sobre o seu último filme – Félice encolheu os ombros com desdém –, quem poderia censurá-la? Ou será que Ronald Perrin a matou também? Mas, porém... – Sorria agora para a câmara ao mesmo tempo que outra fotografia surgia no ecrã. – Olhem para esta imagem. É uma fotografia de Mary Raycheck, uma empregada de mesa do Bistro du Manoir na Dordogne.

Allie soltou uma exclamação abafada. Era a foto que Félice tirara com o telemóvel naquela noite no Bistro.

– Oh, meu Deus – disse, virando-se para escapar.

– Espera. – Robert agarrou-lhe na mão, fulminando Félice com o olhar.

– Bem, meus amigos, quem é Mary Raycheck? Ora, vocês e eu e a maior parte do mundo conhecem-na como Allie Ray. A estrela de cinema «desaparecida». Afinal, Ron Perrin não a matou.

Os rostos atónitos dos outros convidados viraram-se na direção de Allie, mas ela não esperou mais.

A última coisa que ouviu quando fugiu foi o riso de Félice e Robert a chamá-la, pedindo-lhe que esperasse, e a afirmar que estava tudo bem.

Não estava nada bem. Era outra vez Allie Ray e agora toda a gente o sabia. E Ron era procurado por assassinio.

O paraíso estava perdido.

ALLIE REGRESSOU PELAS ESTREITAS ESTRADAS RURAIS enquanto a trovoadas ribombava à sua volta. Depois, muito de repente, a chuva desabou, lavando o pára-brisas numa miniqueda de água que os limpa-para-brisas tinham dificuldade em travar. As lágrimas de Allie condiziam com a chuva e foi forçada a seguir a passo de caracol.

Um relâmpago acendeu o vale belo, iluminando-o como o recinto de uma feira popular, e depois a escuridão instalou-se sobre ela de novo e Allie espreitou através do para-brisas, à procura das luzes seguras do «lar».

Querido ouviu o carro e estava à espera dela, com a cauda a abanar com entusiasmo, quando ela entrou a correr pela porta da cozinha, limpando a chuva e as lágrimas do rosto. Estacou, surpreendida.

Petra e outra mulher estavam sentadas à mesa da cozinha, a beber vinho, embrenhadas em conversa. Encontravam-se de costas para ela e rodaram as cabeças quando a ouviram entrar.

– Oh, olá, Allie – disse Sunny Alvarez, parecendo aliviada. – Estou muito contente por te ver. – Mas depois o rosto de Sunny esmoreceu. – Oh, meu Deus – disse numa espécie de voz abafada que traía receio.

Allie fitou-as, intrigada. Ambas as mulheres olhavam para qualquer coisa atrás dela. Virou-se e viu Demarco.

Exclamou espantada:

– Que estás aqui a fazer!?

DEMARCO DEU UM PASSO PARA ELA.

– Ron pediu-me para te encontrar, Allie. É meu amigo e está metido em sarilhos. Estou a tentar ajudá-lo. Quer que lhe leve os números das suas contas pessoais, os que estão no teu portátil. Precisa delas agora, mais do que nunca. Se mos deres, regresso já para junto dele.

Allie olhou para Sunny e Petra. Continuavam sentadas, perfeitamente imóveis, de olhos pregados em Demarco. Voltou a olhar para ele e, desta vez, reparou na espingarda de caça que tinha ao ombro. Deu um passo rápido para trás, ainda sem entender muito bem.

– Essa é a espingarda de caça do meu ex-marido – disse Petra de repente.
– Onde a arranjou?

Demarco encolheu os ombros.

– Não devia deixar as portas abertas, *madame*. E as espingardas deviam ser guardadas em armários fechados. – Virou-se para Allie. – Vamos, Allie, vamos lá buscar os números.

– Onde está Ron?

Ele suspirou.

– Receio que Ron seja procurado por duas acusações de homicídio. É por isso que vai precisar deste dinheiro. É melhor cooperarmos, minha querida. Resolveremos todos os problemas juntos. Só quero que me dês os números das contas.

Allie sabia agora do que ele estava a falar. Ron introduzira os números codificados no seu computador há muito tempo. Há tanto tempo, de facto, que os apagara.

– Apaguei-os – retorquiu sem mentir.

Os olhos frios de Demarco mostraram-lhe que não acreditava nela.

– Bem, isso é muito mau. Sugiro que verifiquemos outra vez. – Com um movimento rápido, agarrou-lhe o braço.

Sunny gritou e *Querido* soltou uma rosnadela de aviso.

– É ele o assassino, Allie – berrou Sunny. – Quase me matou há dois dias e agora matar-nos-á a todas se necessário. É louco, Allie...

Demarco deu um passo para Sunny e deu-lhe uma bofetada com as costas da mão com tanta força que a cabeça dela saltou para trás.

– Cala-te, sua puta mexicana metediça – vociferou.

Querido voltou a rosnar em tom de aviso e ergueu-se de um salto. Sunny mordeu o lábio com força num esforço para não chorar e Petra apertou-lhe a mão por baixo da mesa.

– Não podes fazer isso – gritou Allie e Demarco virou-se e bateu-lhe também.

Querido saltou-lhe à garganta. Demarco tinha a arma preparada. Nem sequer teve de fazer pontaria, o cão estava tão perto.

O tiro estalou pela divisão e *Querido* deslizou para o chão.

– *Oh, meu Deus, oh, meu Deus...* – bradou Allie. Atirou-se a Demarco. – *Sacana* – gritou. – Seu *sacana*.

Aprendera o que fazer em aulas de autodefesa e atirou-lhe os dedos aos olhos. Ele esquivou-se, agarrou-lhe os braços e prendeu-os com força atrás das costas.

A espingarda caiu com estrondo no chão e, num segundo, Sunny apanhou-a. Agora Sunny erguia a espingarda e Petra um cutelo da carne.

– Se fazes mais alguma coisa, seu piolho nojento, racho-te em dois – declarou Petra num tom que não deixava margem para dúvidas.

Demarco soltou Allie. Começou a recuar para a porta.

– Fica onde estás – avisou Petra.

Demarco tinha a mão na maçaneta quando o uivar das sirenes da polícia rompeu o silêncio. As cabeças das mulheres ergueram-se na expectativa.

Demarco abriu a porta de rompante. A chuva ainda caía e um relâmpago iluminou o céu. E, nesse segundo, Demarco desapareceu.

Lá fora, a gravilha esguichou quando os carros da polícia travaram com ruído.

– Lá vem a cavalaria – disse Petra em tom calmo.

Passados uns segundos, Ron Perrin irrompeu pela cozinha adentro, seguido por Mac.

– Allie, Allie, estás bem?

Os braços fortes de Ron abraçaram-na e puxaram-na para o seu coração

que batia descompassado.

– Oh, Allie, o que te fiz? Como deixámos as coisas chegar a este ponto?

Mac olhou para Sunny.

– Estou bem – afirmou ela, mas percebeu que ele estava chocado. – Demarco acabou de fugir – acrescentou com premência, quando os polícias invadiram a cozinha de Petra.

Mac e os polícias voltaram a correr lá para fora, deixando dois detetives com as mulheres e Perrin. Mac ouviu um carro arrancar ao fundo do caminho. Demarco ia escapar. Saltou para o carro da polícia e partiram atrás dele. Era tal e qual como quando era repórter em Miami há tantos anos atrás.

Allie estava no chão, ajoelhada ao lado de *Querido*. O cão tinha os olhos revirados, mas, quando lhe encostou o rosto à boca, sentiu uma leve respiração.

– Arranje-me uma toalha grande – pediu Ron a Petra. – E uma de vocês que saiba falar francês diga a um dos polícias que tem de nos levar ao veterinário mais próximo.

Petra passou uma toalha a Ron e ele embrulhou o cão nela, com muito cuidado. Depois, Petra telefonou ao veterinário, acordou-o e disse-lhe que era uma emergência.

Ron e Allie partiram com o polícia a guiar e o cão ao colo de Ron. Sunny e Petra ficaram outra vez sozinhas, sob o olhar vigilante do segundo polícia.

Sunny avistou qualquer coisa a brilhar no chão. Apanhou-a. Era o anel de diamante amarelo de dez carates de Marisa. Pô-lo no bolso para o entregar mais tarde a Mac. Demarco devia tê-lo deixado cair.

Petra soltou um suspiro ressentido e pôs a chaleira a ferver.

– Só esperava que Mary tivesse um jantar agradável em casa de Robert Montfort – declarou. – Será que alguém me diz o que se está a passar?

– Lamento – retorquiu Sunny. – Estava a contar-lhe quando Allie voltou e depois Demarco apareceu. É ele o assassino. De facto, quase me matou na outra noite... Oh! – Estremeceu. – São simplesmente demasiadas coisas para contar assim de repente.

– Claro que eu sabia que ela era Allie Ray – replicou Petra, despejando a água a ferver em cima das folhas do chá – *Darjeeling*, o seu favorito para momentos de stresse. – Toda a gente sabia. Bem, pelo menos os que contavam. Mais ninguém se importava, conheciam-na simplesmente como

Mary. Sabe, a nova empregada de mesa.

– E nunca disse a Allie?

– Claro que não. Viera para aqui à procura de refúgio e até Félice apanhar a história e depois Mister Demarco aparecer, conseguira-o. Agora, é provável que perca o cão e recupere a sua identidade.

– E, se calhar, até o marido – retorquiu Sunny, pensativa. Mas estava preocupada. Mac andava lá fora com o assassino e tudo podia acontecer.

– Que tal uma bela chávena de chá? – sugeriu Petra, servindo.

63

DEMARCO VIU OS FARÓIS DO CARRO DA POLÍCIA atrás dele. Saiu da estrada principal e entrou numa via estreita que corria ao longo do rio. A tabuleta dizia TRÉMOLAT. A estrada à noite era difícil, lamacenta e completamente escura, mas isso jogava a seu favor. Apagou os faróis e acelerou. Já não via os do carro da polícia e suspirou de alívio. Conseguira despistá-los.

Olhou em frente para as trevas e para a chuva. Sobrepondo-se ao estrondear da trovoada, conseguia ouvir o rio Dordogne a fluir rápido e as árvores a estrelejar com as rajadas de vento forte da borrasca.

Fora um idiota. Nunca devia ter arriscado. Devia ter ficado no seu país, em liberdade, com a garantia de Ron ter sido acusado dos homicídios. Agora estragara tudo.

Abrandou. Por mais que fugisse, não havia saída. E, de qualquer modo, lá estavam as sirenes da polícia outra vez, *tinoni, tinoni*, aquele uivar que subia e descia de intensidade e significava que se aproximavam. Já via as luzes azuis a faiscar.

A estrada lamacenta alargava-se para uma viragem. A seu lado, o rio Dordogne rugia para uma represa, espuma branca num turbilhão. Uma barragem geradora de eletricidade desenhava-se a uns cem metros.

As sirenes estavam mais próximas... os faróis viravam atrás dele...

Demarco guinou de repente o carro para a esquerda. Acelerou a fundo e apontou diretamente para o rio encapelado.

Mac ouviu o baque quando o carro embateu na água. Saltou do carro da polícia antes mesmo de este ter parado. Correu para a borda do rio e olhou lá para baixo para o redemoinho provocado pela queda do carro nas profundezas.

Assentiu com a cabeça. Parecia um fim apropriado para um homem perverso.

ALLIE ENTROU ABATIDA NA COZINHA DE PETRA, seguida por Ron. As duas mulheres olharam para ela esperançadas.

– *Okay...* bem... *Querido* não sobreviveu – declarou com voz embargada. E depois afundou-se numa cadeira, pôs a cabeça entre as mãos e começou a chorar.

Petra ocupou rapidamente a cadeira ao lado da dela. Passou um braço pelos ombros trémulos de Allie.

– Pobre *Querido* – disse com meiguice. – E pobre Allie. Só há uma maneira de ver as coisas, querida. *Querido* veio ter contigo numa altura em que precisavas dele. Foi como se te estivesse destinado, só para aquele momento. Agora partiu, mas fez o seu trabalho. Ofereceu-te o amor e companhia de que precisavas. E depois ofereceu-te a sua vida. Era um nobre companheiro e sentiremos saudades dele. Por isso, chora tudo o que precisares, querida, se isso te faz sentir melhor.

Levantou-se e foi servir o chá. Pousou a chávena em frente de Allie e continuou:

– Uma bela chávena de chá. Dizem que é bom para todas as aflições, mas desta vez não tenho tanta certeza. – E, lançando a Perrin um olhar severo, como se o desafiasse a dizer alguma coisa, sentou-se outra vez ao lado de Allie, à espera que esta parasse de soluçar.

A porta abriu-se e Mac entrou a passos largos, seguido pelos dois polícias e por dois inspetores à paisana que tinham estacionado ao lado deles.

Mac estava encharcado. Passou as mãos pelo cabelo molhado, observando a cena. Aproximou-se de Sunny e ela levantou-se e correu para os braços dele. As lágrimas também lhe escorriam pelo rosto.

– Não há problema, Sunny querida. Já terminou tudo. Demarco morreu.

Os dois inspetores avançaram para Ron Perrin, que se encontrava junto ao grande guarda-louça galês, que continha cerca de uma centena de pratos

azuis e brancos e uma coleção de bules e colheres de casamento galesas de madeira esculpida, bem como a tralha usual de Petra.

– Ronald Perrin, temos um mandado de captura em seu nome – declarou o primeiro inspetor.

Tal como numa peça, pensou Sunny. Parou de chorar e observou, atónita, os dois *collies* que entravam de supetão vindos da chuva. Correram para os inspetores e abanaram-se, salpicando os dois homens com cerca de um litro de água lamacenta.

Aborrecidos, estes soltaram exclamações de horror e deram um passo para trás.

– São só os cães – explicou Petra.

Allie erguera a cabeça. Os olhos estavam sumidos atrás de dois círculos vermelhos e inchados e o nariz pingava.

A porta da cozinha bateu e Robert Montfort entrou a passos largos. Deteve-se a olhar espantado para a coleção de pessoas.

Fitou o rosto alterado de Allie; o homem forte e calvo de *T-shirt* justa às riscas, brinco e algemas; Petra a servir chá e o casal atraente que o fitava também por entre uma variedade de polícias e inspetores.

Intrigado, abriu muito as mãos.

– O que se passa? – perguntou.

– Chegas tarde de mais para te juntares à cavalaria, Montfort – respondeu Petra. – Já terminou tudo.

PASSADA UMA SEMANA, estavam todos de volta a Los Angeles. Ron Perrin encontrava-se numa cadeia da cidade a aguardar julgamento por evasão fiscal, mas o FBI abandonara as alegações de fraude. Nesse aspeto, Demarco era o único culpado. Allie estava enclausurada na sua mansão de Bel Air, escondendo-se da imprensa, com Lev outra vez encarregue da sua segurança e a amiga Sheila por companhia. E Mac andava muito ocupado a fazer depoimentos, a ser interrogado pela polícia e a passear *Pirate* pela praia à meia-noite. Sunny achava-se incomunicável num *spa* caro, a acalmar os nervos arrasados com massagens de pedras quentes e banhos de lama, cuja conta ia enviar a Mac visto afirmar que a culpa de se encontrar naquele estado ser toda dele.

Naquele preciso momento, no entanto, Mac ia a caminho do centro de recolhimento de animais de estimação em Santa Monica. Deixando *Pirate* no carro, explicou o que precisava e depois caminharam ao longo das filas das jaulas de animais de olhos tristes. Gostaria de os levar a todos para casa, mas só podia levar um.

Avistou o cão a meio da fila, mas continuou a andar, examinando os outros. Os olhos meigos de um tom cinzento-acastanhado seguiram-no. Pensou que não eram muito diferentes em expressão dos de Ron Perrin quando o visitara pela última vez na prisão. «Tira-me daqui», pareciam dizer os olhos do cão. Que fora tal e qual o que Perrin dissera.

A empregada tirou o cão da jaula para Mac o ver. Era jovem, com cicatrizes de lutas. Uma delas, onde lhe tinham cosido pontos na cabeça, continuava sem pêlo e cor de rosa, e ia de orelha a orelha, uma das quais se erguia para cima, a outra para baixo. Era de um tom castanho-acinzentado, de pelo curto, talvez com uma mistura de *weimaraner*. O que explicava aqueles olhos meigos, quase da cor do pelo.

– Levo este – disse Mac.

E, pedindo desculpa a todos os outros animais abandonados por não os levar também, saiu dali muito depressa.

Pôs o novo cão com a trela no banco de trás e *Pirate* virou-se para um rápido farejar desconfiado. Não precisava de se ter preocupado. O cão enroscou-se de imediato, fechou os olhos e adormeceu.

Mac guiou de volta a Malibu, sorrindo para a paisagem azul e dourada da praia, quando desceu para a PCH. Era bom estar em casa.

Marcou um número no seu telemóvel.

– Olá – cumprimentou quando Allie atendeu. – Podes dar uma escapadela? Vir a Malibu almoçar?

– Está bem – retorquiu, parecendo aliviada. – Estou sozinha, Sheila foi ao cabeleireiro, mas Lev leva-me sem os *paparazzi* darem por isso.

Apareceu passada uma hora. Quase a velha Allie Ray desta vez, só que com cabelo louro curto e sem óculos... bem, apenas os óculos de sol sacramentais.

– És tu – disse Mac com um sorriso.

– A original. De volta ao meu eu.

– Engraçado. Pensei que eras sempre apenas tu.

Allie riu-se quando saíram para o deque. Os dois cães estavam sentados um ao lado do outro a inspecionar a praia. Viraram-se para olhar quando Allie saiu a porta.

– Oh, olá, *Pirate*.

– Este é o *Frankie* – apresentou Mac e o cão veio a correr.

– É simpático – disse Allie. Tem aquela mesma expressão nos olhos... – Continuou com um aperto na garganta.

– Como *Querido* e *Pirate* queres dizer.

– Sim. – Suspirou, ainda a afagar o pelo curto e sedoso do cão.

– Foi por isso que o trouxe para ti.

Mac susteve a respiração. Se ela não quisesse o cão, teria de ficar com ele e, embora *Pirate* se desse bem com *Frankie*, a casa era um pouco pequena para duas pessoas e três cães. Estava a contar com a *chihuahua*.

– *Fussy* não é o teu tipo de cão – observou, referindo-se à *bichon-maltês* arrogante de Allie. – Tu própria disseste que ela é mais feliz a viver com a governanta. Pensei que precisavas de *Frankie* para tomar conta de ti.

Allie levantou os olhos para ele, surpreendida, e depois soltou uma gargalhada.

– Sabes mesmo como agradar a uma mulher.

Mac trouxera umas sanduíches e sentaram-se no deque a comê-las acompanhadas de cerveja fria bebida pela garrafa.

– O que se passa com Jessie Whitworth? – perguntou ela.

– Ainda está em França, na cadeia, com uma acusação de homicídio involuntário e outra por guiar com uma carta de condução falsa. Parece que também incorreu nalgumas dívidas de cartão de crédito bastante pesadas.

– Queria ser eu, mais do que eu própria queria – retorquiu Allie. – A peruca loura, o facto de usar as minhas roupas.

Mac sentiu os olhos de Allie postos nele. Fitou-a.

– Naquela noite, quando retalhou os meus vestidos, ela... quer dizer...?

– Se eras tu que ela pretendia retalhar? Sim, acredito que sim. E mal a polícia francesa tenha resolvido as coisas com ela, será a nossa vez. Terás de apresentar queixa contra ela, sabes. É culpada e não tenho a menor dúvida que cumprirá uma pena em França e depois aqui.

Allie assentiu.

– Estou contente por ter acabado tudo.

– Podes voltar a viver outra vez.

Ela sorriu.

– Suponho que sim.

– O que vais fazer agora?

– Decidi regressar a França. Petra mantém o meu emprego em aberto e há uma pequena casinha encantadora que posso comprar.

– Não te vais sentir muito sozinha?

Encolheu os ombros.

– Talvez. Não sei. Fiz amizade com uma pessoa...

– Montfort – adivinhou Mac com um sorriso.

Allie encolheu outra vez os ombros, devolvendo o sorriso.

– Talvez.

Mac não lhe fez perguntas sobre Ron. Era demasiado pessoal.

Tirou o anel do diamante amarelo do bolso e entregou-lho.

– Suponho que devas ficar com isto. Era de Marisa.

Revirou-o, deixando a luz do Sol criar um milhar de prismas cintilantes. Depois soltou um suspiro.

– Pobre Marisa. Vou devolvê-lo a Ron. Pode vendê-lo. Vai precisar do dinheiro com todos aqueles advogados.

Mac assentiu, concordando. Parecia apropriado.

Deram um passeio pela praia com os cães e depois Lev apareceu a buscar Allie e levá-la de volta a Bel Air.

Virou-se à porta, apoiando-se nela, as mãos atrás das costas.

– Não sei o que teria feito sem ti – disse baixinho.

Os olhos eram daquele azul-turquesa intenso que sondava as profundezas da alma de um homem. Mac sentiu a sua atração, viu a sua beleza. A sua doçura.

– Vai correr tudo bem – afirmou e beijou-a nos lábios.

Deu um passo atrás e fitaram-se um ao outro nos olhos uma última vez. Depois:

– Adeus – despediu-se, pegando na trela do cão e encaminhando-se para o carro.

Nem ela nem o cão olharam para trás.

ALLIE FOI VISITAR RON À CADEIA do centro da cidade antes de partir para França. Encontravam-se em lados opostos de uma divisória de vidro e Ron envergava o macacão laranja regulamentar. Allie achou que parecia cansado e triste.

– Porque fizeste isto, Ron? – perguntou.

Ron abanou a cabeça.

– Porque podia, suponho. Para mim era apenas um jogo. Demarco é que levava a coisa a sério. O suficiente para matar. – Abanou outra vez a cabeça. – Aquelas pobres raparigas.

Fitaram-se nos olhos através da divisória de vidro que os separava.

– Estás com um aspeto maravilhoso – disse ele. – Como a minha velha Allie Ray.

– Vou recuar ainda mais do que isso. Até Mary Allison Raycheck. Não vou fazer mais filmes. Acabou-se Hollywood. Vou pôr as casas à venda.

– A de Malibu também?

Allie assentiu com a cabeça. Parecendo aliviado, Ron pediu:

– Mas guarda-me só os comboios.

– Vou voltar para França.

Ele pareceu sobressaltado.

– Durante quanto tempo?

– Não sei. Se calhar para sempre.

Cruzaram olhares através da parede de vidro, buscando a verdade que algures pelo caminho se perdera.

– Escreves-me? – pediu e Allie prometeu que o faria.

No dia seguinte, Allie e o novo cão, *Frankie*, partiam num voo para França.

De volta ao Manoir, Petra acolheu-a com beijos e chávenas de chá e

Robert Montfort recebeu-a de braços abertos.

Mais tarde, Petra acompanhou-a ao escritório de um *notaire* em Bergerac e, dentro de um par de semanas, Allie assinou os documentos que a transformavam na nova proprietária de cinco hectares de terra com uma habitação de dois quartos e uma casa de banho, um punhado de edifícios agrícolas em más condições e um celeiro degradado. O jardim era ainda uma confusão de ervas daninhas, o balde ainda se encontrava sob o tubo de escoamento para apanhar a água da chuva e as libelinhas ainda dançavam por cima do lago. Allie já possuía muitas casas esplêndidas, mas nunca antes experimentara aquele sentimento de posse tão forte.

Petra comentou que ficaria triste por a ver partir do Manoir, mas contente por passar a ser sua vizinha permanente.

– Habituei-me a ter-te por perto, querida – explicou, limpando os olhos lacrimosos com um lenço de seda cor de rosa que por acaso tinha à mão. – E não te preocupes com o jardim – disse, depois de o inspecionar com os seus olhos azuis críticos. – Arranjamo-lo num instantinho. Para dizer a verdade, acho que está fantástico tal como está. A velha Madame Duplantis viveu aqui desde sempre até ir para casa da filha em Bergerac há uns dois anos. A casa está vazia desde essa altura. Mas vai precisar de algum restauro lá dentro – acrescentou.

Reparara no papel de parede florido a pelar e na cozinha rústica, que consistia de um pequeno fogão com dois queimadores, um lava-loiça de pedra com um escorredor de madeira, uma mesa coberta com oleado às flores vermelhas e um par de armários. No entanto, tinha uma bela despensa de lajes de pedra. Boa, explicou Petra a Allie, para guardar os queijos e ovos no fresco, bem como os legumes.

Robert apareceu também, com um amigo arquiteto, que falou em derrubar um par de paredes interiores para alargar o espaço e também em redesenhar a cozinha e a única casa de banho. Sugeriu que talvez Allie pudesse pensar em renovar o celeiro. Não tinha qualquer dúvida que iria precisar de mais espaço. Os trabalhos na casa demorariam uns dois meses, disseram, o que obrigou Petra a rir-se.

– Pensa antes em seis – sussurrou para Allie. – Ainda vais ficar lá em casa durante uns tempos.

Entretanto, existia uma velha vinha de aspeto extenuado nas traseiras da propriedade, uns meros três hectares, mas Robert afirmou que a terra não

era má e que podia limpá-la e replantá-la para ela.

Allie estava entusiasmada. De repente, era proprietária de uma casa nova e futura vitivinicultora. E os olhos de Robert Montfort diziam-lhe coisas de que em parte gostava e em parte não gostava.

Algumas semanas mais tarde, Allie e Robert faziam um piquenique na erva perto do lago da sua nova casa. O som do martelar e do gemido dos azulejos a serem cortados terminara e encontravam-se finalmente sozinhos. Robert sacou a rolha do vinho e serviu-lhe um copo.

– À nossa – disse, sorrindo.

– À nossa, Robert – retorquiu, mas desviou os olhos quando falou.

– Mary – continuou ele, fazendo-a sorrir porque ainda se recusava a chamar-lhe Allie. «Nunca conheci Allie Ray», dissera. «Apenas *Mary*». – Quero que saibas que gosto muito de te ter aqui.

Allie observava o cão, *Frankie*, a patinhar à beira do pequeno lago, à procura, como *Querido* fizera, das rãs que saltavam com facilidade para longe dele, provocando-lhe um frenesi de latidos deliciados.

– Sinto que esta é a minha verdadeira casa – replicou ela.

– Porém, estás sempre a regressar à Califórnia. É como se não conseguisses estar afastada.

– De Ron, queres tu dizer?

– Ah, sim. O marido. – Pegou-lhe na mão. – Promete que me avisarás quando houver alguma alteração na situação.

– Sim. Prometo.

Mas, no seu coração, já sabia qual seria a sua resposta.

ALLIE ASSISTIU, TODOS OS DIAS, ao julgamento de Ron, acusado de evasão fiscal. Sentava-se na sala, a cabeça loura erguida bem alto, imaculadamente vestida como sempre e sozinha, excetuando os seus advogados.

Mac e Sunny falaram com ela fora da sala do tribunal. Allie abraçou Mac como se nunca mais o quisesse largar.

– Obrigado por terem vindo. Os amigos não têm propriamente aparecido em massa. Não com esta vergonha de Ron e o escândalo todo, embora o verdadeiro criminoso fosse Demarco.

O julgamento recomeçou e eles voltaram à assistência. Mac tinha pena de não poder ir todos os dias, mas o seu programa recomeçara e estava ocupado nos estúdios até tarde. No entanto, Sunny e Sheila faziam companhia a Allie.

No final, Perrin foi condenado a um ano de prisão e a pagar uma multa substancial. Uma simpática cadeia em regime aberto para crimes de colarinho branco conhecida como «The Farm», onde outros famosos vigaristas tinham cumprido pena. Mac tinha a certeza que, descontados os meses que Ron já passara na prisão, mais a redução por bom comportamento, sairia muito antes disso.

Alguns meses mais tarde, voltou a esbarrar com Allie. Tal como ele, visitava «The Farm». Contou-lhe que apanhava o avião para visitar Ron de duas em duas semanas.

– Tão pontual como um relógio – acrescentou com um sorriso.

Contou-lhe também que recebera uma oferta de um conhecido realizador francês para aparecer no seu próximo filme.

– É apenas um pequeno filme, não uma das produções de Hollywood. E não vou ser a atriz principal, será uma jovem francesa. Estou bastante entusiasmada – declarou, surpreendendo-o. – No final de contas, sou uma boa atriz – acrescentou e claro que Mac concordou.

– Ron sai daqui a cerca de seis meses. Vamos voltar a viver juntos.

As sobrancelhas de Mac ergueram-se de espanto e Allie disse:

– Como todos os bons criminosos enquanto estão na prisão, Ron arrependeu-se dos seus pecados e prometeu desistir dos seus «maus hábitos». O que quer que isso signifique – acrescentou, pensativa. – Bem, vai viver comigo e *Frankie* na minha pequena vinha em França. Continuo a ajudar Petra no Bistro e Ron e eu estamos a planear pisar as nossas uvas juntos. – Solto uma gargalhada feliz.

– Allie. – Mac tinha um ar sério. – Porquê?

– *Okay...* bem... é porque o amo – respondeu Allie com simplicidade. – Sempre amei. E agora tenho a certeza que ele me ama.

Ofereceu-lhe um sorriso feliz e depois rodopiou à sua frente.

– O que achas? Fica-me bem?

Dera para usar camisas de cambraia e calças *Levi's*, sem nenhuma maquilhagem, e Mac pensou que parecia a bonita rapariga de cidade pequena que sempre fora lá no íntimo. E os grandes olhos azul-turquesa ainda conseguiam derreter a alma de qualquer homem.

– Acho que estás fantástica.

Epílogo

AS CASAS DA COLONY estão, na sua maioria, vazias no inverno, quando os seus proprietários fogem mais para o interior, para o clima mais temperado de Beverly Hills. Mas Mac adorava estar ali, ainda mais do que no Verão. Adorava quando tudo era cinzento, bravio e solitário, quando as ondas se encapelavam junto à sua pequena casa exigindo entrar e o vento abanava as portadas e soprava fumo pela chaminé abaixo.

No entanto, era bastante aconchegante estar ali, no quarto, à noite, com um CD de Bach a tocar, a lareira acesa, as cortinas corridas, o vento a fustigar as vagas com força de tempestade lá fora e as velas a tremeluzirem na corrente de ar sempre presente. Sunny envergava a sua velha camisola verde de caxemira, um par de meias de ginástica brancas e mais nada. Estava aninhada ao lado dele na cama, com um olho vigilante em *Tesoro*, a quem *Pirate* e Mac tinham, com relutância, concedido direito de visita.

A *chihuahua* andava de um lado para o outro há uma hora, trás para a frente, frente para trás. Quando não estava a andar de um lado para o outro, puxava as cortinas com a sua pata minúscula e espreitava pesarosa lá para fora, de cauda caída, orelhas para trás, a imagem perfeita de um exilado infeliz. Entretanto, *Pirate* sentava-se sobre a pata traseira, o único olho a seguir-lhe todos os movimentos.

«Paciente», pensou Mac, «é o que o meu cão é.»

– Acredita – disse para Sunny. – Conheço *Pirate*. Está só à espera do momento certo. Como todos os homens, aguarda a altura certa de fazer a sua jogada.

Fitando Sunny, perguntou-se de novo porque seria que as mulheres queriam sempre casar. Não estavam os dois perfeitamente bem como estavam? Aliás, não tinha a certeza se estava preparado para assumir a tarefa de ser o pai de *Tesoro*. Além disso, *Pirate* não aceitaria muito bem ter uma fêmea mandona por ali permanentemente, imiscuindo-se no seu

território, que fora adquirido com dificuldade. Tal como ele, *Pirate* subira na vida de forma complicada. *Tesoro* era como a sua mãe, uma *lady*, e era melhor não o esquecer. Além disso, duas mulheres numa pequena casa em Malibu? Suspirou. Era aritmética simples. Dois numa não funcionava.

Tesoro instalou-se por fim ao fundo do edredão, mostrando de forma clara pelo ângulo dos seus bigodes e pelas orelhas inclinadas para trás que não se ia mexer nem um centímetro.

Mas depois avistaram o nariz preto de rafeiro de *Pirate* a farejar aos pés da cama, ao mesmo tempo que se aproximava sorrateiro. *Pirate* deitou-se perto de *Tesoro*, fingindo com ar descontraído que não reparara nela, embora Mac conseguisse detetar nele um certo retraimento, caso tivesse de agir muito depressa.

Sunny e Mac olharam um para o outro e depois outra vez para os cães deitados lado a lado. Vinte... trinta longos segundos se passaram. Sustiveram as respirações.

Pirate lançou uma olhadela a *Tesoro* e, depois, com lentidão, com hesitação, deitou a sua cabeça de rafeiro de través nas minúsculas patas aristocráticas da *chihuahua*. O olho observou-a, esperançado. Outros dez segundos se passaram. *Tesoro* arremessou a *Pirate* um olhar de soslaio e depois flossou a cabeça no edredão, deu um piparote com a cauda pequenina no nariz, ajustou as orelhas de volta ao normal e fechou os olhos. A paz reinava suprema em Malibu.

– Então é isso – declarou Sunny com um suspiro de alívio, aconchegando-se sob o edredão.

– É o quê? – perguntou Mac enterrando o rosto no pescoço perfumado dela, pronto para a devorar.

– Não há mais desculpa nenhuma. *Tesoro* e *Pirate* são os melhores amigos. Estão a dormir juntos na nossa cama e ninguém está a matar ninguém.

– E então?

– Então não há desculpa para não casares comigo. – Virou o rosto para ele.

– Talvez um casamento na praia – disse Mac, beijando-lhe a boca cheia, apertando-lhe o corpo envolto na caxemira macia contra ele até sentir todos os batimentos cardíacos, todas as pulsações, todas as palpitações de desejo.

– Pois, um casamento ao luar com apenas alguns bons amigos. E os cães,

claro.

– *Quê?* – exclamou ela.

– Sunny – sussurrou, entre beijos.

– Mmmmmmm?

– Casa comigo – pediu com mais firmeza.

– Sim – respondeu ela e enrodilharam-se nos lençóis, rindo e chorando juntos.

Lá fora brilhava uma Lua tempestuosa e o oceano batia na areia, a um ritmo cadenciado.

Era apenas uma dessas noites de Malibu.

Mas é aqui que saímos.